PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Mônica Baptista Campos

Identidade e missão do setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio à luz de uma antropologia bio-histórica

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Agosto 2024

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Mônica Baptista Campos

Identidade e missão do setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio à luz de uma antropologia bio-histórica

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Lúcia Pedrosa de Pádua

Orientador(a) e Presidente
PUC-Rio

Abimar Oiveira

PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi

PUC-Rio

Andreia Cristina Serrato

PUC/PR

Ana Lucia Silva Enne

UFF

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2024.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Mônica Baptista Campos

Graduada em Comunicação Social (1990) e Teologia (2009) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012). É professora do setor de Cultura Religiosa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na docência das disciplinas: O Humano e o Fenômeno Religioso, Cristianismo e Grandes Religiões, Ética Cristã e Ética Socioambiental e Direitos Humanos.

Ficha Catalográfica

Campos, Mônica Baptista

Identidade e missão do setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio à luz de uma antropologia bio-histórica / Mônica Baptista Campos; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2024.
320 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. PUC-Rio. 3. Antropologia. 4. Cultura religiosa. 5. Educação. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD 200.

Agradecimentos

A Deus, morada de Amor, que me amou primeiro.
À minha família, fundamento e raiz da minha vida.
À minha orientadora Lúcia Pedrosa de Pádua, pela atenção, pelo acolhimento e pela amizade que se fortificou nestes anos de acompanhamento da pesquisa.
Aos professores Waldecir Gonzaga e Abimar de Moraes – respectivamente diretor do departamento de Teologia e coordenador do setor de Cultura Religiosa – pelo incentivo, apoio e suporte.
Aos colegas, professores e professoras do setor de Cultura Religiosa, pelos encontros e afetos, pelas trocas de experiências, pelas conversas que muito contribuíram para a elaboração desta tese.
Ao Departamento de Teologia e a todos os professores e professoras que contribuíram para esta trajetória acadêmica, especialmente às minhas orientadoras Tereza Cavalcanti – no PIBIC/graduação – e Maria Clara Bingemer – no mestrado –, por serem importantes pilares na minha formação; e aos funcionários do departamento, que nos ajudam e orientam no trâmite acadêmico.
À Bia Gross, pela revisão do texto e pelas conversas à boa mesa.
Aos meus amigos e amigas que acompanharam e torceram por mim nestes 4 anos de pesquisa e que me perdoaram pelas ausências em alguns compromissos.
Agradecimento especial ao mestre Alfonso Garcia Rubio, cujo pensamento teoantropológico foi basilar para a minha formação e fonte de inspiração e fundamentação para esta tese.
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Resumo

Campos, Monica Baptista; Pedrosa de Pádua, Lúcia. **Identidade e Missão do setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio à luz de uma antropologia bio-histórica**. Rio de Janeiro, 2024. 320p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese busca construir a trajetória do setor de Cultura Religiosa (CRE) da PUC-Rio e apontar caminhos para o seu desenvolvimento no século XXI. O setor da CRE tem características peculiares dentro da universidade, pois ministra aulas obrigatórias de teologia para estudantes de todos os cursos, menos para os discentes do curso de Teologia. Esta singularidade aponta para uma territorialidade distinta das demais salas de aulas ministradas na universidade, e neste sentido, o setor apresenta características que se revelam significativas no mundo contemporâneo. Também procuramos oferecer perspectivas para alinhar a Cultura Religiosa às propostas do papa Francisco para a educação católica e ao Pacto Educativo Global. Neste sentido, foi significativo o desenvolvimento de uma antropologia que possa responder às necessidades de uma educação humanizada e humanizadora numa região de fronteira acadêmica – as salas de aula da Cultura Religiosa. A antropologia bio-histórica é um elemento chave para a proposta de uma educação que integre as dimensões do ser humano. O maior diferencial deste olhar antropológico é a proposta de articulação entre as dimensões do sentido (hermenêutica) e da performance (presença) e o entendimento que o ser humano se situa existencialmente entre o cronos e o kairós. A pesquisa procura enfatizar a elaboração da dimensão da performance, elencando e refletindo sobre alguns conceitos: cotidiano, epifania, encontro-improvisação, espontaneidade, fluxo-movimento e intuição. A antropologia bio-histórica nasce com um caráter interdisciplinar, *incorporando* – principalmente – elementos e reflexões originariamente das *artes do corpo,* tais como a dança, o teatro, as artes marciais e a expressão corporal. Nessa linha, destacam-se autores como Ivaldo Bertazzo, Richard Shusterman, Jacob Levy Moreno e Steve Paxton. Desta forma, a tese prioriza a dimensão do corpo e da corporalidade, que de certa forma foi pouco investigada na teologia ocidental. Isso implica uma mudança de enfoque, de uma abordagem predominantemente cognitiva e interpretativa para uma que valorize a

experiência sensorial, emocional e corporal. O caráter interdisciplinar desta antropologia visa ser um passo para a construção de uma abordagem transdisciplinar no setor de Cultura Religiosa – instância que melhor representa a identidade e missão da Pontifícia Universidade Católica e que se constitui como um dos setores da universidade com grande potencial de diálogo e humanização a ser desenvolvido no século XXI.

Palavras-chave

PUC-Rio; Antropologia; Cultura Religiosa; Educação.

Abstract

Campos, Monica Baptista; Pedrosa de Pádua, Lúcia. **Identity and Mission of the Religious Culture sector at PUC-Rio in the light of a biohistorical anthropology**. Rio de Janeiro, 2024. 320p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis seeks to build the trajectory of the Religious Culture sector (CRE) at PUC-Rio and point out paths for its development in the 21st century. The CRE sector has peculiar characteristics within the university, as it teaches mandatory theology classes for students of all courses, except for students on the Theology course. This singularity points to a territoriality distinct from other classrooms taught at the university, and in this sense, the sector presents characteristics that prove to be significant in the contemporary world. We also seek to offer perspectives to align Religious Culture with Pope Francis' proposals for Catholic education and the Global Educational Compact. In this sense, the development of an anthropology that can respond to the needs of a humanized and humanizing education in an academic frontier region - the Religious Culture classrooms - was significant. Biohistorical anthropology is a key element in proposing an education that integrates the dimensions of the human being. The biggest difference in this anthropological view is the proposal for articulation between the dimensions of meaning (hermeneutics) and performance (presence) and the understanding that the human being is existentially located between chronos and kairos. The research seeks to emphasize the elaboration of the performance dimension, listing and reflecting on some concepts: everyday life, epiphany, encounter-improvisation, spontaneity, flow-movement and intuition. Biohistorical anthropology was born with an interdisciplinary character, incorporating - mainly - elements and reflections originally from the arts of the body, such as dance, theater, martial arts and body expression. Along these lines, authors such as Ivaldo Bertazzo, Richard Shusterman, Jacob Levy Moreno and Steve Paxton stand out. In this way, the thesis prioritizes the dimension of the body and corporeality, which in some ways has been little investigated in Western theology. This implies a change in focus, from a predominantly cognitive and interpretative approach to one that values sensory, emotional and bodily experience. The interdisciplinary character of this

anthropology aims to be a step towards the construction of a transdisciplinary approach in the Religious Culture sector - an instance that best represents the identity and mission of the Pontifical Catholic University and which constitutes one of the sectors of the university with great potential for dialogue and humanization to be developed in the 21st century.

Keywords

PUC-Rio; Anthropology; Religious Culture; Education.

Sumário

1 Introdução 13

2 A universidade católica nos documentos eclesiais e a fundação da Pontifícia Universidade Católica 29

2.1 A universidade católica na *Ex Corde Ecclesiae* 29
2.1.1 Elementos fundamentais da identidade da universidade católica a partir da Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae* 29
2.1.1.1 Verdade e alegria 31
2.1.1.2 Inspiração e ética cristãs 32
2.1.1.3 Diálogo fé e razão 33
2.1.1.4 Interdisciplinaridade e visão orgânica 36
2.1.2 Elementos fundamentais da missão da universidade católica a partir da Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae* 37
2.1.2.1 Diálogo cultural 39
2.1.2.2 Evangelização 42

2.2 A fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 43
2.2.1 Breve contexto histórico 43
2.2.2 Centro Dom Vital e revista *A Ordem* 46
2.2.3 Os intelectuais católicos 48
2.2.4 As faculdades católicas / PUC-Rio 57
2.2.5 Padre Leonel Franca 58
2.2.6 A Reforma de 1968 61

2.3 O departamento de Teologia e o setor de Cultura Religiosa 65
2.3.1 A influência do Concílio Vaticano II na criação e desenvolvimento da CRE 67
2.3.1.1 Leigos na missão da Igreja 67
2.3.1.2 As mulheres na docência 68
2.3.1.3 O diálogo com as ciências e a interdisciplinaridade 69
2.3.1.4 O diálogo inter-religioso e cultural 70
2.3.1.5 O constante *aggiornamento* 71
2.3.2 A Cultura Religiosa e seu desenvolvimento até 2022 73
2.3.2.1 As disciplinas: etapas de um caminho de formação integral 74
2.3.2.2 A Semana da Cultura Religiosa: antes e depois do século XXI. 78
2.3.2.3 A revista *CREatividade*: do impresso ao digital 81
2.3.2.4 Publicações e pesquisa 82
2.3.2.5 Eventos e eventualidades 84
2.3.2.6 Experiência EAD 86
2.3.2.7 As teologias do departamento de Teologia: graduação e CRE 88

2.4 Conclusão do capítulo 2 93

3 Uma leitura sociocultural a partir da modernidade líquida – do macro ao micro 98

3.1 Modernidade sólida e modernidade líquida 98

3.2 A pandemia de Covid-19 102

3.3 Dimensões e relações no século XXI 105
3.3.1 A dimensão humano-existencial 106
3.3.1.1 A saúde mental 106
3.3.1.2 Insegurança alimentar 108
3.3.1.3 A cultura do estupro 110
3.3.2 A dimensão teopolítica da realidade: mundo e brasileira 113
3.3.3 A dimensão socioambiental 118
3.3.4 A dimensão crítico-etnocêntrica 123

3.4 Um olhar para as juventudes da PUC-Rio a partir de pesquisas realizadas na Universidade 128
3.4.1 As pesquisas realizadas pelo setor de Cultura Religiosa 128
3.4.2 As interpelações das juventudes à Teologia 129
3.4.3 Religiões e sem-religião 131
3.4.4 Sobre as crenças 133
3.4.5 Imagem e experiência de Deus 137
3.4.6 Ética e espiritualidade 140
3.4.7 Algumas considerações sobre as pesquisas 147

3.5 Conclusão do capítulo 3 149

3.6 Finalizando a primeira etapa da pesquisa 152

4 Por uma antropologia bio-histórica 155

4.1 Um projeto de antropologia 156

4.2 Antropologia inaciana: a importância do desejo, do sentimento e do corpo 158
4.3 Passagem da visão dualista para a visão integrada do ser humano 160

4.4 Ser humano: ser pessoa 162

4.5 O ser que cuida: o ser solidário 164

4.6 A dimensão da performance 166
4.6.1 O corpo 167
4.6.2 Corpo e multiplicidade 171
4.6.3 Corpo em desejo e construção 177
4.6.4 Percepção: “abertura para” 182
4.6.5 A performance 186
4.6.5.1 Victor W. Turner 187
4.6.5.2 Paul Zumthor 194
4.6.5.3 Entre o cronos e o kairós 197
4.6.5.4 Conceitos a partir da dimensão bio/performance 200
4.6.5.4.1 Cotidiano 201
4.6.5.4.2 Epifania 203
4.6.5.4.3 Encontro-improvisação / encontro-improviso 205
4.6.5.4.4 Espontaneidade 208
4.6.5.4.5 Fluxo-movimento 211
4.6.5.4.6 Intuição 213
4.6.5.5 Performance: estetizando a vida 216

4.7 Conclusão do capítulo 4 219

5 Caminhos a percorrer 223

5.1 O magistério de Francisco e a universidade católica: formar poetas e coreógrafos sociais 223
5.1.1 Uma “corajosa revolução cultural” 227
5.1.2 O Pacto Educativo Global 229
5.2 O local da Cultura... Religiosa 232

5.3 Na fronteira: no entrelugar acadêmico 234
5.3.1 Território e identidade 235
5.3.2 Movimento kenótico 240
5.3.3 A CRE na extensão universitária 242
5.3.3.1 A extensão em O Humano e o fenômeno religioso 243
5.3.3.2 A extensão nas disciplinas de Cristianismo 244
5.3.3.3 A extensão na disciplina Ética Cristã 245

5.4 Fronteira: lugar de trânsito, de transição, de transdisciplinaridade 246

5.5 O sagrado, o transreligioso, o autoconhecimento e a espiritualidade 252

5.6 Imaginação, imaginando e imaginário 255

5.7 Rota de transição 257
5.7.1 Relações entre ontem e hoje 259
5.7.2 Estrutura e comunicação 261
5.7.3 Docentes e formação continuada 264
5.7.4 As disciplinas, os 12 créditos 266
5.7.5 Atualização das disciplinas EAD 267

5.8 A antropologia bio-histórica e a transdisciplinaridade 268

5.9 A caminho com Inácio 271

5.10 (In)Concluindo 274

6 Conclusão 280

7 Referências bibliográficas 295

Anexo 1 320

Abreviaturas / Siglas

CVII – Concílio Vaticano II

ECE – *Ex Corde Ecclesiae*

EG – *Evangelii Gaudium*

LG – *Lumen Gentium*

GS – *Gaudium et Spes*

GE – *Gravissimum Educationis*

LS – *Laudato Si*

FT – *Fratelli Tutti*

PP – *Populorum Progressio*

VG – *Veritatis Gaudium*

1
Introdução

Esta tese tem como objeto de pesquisa, o Setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio (CRE) – onde exercemos a docência desde o ano de 2011 – e recebe o título "Identidade e Missão da Cultura Religiosa da PUC-Rio à luz de uma antropologia bio-histórica". A pesquisa busca articular a identidade e missão da CRE em consonância com uma abordagem antropológica interdisciplinar nova, que denominamos de antropologia bio-histórica. Esta nova abordagem antropológica visa refletir sobre alguns aspectos da experiência humana que foram um tanto relegados pela teologia ocidental.

Situando-se nas áreas da Antropologia Teológica e Pastoral, nossa investigação também intenta proporcionar – através de uma leitura interdisciplinar – algumas bases e conceitos para uma educação mais humanizada e humanizadora. A antropologia bio-histórica visa integrar conhecimentos de distintas disciplinas, como teologia, antropologia, psicologia e artes em geral, no intuito de fornecer maior compreensão do ser humano e da sua atuação/performance no mundo, bem como oferecer algum instrumental para que a educação católica possa enfrentar melhor os desafios complexos da sociedade contemporânea.

A pesquisa sobre o setor de Cultura Religiosa é relevante por três motivos. O primeiro motivo reside em uma constatação: existe pouquíssimo material escrito sobre a Cultura Religiosa da PUC-Rio. Em termos acadêmicos e especificamente sobre a CRE, consta apenas uma dissertação na biblioteca da universidade; também é possível encontrar algum material disperso nos anuários e nas mídias da instituição, como o PUC-Urgente, a Rádio PUC ou o Jornal da PUC. Contudo, não existe nenhuma publicação que disponha de um material mais sistematizado sobre a CRE, nenhum escrito que contenha um pequeno histórico ou memória das atividades do setor. A falta de um registro histórico e de uma análise contínua sobre suas atividades e objetivos pode limitar a sua atuação no tempo presente e, ao mesmo tempo, não colabora para estabelecer metas e programas futuros.

A segunda razão relaciona-se com a primeira. Se a CRE não constrói memória e se há falta de uma reflexão sobre o setor, é provável que não exista suficiente inteligibilidade e compreensão sobre sua própria identidade, sua missão e

relevância na universidade. Pode-se dizer, então, que a CRE está situada em uma zona de "sombra", desconhece seu caráter mais profundo e, neste sentido, perde oportunidades de desenvolver um trabalho diferenciado e mais significativo academicamente. Sem clareza, é difícil para a comunidade acadêmica entender o verdadeiro valor e as contribuições que o setor de Cultura Religiosa pode oferecer para a formação humana e acadêmica das juventudes. Faz-se necessário elaborar uma análise que especifique qual a identidade e missão do setor, como o setor atua na universidade, quais as atividades que desenvolve, qual tipo de teologia e práxis teológica e pedagógica que realiza, enfim, o que é o setor da CRE para a universidade e para os estudantes e qual a sua missão na universidade católica?

Uma observação interessante a fazer com relação à identidade e/ou visibilidade da CRE, é a forma como a maioria dos estudantes denominam as disciplinas de Cultura Religiosa: "Jesus I" para O Humano e o Fenômeno Religioso; "Jesus II" para as Optativas de Cristianismo; "Jesus III" para Ética Cristã; e "Jesus IV" para Ética Socioambiental e Direitos Humanos. *O que esta nomenclatura utilizada pelas juventudes significa?* Esta pergunta foi uma das questões que motivaram a realização desta pesquisa.

O terceiro motivo que torna o estudo relevante consiste em buscar corresponder ao momento histórico, pois as mudanças no mundo contemporâneo têm se processado de forma muito rápida e se a realidade não for observada com acuidade não será possível à CRE responder aos sinais dos tempos e cumprir seu papel e missão na universidade. Num contexto de transformação acelerada, a capacidade de adaptação e a visão prospectiva são essenciais. A sociedade contemporânea enfrenta desafios inéditos que perpassam por avanços tecnológicos até questões de justiça socioambiental e ética. Entendemos ser o tempo oportuno para lançar um olhar para o devir da Cultura Religiosa e desta forma oferecer alguns horizontes para os caminhos que o Departamento de Teologia/CRE pode percorrer neste século XXI.

O objetivo fundamental da pesquisa tem dois focos. O primeiro é proporcionar à Cultura Religiosa maior alinhamento aos propósitos do Pacto Educativo Global – indicados pelo magistério de Francisco – e assim, preparar o setor de Cultura Religiosa para os desafios do terceiro milênio. E o segundo foco é o desdobramento do primeiro, ou seja, iniciar o processo de pensar as mudanças

necessárias ao setor de Cultura Religiosa para o alinhamento ao Pacto e às transformações socioambientais que virão.

Estamos diante de um momento histórico crítico, em que a humanidade é chamada a realizar uma transformação na sua consciência, no seu modo de agir, nas suas relações, nas suas estruturas econômicas e políticas para conseguir manter a permanência da espécie humana no planeta; e um dos motores para essa transformação é a educação. A educação desempenha um papel significativo na formação e no desenvolvimento das civilizações.

A proposta da tese também vai ao encontro da concepção do magistério de Francisco, que propõe repensar o lugar do ser humano no mundo. E, para repensar o lugar do humano, entendemos que é necessário expandir a abordagem antropológica integrando perspectivas que reconheçam a complexidade da experiência humana. Essa expansão implica ir além das dicotomias tradicionais. Como afirma o papa,

> De fato, neste momento da história, precisamos não apenas de novos programas econômicos ou novas receitas contra o vírus, mas sobretudo de uma nova perspectiva humanista, baseada na Revelação bíblica, enriquecida pela herança da tradição clássica, assim como pelas reflexões sobre a pessoa humana presentes em diferentes culturas.[1]

Vale dizer que, a pesquisa não pretende apenas preencher lacunas acadêmicas, mas busca instigar uma renovação das práticas pedagógicas e teológicas na universidade, impulsionando – sempre mais e além – o diálogo entre tradição e modernidade, sensibilidade e razão, espiritualidades e ciências. Entendemos que o setor da CRE deve *primeirear* e procurar desenvolver novas abordagens educacionais que ofereçam às juventudes sentido e propósitos na vida. Também é elementar que a CRE possa contribuir para formação de cidadãos éticos e comprometidos com a justiça socioambiental.

O magistério de Francisco lançou, no ano de 2019, o Pacto Educativo Global. É uma convocação a todas as pessoas, instituições, igrejas, governos e sociedade civil para que priorizem uma educação humanista e solidária como modo de transformar a sociedade. O Pacto apresenta 7 compromissos: colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, ouvir as gerações mais novas, promover a

[1] SABATINELLI, F.; JAGURABA, M., Francisco: repensar a presença do ser humano no mundo.

mulher, responsabilizar a família, se abrir à acolhida, renovar a economia e a política e, por fim, cuidar da casa comum[2].

Trata-se de uma iniciativa ambiciosa do papa, que busca revitalizar e transformar a educação em nível mundial, com base em valores de solidariedade, inclusão e sustentabilidade. O Pacto enfatiza a necessidade de criar um novo modelo educacional que transcenda as fronteiras nacionais e culturais, promovendo uma educação integral que forme pessoas capazes de enfrentar os desafios contemporâneos com sabedoria e compaixão.

No centro do Pacto Educativo Global está a ideia de que a educação não deve ser apenas uma transmissão de conhecimentos técnicos e científicos, mas também uma formação que incuta valores éticos e morais. Francisco destaca a importância de uma educação que fomente o desenvolvimento humano integral, capaz de harmonizar as dimensões intelectual, emocional e espiritual da pessoa. Este modelo educativo deve capacitar os indivíduos a serem agentes de mudança em suas comunidades, promovendo a dignidade humana e a justiça socioambiental. Além disso, o Pacto enfatiza a inclusão, defendendo que todos, independentemente de sua condição social, cultural ou econômica, tenham acesso a uma educação de qualidade. A educação deve preparar as novas gerações para tomar decisões responsáveis e éticas que garantam um futuro sustentável para todos. Ao promover esses valores, o Pacto Educativo Global visa criar uma aliança global que, através da educação, possa contribuir para um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Diante do exposto, surgem as seguintes hipóteses: consideramos que a antropologia bio-histórica será adequada para proporcionar uma renovação ao setor da Cultura Religiosa de forma a se alinhar ao Pacto Educativo Global; e acreditamos que a antropologia bio-histórica apresenta muita potência e virtualidades e pode enriquecer as práticas pedagógicas, promovendo uma visão que valorize a dimensão artística e criativa da existência humana e pode colaborar para implementar a abordagem transdisciplinar na CRE.

Nossa hipótese sugere também que o setor da CRE é a instância que melhor representa a identidade e a missão da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, neste sentido, é um instrumento fundamental de composição universitária para reestruturar o Pacto Educativo Global, visto que possui potencial para

[2] PACTO EDUCATIVO GLOBAL, Instrumentum Laboris.

desenvolver uma educação integral que valorize as muitas dimensões do ser humano. O reconhecimento da conexão que existe entre a identidade e a missão da CRE e a identidade e a missão da PUC-Rio reforça o caráter de uma instituição católica comprometida com uma educação humanista e humanizadora. Afinal, uma universidade com o adjetivo de católica propõe ser um diferencial em relação às universidades públicas e/ou não confessionais. Mas qual seria este diferencial? A diferença católica faz diferença no mundo, na educação? Essa questão também motivou a pesquisa sobre a Cultura Religiosa, pois, desde o início do estudo, o setor da CRE nos parecia ser a instância acadêmica que "capturava" este diferencial.

A pesquisa subdivide-se em duas etapas que são interconectadas; a primeira etapa conta com os capítulos 2 e 3, e a segunda se desenvolve com os capítulos 4 e 5. As etapas acoplam o entendimento de que a primeira visa retratar um tempo pretérito; assim, apresenta a história das fundações, tanto da PUC quanto da CRE – a partir da fundamentação própria das universidades católicas, a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* – e também lança reflexões para o momento presente – a contemporaneidade – discorrendo sobre aspectos da modernidade líquida, da sociedade do desempenho/cansaço que caracterizam o nosso tempo.

A segunda etapa propõe refletir sobre novas possibilidades, abre espaço para imaginar o futuro próximo e propor algumas contribuições para a teologia. Através de uma leitura singular para a antropologia teológica, indicamos elementos que pretendem compor um campo mais amplo do conhecimento sobre a pessoa humana e suas relações. Para o devir da Cultura Religiosa, esta parte do estudo manifesta um olhar projetivo, elaborando perspectivas e novas abordagens para o setor.

Procurar ampliar o campo do conhecimento sobre a pessoa humana na perspectiva da antropologia teológica e daí propor práticas para a educação na universidade católica pode ser interpretado como uma tentativa de rompimento de algumas barreiras acadêmicas e, quem sabe, possivelmente considerado até como transgressão. No entanto, não é esse o objetivo do nosso estudo. A tese reúne olhares de diversos campos do saber porque a proposta é favorecer a amplitude da mirada, acolhendo ideias e conceitos pouco trabalhados na ciência teológica. Talvez possamos compará-la à imagem de um poliedro: o capítulo 2 é a face histórica, o capítulo 3 a face sociológica, o capítulo 4 a face antropológica e o capítulo 5 a face pastoral. Assim, buscou-se representar a imagem do poliedro (EG n. 236), em que a inclusão e confluência de todas as partes mantém a originalidade. A

multiplicidade de faces do poliedro nos leva a considerar a diversidade intrínseca de cada área de conhecimento e sua contribuição única para a compreensão da vivência/existência humana.

O capítulo 2 apresenta os fundamentos das universidades católicas, a história da fundação da PUC-Rio e do Departamento de Teologia/Setor da CRE. Nosso objetivo foi elaborar a memória e o desenvolvimento do setor nas décadas seguintes à sua fundação. Consideramos compor uma reflexão a partir da tríade memória, identidade e missão, bem como objetivamos apresentar os fundamentos da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae,* e que são consonantes às perspectivas teológicas e educacionais dos fundadores da PUC-Rio.

Em termos bibliográficos, o capítulo utiliza as poucas fontes primárias e secundárias que se dispõe sobre o setor – livro sobre os 45 anos do Departamento de Teologia, anuários, dissertação, matérias e entrevistas nas mídias da universidade, site de memória[3]. Se há pouco material sobre a CRE, há bastante registro documental sobre a fundação da PUC-Rio, sobre os atores/fundadores, as disputas educacionais e ideológicas. Como a fundação da PUC-Rio, nos anos 1940, fez parte do que o teólogo Riolando Azzi denominou de *a restauração católica no Brasil*[4] – um grande movimento para "recatolizar" a sociedade –, não faltam obras, referências e análises sobre a universidade, sobre o momento histórico e seus contextos particulares.

Além de Azzi, autores de variadas áreas do saber também foram importantes para a reconstrução da memória – Oriomar Skalinski Junior, Guilherme Ardúini, Helena Isabel Muller, Natália Cristina Oliveira, citando alguns – pois o tema universidade (e catolicidade) transpassa o interesse de diversas áreas, como a história, a sociologia e a educação – mais um motivo para termos o olhar de amplitude. As pesquisas desses autores forneceram confiáveis fontes primárias e uma base sólida para entender os processos e mudanças que ocorriam na sociedade daquele tempo.

Foi extremamente importante voltar à história, pois a construção da memória possibilitou uma visão retrospectiva da trajetória do setor, e a consistência de um

[3] Toda essa documentação citada está indicada e especificada no texto da tese, no rodapé, conforme for utilizada e referida nos capítulos que seguem e também está nas referências bibliográficas.
[4] AZZI, R., O Início da Restauração Católica no Brasil – 1920-1930.

projeto (devir) depende da memória, que fornece as bases e critérios para a experiência do presente, sem os quais seria impossível elaborar um devir. Neste estudo, a memória é compreendida como um fenômeno coletivo e social, conforme assinalado pelo sociólogo Maurice Halbwachs[5]. A memória é como um repositório coletivo de experiências passadas e desempenha um papel crucial na formação da identidade. Ela não é estática, é constantemente reinterpretada e renegociada à luz das necessidades e perspectivas contemporâneas, influenciando a identidade coletiva[6]; e funciona como um alicerce sobre o qual as experiências passadas são organizadas e integradas, moldando a percepção que os indivíduos e grupos têm de si mesmos e do mundo ao seu redor.

E o que vem a ser o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio? Institucionalmente, é uma seção do Departamento de Teologia que se estruturou na década de 1960, a partir da reforma universitária e do Concílio Vaticano II. O setor oferece disciplinas de formação teológica como base curricular comum a todos os cursos da universidade e tem a intenção de colaborar para a formação integral do ser humano. São 12 créditos distribuídos em 4 matérias: O Humano e o Fenômeno Religioso (4 créditos), Optativas de Cristianismo (4 créditos), Ética Cristã (2 créditos) e Ética Socioambiental e Direitos Humanos (2 créditos).

Contudo, no decorrer das décadas seguintes, o setor da CRE não se restringiu apenas a ministrar aulas: editou revista específica para a formação teológica dos cursos da graduação da universidade, lançou livros, promoveu diversos eventos, encontros, palestras, possibilitou a realização de duas pesquisas com os estudantes da universidade e estabeleceu a Semana da Cultura Religiosa – evento que chega à sua décima quinta edição no ano de 2024 – no calendário do mês de setembro na universidade, citando alguns dos feitos do setor ao longo de seus mais de 50 anos.

O setor de Cultura Religiosa "nasce" na década de 1960 como partição do Departamento de Teologia, contudo, desde o início da fundação da então Faculdades Católicas, já existiam disciplinas teológicas que eram ministradas em todos os cursos da instituição. Para recuperar esta memória foi importante revisitar a história da fundação da PUC-Rio e de suas personagens com seus propósitos bem

[5] HALBWACHS, M., A memória coletiva. Maurice Halbwachs foi um sociólogo e filósofo francês, conhecido principalmente por seu trabalho pioneiro no campo da memória coletiva. Foi influenciado pelos estudos de Émile Durkheim e a sua obra recebe influências "durkhanianas" – ele expandiu as ideias de Durkheim, aplicando-as ao estudo da memória.
[6] HALBWACHS, M., A memória coletiva.

definidos em um contexto de disputas educacionais, políticas e ideológicas. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, desde sua criação, destacou-se por seu compromisso com a educação integral, alinhando-se com os princípios humanistas e cristãos.

A fundação do Departamento de Teologia na PUC-Rio, influenciada pelo espírito renovador do Concílio Vaticano II[7] – marco histórico eclesial –, refletiu uma visão teológica que busca dialogar com o mundo contemporâneo, promovendo uma abordagem pastoral, ecumênica e aberta às questões sociais emergentes. O Concílio Vaticano II representou um momento ímpar na Igreja Católica, incentivando a abertura ao diálogo inter-religioso, à valorização das culturas locais e ao engajamento com os desafios da modernidade. Este contexto histórico foi fundamental para a formação da identidade do Departamento de Teologia e do setor da Cultura Religiosa da PUC-Rio.

Se o estudo do capítulo 2 aborda sobre um tempo "passado" – a história, a memória do setor da CRE – o terceiro capítulo propõe articular uma visão macro da realidade – um olhar a partir do contexto sociocultural ocidental – com uma visão micro: os estudantes da PUC-Rio. Vivemos em um período crítico em que uma só perspectiva – ou um saber específico – não traduz a complexidade do real, e a Cultura Religiosa, que tem duas pesquisas realizadas com os estudantes, possui um belo instrumental de trabalho para articular a reflexão entre a realidade/cultura global com a realidade/cultura local. Assim evita-se o perigo que a EG (n. 234) aponta:

> Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante,

[7] O Concílio Vaticano II foi um evento histórico para a Igreja Católica, ocorrido entre 1962 e 1965. Convocado pelo papa João XXIII, este encontro reuniu bispos de todo o mundo com o objetivo de atualizar a Igreja e adaptá-la às necessidades do mundo moderno. O concílio foi "revolucionário", tendo como palavra-chave o termo *aggiornamento*, que significa atualização. A Igreja sentiu a necessidade de se renovar e se conectar de forma mais profunda com os fiéis e com a sociedade, especialmente após as grandes transformações sociais e culturais do século XX. Neste processo, elencamos algumas das atualizações: promoção do diálogo inter-religioso e ecumênico, buscando aproximar a Igreja Católica de outras religiões e denominações cristãs; estímulo para a Igreja ser mais presente no mundo, a sair de si mesma para anunciar o Evangelho e servir aos mais necessitados; renovação da liturgia, com a celebração da missa na língua local e uma participação mais ativa dos fiéis; reconhecimento do importante papel dos leigos/as na Igreja, incentivando sua participação nas diversas atividades eclesiais.

> miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos de artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem num museu folclórico de "eremitas" localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras.

Ao combinar esses dois aspectos – macro e micro –, o capítulo objetiva oferecer uma reflexão integradora que perceba e reconheça a interconexão e a tensão entre o global e o local. A Cultura Religiosa, ao dialogar com os grandes temas contemporâneos e globais e ao escutar atentamente as experiências dos estudantes, pode desenvolver um currículo/programa mais relevante e significativo. Por exemplo, a reflexão integrada que o capítulo 3 expõe permite vislumbrar relações e situações globais que se refletem no Brasil, como a relação entre as teologias fundamentalistas e o avanço da extrema-direita.

Uma perspectiva global permite reconhecer tendências, como globalização, mudanças climáticas, migrações e transformações econômicas e políticas, que afetam todas as partes do mundo. Compreender a realidade global pode ajudar a antecipar e preparar respostas para desafios complexos que transcendem fronteiras nacionais. Por outro lado, faz-se importante uma leitura mais micro, focada em um local específico, pois este olhar pode apresentar a capacidade de captar as nuances e particularidades que muitas vezes são perdidas em análises amplas.

Além disso, a articulação entre os níveis macro e o micro tem o objetivo de reafirmar a educação como um processo dialógico e dinâmico. Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*[8], enfatiza a importância do diálogo na educação, em que o conhecimento é construído coletivamente e em interação com o mundo. Esta perspectiva é relevante para a formação de cidadãos críticos e engajados, capazes de compreender a complexidade das questões globais e de atuar localmente de forma esclarecida e ética.

Iniciamos a análise do capítulo 3 refletindo a partir do conceito de modernidade líquida e suas consequências para as relações humanas e pelo atravessamento da pandemia de Covid-19, que impactou fortemente o planeta no ano 2020. Ainda na abordagem macro, apresentamos as reflexões a partir de 4 dimensões: dimensão humano-existencial, dimensão teopolítica da realidade, dimensão socioambiental e dimensão crítico-etnocêntrica.

[8] FREIRE, P., Pedagogia do Oprimido.

A reflexão a partir da dimensão humano-existencial considera os seguintes tópicos: a saúde mental – muito abalada pós-pandemia –, a insegurança alimentar e a cultura do estupro. A dimensão teopolítica da realidade intenta refletir sobre a interação e intervenção da religião cristã no Estado brasileiro e suas consequências para a democracia. A Amazônia é um dos principais temas abordados na dimensão socioambiental, pois vem recebendo do magistério de Francisco uma atenção especial – a Santa Sé produziu dois documentos sobre a região: *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral* e *Querida Amazônia*. Já a dimensão crítico-etnocêntrica aborda questões relativas ao pós-colonialismo que interpelam à teologia, dado que o cristianismo é visto e vivenciado por muitos como a religião imperialista, do colonizador e opressor. A abordagem pós-colonial é especialmente crítica quando questiona e desconstrói as narrativas eurocêntricas e ocidentais que dominaram o discurso histórico e cultural, propondo uma reavaliação das relações de poder e da identidade cultural.

A abordagem micro do capítulo 3 lança um olhar para as juventudes da PUC-Rio a partir das duas pesquisas realizadas pela Cultura Religiosa. Quem são esses jovens que chamamos de universitários e frequentam as salas de aula da PUC-Rio? Qual o perfil desse alunado, quais são seus valores morais? Como os jovens se relacionam com a religião e a espiritualidade? Quem é Deus para os alunos e alunas da PUC-Rio? Quais as expectativas e sonhos dessas juventudes? As pesquisas podem revelar tendências e padrões que ajudam a universidade a personalizar o apoio aos estudantes e compreender melhor a relação das juventudes com temas importantes para a construção do sentido de vida. Também são importantes instrumentos de escuta da comunidade que possibilitam o fortalecimento da universidade como um todo.

Para compor este capítulo, utilizamos fontes primárias, secundárias e terciárias, bem como ideias e conceitos de autores com os quais a teologia já vem estabelecendo diálogos, como Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han, Boaventura de Souza Santos e Ivone Gebara. As fontes secundárias e terciárias foram importantes para compor o panorama abrangente que se apresenta no capítulo; assim, pôde-se colher dados, informações e matérias em portais de notícias, órgãos governamentais e da sociedade civil que auxiliaram a compreensão da articulação entre o macro e o micro, bem como forneceram uma base sólida de evidências e contextos que ajudaram a enriquecer a análise e a reflexão.

Ao término do capítulo 3, finalizamos o que denominamos de primeira etapa da tese: a visão pretérita do setor da Cultura Religiosa e o seu desenvolvimento nas décadas seguintes à sua fundação – capítulo 2 –, e o retrato do momento contemporâneo – início século XXI –, interligado por dois olhares: um olhar mais amplo e outro mais específico.

A estrutura da tese interliga o capítulo 2 ao capítulo 5 – versam sobre a CRE –; enquanto o capítulo 3 está interligado ao 4 – versam sobre o ser humano e suas relações de diferentes formas: através de uma leitura sociocultural (3) e de uma leitura antropológica (4). Em termos poéticos, os capítulos seriam como rimas opostas ou interpoladas (ABBA), o capítulo 2 (A) "rima" com o capítulo 5 (A), enquanto o capítulo 3 (B) "rima" com o capítulo 4 (B). No estudo do texto bíblico, esta composição chama-se quiasmo.

Dessa forma, o capítulo 4 principia a segunda etapa deste estudo, e nos propusemos a apresentar o início do desenvolvimento da antropologia bio-histórica, nossa contribuição para repensar a antropologia teológica, o existencial e a performance humana. A proposta de um novo olhar sobre o ser humano tem o objetivo de contribuir e complementar a reflexão que a teologia já realiza; neste sentido, propõe incorporar novas perspectivas, mas não se abstém das análises e meditações realizadas no decorrer da história. A antropologia bio-histórica visa integrar a dimensão do sentido (histórica) à dimensão da performance (bio), ou seja, uma antropologia do sentido e da performance.

A abordagem proposta neste capítulo tem em vista proporcionar uma compreensão mais integrada do ser humano, na qual a dimensão corporal possa ser entendida como uma expressão essencial da identidade e da experiência humana. O capítulo destaca a importância do corpo na formação da identidade pessoal e na interação com o mundo. Isso implica reconhecer o corpo não apenas como um objeto de estudo, mas como um sujeito ativo na construção do conhecimento e nas experiências da vida.

Também apresenta alguns conceitos novos ou pouco trabalhados na teologia e procura dialogar com autores que apresentem uma reflexão consistente sobre o corpo e a corporalidade. Neste sentido, pode-se dizer que o capítulo agrega uma constelação de pensadores; alguns já com alguma interlocução de conceitos desenvolvida com a teologia, como Merleau-Ponty, e outros, que talvez nunca tenham sido citados na teologia, como o coreógrafo e dançarino brasileiro Ivaldo

Bertazzo. Bertazzo é uma das estrelas que compõem esta constelação de "novos" autores; além dele, trazemos para o diálogo com a antropologia teológica nomes como Richard Shusterman, J. L. Moreno, Victor Turner, Paul Zumthor, entre outros. Todos de diferentes áreas do saber.

O quarto capítulo também reflete a partir de autores já consagrados na teologia, como Alfonso García Rubio, Rubem Alves, José Comblin, Leonardo Boff, Henrique Lima Vaz, contudo o que nos levou a desenvolver e propor uma nova abordagem para a antropologia teológica foi a perspectiva de Hans Ulrich Gumbrecht no seu livro *Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir*[9]. Gumbrecht desafia a noção de que a compreensão humana pode ser totalmente alcançada através do significado e da interpretação, argumentando que a experiência da presença é uma dimensão essencial, mas frequentemente negligenciada, da existência humana. Esta ênfase na presença, em oposição ao significado, oferece uma lente inovadora através da qual podemos reavaliar a corporalidade e a materialidade na antropologia teológica. Isso implica uma mudança de enfoque, de uma abordagem predominantemente cognitiva e interpretativa para uma que valorize a experiência sensorial, emocional e corporal. A antropologia bio-histórica é esta nova disciplina que se origina de campos distintos do saber: antropologia, teologia, psicologia e artes de palco (dança, teatro), majoritariamente. Entendemos que a interdisciplinaridade que compõe a antropologia bio-histórica pode fortalecer a compreensão sobre a experiência humana contemporânea.

Mesmo que a antropologia teológica já reconheça a importância do corpo, muitas reflexões ainda se concentram em conceitos abstratos e, na maioria das vezes, difíceis de serem assimilados na vivência cotidiana. Entendemos que falta à antropologia teológica incorporar a reflexão a partir da *experiência* do corpo no mundo: do movimento e da pausa, das limitações, das transformações corporais que afetam o corpo na sua vivência no mundo. Como fazer *antropologia teológica integral* sem considerar a experiência humana na dimensão corporal? Afinal, o Deus cristão é um Deus que encarna no tempo e no espaço, se faz materialidade, assume o corpo humano em plenitude e, diante de todos esses fatos, a Igreja, inclusive, prega a ressurreição do corpo.

[9] GUMBRECHT, H. U., Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir.

É possível que surja um questionamento nesse momento: é antropologia teológica ou um suporte cultural à antropologia teológica? Talvez essa questão ainda esteja sendo colocada sob a perspectiva de uma dimensão binária, dualista – "ou isto ou aquilo" –, mas a resposta a essa pergunta está relacionada ao capítulo 5: é uma antropologia teológica para um território de fronteira, um entrelugar acadêmico, como veremos no capítulo onde retomamos o foco para a identidade da Cultura Religiosa.

Nesse sentido, esta nova abordagem da antropologia – que quer *apreender/sentir* a experiência corporal – desenvolve alguns conceitos a partir da dimensão da performance/presença, a saber: cotidiano, epifania, encontro-improvisação ou encontro-improviso, espontaneidade, fluxo-movimento e intuição. Procuramos desenvolver uma antropologia que proporcione um olhar mais acurado do humano e que possibilite uma nova abordagem para a educação católica – especificamente para o nosso objeto de estudo, o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio.

As principais fontes bibliográficas do quarto capítulo são primárias, contudo temos também algumas poucas fontes secundárias, como referências bibliográficas de dicionários. Neste sentido, a composição deste capítulo é bem distinta do terceiro capítulo, que apresentava um panorama amplo, no qual articulamos os conceitos teóricos com a realidade sociocultural, buscando através das mídias, jornais, revistas e portais evidenciar as relações entre a teoria dos autores e os exemplos na vida cotidiana. Neste quarto capítulo, o foco recai sobre a antropologia com acentuada ênfase sobre o corpo e a corporalidade.

A antropologia que elaboramos também visa ser uma ferramenta para o desenvolvimento e construção de uma abordagem transdisciplinar na PUC-Rio e, como afirmamos anteriormente, especialmente a partir do setor de Cultura Religiosa. Assim, o capítulo 5 propõe retomar a atenção sobre a CRE, com o objetivo, agora, de conceituar, justificar e apresentar a identidade – até então na "sombra" – do setor e apontar alguns caminhos para o devir da Cultura Religiosa da PUC-Rio. Entre os caminhos indicados, destaca-se uma reflexão maior sobre a abordagem transdisciplinar, que busca superar as limitações das abordagens disciplinares e interdisciplinares tradicionais, integrando diferentes campos do conhecimento para tratar problemas complexos de maneira mais integrada.

Vislumbramos uma grande capacidade de desenvolver uma abordagem transdisciplinar na universidade a partir do setor da CRE, porque, enquanto instância universitária, o setor ocupa um território diferenciado – situa-se num entrelugar acadêmico, distinto de qualquer outra seção acadêmica. Sua identidade é fruto de um processo de negociação e hibridismo, que de certa forma pode vir a facilitar processos inovadores e novas construções socioculturais dentro da própria universidade e, quem sabe, para além dela.

O capítulo 5 explicita as questões sobre a territorialidade da CRE e sobre a perspectiva da transdisciplinaridade. Também é apresentado o desenvolvimento do projeto-piloto para a curricularização da extensão nas disciplinas do setor – mediante as novas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira proposta pelo MEC, homologada em 2018 –, bem como a relação entre antropologia bio-histórica e a abordagem transdisciplinar.

O chamado do papa Francisco para ser uma "Igreja em saída", de forma oportuna, coaduna com a abertura para a curricularização da extensão universitária na graduação. A relação entre universidade e extensão é fundamental para o cumprimento do papel social da instituição acadêmica, integrando a produção de conhecimento com as demandas e necessidades da sociedade. Uma universidade que sai do limite do campus, que vai ao encontro da comunidade e, assim, pode criar vínculos fortalecedores para ambas as partes. Esses vínculos reforçam a responsabilidade social da instituição, permitindo que a teoria e a prática se retroalimentem; a comunidade externa beneficia-se das inovações e saberes gerados, enquanto a universidade enriquece seus processos educacionais com as experiências e conhecimentos oriundos dessa interação.

O magistério de Francisco propõe repensar a universidade e, como já explicitado, tem a intenção de estreitar os laços entre o meio acadêmico e as comunidades – seu objetivo é difundir a cultura da escuta, do encontro, da solidariedade e do cuidado. Uma "universidade em saída" é aquela em que todas as estruturas eclesiais devem se tornar missionárias (EG n. 27). A universidade é então também chamada a *primeirear* (EG n. 24) e a iniciar esse processo de encontro e diálogo para o desenvolvimento de uma sociedade mais saudável e sustentável –

"hoje as universidades devem se interrogar sobre a contribuição que podem e devem dar para a saúde integral do homem e para uma ecologia solidária"[10].

Uma "universidade em saída" é aquela que vai além de seus muros, sejam físicos ou sociais, e, nesse sentido, a carga de extensão nas disciplinas de Cultura Religiosa amplifica o trabalho acadêmico de um setor comprometido com a ação missionária da Igreja e com *a identidade e missão* da PUC-Rio. Dessa forma, a integração entre universidade e extensão configura-se como um eixo estruturante para a construção de uma educação católica superior mais dinâmica, inclusiva e socialmente responsável.

A educação é um dos principais pontos de ação na agenda do papa. Desde o início de seu pontificado, o sumo pontífice advoga em prol de uma educação integral, humanizada/humanizadora e transformadora. A proposta assumida por Francisco visa uma mudança estrutural na educação, uma busca por soluções sem medo de iniciar processos de transformação. Podemos considerar que o papa tem estimulado a ousadia e a coragem na evangelização (EG n. 23, 24) e isso se estende também ao âmbito da educação.

Em termos de diálogo com autores, pode-se dizer que o quinto capítulo foi mais tímido que os anteriores. Utilizando sobretudo fontes primárias, apresentamos reflexões baseadas principalmente nos documentos do magistério do papa Francisco, nas obras de Basarab Nicolescu – físico e pensador – e de Homi Bhabha, teórico de estudos pós-coloniais. Este capítulo é de fundamental importância justamente por indicar e conceituar a identidade do setor de Cultura Religiosa e oferecer possibilidades projetivas para o devir do setor. E nesse sentido, o capítulo tem mais um objetivo: proporcionar maior visibilização e fortalecimento da identidade da CRE junto à universidade e ao próprio departamento.

Em relação às referências bibliográficas da tese, vale ressaltar que além de refletirmos a partir da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, outros documentos da Igreja também foram significativos e contribuíram para o diálogo com os muitos autores. Os principais documentos eclesiais utilizados para a bibliografia da pesquisa foram: *Evangelii Gaudium, Lumen Gentium, Gaudium et Spes, Laudato Si, Fratelli Tutti, Gravissimum Educationis, Populorum Progressio* e *Veritatis Gaudium.*

[10] FRANCISCO, Papa às Universidades católicas: desenvolver não só a mente, mas também o coração. Simpósio da Federação Internacional das Universidades Católicas.

Acreditamos que logramos atingir os principais objetivos deste trabalho. Além do já descrito nos parágrafos anteriores, ressaltamos que também conseguimos realizar uma produção memorialística do setor de Cultura Religiosa, e dessa forma resgatar e preservar a história da CRE, identificando os momentos de transformação, os marcos históricos importantes e os desafios enfrentados ao longo dos anos. Por fim, nosso desejo é que este estudo possa estimular mais pesquisas sobre o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio e também proporcionar o desenvolvimento e aprofundamento da antropologia bio-histórica, sobretudo para a caminhada rumo à abordagem transdisciplinar na universidade.

2
A Universidade Católica nos documentos eclesiais, a fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Departamento de Teologia

Neste primeiro momento, optamos por aprofundar o olhar sobre a Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, principal documento para as universidades católicas, pois é um documento norteador que elabora os princípios e características da identidade e missão das universidades católicas. É significativa e bela a tradução do latim: "Do coração da Igreja". As universidades nascem do coração da Igreja, nascem da vocação à verdade e do amor ao saber. Posteriormente, abordaremos o contexto da fundação das Faculdades Católicas (PUC-Rio), os atores e as disputas que estavam em jogo naquele momento, em meados do século XX. Dando continuidade, aprofundaremos a história do setor de Cultura Religiosa, repartição do Departamento de Teologia.

2.1
A universidade católica na *Ex Corde Ecclesiae*

2.1.1
Elementos fundamentais da identidade da universidade católica a partir da Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*

Pensar o *ser e o agir* das universidades católicas neste primeiro quarto do século XXI é desafio urgente e necessário. Implicam-se questões de relevância, como a identidade e a missão dessas instituições que formam boa parte dos profissionais brasileiros. O que diferencia a universidade católica/pontifícia de uma universidade não confessional? E o que isso representa ou significa no conjunto social? A *diferença* católica faz diferença?

A *diferença* católica é sua missão. Quanto mais missionária, mais *católica*[11] é a Igreja e suas instituições. Quanto mais missionária, mais fiel à sua identidade. A missão reafirma a identidade. Portanto, abordaremos o tema identidade-missão de forma integrada, articulando-os e refletindo a partir dos documentos eclesiais. O

[11] Católica no sentido etimológico da palavra *Kata Holos*, segundo o todo, seguindo o todo, ou universal.

foco da reflexão repousa sobre a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especificamente pensando o setor de Cultura Religiosa. Neste primeiro momento, a reflexão tem como fundamento a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* do papa João Paulo II, promulgada em 1990, última década do final do século XX.

A expressão "universidade católica", como a entendemos no sentido moderno, surgiu em 1834 – *Université catholique de Louvain*, fundada pelos bispos belgas[12] – em um momento em que ocorriam a secularização do Estado e a laicização da universidade pública na Europa. O termo "universidade católica" surge, então, em um período de desconforto para a Igreja, que interpretava a laicização das universidades como anticlericalismo e ateísmo (não sem razão, na época)[13]. No século XIX, o termo católico, após o substantivo universidade, representava a confessionalidade e marcava substancialmente a identidade da instituição em um contexto claramente desfavorável à Igreja e à doutrina cristã.

Depois de mais de um século, o termo "católico" adjetivando universidade pode ter perdido o sentido? O documento da FIUC[14] – Federação Internacional das Universidades Católicas – de 2001 reconhece que as "universidades católicas" foram criadas em um ambiente adverso à Igreja e são fruto do pluralismo religioso e não do catolicismo, e que, por isso, desde o início, portam uma tensão e um dilema referentes à sua identidade. Neste início de século XXI, pode-se dizer que a universidade católica é mais procurada pela sua vocação universitária do que pelo caráter cristão/católico que a guia. Em pesquisa realizada pela PUC-MG – após a promulgação da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* – o percentual de alunos que escolheram a universidade por ser católica não chegava a 3%[15]. Na PUC-Rio, na década de 1970, constatou-se que apenas 10% dos alunos escolhiam a universidade por razão religiosa, os outros 90% o faziam em função da qualidade acadêmica ou da proximidade com a moradia – para os estudantes residentes na Zona Sul[16].

A Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* data de 1990, ou seja, muito recente, haja vista o tempo que a Igreja atua na educação através das universidades

[12] ANTONIAZZI, A., A confessionalidade da universidade católica.
[13] ANTONIAZZI, A., A confessionalidade da universidade católica.
[14] BONÉ, É., Commentaire, p. 202, apud COSTA, J., O que é uma universidade católica? Estudo sociológico sobre o ensino de economia e gestão na universidade católica portuguesa.
[15] ANTONIAZZI, A., A confessionalidade da universidade católica.
[16] LIBANIO, J. B., Recordações da faculdade de teologia da PUC-Rio, p. 149.

– há milênios. Além deste, há também a Constituição Apostólica V*eritatis Gaudium* sobre as universidades e faculdades de teologia – a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro também possui a prerrogativa de ser faculdade eclesiástica, com orientações específicas para a graduação em teologia.

O Concílio Vaticano II publicou a Declaração *Gravissimus Educationis* que entende a educação como um direito universal e inalienável de todo ser humano. O documento pretendeu fornecer orientações básicas sobre o tema da educação. Deve ser lido juntamente com os outros documentos do Vaticano II, pois fazem parte do mesmo contexto histórico e cenário eclesial. Por ocasião dos 50 anos da *Gravissimus Educationis e* 25 anos da *Ex Corde Ecclesiae,* a Congregação para a Educação Católica preparou o *Instrumentum Laboris* na intenção de refletir sobre a educação católica no contexto da nova evangelização. O documento entende que a cultura atual provoca uma "emergência educativa" – há uma real dificuldade de transmitir às novas gerações valores e princípios vitais que possam realizá-las individualmente e, ao mesmo tempo, contribuir para o bem comum[17].

Na visão da Igreja, a educação não se limita à transmissão de informações, é uma tarefa que visa a formação de pessoas íntegras, capazes de cultivar a verdade e caridade e que buscam o bem de todos. A Igreja almeja a formação integral do ser humano, os diversos saberes devem ser assimilados na vida concreta da pessoa que é única e irrepetível. Destarte, vislumbra-se uma educação centrada na pessoa. Nos próximos tópicos, seguiremos identificando os elementos relacionados à identidade e missão da universidade católica, a partir da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae.*

2.1.1.1
Verdade e alegria

O documento *Ex Corde Ecclesiae* afirma que a missão da universidade é a investigação contínua da verdade, a conservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade (ECE n.30). A verdade é alegre e traz alegria à vida; a alegria de buscar, encontrar e comunicar a verdade. (ECE n.1). A universidade católica "distingue-se pela sua livre investigação de toda a verdade acerca da natureza, do homem e de Deus" (ECE n.4). A universidade católica é, então, o lugar da alegria

[17] CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Educação hoje e amanhã. Uma paixão que se renova.

e do esplendor da verdade. A constituição ainda aponta que estes tempos de mudanças trazem grandes desafios, mas também comportam promessas de ação do Espírito de verdade e de amor (ECE n.2).

É singular que a constituição enfatize o aspecto da alegria na busca, encontro e comunicação da verdade. A universidade deve operar com ciência e sobriedade, rigor acadêmico e projeto pedagógico, bem como incentivar à pesquisa e investigação científicas, mas, enquanto católica, deve expressar a alegria da verdade. O papa Francisco, na Exortação *Evangelii Gaudium*, convida a Igreja para uma nova etapa da ação evangelizadora no mundo marcada pela alegria – no documento, a palavra "alegria" aparece 95 vezes. A verdade e a alegria são "parceiras" inseparáveis na evangelização e elementos essenciais à identidade-missão da universidade católica.

A constituição também aponta que as universidades católicas são chamadas a uma constante renovação, enquanto universidade e enquanto católicas. Isto está no próprio cerne da investigação científica e da tecnologia, da vida social e cultural. Ademais, as descobertas científicas podem proporcionar grandes avanços econômicos e materiais, contudo faz-se necessária a busca do *significado*, para que não sejam utilizadas de forma nociva e sim para o bem dos indivíduos e comunidades (ECE n. 7). Um constante *aggiornamento* da identidade e missão é necessário com o passar dos anos. Os contextos se transformam e se desdobram em outros, as circunstâncias sociais e materiais mudam, políticas educacionais são implementadas, enfim, o renovar-se está na própria natureza da universidade católica.

2.1.1.2
Inspiração e ética cristãs

Ex Corde Ecclesiae indica que, além dos serviços comuns de qualquer universidade, a universidade católica possui um elemento diferencial: tem como base institucional a inspiração cristã que não se limita aos indivíduos, mas se estende a toda a comunidade universitária (ECE n. 13). Deve ser uma comunidade de estudiosos de diversos campos do conhecimento e uma instituição acadêmica na qual o cristianismo está presente de forma vital (ECE n. 14). Por sua inspiração cristã, as dimensões moral, espiritual e religiosa estão presentes na sua investigação

e lhe permitem avaliar as conquistas da ciência e da técnica na perspectiva integral da pessoa humana (ECE n.7).

Nesse sentido, o rigor científico da pesquisa deve se aliar ao rigor ético, ou seja, a investigação vem sempre acompanhada com a preocupação das implicações éticas e morais (ECE n. 18). O documento enfatiza a prioridade da ética sobre a técnica, o primado da pessoa sobre as coisas, a superioridade do espírito sobre a matéria.

> A causa do homem só será servida se o conhecimento estiver unido à consciência. Os homens da ciência só ajudarão realmente a humanidade se conservarem o sentido da transcendência do homem sobre o mundo e de Deus sobre o homem. (ECE n. 18)

O papa João Paulo II já havia enfatizado a primazia do humano sobre as demais coisas em seu discurso na sede da ONU para a Unesco[18] em 1980 e também em seu discurso à Pontifícia Academia de Ciências por ocasião do centenário de nascimento de Albert Einstein[19], em 1979. A opção preferencial é pelo humano, é pela ética sobre a técnica. Já no início da década de 1980, o papa alertava sobre o drama da existência humana: o ser humano da contemporaneidade parece estar sendo sempre ameaçado pelo que produz.

O século XX pode ser visto como um século de grandes teorias, descobertas e avanços científicos. Foram tantos que é quase impossível enumerá-los: a teoria da relatividade geral, a teoria do Big Bang, a teoria quântica, a estrutura do DNA, a decifração do genoma humano, a ciência da computação, a penicilina, o transplante de coração, a clonagem, a exploração espacial, a fibra óptica, o laser, o avião, a internet, só para relembrar alguns. Todo esse conhecimento deve *servir ao* humano, estar à serviço da vida, ao bem comum, à comunidade.

2.1.1.3
Diálogo fé e razão

Promover a integração do conhecimento é um dos atributos do binômio identidade-missão da universidade católica, sobretudo no empenho do diálogo entre fé e razão. Embora de ordens distintas do conhecimento, fé e razão têm autonomia em seus métodos e convergem para a descoberta de uma realidade total cuja origem

[18] JOÃO PAULO II, Discurso na sede da Unesco.
[19] JOÃO PAULO II, Discurso à academia pontifícia de ciência por ocasião do primeiro centenário de nascimento de Albert Einstein.

é Deus – "A interação vital dos dois níveis distintos de conhecimento da única verdade conduz a um amor maior pela mesma verdade e contribui para uma compreensão mais ampla do significado da vida humana e do fim da criação" (ECE n. 17).

A teologia ocupa um lugar de destaque e relevante na síntese do saber e também no diálogo entre fé e razão. Há implicações morais e éticas inerentes a todas as disciplinas e cursos e, assim sendo, *Ex Corde Ecclesiae* aponta que a teologia pode contribuir no diálogo com outras disciplinas na investigação do significado/sentido, "ajudando-as não só a examinar o modo como as suas descobertas influirão sobre as pessoas e sobre a sociedade, mas também fornecendo uma perspectiva e uma orientação que não estão contidas nas suas metodologias" (ECE n.19).

A teologia ensinada irá proporcionar um agudo conhecimento dos fundamentos do Evangelho que enobrecerá a vida humana, ressignificando-a e conferindo uma dignidade nova. À teologia, as disciplinas oferecem uma melhor compreensão do mundo de hoje, tornando a investigação teológica mais conectada com a realidade atual (ECE n. 19). É uma troca-diálogo em que os benefícios abundam para os que participam.

A teologia possui as características de qualquer ciência: espírito crítico, rigor na metodologia, investigação, pesquisas contínuas, epistemologia, publicações em revistas especializadas, diálogo com outras ciências, entre outros. Contudo, há um diferencial extremamente significativo. O objeto de estudo da teologia é o Deus judaico-cristão, não é um objeto como os das demais ciências. A teologia se fundamenta na fé em um Deus que se revela, e à vista disso, vem o questionamento: esta característica daria um status de inferioridade acadêmica, por ter um componente profundamente "subjetivo" e não acessível à razão? Será que as ciências exatas, da natureza ou as ciências sociais e históricas não se apresentam sem pressupostos e não se apoiam em princípios primevos que não conseguem ser demonstrados pela razão? Para o teólogo França Miranda, em toda ciência existe uma perspectiva hermenêutica.

> E a razão é simples: a participação do *sujeito* é requerida em todas elas, pois a mera enumeração ou sequência dos fatos, de ocorrências, ou de fenômenos não constitui ciência. Só quando considerados à luz de uma *teoria* mais abrangente, produto da mente humana, desvendam, enfim, suas conexões, causalidades, condições. Pois

> compreender é interpretar a realidade a partir de determinado horizonte de compreensão ou de um juízo prévio. Consequentemente, o *objeto* das ciências é constituído pelo sujeito que o conhece e elabora, ao *determinar* qual aspecto da realidade será considerado. Desse modo, o que o senso comum denomina *realidade* sem mais aparece como grandeza complexa, contendo em si uma rica e inevitável pluralidade que desvenda conforme a ótica de leitura apresentada. A perspectiva hermenêutica da teologia parte do dado revelado e constitui apenas mais uma modalidade de acesso à realidade.[20]

A teologia, na universidade, é a ciência da fé que não cria/determina seu objeto racionalmente – Deus se revela, se doa através da autocomunicação. Desta forma, a tarefa da teologia é buscar melhor compreendê-lo e expressá-lo[21]. Assim, entende-se que a teologia está na mesma condição das demais ciências acadêmicas e sua cidadania universitária não pode ser negada. Por outro lado, a teologia dentro do campus é estimulada por outros horizontes culturais, está sujeita a novos desafios mediante o enriquecimento pelo diálogo com as diversas ciências.

Se a teologia é a ciência da fé, o discurso sobre Deus não pode negar um dado correlato: em toda teologia se encontra uma antropologia[22]. O ser humano experimenta sua contingência, o mistério de sua própria existência, a busca do sentido último – "não se trata de uma prova da existência de Deus, [...] mas simplesmente de saber estar *remetido* (com toda a realidade) a uma Alteridade transcendente"[23]. Por isso, a importância da antropologia para a teologia e das pesquisas realizadas com os estudantes da universidade. Não existe "o ser humano" na universidade, existe o jovem, a mulher, o homem, pessoas concretas que habitam em uma região geográfica, que vivem num determinado tempo histórico e possuem uma determinada cultura.

Na perspectiva de França Miranda, que também assumimos, a teologia tem um papel singular e distinto dentro da universidade. Ele remete ao sentido último da vida, realiza trocas e diálogo com as demais ciências, fornecendo um abundante patrimônio de práticas e símbolos; também exerce função crítica contra possíveis tentações de algum monopólio científico requerido por alguma ciência, e ainda tem a função profética quando denuncia a primazia do fator econômico na universidade e na sociedade. A teologia compreende Deus como sentido último da realidade e da história, e sua função principal na universidade é proporcionar o sentido último de

[20] MIRANDA, M. de F., Vislumbres de Deus, p. 95-96.
[21] MIRANDA, M. de F., Vislumbres de Deus, p. 97
[22] MIRANDA, M. de F., Vislumbres de Deus, p. 107.
[23] MIRANDA, M. de F., Vislumbres de Deus, p. 107.

tudo o que existe e é objeto das diversas ciências. Com esta finalidade peculiar, a teologia realiza um papel único na universidade e deve confrontar a questão do sentido último com as conquistas das demais ciências.

2.1.1.4
Interdisciplinaridade e visão orgânica

A interdisciplinaridade é, de certa forma, um desdobramento do diálogo entre fé e razão, um processo quase inevitável, a partir do momento em que a Igreja reconheceu a justa autonomia das ciências e das realidades terrenas (GS n. 36). *Ex Corde Ecclesiae* enfatiza que a interdisciplinaridade auxilia os estudantes na compreensão de uma visão orgânica da realidade, aumenta a capacidade de "ler" o mundo, bem como a expandir o desejo de progresso intelectual e o desenvolvimento do pensamento crítico.

A integração do conhecimento é um processo ininterrupto, sempre em crescente aperfeiçoamento. Assim, a universidade católica é uma "unidade viva", cujos organismos são voltados para a investigação da verdade, sendo necessário realizar uma síntese superior do saber – guiada pela teologia e filosofia – a fim reconhecer o significado das diversas disciplinas a partir de uma visão cristã da pessoa humana e do mundo "iluminada pelo Evangelho e, portanto, pela fé em Cristo, Logos, como centro da criação e da história humana" (ECE n.16).

A capacidade de "ler" o mundo torna-se fundamental em uma sociedade e realidade complexas. A intersecção de conteúdos e de conceitos favorece a compreensão de um fenômeno mais amplo através de diversas abordagens, proporcionando um enriquecimento na interpretação da própria existência. Com o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitado pela formação interdisciplinar, a manipulação – seja por líderes religiosos, políticos, mídias, amigos etc. – torna-se mais árdua e dificultosa, pois o indivíduo não se sujeita a aceitar qualquer mensagem e informação como verdadeira, é capaz de questionar e aceitar mais de uma resposta. Esta capacidade, por exemplo, é fundamental para poder realizar um discernimento sobre as notícias falsas (*fake news*) às quais estamos expostos todos os dias, sendo atingidos por diversas mídias.

2.1.2
Elementos fundamentais da missão da universidade católica a partir da Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*

Dando continuidade à extração dos principais elementos do binômio identidade-missão da universidade católica, abordaremos os principais pontos que a "carta magna" das universidades católicas faz em referência à missão. Relembrando o já colocado: a missão da universidade é a investigação contínua da verdade, a conservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade. Contudo, para realizar tal missão é necessário saber quais ferramentas se podem utilizar e como utilizá-las.

Quatro pontos são enfocados: serviço à Igreja e à sociedade, pastoral universitária, diálogo cultural e evangelização. Assim, a universidade tem o objetivo de garantir a presença cristã no mundo universitário perante os grandes problemas da sociedade e da cultura (ECE n.13). *Ex Corde Ecclesiae* trabalha com o eixo educação-cultura e a universidade é uma instituição/comunidade educacional por natureza e está relacionada à cultura. Além de promover a cultura, a universidade é responsável por transmiti-la às gerações futuras.

O magistério de João Paulo II sustenta que a universidade deve servir ao país no esforço de construção de uma sociedade livre, nova, responsável, consciente do próprio patrimônio cultural, justa, fraterna, participativa, onde o homem, integralmente considerado, seja sempre a medida do progresso. A universidade é o local/centro ideal para o amadurecimento de uma nova cultura. Veremos, mais adiante, que o papa Francisco dará continuidade a essa visão da universidade católica. O pensamento de João Paulo II sobre as universidades foi construído ao longo dos anos de seu pontificado até a publicação da "carta magna" ECE, e posteriormente à publicação, o papa continuou a desenvolver alguns pontos que foram abordados pela constituição. Segue um quadro com os discursos significativos até o ano 2000.

Quadro 1 – Discursos e mensagens de João Paulo II

DATA	MOTIVO	CONTEÚDO
31 JAN | 1979	Encontro com universitários no México	A UC tem 3 principais deveres: 1) encontrar seu significado último em Cristo; 2) realizar sínteses fé-razão, fé-cultura, fé-vida; 3) busca científica e vida cristã

		autêntica.
10 NOV |1979	Discurso à Academia Pontifícia de Ciência	Buscar uma concórdia frutífera entre ciência e fé, entre Igreja e Mundo.
1 JUN | 1980	Discurso no Instituto de Paris	Busca da verdade e a certeza de ter encontrado a fonte da verdade.
2 JUN | 1980	Discurso na UNESCO	O homem deve ser considerado integralmente e vive uma vida realmente humana graças à cultura.
15 MAI | 1982	Discurso na Universidade de Coimbra	Há uma só cultura: do homem para o homem.
9 MAI | 1983	Alocução no Congresso sobre Galileu	A fé e a razão convergem para uma mesma realidade: Deus. Necessitamos de inteligência que nos levem ao absoluto.
13 JUN | 1984	Discurso na Universidade Católica de Friburgo	Tanto a investigação científica quanto a fé requerem humildade, que facilita o diálogo.
5 JUL | 1986	Palavras aos intelectuais e universitários em Medellín	A universidade católica é o lugar ideal para o lugar do diálogo da Igreja com a ciência e com a cultura para construir uma nova sociedade.
26 NOV | 1986	Discurso para representantes de instituições superiores australianas em Sidney	Buscar, refletir, viver e ensinar a verdade sobre Deus e sobre o homem é uma grande missão de responsabilidade ante a sociedade e a história. Ante à verdade, o homem se realiza e ante à Verdade Suprema, através da oração, se realiza plenamente e alcança a verdade em Jesus Cristo.
13 ABR 1987	Discurso ao mundo da cultura na Universidade Católica de Santiago, no Chile	Entre a Igreja e a cultura se dá um intercâmbio vital e misterioso de corresponsabilidade diante de Deus e do povo para defender e difundir os valores do *ser* frente ao *ter*, a solidariedade, a identidade nacional e católica e a opção pelos jovens.
12 SET 1987	Palestra a líderes da educação católica na Xavier University of Louisiana em Nova Orleans	A UC deve conservar a sua identidade católica e professar sua missão; construir uma comunidade de fé viva, que estabeleça uma investigação intelectual. O pluralismo cultural deve ser direcionado até a plenitude da verdade. Oferecer aos estudantes experiências de fé, amor, vida comunitária e projeção social.
1 JUN | 1988	Discurso na Universidade de Bolonha	Abertura a toda verdade de Deus e do homem, alcançar a unidade do saber, a universalidade e a visão global da realidade; um novo humanismo aberto à transcendência, vida com ideais, fidelidade aos estudos e "paixão pela verdade". O

		dom da fé que deve gerar cultura.
13 JAN 1989	Palavras ao CPC	O mundo universitário é o lugar privilegiado para o diálogo com a cultura e a inculturação do Evangelho e sua inserção no coração do tempo.
25 ABR | 1989	Alocução no III Congresso Internacional das Universidade Católicas e Institutos de estudos Superiores em Roma	A Igreja e a sociedade necessitam que as UC busquem a verdade sobre Deus, o homem e o mundo. A missão das UC de ensinar, investigar e evangelizar está ligada e iluminada pela luz de Cristo. Compromisso com a ciência, com a cultura, com o homem e a sociedade, sendo voz crítica e profética com uma vida cristã coerente e de testemunho.
12 MAI | 1990	Discurso aos professores e ao mundo da cultura no México	Ante às incertezas e obstáculos, a Igreja, através da evangelização, põe as bases de um humanismo integral, que concebe a pessoa como filho de Deus, capaz de amar, de aspirar ao transcendente como fim último e buscar a verdade que o faz livre.
23 OUT |1992	Discurso à Academia Pontifícia de Ciência	Ante a complexidade adquirida pelas ciências da natureza, é necessário que se realize uma síntese do conhecimento. Necessidade de prudência por parte da ciência e da fé na elaboração de seus juízos, uma visão mais ampla da realidade e o uso de métodos diversos.
3 OUT | 1998	Mensagem ao mundo da cultura e da ciência na Croácia	Fruto do diálogo entre fé e razão será um florescimento ético e espiritual a serviço da pessoa que é o fim último da cultura.
9 SET | 2000	Discursos aos professores universitários na sala Paulo VI	As UC devem ser "laboratórios culturais", onde dialoguem as ciências naturais e as ciências humanas, a filosofia e a teologia, a razão e a fé, até uma verdade unitária.
13 NOV | 2000	Discurso na assembleia plenária da Academia Pontifícia de Ciências	Responsabilidade ética da investigação e dimensão humanística da ciência, que deve ser uma experiência de liberdade para a verdade e uma obra de serviço à sociedade.

Fonte: GARCÍA, D. G., Utopía y realidad en la misión de la universidad católica.

2.1.2.1
Diálogo cultural

Em sociedades multiculturais, como a brasileira, o diálogo é um exercício de cidadania e empatia. E a universidade católica é o espaço privilegiado para a prática e o aperfeiçoamento. A Constituição *Ex Corde Ecclesiae* indica que a universidade deve estar atenta às culturas modernas, bem como às várias tradições

culturais dentro da Igreja a fim de promover um diálogo fecundo e proveitoso entre o Evangelho e a sociedade. A universidade católica é um espaço multicultural, onde convivem sujeitos de culturas distintas e diversas. Os critérios para avaliar os princípios de uma cultura baseiam-se no valor da pessoa humana, na sua liberdade, na sua dignidade, no sentido de responsabilidade e de abertura ao transcendente (ECE n. 45).

Nas grandes cidades brasileiras, podemos presenciar as diversas culturas que coabitam num mesmo espaço urbano. Abordando esta questão cultural, também é relevante relacionar o diálogo cultural ao diálogo inter-religioso. O diálogo da fé com as culturas ganhou especial atenção no século XX e no novo milênio com a emancipação de novos sujeitos históricos. São desafios de fronteiras e, especificamente no caso da PUC-Rio, também há o desafio do território urbano, da cidade efervescente – "uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade" (EG n. 73).

A sociedade brasileira, embora hegemonicamente cristã, é plural na sua configuração religiosa e apresenta um quadro dinâmico e de mobilidade, ou seja, está em transformação[24]. A realidade brasileira é bem peculiar, pois além desse dinamismo e mobilidade ainda encontramos o fenômeno da dupla ou múltipla pertença religiosa[25]. Nesse processo de transformação religioso-social, vemos uma queda significativa no número de católicos e de protestantes históricos e o crescimento das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, que representam dois terços dos que se declaram evangélicos, segundo o Censo do IBGE de 2010[26]. O quadro de múltiplas identidades e de mobilidade religiosa espelha a pluralidade cultural e se apresenta de forma complexa, exigindo atenção da universidade católica em sua missão de estabelecer um diálogo proveitoso com as diversas tradições religiosas/culturais.

Ex Corde Ecclesiae especifica o diálogo com a cultura moderna, entre o pensamento cristão e as ciências modernas – tanto as ciências naturais quanto as

[24] TEIXEIRA, F., Campo religioso em transformação, p. 34-43.
[25] RIBEIRO, C., Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil, p. 93-115.
[26] TEIXEIRA, F., Campo religioso em transformação. Obs: em função da pandemia, não foi realizado o Censo de 2020, entretanto uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha com 2.948 pessoas em 2020 apontou que 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião. Os espíritas representam 3% da população, seguidores da umbanda, candomblé e outras religiões afro-brasileiras (2%), outras (2%), ateu (1%) e judeus (0,3%) Ver: Jornal Extra, disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186952.html. Acesso em: 3 jan 2023.

ciências humanas. Nesse sentido, recomenda estudo sobre os impactos das tecnologias e dos meios de comunicação sobre os indivíduos, famílias e instituições (ECE n. 45). O documento ainda faz a seguinte referência:

> Esta tarefa exige pessoas particularmente preparadas em cada uma das disciplinas, que sejam dotadas também duma adequada formação teológica e capazes de enfrentar as questões epistemológicas ao nível das relações entre fé e razão. (ECE n.46)

No diálogo cultural, a formação teológica é imprescindível, pois através do estudo da teologia adquire-se a necessária fundamentação para o diálogo com as demais tradições religiosas/culturais. O diálogo com a cultura moderna está, sobretudo, nas mãos dos teólogos e teólogas da universidade católica, pois cabe à teologia ser a inteligência da fé e buscar esclarecer e aprofundar o que lhe oferece a revelação de Deus na história e sua relação com as demais culturas e religiões. Além disso, ainda encontramos alguns problemas graves em povos de cultura cristã/católica, como os que encontramos no povo brasileiro: machismo, violência doméstica, alcoolismo, superstições de toda ordem, pouca participação na eucaristia, entre outros (EG n. 69). E na cidade, esses problemas somam-se a outros como o tráfico de drogas e pessoas, abuso e exploração de menores, diversos crimes e modelos de corrupção, abandono de doentes e idosos (EG n. 75), enfim, uma realidade de não salvação que desafia a Igreja e a universidade que está inserida nesse contexto.

Especificamente a partir da estrutura e organização da PUC-Rio, o setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia – como veremos neste capítulo – parece ser o mais apto a estabelecer esta missão referente ao diálogo cultural. Evidentemente, não deve ser o único a promover este diálogo, mas se prefigura como um setor bem preparado dentro da universidade, devido à própria formação interdisciplinar de seus docentes. A maioria do *corpus* de professores tem dupla formação, sendo a teologia uma obrigatoriedade. A formação interdisciplinar é uma virtude a mais no campo do diálogo cultural. Também é um setor que se relaciona com todos os centros e departamentos da universidade e com todos os estudantes que cursam as graduações da PUC-Rio.

2.1.2.2
Evangelização

A evangelização é missão de toda a Igreja, e assim também da universidade católica. É necessário priorizar a relação fé e vida em todos os âmbitos e contextos. Não se trata somente de ampliar em número de pessoas e/ou geograficamente aumentar o raio de alcance da mensagem da "Boa Nova", mas de fazer com que o Evangelho toque os corações e mentes dos indivíduos e possa transformar as realidades não salvíficas (ECE n. 48). A universidade, que atua nos três campos – ensino, pesquisa e extensão –, tem no campo do ensino uma excelente oportunidade de evangelização e, mais uma vez, tomando o exemplo da PUC-Rio, podemos dizer que o setor de Cultura Religiosa se encontra em uma posição extremamente favorável para realizar esta missão pela sua capilaridade na universidade.

O processo de evangelização não deve estar unicamente relacionado à dimensão sacramental da Igreja ou apenas relacionado à pastoral universitária. A evangelização deve estar direcionada a um contexto eclesial de diálogo com as diversas culturas que constituem a comunidade universitária. Pode-se dizer que o diálogo inter-religioso e com a cultura moderna é um passo inicial no caminho de uma evangelização não proselitista. E aqui, não se trata de realizar um falso diálogo, no intuito de catequizar ou impressionar o interlocutor com esta atitude, mas realmente de se abrir ao diálogo com o outro, acolhendo as diferenças enquanto dá testemunho da verdade. Mais um ponto de extrema relevância no caminho da evangelização na universidade: o testemunho cristão. Num contexto pluralista, fundamental é o testemunho cristão e, isso envolve o diálogo com pessoas de diferentes culturas e religiões.

Para evangelizar nos tempos atuais, a universidade católica deve dar testemunho cristão. A relação entre a doutrina da fé e a prática da fé se torna ainda mais relevante em um local onde convivem indivíduos de diferentes expressões de fé e religiosidades. Para a grande maioria dos universitários das "católicas", a confessionalidade não é importante na escolha e/ou opção da universidade. E o fato de não escolher pela confessionalidade é mais uma razão para que, ao sair da universidade, o estudante possa ter vivido uma experiência transformadora e tenha a certeza de que a dimensão cristã/católica fez diferença na sua formação profissional, oferecendo uma educação integral e não apenas técnico-profissional. Consideramos que a diferença qualitativa está na proposta de formação integral que

as universidades católicas oferecem através das disciplinas teológicas como formação curricular obrigatória das graduações – podemos relacionar e/ou categorizar estas matérias oferecidas como "humanidades" e/ou “cultura religiosa”.

Podemos compreender a evangelização no *lato senso* que envolve organicamente o anúncio (*kerigma*), o diálogo, o testemunho e o serviço. Assim como a Igreja, toda a universidade católica evangeliza, toda universidade católica é missionária. Dessa forma, há consonância com a visão de uma Igreja que sai em missão, que *primeireia* (EG n. 24), que vai ao encontro das pessoas que necessitam, daqueles e daquelas que estão à margem, nas periferias existenciais. Ressaltamos a importância de enfatizar o serviço aos mais pobres e carentes, pois a universidade católica é uma instituição que promove a dignidade de todo ser humano e a miséria e as injustiças são incompatíveis com uma vida digna.

2.2
A fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Depois de explorarmos alguns elementos da ECE que são atributos das universidades católicas, vamos examinar como se realizou a criação da PUC-Rio em meados do século XX. Analisaremos o contexto histórico, os eventos e as situações que proporcionaram e efetivaram a construção da universidade, bem com os principais personagens que estiveram envolvidos. Embora a criação da PUC-Rio seja anterior ao documento sobre as universidades, pode-se perceber que a proposta dos fundadores já estava afinada com o projeto de educação universitária que a Igreja implementaria no Brasil.

2.2.1
Breve contexto histórico

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro foi fundada na década de 1940 sob o nome de Faculdades Católicas. A PUC-Rio é uma jovem senhora de pouco mais de 80 anos – a título de comparação, a Universidade de Paris, que nem é a primeira universidade fundada do Ocidente, tem mais de 850 anos, e foi instituída em 1170. Para contar um pouco da história da PUC-Rio e da formação do setor de Cultura Religiosa, em primeiro lugar, abordaremos o contexto em que o Brasil vivia na época da fundação como Faculdades Católicas para assim podermos

entender a motivação e os sonhos que estavam movimentando os fundadores da instituição.

A década de trinta do século XX foi um período de grandes e pequenas revoluções. Foi um momento significativo para Igreja Católica no Brasil, que se organizava para ampliar sua atuação na sociedade brasileira, estimulando o laicato a participar de ações sociais visando fortalecer as demandas políticas da Igreja diante do Estado[27]. É bem verdade que a década de 1920 também foi bastante dinâmica no cenário brasileiro: tivemos a fundação do partido comunista, a Semana de Arte Moderna, o Congresso Eucarístico, a fundação do Centro Dom Vital, e tudo isso só em 1922. Foram duas décadas – 1920 e 1930 – de grandes transformações em vários setores: cultura, política, ciência e tecnologia.

As sociedades ocidentais das primeiras décadas do século XX assistem às profundas modificações que foram trazidas pela modernidade: a rapidez com que os meios de transporte e comunicação atuam, os grandes arranha-céus que preenchem os espaços urbanos – o Empire States foi inaugurado em 1931 – as novas relações de trabalho entre patrão e empregado, o sistema de grandes produções para consumo, o processo de industrialização que acelerou o processo de urbanização, enfim, foram inúmeras mudanças que transformaram significativamente a realidade brasileira e do mundo. Também a utilização de fontes não renováveis de energia – carvão, petróleo – proporcionou um grande impulso e avanço tecnológico, bem como um enorme crescimento econômico. Surgem as fábricas, a linha de montagem, a produção em massa e o sistema de informação massificado. A fábrica serve de modelo para muitas outras instituições da sociedade, sendo aplicado a hospitais, escolas, prisões e veículos de comunicação. Para melhor ilustrar esta época e ideias, vale (re)ver o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin – que apresenta algumas características da modernidade –, lançado em 1936 e que faz crítica ao modelo de produção, ao fordismo e taylorismo e ao processo que aliena o trabalhador do produto final.

O Brasil, ainda que tardiamente em relação aos países mais desenvolvidos, passava por todas essas mudanças e novas conjunturas da modernidade. No âmbito católico, acontecia um movimento de reestruturação da Igreja. Muita agitação estava acontecendo no cenário político. Em 1930, ocorreu o golpe de Estado que

[27] MUELLER, H. I., Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930, p. 259-278.

depôs o presidente da República Washington Luís em 24 de outubro e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, pondo fim à chamada República Velha. Getúlio Vargas assume o "Governo Provisório". E no final da década, em 1939, estoura a Segunda Grande Guerra.

Riolando Azzi considera as décadas de 1920 e 30 do século XX como o início da restauração católica no Brasil[28]. A Proclamação da República, que decretou a separação Igreja e Estado, encontrara o episcopado de certa forma desarticulado, uma boa parte dos bispos era monarquista com mentalidade conservadora. Neste período foi providencial a atuação de D. Antonio de Macedo Costa (1830-1891), que soube realizar uma boa articulação entre a Velha República e a Igreja. Contudo, com sua morte em 1891, a Igreja Católica ficou sem liderança[29].

Somente em 1921 o episcopado brasileiro ganha um novo líder, Dom Sebastião Leme[30] (1882-1942). Sua concepção de Igreja era bem próxima à de Dom Antonio de Macedo Costa. Dom Leme, por vinte anos, levará adiante a tarefa de fortalecer a hierarquia católica no Brasil. Outros bispos, padres e leigos também colaboraram nessa dinâmica para evidenciar o poder social da Igreja[31]. Através de uma série de iniciativas de caráter social, a Igreja cria uma nova imagem para si mesma. A capital do Brasil era a atual cidade do Rio de Janeiro (estado da Guanabara, na época)[32] e foi o centro de dois marcantes eventos católicos que tinham como objetivo tornar mais explícita a atuação da Igreja na sociedade brasileira: o Congresso Eucarístico de 1922 e o Jubileu do Cardeal Arcoverde em 1924. O Cristo Redentor foi inaugurado em 1931 e está dentro desta perspectiva de evidenciar a relação entre Igreja Católica e Nova República. Dom João Becker (1870-1946), na carta pastoral de 25 de janeiro de 1931 cujo título é "Cristo e a República", afirmava: "Como no coração do país, no cimo do Corcovado, a imagem alterosa de Cristo, assim no centro da nova República, que é a constituição, deverão erguer-se as tábuas da lei de Deus. Justifica-se, portanto, o título que pusemos ao presente trabalho"[33].

---

[28] AZZI, R., O Início da Restauração Católica no Brasil - 1920-1930, p. 61-89.
[29] AZZI, R., O Início da Restauração Católica no Brasil, p.61.
[30] Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, o cardeal Leme, foi o segundo cardeal brasileiro. Foi arcebispo de Olinda e Recife e arcebispo do Rio de Janeiro.
[31] AZZI, R., O Início da Restauração Católica no Brasil, p. 62-63.
[32] A cidade do Rio de Janeiro corresponde ao antigo estado da Guanabara, que existiu no período de 1960 a 1975 e em sua área se situava o Distrito Federal.
[33] BECKER, J., Cristo e a República, 20. Carta pastoral, Porto Alegre, 1931, p. 6 apud AZZI, R., O Fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940), p. 78.

As principais diretrizes para implementar a restauração católica eram: i) a superação do laicismo da primeira República, iniciando uma nova fase política com a Revolução de 1930 tendo cunho notadamente católico; ii) a prevenção do avanço das ideias socialistas e comunistas no Brasil, procurando mobilizar a opinião pública; iii) o fortalecimento do princípio de autoridade em contraposição aos movimentos de cunho mais liberal ou socializante; iv) a reafirmação da presença mais explícita da Igreja na sociedade, especialmente junto às classes dirigentes do país.

Vale destacar que duas questões atingiram profundamente a Igreja Católica neste período. Primeiro, a queda de *status* do casamento religioso para o civil e, depois, o advento da educação laica e das escolas protestantes. A perda do monopólio da educação foi uma das questões centrais nas disputas que ocorreram entre os que lutavam pela manutenção das escolas católicas, que formavam seus alunos segundo os preceitos da tradição e da religiosidade cristã – leia-se católica – e aqueles que lutavam por uma educação laica e democrática. Neste processo de restauração católica, também foram importantes a fundação do Centro Dom Vital em 1922 e a publicação da revista *A Ordem* no ano anterior.

2.2.2
Centro Dom Vital e revista *A Ordem*

Neste transcurso de restauração católica, o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem* tiveram significativa importância e deram o pontapé inicial da mobilização da intelectualidade católica sob a orientação de Dom Leme. Tanto a Revista como o Centro faziam parte de um projeto coeso e funcionavam de forma harmônica e congruente. O Centro Dom Vital foi fundado pelo jornalista Jackson de Figueiredo (1891-1928) em 1922, juntamente com Hamilton Nogueira, Durval de Moraes, Jonatas Serrano, Vilhena de Morais, Perilo Gomes e José Vicente de Souza, por total influência de D. Sebastião Leme e tendo como assistente eclesiástico o padre jesuíta Leonel Franca. A primeira edição da revista *A Ordem* foi publicada em 1921 e também tinha Jackson de Figueiredo como diretor. Posteriormente, o departamento editorial do Centro Dom Vital ficou responsável pela publicação da revista.

O nome da revista, *Ordem*, está associado à ideia de que a religião católica devia constituir um elemento de ordem no país face aos movimentos

revolucionários e anárquicos. A publicação surge no bojo do ideário de "recatolização" da sociedade brasileira em 1921, tinha Jackson Figueiredo como diretor e vários outros colaboradores: Jonatas Serrano, Osvaldo Aranha, Carlos de Laet, Bandeira de Melo, Leonardo Van Acker, Alceu Amoroso Lima, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cornélio Pena, entre outros. A publicação tinha o objetivo de combater a indiferença e oposição à Igreja bem como divulgar as concepções doutrinárias, filosóficas e políticas da Igreja.

Já o nome "Dom Vital" faz referência ao caráter combativo do bispo de Pernambuco, e a restauração católica se estrutura mediante a apologética da fé, que visa combater o liberalismo, o positivismo e o protestantismo. Além da revista, o centro promoveu palestras sobre filosofia e teologia e se caracterizou por ter uma preocupação política com as causas conservadoras. Combatia o positivismo, o liberalismo, o marxismo, o socialismo e tinha o fascismo como aliado nesta luta. Até a criação das Faculdades Católicas no Rio de Janeiro, em 1941, o Centro Dom Vital era considerado o principal centro intelectual do catolicismo brasileiro.

Jackson de Figueiredo morreu em 1928 e Alceu Amoroso Lima (1893-1983) assumiu o cargo de diretor da revista e de presidente do Centro. Em 1929, o Centro Dom Vital vincula-se a uma grande associação, a Coligação Católica Brasileira (CCB), que passou a ser também presidida por Alceu Amoroso Lima, com a assistência eclesiástica do padre Leonel Franca. O centro e a coligação passaram, portanto, a formar uma única frente. Através da atuação de seus intelectuais, o Centro D. Vital teve influência em algumas questões de referência política, como, por exemplo, o Decreto n° 19.941, de 30 de abril de 1931, que permitia o ensino religioso nos cursos primário, secundário e normal. Também conseguiu que o ministro do Trabalho, Lindolfo Collor, permitisse a criação de sindicatos católicos, surgindo então os círculos operários e a Confederação Nacional dos Operários Católicos.

Na década de 1930, o Centro D. Vital representava a maior expressão da vida católica e constituiu-se num núcleo extremamente importante do qual se originaram várias outras organizações católicas. O Centro ainda tinha "filiais" em outras cidades como São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Aracaju, Cataguases, Fortaleza, Niterói e São João del Rei. A maioria dos centros realizou o trabalho político da Liga Eleitoral Católica (LEC), organização política fundada em 1932 pelo cardeal Leme com o intuito de mobilizar o eleitorado católico para apoiar,

dentre os candidatos à Assembleia Constituinte de 1933 e à Câmara Federal de 1934, os que estivessem comprometidos com a defesa dos princípios da Igreja. Sob a direção de Amoroso Lima, o Centro Dom Vital cumpriu também uma função cultural e educacional, atenuando-se seu caráter de veículo de propaganda das ideias políticas de Jackson de Figueiredo.

Em 1932, o Centro Dom Vital inaugurou seus cursos no Instituto Católico de Estudos Superiores, dirigido por Sobral Pinto. A década de 1930 foi especialmente dinâmica para as atividades do Centro e a restauração católica. Como já comentado, o Centro foi fundamental para o desenvolvimento de outros grupos e associações como a Ação Universitária Católica (AUC), a Associação dos Professores Católicos e a Ação Católica Brasileira (ACB). Posteriormente, a AUC transformou-se na Juventude Universitária Católica (JUC) e os jovens trabalhadores preocupados com temas sociais passaram a fazer parte da Juventude Operária Católica (JOC).

Em 1937, o Centro Dom Vital possuía diversos grupos e associações espalhados pelo país, incluindo universitários e operários. Nesta época, foi criada a Confederação da Imprensa Católica, por iniciativa da Coligação Católica Brasileira. Com a morte de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima assumiu a direção e a revista sofreu uma mudança editorial. Na década de 1930, a ênfase editorial recai sob o aspecto cultural, perdendo seu tom político partidário. Nesta nova concepção, a revista *A Ordem* intencionou ampliar o debate cultural católico. Passou a publicar matérias relativas à conduta da família e à educação dos filhos, às ações católicas e ao combate ao comunismo. Também ampliou o espaço para o debate sobre a educação, fazendo críticas à educação não confessional e defendendo o ensino católico. Passou a contar com a coluna de Lúcia Miguel Pereira, que abordava algumas questões femininas. O auge do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem* foi durante o primeiro governo Vargas (1930-1945).

2.2.3
Os intelectuais católicos

Como último item deste tópico referente ao contexto histórico, abordaremos três principais personagens[34]: cardeal Dom Sebastião Leme, Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. Evidentemente, que o grupo denominado “intelectuais

[34] O quarto personagem é o padre Leonel Franca, que será abordado em um tópico mais à frente e separadamente.

católicos" era bem mais representativo – como já citado – contudo, esses três personagens orquestraram o grande movimento de recatolização da sociedade brasileira. O movimento foi bem abrangente, não se limitou ao debate de uma só questão, entretanto, no âmbito desta pesquisa, focamos exclusivamente no tema da educação, que foi um dos principais pontos de reflexão dos intelectuais católicos[35].

O grande mentor desse processo de reinserção da Igreja Católica na sociedade e no "segmento público" foi, sem dúvida, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme. Como relatado, no início do século XX, havia profundas mudanças no Brasil, debates e disputas ideológicas, e na educação ganhava força a Pedagogia Escola Nova. Foi um momento em que o tema da educação alcançou interesse público e foi motivo de debates acalorados não só no Brasil, mas em diversos países[36]. As novas pedagogias que surgiam eram contrárias ao ensino confessional, ao tradicionalismo e propunham modelos educacionais menos hierárquicos e autoritários e, consequentemente, mais dialógicos. Também havia o debate sobre o ensino público e o privado. Pode-se dizer que o início do século XX foi uma época de grande "alvoroço" educacional e em diversos países/locais havia experiências nessa área[37].

Em 1929, no âmbito da igreja universal, o papa Pio XI emite a encíclica *Divini illius magistri*, que manifesta as orientações da Igreja sobre a educação dos jovens. Esta encíclica norteará a educação católica até as novas diretivas do Concílio Vaticano II, que foram constituídas através da Declaração *Gravissimum educationis*. Além do debate pedagógico, o debate político também fervilhava e, nessa época, o mundo assistia à ascensão dos regimes totalitários na Europa e do pensamento materialista e ateu que estava por trás do regime comunista. Um momento de tensão e de extremos. Foi portanto um momento de pequenas e grandes revoluções, e Pio XI sabia de sua responsabilidade e da Igreja ante os debates que estavam sendo realizados.

---

[35] Para o âmbito desta pesquisa, não cabe explicitar as posições dos dois grupos que participavam do debate – católicos e pioneiros –, contudo, é possível aprofundar as questões pela tese STANG, B. de L. S., O saber e o credo. Os intelectuais católicos e a doutrina da Escola Nova (1924-1940).

[36] PIO XI, Carta Encíclica Divini illius magistri (1929).

[37] Na Espanha, o sacerdote, pedagogo, mestre em oração São Pedro Poveda fundou a Instituição Teresiana em 1911, de caráter laical, para a formação de professoras comprometidas com a educação integral do ser humano e com a construção de um mundo mais justo e solidário. Existia muito dinamismo, tanto de educadores do segmento estatal quanto da parte de membros e educadores da Igreja Católica (VATICANO, Pedro Poveda).

Pontos importantes a destacar da encíclica: i) defende que três instituições são responsáveis pela educação: duas de ordem natural – família e Estado – e a terceira, a Igreja, de ordem sobrenatural; ii) defende o primado da educação familiar sob a educação estatal, ou seja, cabe à família ter a deliberação da escolha; iii) entende que a educação é um direito e missão da Igreja e deve construir caminhos da salvação – a educação perfeita é a cristã; iv) defende a harmonia e a colaboração entre Igreja e Estado, desde que o Estado incorpore os ideais da moral religiosa; v) repudia as novas pedagogias que rejeitam a pedagogia tradicional religiosa; vi) condena a educação mista ou coeducação, que permite o estudo de ambos os sexos numa mesma escola e/ou sala de aula.

Ainda em 1916, no âmbito da igreja local do Brasil, Dom Sebastião Leme emitia uma carta pastoral em que convocava os católicos leigos e leigas para uma participação ampla no debate que se realizava no país, para um maior compromisso na vida pública, nas instituições estatais; enfim, recrutava os católicos para defenderem os valores cristãos presentes na sociedade e para que fossem considerados nas políticas públicas. Então, quando as novas diretrizes educacionais da *Divini illius magistri* foram publicadas, o laicato brasileiro já havia sido mobilizado pelo cardeal e também por Jackson de Figueiredo.

O jornalista e bacharel em Direito Jackson de Figueiredo teve notável atuação na reconstrução católica. Converteu-se ao catolicismo por influência de Dom Leme e depois de ter contraído a gripe espanhola, epidemia que matou milhares de pessoas. É pertinente observar, já que vivemos um momento pandêmico, que o fato de ter contraído a gripe espanhola e ter contemplado de perto a possibilidade de morrer foi um fator fundamental na conversão ao catolicismo do intelectual. Vale ressaltar que essa experiência limítrofe confere um outro/novo sentido à vida.

> Jackson piorou. Viu a morte de perto. Sobre os cuidados do médico do presidente foi melhorando devagar, Mas impossibilitado de sair de ler e escrever. Quando não dormia, pensava no pesadelo pelo qual passava: a vida em risco, a certeza de que a morte não tem hora... Enfim, urgia tomar resoluções, definir nitidamente sua vida, já que dessa vez escapara... Lembrou-se demais de seus pais tão bons e preocupados, de sua mãe piedosa e aflita, sempre rezando; de Farias, que homem exemplar. Mandava dizer a Laura em recados, primeiro e logo que conseguiu rabiscar, bilhete de três a quatro palavras, que estava melhor, que se preparava para os sacramentos.[38]

[38] FERNANDES, C. A. de F., Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada, p. 301-302.

Jackson escreveu em jornais e revistas e produziu obras como *Afirmações* (1921), *A Reação do Bom Senso* (1922), *Literatura Reacionária* (1924) e *A coluna de Fogo* (1925) entre outras. A conversão fez, efetivamente, uma mudança radical na orientação fundamental de Jackson. Faleceu de modo trágico, afogou-se durante uma pescaria na praia da Joatinga, aos 37 anos. Carlos Drummond dedicou-lhe uma poesia, "Ode a Jackson de Figueiredo", publicada na revista *A Ordem* v. 9, n.4, em dezembro de 1929. De boêmio, ateu e positivista tornou-se um ardente defensor dos ideais católicos para a sociedade: "Troquei toda a veleidade de construir por mim só ou com a ajuda deste ou daquele grande espírito uma filosofia da ação. Preferi ser o humilde soldado que sou da Igreja Católica, e me sinto tão orgulhoso disso como se fora um rei"[39].

Jackson era muito atuante e sempre se envolveu na política partidária. Foi um proselitista religioso, um apóstolo da lei e da ordem. Seu ideal era organizar a elite intelectual e espiritual para tornar o país novamente católico e em consonância com o modelo que a Igreja designava[40]. Ele, convertido, será o instrumento para a conversão dos intelectuais brasileiros. Jackson e todos os letrados que o acompanharam foram frutos do esforço intelectual, pessoal e operacional de Dom Leme, que efetivamente conseguiu criar um grupo de intelectuais para que exercesse influência no consenso da sociedade civil e que também atuassem no aparelhamento do Estado, possibilitando que a Igreja pudesse ser o elemento de sedimentação de um novo bloco histórico [41].

Utilizando-se da perspectiva gramsciana, Dom Leme – com sua genialidade – elaborou um programa de formação de intelectuais orgânicos para realizar a ocupação católica de território numa guerra de posição pela hegemonia cultural[42].

---

[39] FIGUEIREDO, J., Prefácio ao livro Cartas à gente Nova, de Nestor Vítor.

[40] Na Carta Pastoral de 1916, Dom Leme entendia que a sociedade brasileira, apesar de ser predominantemente católica, estava apática para a dissolução dos valores cristãos e ameaçada pelas diversas doutrinas e disputas ideológicas; os católicos eram inoperantes, sem participação na vida política e pública. "Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? Somos uma força que não atua, e não influi, uma força inerte (LEME, S. Carta Pastoral de 1916, p. 4-7).

[41] MESQUIDA, P., A educação na restauração lemista da Igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública: 1934-1945, p. 279-295.

[42] Para Antonio Gramsci, é preciso diferenciar os tipos analíticos de sociedade do Ocidente e do Oriente para compreender o conceito de guerra de posição. Na concepção ampliada de Estado pensada por Gramsci, a sociedade civil é constitutiva, junto à sociedade política, do Estado. E é no âmbito da sociedade civil, predominantemente, que se disputa o consenso, tão fundamental quanto a força para a configuração da hegemonia. Gramsci denomina de Ocidental o modelo político no

Não por acaso, o cardeal nomeou Jackson "soldado de Cristo"[43]. Não havia uma guerra física como nas Cruzadas, havia, sim, uma batalha pela hegemonia cultural. Jackson foi um defensor ferrenho dos ideais católicos para a sociedade, seu pensamento era conservador, tradicionalista e reacionário. Era um antimodernista, antiliberal e antidemocrático. E, mesmo com todos esses predicados, tornou-se amigo do carioca e praiano Alceu Amoroso Lima, também conhecido pelo pseudônimo Tristão de Athayde.

A terceira personagem desse grupo de notáveis é, talvez, o leigo católico mais conhecido no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Alceu Amoroso Lima já era um nome reconhecido nacionalmente como crítico literário – pseudônimo de Tristão de Athayde – antes mesmo de sua conversão ao catolicismo em 1928. Sim, Alceu também se converteu ao catolicismo, e por influência do amigo Jackson de Figueiredo e do padre Leonel Franca (1893-1948)[44]. Foi um processo, um decurso que começou em 1924 com uma crise existencial e foi finalizado em 1928, "quando, diante do padre Leonel Franca, Alceu declarou sua fé, confessou e comungou pela primeira vez depois de adulto"[45].

Alceu Amoroso Lima foi um dos principais representantes do laicato brasileiro e teve destaque na área pública, sempre dinâmico e ativo, entretanto de forma diferente de seu amigo Jackson, envolvendo-se menos na área da política partidária e voltando-se mais para as questões culturais. Isso, evidentemente,

---

qual a sociedade civil é fortalecida e de Oriental aquele no qual ela é mais fragilizada. No processo de construção da hegemonia, especialmente nas sociedades do tipo Ocidental, é preciso saber "fazer política" e, para isso, é fundamental a constituição de blocos históricos em torno da conquista e manutenção dos lugares de poder, nos quais é possível tanto garantir o controle dos aparelhos repressivos quanto a atuação cultural na produção do consenso que irá garantir a sustentação do grupo hegemônico e oferecer resistência às ações de contra-hegemonia. No entanto, esses blocos históricos se articulam naquilo que Gramsci definiu como um equilíbrio instável, ou seja, movimentos em torno das alianças e disputas, exigindo articulação e controle dos lugares decisivos para a manutenção dessas instâncias de poder. Assim, há um trabalho permanente de ocupação de posições estratégicas para a manutenção tanto dos campos de força quanto dos de produção simbólica da realidade, e tais lugares são objeto de disputas acirradas, implicando no que ele conceituou como guerra de posições. Estas, portanto, não estão dadas nem são permanentes, são disputadas e precisam ser pensadas de forma articulada, e são um componente fundamental para a construção da hegemonia política, econômica, cultural e social (COUTINHO, C. N., Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político).

[43] LEITE, F. L. de A., A reconversão de Alceu Amoroso Lima: a correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928, p. 96.

[44] SKALINSKI JUNIOR, O., Alceu Amoroso Lima e a renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1945): uma proposta de espírito católico e corpo secular.

[45] FERREIRA, Marieta de M., Verbete. LIMA, Alceu Amoroso. Centro de Pesquisa e Documentação de História da FGV.

refletiu na atuação do Centro Dom Vital e nas matérias e conteúdos da revista *A Ordem*. A revista perde o seu caráter político e passa a ser uma revista católica que tem na cultura o seu principal foco, "visando mais a inteligência que os acontecimentos"[46].

Sob a regência do Dr. Alceu, o Centro Dom Vital teve intensa projeção nacional e alcançou muito prestígio. Sua atuação foi fundamental para que rompesse com a mentalidade de que a intelectualidade e a religiosidade eram incompatíveis – como a modernidade sugeriu –, atraindo assim muitos jovens, ainda que por motivações diversas[47]. Pesquisadores da história do intelectual[48] analisam que Alceu Amoroso Lima – ao longo de todo o período que esteve à frente do Centro e da revista *A Ordem* – foi modificando o seu modo de ver e pensar o mundo. O intelectual tinha uma perspectiva conservadora, muito influenciada por Jackson de Figueiredo e por autores europeus que sustentavam esse pensamento, tais como Edmund Burke (1729-1797), Louis-Ambroise De Bonald (1754-1840), Juan Donoso Cortés (1809-1853) e Joseph De Maistre (1753-1821). Sua perspectiva mudou quando conheceu a obra do filósofo católico francês Jacques Maritain (1882-1973).

Maritain foi um representante do neotomismo e, como intelectual, opunha-se à concepção antropocêntrica materialista surgida na modernidade. O filósofo defende que a concepção cristã é baseada no "humanismo integral" (conceito e nome do seu livro mais conhecido, publicado em 1936), um humanismo baseado na encarnação[49]. O pensamento de Jacques Maritain teve substancial influência na doutrina da Igreja a partir da segunda metade do século XX, sobretudo depois de ser assumido na *Populorum progressio*, por Paulo VI, em 1967: "É necessário promover um humanismo total [...] Não há, portanto, verdadeiro humanismo, senão

[46] LIMA, A. A. (Tristão de Athayde), Obedecendo, p. 5.
[47] ARDUÍNI, G., Em Busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e seu projeto de organização social (1928-1937).
[48] Citando dois autores. ARDUÍNI, G., Em busca da cidade nova: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social (1928- 1945) e RODRIGUES, C. M. Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica – 1928-1946.
[49] Para um rápido entendimento da perspectiva antropológica do humanismo proposto por Maritain, ver artigo: MARQUES, V. H. de O.; SIQUEIRA, L. A. G. A Leitura Crítica de Jacques Maritain da Modernidade desde a Noção de Humanismo Integral.

o aberto ao Absoluto…" (PP n. 42)[50]. O termo "desenvolvimento integral" em referência ao ser humano aparece quatro vezes na encíclica.

Alceu Amoroso Lima dedicou dois livros exclusivos ao tema da educação e prática pedagógica: *Debates Pedagógicos* (1931) e *Humanismo Pedagógico* (1944). Provavelmente, o segundo livro foi inspirado no pensamento do humanismo integral proposto por Maritain. Alceu compreendia que a área da educação era estratégica para a hegemonia católica[51]. Também, segundo pesquisadores do Dr. Alceu[52], Jacques Maritain contribuiu para que o intelectual reformulasse suas questões quanto à democracia e à liberdade; nesse sentido foram significativas as obras *Os direitos do homem e a lei natural* (1942), *Cristianismo e democracia* (1943), *Princípios de uma política humanista* (1944).

Como já mencionado, havia um debate acerca da educação e Alceu Amoroso Lima foi um grande articulador na defesa dos ideais católicos. Amigo pessoal de Gustavo Capanema – ministro da educação durante o período de 1937 a 1945 –, Alceu teve especial influência sobre as ações do amigo durante sua gestão frente ao ministério. Quando Capanema torna-se ministro da educação, firma-se um pacto político entre a Igreja e o governo de Getúlio Vargas.

> (...) a Igreja daria ao governo apoio político e receberia em troca a aprovação das chamadas "emendas religiosas" na Constituinte de 1934, que incluía, entre outras coisas, a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Mais do que isto, o pacto levou a que o Ministério da Educação fosse entregue a pessoa de confiança da Igreja. que trabalharia em consulta constante com Alceu Amoroso Lima.[53]

Este debate sobre a educação levou a produção de livros e coleções católicas sobre o tema, como a Coleção Pedagógica (1929), organizada por Paulo Maranhão e a coleção Biblioteca Brasileira de Cultura (1933), dirigida por Alceu Amoroso Lima. Dr. Alceu combateu o laicismo, o liberalismo, a materialismo, o

[50] Segundo Cipriano Calderón, pode-se afirmar que Jacques Maritain foi o autor mais influente sobre Paulo VI "cf. C. CALDERÓN (1964) Iglesia con Pablo VI, Salamanca, Sígueme. Para profundizar en el pensamiento de J. Maritain Cf. J. RAMÓN CALO y D. BARCALA (1987) El pensamiento de J. Maritain, Madrid, Cincel. M. LÓPEZ CASQUETE DE PRADO (2014); La antropología social en el pensamiento de Jacques Maritain: Humanismo integral y economía del bien común, Córdoba, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba" (CALDERÓN, C. apud USANOS, Rafael Amo. La antropología teológica de Populorum Progressio, p. 201).

[51] SKALINSKI JUNIOR, O., Alceu Amoroso Lima e a renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1945): uma proposta de espírito católico e corpo secular, p. 39.

[52] RODRIGUES, C. M., Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica –1928-1946, p. 83.

[53] SCHWARTZMAN, S., Gustavo Capanema e a educação brasileira: uma interpretação, p. 165-172.

"modernismo agnóstico" dos pensadores da Escola Nova e, neste sentido, "os educadores católicos deviam se afastar, tanto da ideologia e concepções pedagógicas norte-americanas como das ideias soviéticas, porque ambas descristianizavam a educação"[54].

Pertinente observar que Dr. Alceu considerava que os educadores católicos deveriam ter em mente um ideal de ser humano, já que compete à educação a formação do humano e a preparação para atuação no mundo. A pedagogia católica entende que o fim último da educação é o indivíduo e a sociedade é o meio. Diferencia-se, assim, da pedagogia moderna que coloca a sociedade no centro da educação, sendo compreendida como superior à pessoa. Igualmente, a pedagogia católica se diferencia tanto do "naturalismo soviético", como do "individualismo agnóstico" e assume aspectos relacionados à espiritualidade[55]; ou seja, a pedagogia católica considera a dimensão de abertura ao transcendente do ser humano.

Em seu projeto de educação, Alceu Amoroso Lima estabeleceu cinco princípios:

> 1º - A educação existe para o homem e não o homem para a educação.
> Corolário - A educação é um médio e não um fim.
> 2º - A educação tem por fim levar o homem à plenitude de sua humanidade.
> Corolário – A educação é uma ciência e uma arte.
> 3º - A educação prepara o indivíduo para a comunidade e esta para a pessoa.
> Corolário – A educação é, simultaneamente, obra individual, coletiva e pessoal.
> 4º - A educação hierarquiza as atividades naturais e sobrenaturais do homem.
> Corolário – A técnica, a ação, a ciência e a sabedoria, isto é, o homem e a natureza; o homem e a sociedade; o homem e o conhecimento; o homem e Deus constituem os quatro momentos capitais de uma educação integral.
> 5º - As autoridades educativas são, na ordem natural, a Família e o Estado; na ordem sobrenatural a Igreja; em ambas – a Pessoa.
> Corolário – a Escola é um grupo social subsidiário, se bem que autônomo, e não independente e completo (LIMA, 1944, p.26).[56]

Cabe realçar alguns pontos dos cinco princípios. Primeiro, a inspiração evangélica sobre a perspectiva do sábado judaico (Mc 2,27-28) aplicada à educação. No primeiro item dos cincos princípios, Alceu propõe a mesma inversão que Jesus no Evangelho de Marcos, só que opera a troca da palavra "sábado" por "educação".

---

[54] RODRÍGUEZ, M. V., Pensamento pedagógico de Alceu: o papel da educação nacional e o desenvolvimento da nação.
[55] RODRÍGUEZ, M. V., Pensamento pedagógico de Alceu: o papel da educação nacional e o desenvolvimento da nação.
[56] LIMA, A. A. apud RODRÍGUEZ, M. V. Pensamento pedagógico de Alceu: o papel da educação nacional e o desenvolvimento da nação.

Convém observar também o olhar dialético-inclusivo, possibilitando considerar a educação como ciência e arte e, da mesma forma, perceber a dinâmica existente entre a comunidade e o indivíduo. Por fim, cumpre destacar que o Dr. Alceu entende que a responsabilidade sobre a educação incide sobre a família, o Estado e a Igreja, esta última instituição de ordem sobrenatural. A educação é um processo social e é entendida como um bem social.

No texto de *O espírito universitário*, o intelectual entende que a essência da universidade é sua abertura para a busca da Verdade. *Veritas* é a palavra que melhor resume a essência do espírito universitário. As universidades devem proporcionar uma formação sólida e integral, na medida em que as sociedades se tornam cada vez mais complexas, confusas e desumanas. Na perspectiva de Alceu, a função humanista é a própria razão de ser da universidade, visto que, diante da crise do mundo moderno, é necessário que se reafirme a dignidade da pessoa humana, tendo como princípio o humanismo integral e teocêntrico[57].

Ao que tudo indica, Dr. Alceu sempre teve em vista a construção de uma universidade católica. Na alocução proferida na cerimônia de abertura do Instituto Católico de Estudos Superiores (1932), ele conclui: "E que nossa pequenina iniciativa possa vir a ser a semente de uma grande árvore frondosa para o que há muito apelamos: a Universidade Católica Brasileira"[58]. Um ponto importante na visão educacional de Alceu é a percepção de que, para uma especialização e profissionalização de excelência, é necessária uma formação geral, cultural. Entende que muitos dos problemas que a educação sofre advêm de uma ênfase na profissionalização em detrimento da formação geral.

> Pode haver especialização verdadeira sem cultura geral. É mesmo um dos perigos da educação moderna. O aumento dos conhecimentos – tanto na intensidade como na extensão – tem sido tão grande, desde o século passado, que o homem moderno vive sempre ameaçado por duas tentações opostas: o diletantismo e o profissionalismo. O pecado do diletante é a superficialidade. É a semicultura, vazia de sentido e apoiada no verbalismo. O pecado do profissionalismo é o encerramento no seu canto e a cegueira, em nome de uma falsa honestidade intelectual, para com as atividades e verdades vizinhas ou remotas. Nenhum desses caminhos se conciliam com o espírito universitário, que é ao mesmo tempo geral e particular. Leva à cultura geral pela especialização e ilumina a especialização pela cultura geral (Lima, 1961, p. 19).[59]

[57] CURY, C. R. J., Alceu Amoroso Lima, p. 35.
[58] LIMA, A. A. apud SALEM, T. Do Centro Dom Vital à Universidade Católica.
[59] LIMA, A. A. apud CURY, C. R. J., Alceu Amoroso Lima, p. 35.

Pode-se perceber, no texto acima, certa influência desse pensamento na construção da PUC-Rio e, posteriormente, na criação do setor de Cultura Religiosa. Isto se aplica porque, junto com a formação profissional e técnica, a PUC-Rio oferece doze créditos (4 matérias) de cultura religiosa, que integra o currículo de todas as faculdades. Assim sendo, o setor da CRE disponibiliza uma composição básica de matérias comuns a todos os cursos da universidade voltada para a formação do humano integral que, pode-se dizer, intenta afastar os perigos do diletantismo e do profissionalismo. Evidentemente, o setor da CRE representa muito mais que matérias de formação geral/cultural/religiosa, mas é possível considerar que esse pensamento do Dr. Alceu foi uma semente para que, mais adiante, pudesse se desenvolver o setor da Cultura Religiosa da PUC-Rio.

Depois de tanta luta e batalha ideológica, Dom Leme e os intelectuais conseguem fundar, no Rio de Janeiro em 1940, as Faculdades Católicas – hoje Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No próximo item traremos alguns aspectos das Faculdades Católicas e apresentaremos uma personagem fundamental, o Padre Leonel Franca, seu primeiro reitor, de 1940 a 1948.

Finalizando, é proveitoso que possamos destacar alguns pontos neste processo que levou à fundação da primeira universidade católica do Brasil: i) surge a partir de uma relação conflituosa entre a Igreja e o pensamento secular dos intelectuais da Primeira República; ii) fez parte de um processo denominado de restauração católica e pode ser considerada como o ápice desse processo; iii) teve como *ensaios* o Centro Dom Vital (1922) e o Instituto Católico de Estudos Superiores (1932); iv) surge após um debate caloroso sobre a educação – ensino laico e ensino religioso; v) é fruto da inspiração e dos sonhos de seus fundadores: cardeal Dom Sebastião Leme, padre Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima; vi) universidade: a busca da verdade com perspectiva de um humanismo integral; vii) o governo de Vargas, laico, favoreceu a Igreja Católica em troca de aliança política.

2.2.4
As Faculdades Católicas / PUC-Rio

A fundação de uma Universidade Católica surge,
como os esplendores e as esperanças
de uma aurora, na vida de um povo cristão.[60]

[60] FRANCA, L., Em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas, p.65.

Como vimos nas abordagens do contexto histórico, a fundação da PUC-Rio foi fruto de um processo de décadas e envolveu diversas pessoas; a primeira universidade católica do Brasil foi gestada em meio a disputas ideológicas, debates sobre a educação e implicações políticas. Se havia uma disputa ideológica na educação, também havia um consenso entre os grupos: ambos eram nacionalistas. Estava em jogo o futuro do Brasil, das gerações, um projeto de país.

> A criação da Universidade do Distrito Federal, em 1934, promovida por Anísio Teixeira, foi muito mal recebida pela intelectualidade católica. Acusando seu idealizador ora de americanizar a educação brasileira, ora de comunizá-la, os católicos apontam a nova instituição como sendo não só puramente laica, mas, de fato, anticatólica. Para conter o avanço da secularização da cultura superior brasileira e a infiltração da pedagogia comunista nas políticas educacionais oficiais, o grupo volta a insistir na importância da criação de um centro livre de estudos superiores católicos [61].

Posto isto, cabe ressaltar que Padre Leonel Edgard da Silveira Franca foi uma notória liderança neste decurso, esteve na articulação social e política, juntamente com os outros intelectuais da época, e também desempenhava papel de orientador espiritual e assistente eclesiástico do Centro Dom Vital. Autores [62]apontam que a atuação de Pe. Franca vai além da assessoria eclesiástica do Centro Dom Vital, ele também era responsável por posicionamentos e apresentações textuais nas publicações do Centro. Se não abordamos seu nome sob o título de "intelectuais católicos" foi justamente para dar o destaque que sua atuação faz jus.

2.2.5
Padre Leonel Franca

Aqui as disciplinas não se desenvolvem como
membros desarticulados de um organismo.
A formação do homem é integral.[63]

Padre Leonel Franca era religioso, membro da Companhia de Jesus, instituição fundada por Inácio de Loyola e reconhecida por sua atuação na

[61] SALEM, T., Do Centro Dom Vital à Universidade Católica.
[62] ARDUINI, G. R., Os soldados de Roma contra Moscou: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro, p. 126; OLIVEIRA, N. C. de, A trajetória intelectual do jesuíta Leonel Franca: educação e catolicismo (1923-1948), p. 123.
[63] FRANCA, L., em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas, p.68.

educação, pela dedicação aos ideais católicos, pela evangelização de várias culturas, pelo trabalho nas "fronteiras" existenciais da vida. Inácio também fundou o Colégio Romano em 1553, que tinha como objetivo formar uma nova classe de clérigos, com amadurecimento intelectual necessário para enfrentar os mais difíceis embates da "conquista religiosa". Seria esta a inspiração que levou Pe. Leonel Franca a dedicar todos os esforços para fundar a universidade católica?

Para alguns pesquisadores, Pe. Franca sempre teve o sonho de fundar uma universidade, tanto que em 1932 profere o seguinte discurso na inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores:

> A Universidade, por sua natureza, para não mentir às promessas de seu nome e às exigências de sua função, deve ser católica; e as Universidades que deixaram de ser católicas viram-se, na mesma proporção, diminuídas como Universidades [...].
> Queremos uma Universidade capaz de totalizar e hierarquizar o saber; de fundir, numa unidade orgânica, o pensamento e a vida; depositária fiel de todo o patrimônio intelectual que constitui uma das maiores riquezas do nosso povo; orientadora segura nas dificuldades, cada vez mais complexas, do progresso da civilização cristã.
> Universidade Católica! Como se casam bem as duas palavras! A Universidade, esta pátria da ciência, esta depositária das mais elevadas tradições intelectuais de um povo, esta afirmação mais alta da cultura de uma nacionalidade, foi a Igreja Católica quem a criou. Criou-a, porque por sua iniciativa se associaram professores e alunos de todas as disciplinas do saber, na unidade de uma grande organização fosse a Alma Mater de uma dinastia ininterrupta de sábios e o instrumento incansável de progresso da ciência.[64]

Estudos apontam que o desejo de fundar uma universidade católica brasileira também já estava presente no âmbito eclesiástico desde o início do século XX. No Primeiro Congresso Católico Brasileiro, realizado em Salvador, no mês junho de 1900, surgiu o debate sobre a necessidade de fundar um instituto de estudos superiores. Da mesma forma, outros eventos determinaram e enfatizaram a importância da criação de centros e instituições educacionais, escolas e universidades que pudessem oferecer a formação do perfeito cristão. Alguns desses eventos: Primeiro Congresso Diocesano de São Paulo, em 1901; Segunda Conferência dos Bispos da Província Eclesiástica de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1904; Segundo Congresso Católico Brasileiro, em 1908; Congresso de Educação do Centro Dom Vital na década de 1930.[65]

---

[64] FRANCA, L. apud OLIVEIRA, N. C. de; CAMPOS, N. de; SKALINSKI JUNIOR, O., O Modelo Católico de Ensino Superior no Brasil: Padre Leonel Franca e a Criação da Pontifícia Universidade Católica, p. 7.

[65] OLIVEIRA, N. C.; CAMPOS, N. de; SKALINSKI JUNIOR, O., O Modelo Católico de Ensino Superior no Brasil: Padre Leonel Franca e a Criação da Pontifícia Universidade Católica, p. 7.

O ensino superior católico era visto como uma necessidade tanto pelos intelectuais como pelo episcopado, pois fazia parte da restauração católica formar as elites que viriam a dirigir os rumos do país; ou seja, o foco da ação dos intelectuais sempre foi direcionado às camadas mais abastadas da sociedade. No entendimento do segmento católico, a crise pela qual o país passava era de ordem moral e só pela reestruturação do sistema educacional que se poderia operacionalizar a reconstrução nacional.

Todos os desejos e esforços convergiram para que, em 1940, o Vaticano autorizasse o ensino superior católico no Brasil e Dom Leme entregasse ao Pe. Franca a incumbência de colocar a universidade em funcionamento, delegando aos jesuítas sua direção pedagógica e administrativa. No dia 18 de junho de 1940, o cardeal aprovou os estatutos das Faculdades Católicas, apresentados pelo futuro reitor, e no dia 30 de outubro, o presidente da República Getúlio Vargas assinou o decreto nº 6.409, autorizando a Faculdades Católicas a instalar o curso de bacharelado na Faculdade de Direito e sete cursos na Faculdade de Filosofia (Filosofia, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Neogermânicas, Geografia e História, Ciências Sociais e Pedagogia). No dia 15 de março de 1941, ocorreu a solenidade de abertura dos cursos, com as presenças e discursos do ministro da Educação Gustavo Capanema, do Pe. reitor Leonel Franca, de Alceu Amoroso Lima e de Afonso Pena.

> Neste momento, inclusive, foi reafirmada a ligação entre as finalidades a serem cumpridas pela futura Universidade Católica e as escolas instituídas: a Faculdade de Filosofia como núcleo de renascimento do ideário filosófico e pedagógico e a Faculdade de Direito como formadora das elites dirigentes.[66]

Tanto Pe. Franca como Alceu predicavam em seus discursos que os cursos superiores oferecidos pelas instituições de então – direito, engenharia e medicina – não era suficientes para moldar o cristão perfeito, ou ainda, o homem que o catolicismo necessitava naquele momento[67]. Pe. Franca foi, igualmente, incansável na luta para levantar fundos, recursos e empréstimos, nas intermediações com o governo, na árdua batalha para conseguir o terreno e construir o prédio

[66] SEGENREICH, S. C. D., Crise e mudança na construção histórica de um projeto institucional: o caso da PUC - Rio de Janeiro.
[67] SEGENREICH, S. C. D., Crise e mudança na construção histórica de um projeto institucional: o caso da PUC - Rio de Janeiro.

universitário, pois as instalações do Colégio Santo Inácio já não comportavam o crescimento. A trajetória do jesuíta tem a marca do comprometimento com este projeto educacional político-pedagógico. Há, de fato, uma íntima e estreita vinculação entre a trajetória de Pe. Franca e a implantação da primeira Pontifícia Universidade Católica no Brasil[68].

2.2.6
A Reforma de 1968

A PUC-Rio nasce com o nome de Faculdades Católicas – nome ainda preservado pela mantenedora – e surge como uma entidade de ensino superior que, a partir da reforma universitária ocorrida na década de 1960, se torna uma instituição também de pesquisa. Durante o período militar, o ensino superior sofreu uma reestruturação que se denominou Reforma Universitária de 68. Foram instituídas medidas como a extinção do modelo de cátedra, sendo substituído pelo modelo de departamentos e centros; também ocorreram a implementação do sistema de créditos e dos ciclos básicos, e o apoio à expansão da pós-graduação[69]. E é exatamente neste momento, que o setor de Cultura Religiosa – ou simplesmente CRE, como é conhecida na universidade – "nasce", como seção do Departamento de Teologia – "dedicada aos Cursos de Formação Teológica oferecidos a outros departamentos da Universidade, hoje chamados de Cultura Religiosa"[70].

Outro movimento de renovação – agora no âmbito eclesial – já havia iniciado o seu curso na década de 1960. O Concílio Vaticano II (CV II) esteve reunido em Roma entre 1962 e 1965 para realizar um *aggiornamento*. O Vaticano II foi, sem dúvida, o evento mais importante para a Igreja Católica no século XX e teve total influência na criação e desenvolvimento do Departamento de Teologia e do setor da Cultura Religiosa na PUC-Rio. O influxo do Vaticano II sobre o setor da CRE será analisado mais à frente, no capítulo dois desta pesquisa.

Neste item que estamos desenvolvendo – dedicado à reforma de 1968 – abordaremos somente a perspectiva secular, institucional, porque entendemos que o setor de Cultura Religiosa nasce sob duas maternidades: a reforma secular e o

---

[68] OLIVEIRA, N. C.; CAMPOS, N. de; SKALINSKI JUNIOR, O., O Modelo Católico de Ensino Superior no Brasil: Padre Leonel Franca e a Criação da Pontifícia Universidade Católica, p. 24.
[69] ANDRADE, P. F. C. de, O modelo PUC e as humanidades. Entre o passado, o presente e o futuro.
[70] ANDRADE, P. F. C. de, Os 45 anos do departamento de teologia da PUC-Rio, p. 21.

aggiornamento católico, iniciado pelo CV II. Assim, evidenciamos neste tópico alguns dos elementos que foram mais comuns às universidades depois da reforma, como a implementação de créditos e departamentos, por exemplo; e posteriormente abordaremos a dimensão teológica que guiou a construção do setor e de uma nova grade de disciplinas de formação obrigatória oferecidas às faculdades.

Assim, neste processo de reforma universitária na PUC-Rio, não se pode deixar de mencionar que teve especial influência Rudolph Philip Atcon, grego naturalizado estadunidense, que se autointitulava especialista em planejamento de Universidade[71]. Tinha ampla formação, havia cursado engenharia civil (1943) e artes liberais (1951), e fez pós-graduação em filosofia das ciências e lógica simbólica.

> (...) chegam aos países de América Latina propostas de reformas, que influenciam a elaboração das políticas universitárias da região: entre elas o Informe de Rudolph P. Atcon, que propunha as transformações institucionais necessárias para que a universidade gerasse a "mudança social".[72]

Atcon elaborou dois documentos – "Rumo a reestruturação da Universidade brasileira" (1965) e "Manual para o planejamento integral do Campus universitário" (1968) – e foi enviado pelos Estados Unidos para assessorar a reforma universitária de vários países latino-americanos além do Brasil, entre eles, Chile, Nicarágua, Honduras, Colômbia, Venezuela, México e São Domingos. Sua tarefa era modernizar as universidades no modelo norte-americano e pode ser vista como "um projeto de Universidade para a América Latina a partir de uma ideologia pautada por valores políticos, sociais e econômicos dos Estados Unidos no período"[73].

Em 1966, a PUC-Rio encarregou Atcon de elaborar um projeto específico para a reforma da universidade – já em curso – e a proposição foi entregue em abril do mesmo ano: "Proposta de reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro". Neste projeto, o consultor faz as adaptações necessárias à especificidade da PUC-Rio, elogia o fato de a universidade ser privada e "defende

[71] CANNONE, H. M. P., Missão Atcon e a Universidade em transição: a PUC-Rio e os Estados Unidos no contexto de reforma universitária da Ditadura militar, p. 37.
[72] RODRÍGUEZ, M. V., A modernização das universidades na década de 60: O papel da transformação social das instituições universitárias, p. 2.
[73] CANNONE, H. M. P., Missão Atcon e a Universidade em transição: a PUC-Rio e os Estados Unidos no contexto de reforma universitária da Ditadura militar, p. 39.

apaixonadamente a criação de um Departamento de Teologia que forneça disciplinas a serem ministrada para todos os cursos"[74].

O projeto para a PUC-Rio desenvolvido pelo técnico constava de três partes: Introdução, Reestruturação e Recomendações. Vale aqui uma observação. A visão de Atcon era tecnocrata, valorizava as "ciências duras", pensava a universidade como uma empresa privada. Assim, investir na formação cultural era secundário, a principal função da universidade é promover o desenvolvimento do país através de preparação de quadros. Esse olhar do técnico estadunidense é diametralmente oposto ao dos fundadores da PUC-Rio, contudo o tecnocrata acabou por estimular a criação do setor da CRE quando instigou que as faculdades pudessem receber formação teológica. É fato que o modelo de Atcon foi amplamente implementado pelas universidades brasileiras e também na PUC-Rio, embora sofrendo adaptações.

A década de 1970 foi reestruturante, pois consolidou-se o projeto de transição do modelo antigo para o que permanece até hoje. Configurou-se o Modelo PUC-Rio, uma universidade comunitária, católica, de construção coletiva e que conta com quatro dimensões essenciais: i) integração entre ensino e pesquisa de graduação e pós-graduação em todas as áreas; ii) colegialidade na gestão acadêmica e administrativa; iii) financiamento por mensalidade de graduação e projetos de pesquisa e serviços dela decorrentes; iv) um programa de bolsas para graduação e pós-graduação para cursos acadêmicos fundamentais, mas não sustentáveis com mensalidades.[75]

Como podemos constatar, a reforma de 1968 foi fundamental para o modelo de universidade que temos hoje – sobretudo para a criação do setor de Cultura Religiosa, dentro do departamento de Teologia. Concluímos que esta renovação se deu através de um processo acadêmico institucional que foi se desenvolvendo ao longo de décadas na PUC-Rio. Contudo, para a criação e concepção do novo departamento de Teologia que se instituía, um evento eclesial teve significativa importância: o Concílio Ecumênico Vaticano II. As influências do Vaticano II na gênese e desenvolvimento do setor de Cultura Religiosa serão abordadas nos próximos tópicos.

---

[74] CANNONE, H. M. P., Missão Atcon e a Universidade em transição: a PUC-Rio e os Estados Unidos no contexto de reforma universitária da Ditadura militar, p. 39.
[75]ANDRADE, P. F. C. de, O modelo PUC e as humanidades. Entre o passado, o presente e o futuro.

Para a PUC-Rio, a década de 1960 foi fecunda e, mesmo antes da Reforma Universitária de 1968, a universidade já vinha expandindo a graduação, construindo e fortalecendo a pós-graduação. Em 1960, a PUC-Rio inaugurou o Centro de Processamento de Dados com o Burroughs B205, primeiro computador de grande porte para uso acadêmico no Brasil. Em 1961, criou o Banco de Educação para auxiliar os alunos a financiarem seus estudos e, em 1963, o Mestrado em Engenharia Elétrica (Eletrônica). A PUC-Rio também foi pioneira na criação do Mestrado em Educação, em 1965; já em 1966, dá início ao Mestrado em Psicologia – primeiro do país na área – e em 1967, ao Mestrado em Informática da PUC-Rio, igualmente pioneiro na América Latina[76].

Toda essa expansão, na área do ensino e pesquisa, foi fundamental para o fortalecimento da instituição e para que a PUC-Rio se estabelecesse como uma universidade de excelência.

Além do movimento secular para a reforma universitária, a Igreja Católica fez uma convocação especial, o papa João XXIII institui o Concílio Ecumênico do Vaticano II para "que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz"[77], de modo a proporcionar uma atualização da doutrina no mundo moderno, que vinha sofrendo contínuas transformações, seja de ordem política, econômica, seja social. O papa pondera que uma coisa são as verdades da fé – eternas –, substâncias do *depositum fidei*, outra é a forma como são apresentadas (VI n.5)[78].

Orientado por esta perspectiva renovadora do Vaticano II, Pe. Benkö – então diretor da Faculdade de Filosofia e professor de departamento de Psicologia da universidade – teve notável atuação para a criação do Departamento de Teologia. Foi ele quem articulou instâncias para viabilizar o curso de teologia – contatou os dirigentes do Seminário São José para colaborar na criação do curso de teologia, em 1968[79].

[76] NÚCLEO MEMÓRIA PUC-RIO, Cronologia por Décadas.
[77] JOÃO XXIII, Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio.
[78] JOÃO XXIII, Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio.
[79] GARCÍA RUBIO, A., Orientações da Teologia, p. 39.

2.3
O Departamento de Teologia e o setor de Cultura Religiosa

Assim, com este espírito renovador, tanto secular quanto eclesial, nasce o Departamento de Teologia da PUC-Rio com duas seções: a seção intitulada Cultura Religiosa e a faculdade de graduação em teologia. O primeiro diretor do departamento foi também seu idealizador, padre Antônio Benkö, e João Batista Libanio foi seu sucessor no cargo. Desde sua criação até a segunda década dos anos 2000, muitas mudanças ocorreram, tanto na faculdade de graduação quanto no setor da CRE, e é válido ressaltar que, em 2008, foi elaborado um documento sobre a identidade da Cultura Religiosa que bem expressa a natureza do setor:

> A Cultura Religiosa – CRE – é o Setor do Departamento de Teologia orientado à formação de profissionais, de todas as áreas do conhecimento, capazes de se posicionar de forma crítica e esclarecida, sensível e dialógica, transformadora e propositiva diante dos desafios contemporâneos que envolvem a relação entre religiões, ética e culturas.[80]

Como vimos no tópico anterior, a CRE se estruturou durante a reforma universitária de 1968 em que se instituíram os centros acadêmicos, os departamentos, o regime de créditos, as vice-reitorias, entre outros. É uma partição do Departamento de Teologia e está estreitamente relacionada com a missão da universidade. Presentemente, a Cultura Religiosa reúne 4 disciplinas de formação obrigatória a todos os outros cursos, a saber: O Humano e o Fenômeno Religioso, as optativas de Cristianismo (O Cristianismo, Bíblia e Cristianismo, O Cristianismo e as Grandes Religiões, Cristianismo e Diálogo com o Mundo Moderno, Cristianismo e Problemas Sociais, Cristianismo e Judaísmo), Ética Cristã e Ética Socioambiental e Direitos Humanos.

Contudo, faz-se necessário esclarecer que, mesmo antes da criação do Departamento de Teologia e do próprio setor da CRE, a PUC-Rio já ministrava disciplinas teológicas para as demais faculdades. Fiel ao humanismo integral que inspirou a sua fundação, a PUC-Rio sempre ministrou disciplinas de cunho teológico que faziam parte da formação de todos os universitários. Inicialmente, essas matérias eram lecionadas por padres que se vinculavam às faculdades. Em 1961, as disciplinas ministradas eram: Apologética, Dogma, Direito Canônico e

[80] Documento interno referente à identidade do setor de Cultura Religiosa, 2008/2009.

Teologia Fundamental[81]. É pertinente observar que essas disciplinas têm um forte caráter doutrinal e, de certa forma, contemplavam o momento que a Igreja vivia durante a fundação da universidade – a restauração católica.

O nascimento das Faculdades Católicas estava imbuído de um caráter apologético, de defesa da fé e de recuperação dos espaços físicos e simbólicos que a Igreja Católica havia perdido. A título de comparação, indicamos as matérias que no início da década de 2020 a CRE ministra: O Humano e o Fenômeno Religioso, Optativas de Cristianismo, Ética Cristã e Ética Socioambiental. Já as matérias que eram lecionadas aos cursos da PUC-Rio em 1960 – Apologética, Dogma, Direito Canônico e Teologia Fundamental – foram compor parte do currículo da faculdade de teologia; o setor da CRE começa a desenvolver seus cursos e, consequentemente, sua identidade junto à universidade.

A PUC-Rio nasce em um período em que a Igreja vem se afirmar na cultura e religiosidade brasileiras através de vários símbolos nacionais, como a estátua do Cristo Redentor no alto de uma montanha (1931), a consagração de N. Senhora Aparecida como padroeira do Brasil (1930); e a universidade católica será mais um espaço para reiterar a catolicidade do país. É uma afirmação do Brasil como um estado predominantemente de cultura e religiosidade católicas, e talvez, espelhe o sonho de uma nova cristandade.

Depois da criação do Departamento de Teologia em 1968, houve significativas mudanças nas disciplinas de formação teológica ministradas às faculdades. Mudanças de ordens estruturais, relativas à reforma secular, mas também um novo olhar surge no horizonte teológico e pedagógico da Igreja: o Concílio Vaticano II (CV II). Os teólogos A. G. Rubio, Tereza Cavalcanti, Monsenhor Gilson[82] atestam o influxo significativo do CV II na criação do Departamento de Teologia, e consequentemente, do setor da CRE, como veremos a seguir.

[81] TELES, G. M., Do saber acadêmico à sabedoria existencial. A transdisciplinaridade como missão-dialógica da Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica-Rio de Janeiro, p. 113.
[82] TEPEDINO, A. M. (org.), Memória, identidade e missão. Teologia da PUC-Rio – 45 anos.

2.3.1
A influência do Concílio Vaticano II na criação e desenvolvimento da CRE

A CRE surge no momento de *atualização* na doutrina da Igreja, posterior à restauração católica no Brasil, da qual derivou a fundação das Faculdades Católicas. Recebe como herança, identidade e missão, os valores e princípios da universidade, que estão baseados numa concepção de humanidade e de ser humano, como informa o Marco Referencial: "a promoção da cultura, nos planos intelectual, estético, moral e espiritual, em função do compromisso com os valores cristãos e como instrumento de realização da vocação integral da pessoa humana"[83].

Cabe à Cultura Religiosa a formação humana e cristã dos universitários, missão que tem um sentido e direção quando "afirma o primado da pessoa sobre as coisas, do espírito sobre a matéria, da ética sobre a técnica, de modo que a ciência e a técnica estejam a serviço da pessoa humana"[84], ou seja, missão cuja centralidade está na pessoa humana, na humanização da nossa sociedade e cultura. Se a CRE herdou a humanização como missão dos fundadores, o Vaticano II fortaleceu este projeto ao enfatizar a dimensão da encarnação e do diálogo como proposta de autoconstrução. A Cultura Religiosa nasce com a perspectiva de construir-se no diálogo com as demais ciências, o que gera um caráter de interdisciplinaridade, e com a sociedade. Nasce com a proposta de se encarnar nas realidades da universidade, de ser a presença e a voz teológica no campus.

Se o setor é filho do Vaticano II, pode-se dizer que foi nutrido e alimentado por toda a reflexão que se seguiu ao evento, considerando os encontros latino-americanos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Por isso, e pelo fato de tentar corresponder aos desafios e sinais do tempo, a Cultura Religiosa esteve, nestes cinquenta e três anos, repensando a grade das disciplinas para melhor cumprir a sua missão.

2.3.1.1
Leigos na missão da Igreja

O concílio estabeleceu uma nova compreensão do laicato. Os leigos são chamados a trabalhar na evangelização, no anúncio do Evangelho, pois toda a Igreja

[83] MARCO REFERENCIAL PUC-Rio.
[84] MARCO REFERENCIAL PUC-Rio.

é convocada a ser sinal no meio das nações (LG n.1). Incorporados em Cristo pelo batismo, os leigos são constituídos como Povo de Deus e participantes – a seu modo – da função sacerdotal, profética e real de Cristo (LG n. 31). O laicato, por meio do seu apostolado (LG n. 33), participa da missão da Igreja, sobretudo naqueles locais e circunstâncias que lhe são próprios e da sua condição. O capítulo IV da *Lumen Gentium* é dedicado ao laicato e dá destaque ao papel ativo do leigo e sua corresponsabilidade na missão da Igreja.

Imbuída desse espírito renovador, depois do CV II, a PUC-Rio promove cursos destinados à formação do laicato, num primeiro momento, visando incluir a disciplina Doutrina Social da Igreja no currículo geral da universidade. Em 1968, o padre Fernando Bastos de Ávila ministrou um curso sobre a DSI, propondo formar futuros professores para a disciplina. Um dos alunos era o então decano do CCS, Moacyr Cardoso de Oliveira, que ministrou as disciplinas de DSI-1 e DSI-2 no ano de 1969[85].

No início da atividade da CRE, não era exigido o diploma de teologia para ministrar aulas, era necessária uma recomendação abalizada e reconhecida competência e aptidão[86]. Nesse sentido, seguiu-se uma abertura para os leigos atuarem na docência teológica e, posteriormente, sobrevém a inclusão das mulheres com bacharelado em teologia.

2.3.1.2
As mulheres na docência

Outra significativa mudança promovida pelo Vaticano II foi afirmar a igual dignidade entre homens e mulheres, ambos possuidores dos mesmos direitos fundamentais. A *Gaudium et Spes* declara que qualquer discriminação "nos direitos fundamentais da pessoa, seja social ou cultural, por motivos de *sexo*, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser vencida e eliminada, por ser contrária ao plano divino" (GS n. 29, grifo nosso). O documento *Apostolicam Actuositatem* afirma a importância do apostolado das mulheres, instigando que elas tomem uma participação mais ampla e ativa na missão da Igreja (AA n. 9). Nesse sentido, ainda que timidamente, o Vaticano II foi o primeiro concílio no qual 23 mulheres, entre

[85] OLIVEIRA, G. L. C. C. de, Queridos irmãos em Cristo, p. 150-151.
[86] OLIVEIRA, G. L. C. C. de, Queridos irmãos em Cristo, p. 150.

leigas e religiosas, puderam participar como ouvintes em algumas sessões. Segundo Maria Cecília Domezi[87], as "mulheres conciliares" foram mais que ouvintes, deixaram marcas importantes nos documentos e trouxeram reflexões sobre as novas formas de participação do feminismo na Igreja[88].

Em consonância com os ventos da primavera que o Vaticano II soprou, Pe. Benkö convidou a recém-formada em Ciências Religiosas pela Universidade de Lovaina, Tereza Cavalcanti, para ministrar aulas na Cultura Religiosa, em março de 1972[89]. Um grande time de teólogas, entre leigas e religiosas, atuou e ainda atua tanto na CRE quanto na graduação e pós-graduação. A professora Tereza Cavalcanti ministrou aula na CRE entre 1972 e 1984, quando então deslocou-se do setor da CRE para a graduação em teologia[90]; e como ela, outras professoras migraram da CRE para lecionar na graduação em teologia – Maria Clara Bingemer, Ana Maria Tepedino e Lúcia Pedrosa de Pádua são exemplos. De certa forma, esse deslocamento de uma partição à outra fez o setor de Cultura Religiosa ser visto como um "estágio", uma passagem para que os teólogos e teólogas pudessem posteriormente atuar na graduação e pós-graduação em teologia.

Nesta terceira década do século XXI, a equipe de docentes da CRE tem um corpo bem diversificado, entre clérigos, leigos e leigas, religiosos, enfim, tornam-se inegável os frutos do *aggiornamento* do Concílio.

2.3.1.3
O diálogo com as ciências e a interdisciplinaridade

O Vaticano II também proporcionou um avanço no diálogo com a modernidade, que se refletiu na elaboração de um novo currículo para os cursos da PUC-Rio. Como já indicado, antes da criação do setor, as disciplinas ministradas eram basicamente de formação teológica específica: Apologética, Dogma, Direito Canônico e Teologia Fundamental. O concílio foi elemento fundamental para reorganizar a grade oferecida aos discentes e proporcionar o diálogo com a modernidade e com as ciências. Foi um processo elaborado paulatinamente e por uma equipe de teólogos e teólogas que já atuavam no departamento.

[87] Mestre em Teologia e doutora em Ciências da Religião.
[88] DOMEZI, M. C., Mulheres do Concílio Vaticano II.
[89] CAVALCANTI, T. M. P., Memória do departamento de teologia da PUC-Rio: alguns aspectos, p. 60.
[90] CAVALCANTI, T. M. P., Memória do departamento de teologia da PUC-Rio: alguns aspectos, p. 62.

As quatro disciplinas de formação obrigatória oferecidas em 2023 aos estudantes de todos os cursos de bacharelado e licenciatura – O Humano e o Fenômeno Religioso, Cristianismo, Ética Cristã e Ética Socioambiental e Direitos Humanos – comportam olhares de outras ciências e propõe o diálogo na medida que os inserem na perspectiva da disciplina. A Ética Cristã, por exemplo, permite abordar questões de ordem moral pela ótica da história, da antropologia, filosofia e contrastar com a ética do Evangelho. O diálogo propõe a escuta e a participação consciente e crítica e não se limita somente às disciplinas, a Cultura Religiosa também realiza eventos e pesquisas em parceria com outros departamentos, aproximando ainda mais a dinâmica entre fé e razão, religião e ciência.

O corpo de professores, em sua maioria, tem dupla formação, sendo uma delas a teologia. Isso caracteriza a formação interdisciplinar dos docentes que foi se configurando a partir da matéria de Ética Profissional, que era responsabilidade do setor da CRE até 2015/2016. Dessa forma, o professor que ministrava Ética Profissional para o Departamento de Comunicação Social, por exemplo, era formado em Comunicação Social e Teologia e, assim, também poderia lecionar outras disciplinas. As muitas e diversas formações profissionais do corpo de docentes são proveitosas para a troca entre os professores e proporcionam uma maior amplitude de olhar.

2.3.1.4
Diálogo inter-religioso e cultural

Depois de elencamos o diálogo com as ciências, apresentamos mais um elemento constitutivo do setor de Cultura Religiosa que foi diretamente influenciado pelo Vaticano II. Nas disciplinas de O Humano e o Fenômeno Religioso ou Cristianismo e Grandes Religiões, os estudantes são estimulados a pesquisar e conhecer as muitas religiões que coexistem no planeta. Observemos as duas ementas, primeiro a de Humano:

> Fundamentação antropológica da abertura do ser humano ao Transcendente. O fenômeno religioso no contexto atual, interpelações e novos paradigmas. Construção de conceitos fundamentais do fenômeno religioso e estudo crítico dos modelos teóricos de interpretação. Manifestações religiosas históricas e contemporâneas.

> Pluralismo, tolerância e o necessário diálogo inter-religioso. Os direitos humanos na perspectiva das grandes religiões[91].

E de Cristianismo e Grandes Religiões:

> A diversidade de religiões e do cristianismo na atualidade. O cristianismo e as grandes religiões: patrimônio cultural e ético da humanidade. Fundadores, concepções de Deus, principais linhas doutrinais e éticas. Jesus de Nazaré: mensagens nucleares, atitudes e opções. O significado da vida, morte e ressurreição de Jesus. O diálogo inter-religioso: a postura de Jesus Cristo, da Igreja Apostólica Primitiva e atual diante do pluralismo religioso. Direitos Humanos e Religiões[92].

As expressões "diálogo inter-religioso" e "direitos humanos" se repetem nas ementas, reafirmando-as como valores essenciais assumidos pela universidade. Percebe-se também o enfoque sobre o pluralismo religioso, valorizando as tradições religiosas como patrimônio ético e cultural. A perspectiva é fomentar uma atitude de diálogo e tolerância realçando pontos primordiais para o bem viver em uma sociedade pluralista; e, independentemente da tradição religiosa, os direitos humanos representam uma unidade comum, pois se Deus recebe diferentes nomes e liturgias, os crentes são todos humanos com os mesmos direitos.

Não se pode negar que a fé cristã e a cultura estejam intimamente relacionadas, pois Deus se revela "de acordo com a cultura própria de diversas épocas" (GS n. 58) e a PUC-Rio é um local em que se encontram diversas culturas e deve ser capaz "de entrar em comunicação com as diversas formas de cultura, com o que se enriquecem tanto a própria Igreja como essas várias culturas" (GS n. 58). Contudo, nem sempre há harmonia entre a expressão de fé e a cultura, e os teólogos e teólogas são provocados a buscar a forma mais adequada para evangelizar as culturas, ou seja, devem buscar uma atualização permanente (GS n. 62).

2.3.1.5
Constante *aggiornamento*

O último ponto a ser abordado com relação à influência do Vaticano II na formação e desenvolvimento da Cultura Religiosa é a proposta de estar sempre se

---

[91] PUC-Rio. Site. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ferramentas/ementas/ ementa. aspx?cd=CRE1100. Acesso em: 11 jun 2023.

[92] PUC-Rio. Site. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ferramentas/ementas/ ementa. aspx?cd=CRE1112. Acesso em: 11 jun 2023.

atualizando, em constante *aggiornamento*, aberta aos desafios que cada momento histórico representa. Nesse sentido, desde a década de 1970, a CRE vem repensando e adequando suas disciplinas e atuação com vistas a realizar a proposta de humanização cristã, sempre através do diálogo. Como bem disse o papa Bento XVI, reforçado pelo papa Francisco: a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração. A fé se transmite, mas por atração, isto é, por testemunho (EG n. 14). E aqui, temos um ponto a destacar. No universo de diferentes culturas, é fundamental o testemunho cristão, que, no caso da PUC-Rio, cabe principalmente aos professores de Cultura Religiosa, pois eles estão dialogando na fronteira de tantas culturas: a sala de aula.

Nesse sentido, mudanças ocorreram nesses mais de cinquenta anos da Cultura Religiosa visando aperfeiçoar a sua missão junto à universidade e à Igreja.

O processo de formação humanista integral proposto pelo Marco Referencial da PUC-Rio também não se pretende estático; é um processo dinâmico que se realiza no tempo e no concreto da vida, enfrentando as mudanças sociais, políticas e econômicas, as dificuldades, as vicissitudes e também celebrando as alegrias, os êxitos e sucessos.

O processo de formação da identidade da CRE foi construído ao longo dessas cinco décadas, sempre orientado para o diálogo, por isso, sua configuração apresenta certa mobilidade e capacidade de adaptação. Na década de 1970, as disciplinas disponibilizadas eram: a Fé e o homem moderno; Ciência e Fé; Religião na História da América Latina; O agir humano na perspectiva da Salvação; Bíblia; Secularização; Relações humanas na família; Doutrina Social da Igreja; Estudo comparado das Religiões; A Igreja e Ética Profissional[93]. Posteriormente, na década de 1980, a Cultura Religiosa implementou uma reforma curricular, cujas bases permanecem até hoje, estabelecendo quatro matérias obrigatórias, a saber: O Homem e o Fenômeno Religioso (a partir de 2008 denominada O Humano e o Fenômeno Religioso), O Cristianismo, Ética Cristã e Ética Profissional, substituída em 2017 por Ética Socioambiental e Direitos Humanos.

Nessas três décadas subsequentes a esta grande reforma curricular, tivemos uma mudança nominal, relativa à palavra "homem" para "humano". Essa mudança nominal, que ocorreu só na primeira década do século XXI, marca uma mudança

[93] TELES, G. M., Do saber acadêmico à sabedoria existencial, p. 114.

de consciência por parte da equipe articuladora e responde a uma demanda da sociedade/universidade: o reconhecimento da igual dignidade da mulher e sua luta por direitos e equidade. A palavra "homem", de fato, não representa a humanidade, não dá visibilidade a outra "fração" da espécie humana e, diante de tantos movimentos de aquisição de poder (*empowerment*) da mulher na sociedade, julgamos que a CRE respondeu de forma adequada e oportuna a este momento.

A mudança na disciplina de ética – de profissional para socioambiental e direitos humanos – também vem responder ao momento recente, que se apresenta bastante desafiador devido ao aquecimento global e à crise climática já instaurada. A *Laudato Si'* havia denunciado os vários fatores da crise e apontado alguns caminhos, mas Francisco faz, sobretudo, um apelo para que a humanidade possa se comprometer e colaborar com a construção sustentável e integral da nossa casa comum. A encíclica data de 2015 e a disciplina na PUC-Rio de 2017, mais uma rápida resposta aos desafios do presente, embora a nomenclatura da disciplina não nos pareça muito adequada. A terminologia *socioambiental* referente à prática ética já inclui a perspectiva dos direitos humanos, pois "não seria verdadeiramente digno do homem um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e promovesse os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos" (LS n. 93). Consideramos a titulação "ética socioambiental e direitos humanos" um tanto inadequada.

2.3.2
A Cultura Religiosa e seu desenvolvimento até a década de 2020

Depois de examinada a formação do setor e o seu desdobramento a partir da teologia do Concílio Vaticano II, faremos agora uma abordagem com base no período de 1970/2020. Partindo do presente, continuaremos a revisitar o passado do setor através da sua produção acadêmica: disciplinas, eventos e publicações. De certa forma, é possível perceber rupturas e continuidades e as inovações que foram realizadas ao longo dessa trajetória.

O setor conta com 23 docentes (referência ano de 2024.1), sendo 17 homens e 6 mulheres – 14 leigos/as, 1 religioso e 8 pessoas do clero; destes 23, 6 docentes com mestrado e 17 com doutorado. É um corpo altamente qualificado teologicamente e atuante dentro e fora da universidade, que intenta oferecer uma

educação que integre a razão, a emoção e a ação, como indicam os pretéritos coordenadores Lúcia Pedrosa de Pádua e Zeca de Mello:

> A CRE busca uma educação que integre: pensamento crítico e esclarecido; abertura à complexidade de cada pessoa, incluindo nessa complexidade a dimensão de transcendência; sensibilização diante de tradições religiosas diversas, em atitude de tolerância e diálogo, e uma atuação solidária, cidadã e propositiva.[94]

2.3.2.1
As disciplinas: etapas de um caminho de formação integral

Como já apontado, a Cultura Religiosa tem, ao longo das décadas, elaborado suas disciplinas em diálogo com o momento histórico. Em 2020, o quadro com as 4 disciplinas explicitadas – O Humano e o Fenômeno Religioso, as Optativas de Cristianismo, Ética Cristã e Ética Socioambiental e Direitos Humanos – completam 12 créditos a serem cumpridos pelos estudantes de todas as graduações. Trata-se de um processo de aprendizado, de um trajeto trilhado pelos universitários que visa a formação integral dos futuros profissionais que irão atuar na sociedade. Calcado no humanismo de seus fundadores, vale relembrar que a verdadeira especialização universitária não pode cair nem no erro do profissionalismo nem no do diletantismo. Formar profissionais comprometidos com os valores cristãos requer tempo, preparação, compromisso com a missão da universidade, rigor acadêmico, qualidade e coerência nos processos e ações.

O processo de formação integral oferecido pela CRE decorre através de quatro etapas/disciplinas, cuja etapa anterior é sempre pré-requisito para a seguinte. Assim, a primeira etapa visa provocar no estudante o interesse para o pensamento crítico sobre o ser humano e o fenômeno religioso (O Humano e o Fenômeno Religioso). A segunda etapa intenciona que o estudante possa identificar o núcleo da mensagem cristã através do diálogo com as diferentes culturas/religiões e com os desafios do momento histórico (Optativas de Cristianismo). Na terceira etapa, a proposta é despertar os universitários para a dimensão ética da existência humana, tendo como eixo a proposta cristã, motivando-os a um compromisso de relações mais saudáveis e justas (Ética Cristã). Por fim, a quarta etapa visa desenvolver um

[94] PEDROSA DE PÁDUA, L; MELLO, Z., Juventude, Religião e Ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio", p. 8.

compromisso ético planetário, estimulando uma conversão socioambiental e o desenvolvimento sustentável (Ética Socioambiental e Direitos Humanos)[95].

Das quatro disciplinas oferecidas, apenas a segunda etapa do trajeto de formação integral oferecido pela PUC-Rio – a disciplina de Cristianismo – possui uma diferenciação das demais, tendo um eixo principal e oferecendo algumas ênfases como optativas. O eixo principal é a disciplina O Cristianismo (código CRE 1127) cujo foco está no evento Jesus Cristo e algumas de suas decorrências históricas. A título de comparação entre as optativas, vale colocar as ementas e registrar seus diferenciais[96].

Quadro 2 – Disciplinas da CRE – optativas de Cristianismo

Disciplina	**Ementa**
O Cristianismo (CRE 1127) **Foco: o evento Jesus de Nazaré e algumas de suas decorrências históricas**	Temas relevantes do cristianismo, em diálogo com os desafios atuais. Noções bíblicas, teológicas e históricas básicas para a compreensão do cristianismo. Jesus de Nazaré: atitudes e ações; vida/morte e ressurreição; seguidores/discípulos. O anúncio do Reino de Deus: mensagens nucleares; o projeto da sociedade justa e fraterna; a centralidade do amor-serviço. Fé cristã e direitos humanos. A Igreja, comunidade dos discípulos, sinal do Reino; a missão profético-evangelizadora. O ecumenismo e o diálogo inter-religioso.
O Cristianismo e as Grandes Religiões (CRE 1112) **Foco: pluralismo religioso**	A diversidade de religiões e do cristianismo na atualidade. O cristianismo e as grandes religiões: patrimônio cultural e ético da humanidade. Fundadores, concepções de Deus, principais linhas doutrinais e éticas. Jesus de Nazaré: mensagens nucleares, atitudes e opções. O significado da vida, morte e ressurreição de Jesus. O diálogo inter-religioso: a postura de Jesus Cristo, da Igreja Apostólica Primitiva e atual

[95] Documento interno sobre a identidade da Cultura Religiosa 2008/2009.
[96] Todas as ementas das disciplinas de Cristianismo (eixo principal e ênfases) estão disponíveis no site da PUC-Rio: https://www.puc-rio.br/ferramentas/ementas/ementa.aspx?cd=CRE0710. Acesso em: 12 set 2023.

	diante do pluralismo religioso. Direitos Humanos e religiões.
O Cristianismo e o Judaísmo (CRE 1115) **Foco: as raízes culturais e religiosas comuns entre judeu e cristãos**	O diálogo entre cristianismo e judaísmo: estudo da documentação básica e outras abordagens. Aprofundamento das raízes judeu-cristãs: aspectos sociais, políticos, geográficos, econômicos e históricos que influenciam este diálogo. Dimensão do diálogo inter-religioso e ecumênico como dever do cristão e do não cristão. Exigência do respeito mútuo, a preservação das identidades, valores e especificidades dos interlocutores. Formação de uma consciência educada na fé do diálogo entre o diferente; respeito aos Direitos Humanos.
Bíblia e Cristianismo (CRE 1116) **Foco: tópicos da revelação bíblica e implicações para a existência**	A Esperança Messiânica e o Reino de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Jesus de Nazaré: a novidade do Reino de Deus, anunciado por palavras e ações, no seu contexto sociorreligioso. A comunidade cristã, povo de Deus: raízes bíblicas, constituição e características. Bíblia através dos séculos e implicações para a existência.
O Cristianismo e o Diálogo com o Mundo Moderno (CRE 1117) **Foco: diálogo entre a Fé Cristã e a cultura contemporânea**	A origem do cristianismo: fundamentos históricos e culturais. Elementos centrais da mensagem cristã: Jesus Cristo e o Reino de Deus. A cultura moderna: processo de formação. Análise do fenômeno pós-moderno. O diálogo entre a fé cristã e a cultura contemporânea: descrição crítica. Os desafios do cristianismo: ateísmo, multiculturalidade, pluralismo cultural e religioso, secularização e ciências. O projeto cristão e as exigências dos Direitos Humanos.
O Cristianismo e os Problemas Sociais (CRE 1118) **Foco: a relação entre fé cristã e**	A origem do cristianismo: fundamentos históricos, culturais e religiosos. Os elementos centrais da mensagem cristã: Jesus Cristo e a centralidade do Reino de Deus. A situação sociocultural,

compromisso social.	política e econômica atual. A evolução histórica do cristianismo em face das questões sociais. A relação entre a fé cristã e o compromisso social. O cristianismo como fator de mobilização social em vista do bem comum: estudo de casos. Fé cristã e Direitos Humanos.

Fonte: elaborado pela autora.

Para facilitar o olhar sinóptico das disciplinas, montamos as ementas das outras etapas em um único quadro, como segue:

Quadro 3 – Disciplinas da CRE

Disciplina	**Ementa**
O Humano e o Fenômeno Religioso (CRE 1100)	Fundamentação antropológica da abertura do ser humano ao transcendente. O fenômeno religioso no contexto atual, interpelações e novos paradigmas. Construção de conceitos fundamentais do fenômeno religioso e estudo crítico dos modelos teóricos de interpretação. Manifestações religiosas históricas e contemporâneas. Pluralismo, tolerância e o necessário diálogo inter-religioso. Os Direitos Humanos na perspectiva das grandes religiões.
Ética Cristã (CRE 1141)	A consciência ética fundada no valor da vida e nos Direitos Humanos. A pessoa humana em todas as suas dimensões: somática, psicoafetiva, social, ecológico-planetária e espiritual. A universalidade da proposta do Reino de Deus, anunciada e inaugurada por Jesus Cristo, como referencial mobilizador da ética: compromisso histórico-práxico nas relações básicas fundamentais do ser humano.
Ética Socioambiental e Direitos Humanos (CRE 1175)	A crise socioambiental contemporânea. Fundamentos antropológicos, históricos, filosóficos e teológicos da ética socioambiental e dos Direitos Humanos. A contribuição da perspectiva cristã para o discernimento

	crítico e a construção de uma nova sociedade sustentável, justa e inclusiva. Os Direitos Humanos e o Estado Democrático de Direito. Diálogo interdisciplinar e Direitos Humanos. A Igreja Católica e suas contribuições aos Direitos Humanos. Movimentos eclesiais e Direitos Humanos: identidade, diálogo e profetismo hoje.

Fonte: elaborado pela autora.

A título de finalização do tópico, vale informar que muitos docentes lecionam em diversas etapas da formação integral e não é raro que estudantes cursem mais de uma matéria da CRE com o mesmo professor/a. A mesma equipe de professores que lecionam na modalidade presencial também atua na modalidade EAD e todas as disciplinas da CRE estão formatadas no sistema online da PUC-Rio.

2.3.2.2
A Semana da Cultura Religiosa: antes e depois do século XXI

Nem só de disciplinas "vive" a CRE, mas de toda possibilidade/oportunidade para a humanização na universidade. Assim sendo, no ano 2009, o setor retoma um projeto que se tornou bem-sucedido e que ficou "adormecido"[97] por 17 anos: A Semana da Cultura Religiosa. A edição de retorno teve o tema "Profetas da Esperança: construindo caminhos de lucidez e de transformação".

A "primeiríssima" edição do evento chamou-se I Semana Cultural da CRE e se realizou de 7 a 10 de outubro de 1991 no auditório do Datacentro, tendo como lema "PUC Viva!" escolhido pelos alunos dos cursos de Cultura Religiosa. O lema queria celebrar a presença viva da Cultura Religiosa na universidade, sociedade e no mundo[98]. Na década de 1990 foram realizadas três Semanas da CRE, mas encontramos poucos registros. Pelo acervo disponível na PUC (Projeto Comunicar e Núcleo de Memória), a segunda edição se realizou entre os dias 21 e 24 de setembro de 1992 e teve o objetivo de integrar a comunidade e refletir sobre os

[97] PEDROSA DE PÁDUA, L., A cultura religiosa (CRE) na atualidade. Construindo caminhos de transformação.
[98] JORNAL DA PUC, Ano IV, n. 38, outubro de 1991.

valores da universidade[99]. Esta edição enfatizou sobremodo a dimensão cultural e refletiu sobre ética e religiosidade através de debates e mesas de palestras. A programação do evento, além de shows de bandas de rock, contou com o lançamento da revista *CREatividade* que foi celebrado com fogos de artifício e apresentação da Banda dos Fuzileiros Navais da Orquestra Sinfônica Pró-Música do Rio de Janeiro. A III Semana da CRE foi realizada em setembro de 1994, mas o único registro encontrado não especifica qual o tema, aborda sobre o convite do setor da CRE ao escultor/artista santeiro pernambucano Joaquim José da Silva, cujas peças/obras foram expostas no Pilotis do Kennedy[100].

Nas últimas edições (2009 até 2020), a semana da CRE caracterizou-se por ser um evento interdisciplinar que congrega boa parte do corpo docente do Departamento de Teologia com o propósito de refletir sobre questões relevantes da contemporaneidade à luz da fé cristã, partindo do diálogo com as outras ciências da academia e com as experiências religiosas e multiculturais. Durante uma semana no mês de setembro[101], os estudantes da CRE têm as salas de aula "transferidas" para os encontros, palestras e atividades propostas pela Semana da Cultura Religiosa. É uma oportunidade para a troca de saberes, para a expressão de artes e de trabalhos dos discentes das disciplinas. É, igualmente, uma ocasião para ouvir professores de outras universidades, pessoas que partilham suas experiências distintas e de valor, e também é momento adequado para promover uma "cultura do encontro" como propõe o papa Francisco – no encerramento, celebra-se a paz e o transcendente por meio de uma celebração inter-religiosa.

A Semana da CRE é o evento que dá maior visibilidade ao setor dentro do campus. Em levantamento feito aos arquivos digitais do Jornal da PUC e do PUC Urgente, pôde-se constatar a cobertura do evento através de notas, matérias e entrevistas e trata-se, sem dúvida, de um "episódio" de sucesso na história da CRE. Na edição de 2018, a Semana da CRE contou com a exposição "O Sagrado Primitivo" do artista Geraldo Lacerdine. A coleção de vinte e cinco obras estiveram expostas no Centro Pastoral Anchieta / Salão Dom Luciano Mendes e depois foram expostas no Museu Arquidiocesano de Arte Sacra do Rio de Janeiro. Abaixo, listamos os temas das novas edições já no século XXI:

---

[99] JORNAL DA PUC, Ano V, n. 43, agosto de 1992.
[100] JORNAL DA PUC, Ano VIII, n. 56, outubro de 1994.
[101] Algumas poucas edições do evento foram realizadas em outros espaços dentro do campus.

Quadro 4 – Temas das Semanas da CRE

TEMA	ANO	LOCAIS
Profetas da Esperança: construindo caminhos de lucidez e de transformação	2009 (I)	Centro Pastoral Anchieta
Ecologia, Religiões e Vida: "Admirar, Cuidar e Transformar"	2010 (II)	Centro Pastoral Anchieta
Novos olhares sobre a ciência e a fé	2011 (III)	Centro Pastoral Anchieta
Ética, cadê você?	2012 (IV)	Centro Pastoral Anchieta
Juventude: dons e talentos. Inteligência, fé e esperança a serviço da transformação do mundo	2013 (V)	Espaço Cultural e Esportivo Pe. Ormindo Viveiro de Castro
Religiões e Direitos Humanos. A paz é fruto da justiça	2014 (VI)	Centro Pastoral Anchieta
A Cultura Religiosa da PUC-Rio e as Políticas Públicas do Rio de Janeiro: paz e esperança se abraçarão	2015 (VII)	Centro Pastoral Anchieta
Ética Socioambiental e Direitos Humanos: o cuidado com a casa comum é nossa responsabilidade	2016 (VIII)	Centro Pastoral Anchieta
300 anos do encontro da imagem de Aparecida: memória, diálogos e desafios	2017 (IX)	Centro Pastoral Anchieta
Sementes do saber, sabor e sabedoria	2018 (X)	Centro Pastoral Anchieta
Não teve evento	2019	
A Economia de Francisco – por nossa irmã e mãe Terra, louvado sejas!	2020 (XI)	Quarentena - via ZOOM
Solidariedade – caminho para o bem comum	2021 (XII)	Quarentena - via ZOOM
Cidadania Plena: democracia, justiça, direitos e deveres	2022 (XIII)	Quarentena - via ZOOM
Liberdade: caminhos de encontros e desencontros	2023 (XIV)	Híbrido – Auditório IAG

Fonte: elaborado pela autora.

As edições "pandêmicas" (2020 / 2021 / 2022) não foram realizadas no campus, a transmissão foi realizada pelo aplicativo Zoom e disponibilizada nos canais do Departamento de Teologia – Youtube, Instagram e Facebook. Este fato proporcionou maior alcance ao evento, pois muitos dos profissionais e professores convidados puderam viabilizar a *live* para seus grupos de pesquisa e estudo, levando a Semana da CRE para o conhecimento de muitas pessoas além dos muros da PUC-Rio. Na edição de 2021, foi realizada a primeira sessão de comunicações para alunos da graduação e pós-graduação.

2.3.2.3
A revista *CREatividade*: do impresso ao digital

Assim como a Semana da Cultura Religiosa, a revista *CREatividade*[102] também teve seu projeto retomado no século XXI; agora na versão digital. A publicação continua com os mesmos objetivos anteriores: ser espaço de diálogo entre a fé cristã e as culturas e fornecer suporte pedagógico para as disciplinas e salas de aula da CRE.

A primeira edição da nova versão digital foi em 2013.2 e, para manter a tradição, o lançamento foi na V Semana da CRE. De periodicidade semestral, *CREatividade* reúne artigos de professores e abre espaço para trabalhos e textos dos estudantes. Fiel à proposta primeva, a revista dispõe-se ao debate de temas relevantes da teologia, da ética, do cotidiano e da contemporaneidade, entre outros. Até o primeiro semestre de 2022 a coleção já tem 16 edições e 153 textos, entre artigos, editoriais e resenhas.

Além da proposta inicial, a revista *CREatividade* também agregou em suas páginas algumas apresentações que foram desenvolvidas a partir da Semana da CRE, proporcionando a quem não pôde estar presente no evento acessar alguns textos das apresentações e reflexões realizadas. Com esse perfil, foram 3 edições: 2016.1 – Políticas Públicas do Rio de Janeiro: paz e esperança se abraçarão; 2021.1 – A Economia de Francisco: por nossa irmã e mãe Terra, louvado sejas!; 2022.1 – Solidariedade – caminhos para o bem comum. Como a Semana da CRE se realiza no segundo semestre, as edições referentes ao evento são as do primeiro semestre

[102] *CREatividade*. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_cre.php. Acesso em: 12 jun 2023.

do ano subsequente. Esta interação Semana-Revista é interessante pelo que já apontamos, e porque desenvolve certa organicidade dentro do setor e gera maior integração entre os projetos que se realizam de forma independente, mas que estão associados ao corpo das "produções" da Cultura Religiosa.

Especificamente, a versão digital tem maior possibilidade de trabalho com as turmas do que propriamente a versão impressa. É extremamente fácil para os estudantes – nativos digitais – terem acesso aos artigos na própria sala de aula através de seus celulares. O fato de ser digital também proporciona maior agilidade para o trabalho de sala entre os membros de um grupo, sem contar que tem menor custo de produção e é mais sustentável.

2.3.2.4
Publicações e pesquisa

Neste tópico, vamos abordar os três livros lançados com a chancela da Cultura Religiosa e as duas pesquisas que foram realizadas com os estudantes da universidade. Vale ressaltar que o fortalecimento da produção acadêmica constava como uma das metas do "Relatório do biênio 2007-2008"[103] para as próximas décadas do setor. Se a Semana da Cultura Religiosa e a revista *CREatividade* foram projetos "ressuscitados" da década de 1990, os livros e as pesquisas representam uma novidade na CRE. Neste sentido, construiu-se um novo trajeto acadêmico, que veio a se constituir num relevante trabalho para a universidade.

No período de 2005-2006, a coordenação da CRE encomendou ao CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – uma pesquisa sobre o perfil dos estudantes da PUC-Rio. Entre as muitas razões para essa realização, movia o desejo de conhecer melhor os estudantes para aprimorar o diálogo e a interação, aperfeiçoar os procedimentos didático-pedagógicos e projetar o devir do setor[104]. O relatório, as análises e as reflexões que a pesquisa gerou foram publicados em 2010 no livro *Juventude, religião e ética. Reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio"*[105]. Em 2010, também foi publicada a primeira

[103] Documento interno, março 2009.
[104] PEDROSA DE PÁDUA, L.; MELLO, Z., Juventude, religião e ética, p. 8.
[105] PEDROSA DE PÁDUA, L.; MELLO, Z., Juventude, religião e ética.

edição de *O Humano e o Fenômeno Religioso*, da professora Lúcia Pedrosa de Pádua[106].

Em 2018, a direção do Departamento de Teologia e a coordenação da Cultura Religiosa decidiram realizar uma nova pesquisa – com a mesma matriz de questionário, em modelo virtual - para poder verificar as variações e mudanças no perfil da juventude. Nessa segunda edição, a CRE construiu uma parceria com o Departamento de Ciências Sociais. O livro derivado desta pesquisa foi publicado em 2020: *Perfil da juventude na PUC-Rio. Reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018*[107].

Além das publicações referentes às pesquisas, a Cultura Religiosa publicou um livro em comemoração aos 50 anos da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín e da X edição da Semana da CRE. Os artigos foram selecionados pela editoria da revista *CREatividade* e dispostos de forma a contemplar, na edição do livro, as quatro disciplinas do setor. *Cultura Religiosa, Diálogos* foi publicado em 2018[108]. Todos os livros foram publicados pela Editora PUC-Rio e cumpriram a meta de intensificar a produção dos docentes do setor.

Com relação à aplicação da pesquisa aos estudantes, sua execução sistemática faz-se de muita coerência com a proposta do papa Francisco de escutar a juventude. Percebe-se que a segunda pesquisa e publicação foram realizadas em um menor tempo em relação à primeira edição. Isso foi possível porque a informatização proporcionou maior rapidez na coleta, configuração e análise dos dados. Neste sentido, talvez fosse pertinente que a CRE pudesse realizar pesquisas num intervalo de 7 anos. As mudanças e os fluxos na contemporaneidade se processam de forma muito rápida, a coleta de dados com menor intervalo de tempo proporciona um acompanhamento melhor da juventude do campus – seus desejos, sonhos, espiritualidade, perfil socioeconômico (enfim, é apenas uma proposição a ser pensada para os próximos anos).

---

[106] PEDROSA DE PÁDUA, L., O humano e o fenômeno religioso.
[107] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Perfil da juventude na PUC-Rio: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018.
[108] CAMPOS, M. B.; SUCUPIRA, J. A. S. L.; BELOCCHIO, J. G. M.; COSTA, R. F., Cultura Religiosa. Diálogos.

2.3.2.5
Eventos e eventualidades

Durante a pesquisa sobre a memória do setor, as mídias da universidade e a tecnologia da era digital foram bem úteis. Ao acessá-las, foi possível viajar no tempo através das imagens e visitar a história, sendo oportuno descobrir coisas novas, como, por exemplo, que na Semana da CRE de 1992 foram organizados dois shows com nove bandas dos estudantes da PUC – um show às 15h e outro às 18h. Dentre as bandas, nomes como *Dogma de Fé*, *Os Caetanos*, *Família Roitman*, *Fujão*, *Celophane*, entre outras[109]. A Semana tinha um perfil bem cultural e esse *sentir* artístico – tanto da música quanto das exposições de obras – estava entrelaçado à dimensão da reflexão da fé. Fé e cultura se amalgamando no evento.

A década de 1980 foi o período de consolidação do modelo de disciplinas que perdura até hoje. Foi uma etapa em que a CRE se estruturou e iniciou o bem-sucedido projeto para a qualificação de seus docentes promovido pelo diretor do Departamento de Teologia da época, Padre Jesus Hortal[110]. A CRE estava sob a coordenação de Luiz Cesar Tardin e, em sua gestão, o setor desenvolveu variadas atividades.

Uma atividade que vigorou nas décadas de 1980 e 1990 foram os estágios sociais, que estavam incorporados à extensão universitária. O programa foi desenvolvido pela coordenação da CRE juntamente com a Coordenação de Estágios Profissionais. O projeto estava inserido na disciplina de ética profissional e visava desenvolver a responsabilidade social. Os estudantes atuavam em dois polos de trabalho: um em Acari e Senador Camará, regiões periféricas do Rio de Janeiro e outro nos morros Borel, na Tijuca, e Turano, no Cachambi. Os universitários exercitavam sua *criatividade* aliada ao compromisso ético e desenvolviam atividades variadas, como montar, com os moradores locais, peças de teatro cujos temas mostravam a sua realidade social, ou construir brinquedos a partir de sucatas[111].

Tardin também organizava e promovia encontros na Casa XVIII da Vila dos Diretórios – que na época era destinada ao trabalho da Pastoral Universitária – cujo

[109] JORNAL DA PUC, n. 44, ano V, setembro-outubro 1992.
[110] HORTAL, J., Seis anos de avanços e retrocessos, p. 215.
[111] JORNAL da PUC, n. 67, ano X, junho de 1996.

tema era “O relacionamento dos alunos com os colegas, com a Universidade e com a sociedade”. Realizava-se uma parceria com a Pastoral que foi bem avaliada pelo vice-reitor Comunitário do período, padre Chacon[112]. Na visão do então coordenador, Luiz Cesar Tardin, a universidade não pode ser fornecedora unilateral de informações, faz-se necessário haver troca de ideias, experiências, vivências e ele considerava que as matérias da CRE são “ouvido da universidade e voz dos estudantes por atenderem a todos os cursos”[113]. Pode-se perceber que esta percepção da necessidade de ouvir os estudantes, que mais recentemente se manifestou através das pesquisas em 2006 e 2018, já estava presente no decurso da história do setor, sobretudo após a estruturação curricular de 1982.

A virada para os anos 2000 foi igualmente dinâmica para o setor e uma nova sala foi destinada à CRE em 2004 – a 361 do Prédio Cardeal Leme que permanece até 2024.1. Analisando a entrada no milênio, observamos que a Cultura Religiosa se tornou mais “robusta”, como podemos constatar na realização de todas as produções já descritas e que foram desenvolvidas após o ano 2000.

Algumas iniciativas tiveram edições esporádicas, como o Café Teológico em parceria com a Pastoral. Em 2007, contou com o tema “Criação em 7 dias ou Big-Bang”, teve a participação da profª Tereza Cavalcanti e do prof. Paul Schweitzer; o Café Teológico de Natal (parceria também com a ONG SBS), contou com o prof. Alfonso García Rubio. Em 2008 o tema foi “Identidade e Missão da PUC”, com o vice-reitor de Desenvolvimento, padre Francisco Ivern, no evento Café de Natal[114].

No ano de 2009, houve outra edição do Café Teológico[115] e foi realizado o evento “Cinema e tolerância religiosa: uma reflexão contemporânea” com exibição de três filmes: *Aro*, *Santo Forte* e *Santa Cruz*. Observamos que, ao longo desses anos, a dimensão “religiosa” foi mais enfatizada que a dimensão “cultural”, e avaliamos que as décadas de 80 e 90 foram um pouco menos tímidas em relação à cultura do que as que vieram após a virada do século XXI. Nesse sentido, consideramos que seria proveitoso que houvesse um diálogo mais profundo e sistemático entre cinema e religião/fé/espiritualidade. Há inúmeros filmes, documentários, curtas e animações que transitam por estes temas e levam à reflexão

[112] JORNAL da PUC, n. 22, ano III, dezembro de 1989.
[113] JORNAL da PUC, n. 12, ano II, dezembro de 1988.
[114] PEDROSA DE PÁDUA, L., Cultura Religiosa. Relatório do Biênio 2007-2008.
[115] JORNAL DA PUC, Último Café Teológico do ano celebrou o amor e a alegria.

e conscientização de várias questões sociais, políticas e espirituais que estão amalgamadas em nossa existência, como é o caso da peça e filme *O auto da compadecida*, texto de Adriano Suassuna[116].

Nessa categorização de eventos e eventualidades, também encontramos nos arquivos da Rádio PUC, no ano de 2018, o ciclo de palestras e debates sobre encarceramento feminino promovido pela CRE em parceria com a RESPUC e alunos do Departamento de Direito[117]. Em 2020 realizou-se uma aula aberta de Cultura Religiosa com o tema "Francisco de Assis e o Sultão Malek-Al-Kamil. O que aprendemos, 800 anos depois deste encontro?" que contou com os convidados sheikh Jihad Hammadeh, frei Sandro Roberto da Costa e diácono Nelson Águia[118].

Em 2022 foi realizada a *live* "A faculdade eclesiástica e a Cultura Religiosa: a missão, o valor e os desafios das quatro disciplinas"[119], que apresentou a história, a proposta do setor e os projetos desenvolvidos.

2.3.2.6
A experiência EAD

Neste item de apresentação e história da Cultura Religiosa, abordaremos os cursos desenvolvidos no sistema de ensino a distância – uma experiência bem sucedida que foi sendo implementada paulatinamente. O início se deu em parceria com o Departamento de História no curso de *Licenciatura em História a Distância*, iniciado em 2006 com desdobramentos em 2007 e 2008[120].

A disciplina O Humano e o Fenômeno Religioso foi a primeira a ser implementada no sistema a distância (2010) e a última foi Cristianismo (2021); o curso de Ética Cristã foi efetivado em 2019, e o de Ética Socioambiental e Direitos Humanos em 2020. Observa-se que a implementação não foi realizada de acordo com a sequência da formação curricular; a disciplina de Cristianismo é a segunda na formação e foi disponibilizada onze anos depois a primeira, O Humano e o Fenômeno Religioso.

---

[116] Reflexão sobre a obra *O auto da Compadecida*. COSTA, J. N., As questões teológicas presentes na "Compadecida", da obra de Ariano Suassuna.
[117] RÁDIO PUC-RIO, Encarceramento feminino dobrou nos 15 primeiros anos do século no Brasil.
[118] RADIO/SITE PUC. Encarceramento feminino dobrou nos 15 primeiros anos do século no Brasil.
[119] Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLzJwqbX1k38k31-q5XcDd_a-wsZjPdyFq. Acesso em: 15 jul 2023.
[120] PEDROSA DE PÁDUA, L., Cultura Religiosa. Relatório do Biênio 2007-2008.

Em uma década, a CRE conseguiu implantar todas as suas disciplinas no sistema EAD – seguindo a orientação da Coordenação Central de Graduação e obedecendo critérios de turmas de tamanho análogo ao presencial – e também realizou atualizações. Pode-se dizer que o curso de O Humano e o Fenômeno Religioso está na versão 2.1 – um primeiro curso foi estabelecido em 2010 (versão 1.0), depois um novo curso em 2018 (versão 2.0) e em 2021 uma complementação/atualização (versão 2.1). O curso de Ética Cristã também passou por uma atualização em 2021 e está na versão 1.1.

Neste processo, o desenvolvimento é realizado juntamente com o CCEAD – Coordenação Central de Ensino a Distância – que responde pela tecnologia e suporte dos projetos educacionais a distância, por elaborar o design da página do curso, entre outras funções dentro do ambiente de aprendizado *on-line.* Os cursos são elaborados pelos professores da Cultura Religiosa e a equipe do CCEAD transforma-os em imagens, vídeos, sons e cores. Nesse período de dez anos, os recursos da informática foram expandidos e pode-se dizer que, entre as versões 1 e 2 do curso de O Humano e o Fenômeno Religioso, a maior mudança foi na ampliação da possibilidade de exposição do conteúdo no ambiente de ensino a distância, gerando mais dinamicidade, interação e organicidade. O design para leitura e apreensão do conteúdo ficou mais agradável, gerando uma melhor experiência para o estudante.

O CCEAD aplica uma pesquisa com os estudantes para avaliar diversas questões, tais como a experiência com educação a distância, os dispositivos utilizados para acessar o ambiente, o serviço de apoio ao usuário, a experiência de estudo das aulas, o conteúdo, as atividades, a atuação do professor e a taxa de evasão. A pesquisa é um bom termômetro para verificar a relação que as disciplinas estabelecem com os estudantes.

Os cursos – mesmo estando bem estruturados – perseveram no desenvolvimento, seja em relação à mudança nos exercícios e práticas, seja na contínua verificação dos conteúdos e avaliações. É relevante observar que na experiência EAD os conteúdos das disciplinas de 2 (as Éticas) e 4 (O Humano e Cristianismo) créditos não estão harmonizados; todas as disciplinas – de 2 e de 4 créditos – mantêm o mesmo número de páginas: média de 10 páginas por semana e a mesma dinâmica de exercícios semanais. Há que se repensar a dinâmica semana-

exercício[121] para uma melhor adequação dos créditos, tanto para os estudos dos discentes quanto para a correção e tempo dos professores. Assim, no aperfeiçoamento do curso, será proveitoso ponderar e refletir sobre esta questão.

2.3.2.7
As teologias do Departamento de Teologia: graduação e CRE

Depois de abordarmos a história e o desenvolvimento do setor de Cultura Religiosa ao longo de pouco mais de cinquenta anos, propomos, neste momento, refletir sobre a teologia que é ministrada pela CRE e relacioná-la com a teologia da faculdade de graduação. Realizamos este comparativo com o propósito de esclarecer as diferenças e dependências, as compatibilidades, a práxis teológica de cada instância.

No ato de criação do Departamento de Teologia, foi estabelecida uma partição não só de setor, mas também de teologias: a teologia ministrada nas salas de aula da graduação e a teologia ministrada nas salas de aula da CRE. Como pudemos constatar pela história, no início das Faculdades Católicas, as disciplinas obrigatórias de formação teológica oferecidas aos cursos eram as disciplinas que posteriormente foram fazer parte do currículo da graduação em teologia. Pode-se dizer que ocorreu um *deslocamento* das disciplinas – antes obrigatórias para todos os cursos – para a faculdade de teologia; e novas disciplinas – com a leitura do Vaticano II – são oferecidas na formação das demais faculdades. Uma ressalva a fazer: a teologia da graduação também *procede* da renovação realizada pelo Concílio Vaticano II. Houve um *deslocamento* das matérias que eram oferecidas a todos os estudantes antes do período conciliar, mas isso não significou que essas disciplinas não sofreram mudanças conforme a leitura do referido concílio. O *deslocamento* para a faculdade só confirma a nossa tese de que há, de fato, duas formas de realizar a teologia na universidade.

[121] A prática desenvolvida na experiência EAD da CRE está calcada na abertura de uma aula por semana e de um exercício referente a essa aula semanal (geralmente utilizando o recurso de fórum). Esta dinâmica semana-exercício foi desenvolvida pela coordenação da CRE em 2010 para a disciplina de *O Humano e o Fenômeno Religioso* que possui 4 créditos e foi estabelecida para as demais disciplinas, inclusive para as de 2 créditos. Se o conteúdo de todas as aulas das quatro disciplinas tem uma média de 10 páginas – atualização realizada em 2021/2022 – e um exercício semanal, então temos o mesmo padrão semana-exercício para todas as disciplinas EAD da CRE, ainda que as disciplinas tenham número de créditos diferentes. No modelo 2022, pode-se dizer que as disciplinas de 2 créditos seguem igualmente o padrão de 4 créditos.

O setor de Cultura Religiosa é uma instância *sui generis* na universidade, está situado no Departamento de Teologia, mas não ministra aula de teologia para os estudantes de teologia e sim aos demais estudantes de outros departamentos. A teologia lecionada pela CRE é distinta da teologia que se estuda na graduação e isso não ocorre unicamente pelo diferencial de conteúdo oferecido pelas matérias, mas também pela singularidade de objetivos, de territorialidade e de público.

A teologia da faculdade tem preferencialmente o acento na dimensão *ad intra*, ou seja, está mais voltada para o entendimento e aprofundamento da fé e da doutrina católica, para a compreensão dos tratados teológicos, para o discernimento em relação aos textos da Sagrada Escritura, para apreender a relação entre a Revelação e o Magistério da Igreja, enfim, está relacionada com a vida e a profissão de fé dos cristãos. Já a teologia ministrada no setor de Cultura Religiosa tem a maior ênfase na dimensão *ad extra*, tem acento no diálogo com a alteridade, com as culturas e com os diversos grupos sociais – crentes e não crentes – que fazem parte do universo dos universitários. Não se pretende afirmar nenhum dualismo ou reducionismo nas teologias, apenas realçar as diferenças. Pode-se entender as diferentes teologias como as duas faces de uma mesma moeda.

A teologia da faculdade de graduação é voltada para a formação de teólogos, religiosos, padres, leigos e leigas, pastores e professores do setor de Cultura Religiosa. Está no seu *habitat natural*, no lugar do estudo e da pesquisa teológica. Por mais heterogênea que possa ser uma sala da faculdade de teologia – homens, mulheres, jovens, 60+, brancos, negros, pastoras, padres, heteros e homossexuais, entre outros – as disciplinas ministradas estão inseridas no objetivo principal do curso: formar teólogos e teólogas.

A teologia da CRE é voltada para todos os outros cursos e estudantes – Comunicação, Direito, Relações Internacionais, Design, Engenharia, Informática e demais cursos – e propõe compor e proporcionar uma formação integral humanística, conforme os princípios da fundação da PUC-Rio. Vale reafirmar que a formação teológica e cultural visa evitar os tais dois *pecados* da educação moderna, como apontou Alceu Amoroso Lima: o diletantismo e o profissionalismo.

O grupo de professores do setor da CRE ministra aulas também para grupos heterogêneos – ainda mais heterogêneos que os grupos formados na graduação de teologia –, pois nas aulas da CRE encontram-se estudantes das diversas áreas do conhecimento, cujas matérias teológicas muitas vezes são vistas como anômalas

aos cursos profissionais. Muitos alunos ou professores de outras áreas acadêmicas podem pensar "o que uma matéria de teologia pode acrescentar a um futuro advogado ou a uma futura profissional de Relações Internacionais?" A pergunta pela importância da teologia numa universidade da Idade Média jamais seria questionada, entretanto no século XXI parece necessária a publicação de um livro/coleção com o título "Teologia para quê"[122].

Ainda que o entendimento sobre a religião/espiritualidade no século XXI seja mais tolerante que nos dois séculos anteriores[123], parece que o lugar da teologia ainda necessita de justificação acadêmica e/ou pública. A crítica realizada pelos "mestres da suspeita" no século XIX ainda reverbera nos séculos posteriores. Contudo, a despeito de toda influência que o pensamento moderno (ainda) opera nas subjetividades, é possível encontrar relatos de situações transformadoras na pedagogia e trabalho de sala de aula da Cultura Religiosa. Reproduzimos aqui um e-mail recebido por um dos professores da Cultura Religiosa que talvez ajude a esclarecer um pouco mais esta questão e diferenciação.

> Caro Professor Ávila[124]
> *Meu nome é Teresa eu fui sua aluna de Humano e o Fenômeno Religioso na PUC-Rio em 2013, durante minha graduação em Relações Internacionais.*
> O motivo desse e-mail é que há alguns dias parei para pensar na minha trajetória e tentei lembrar os pontos que me fizeram chegar até aqui. Eu me considerava uma pessoa aberta, mas a verdade é que eu tinha uma série de preconceitos que nunca me permitiriam fazer o trabalho que eu faço hoje.
> *Durante o seu curso fizemos um trabalho sobre o Islã, no qual realizamos uma visita à Mesquita da Luz, na Tijuca. Foi a primeira vez que eu – judia ortodoxa – tive contato com muçulmanos e foi uma experiência que me fez abrir muito a cabeça e dissolveu muitos medos e preconceitos.*
> Depois de quebrar o "tabu" de conhecer muçulmanos, me interessei mais pelo assunto e passei a participar da JIRJ (Juventude Inter-religiosa do Rio de Janeiro), um grupo de judeus, cristãos e muçulmanos que se encontrava todo mês e também organizava eventos e palestras. *Há alguns anos me mudei para Israel, onde fiz o meu mestrado em Resolução de Conflitos e hoje trabalho em uma ONG de Diálogo Inter-religioso chamada Interfaith Encounter Association. É uma ONG que acredita que através de identidades religiosas é possível se abrir para o diferente e encontrar pontos de contato que destroem barreiras criadas por preconceitos e pela realidade do conflito árabe-israelense.* Temos diversos grupos – inclusive grupos de estudo conjunto de judeus e cristãos sobre o Novo Testamento, bem como grupos de líderes religiosos judeus, muçulmanos, cristãos e druzos.
> Como eu mencionei, *há alguns dias me passou pela cabeça como foi que eu cheguei até aqui, uma pessoa com uma perspectiva totalmente diferente de anos atrás, que*

[122] ALMEIDA, E. F.; LONGUINI NETO, L., Teologia para quê.
[123] Abordaremos esta questão no próximo capítulo quando analisaremos algumas dimensões e situações vividas no século XXI.
[124] Os nomes do professor e da aluna são fictícios.

> *nunca pensaria em trabalhar com diálogo inter-religioso e não necessariamente via algum valor nisso. Fui voltando no tempo e lembrei da visita à Mesquita, da sua aula, a sua postura acolhedora e tolerante – que por si só já colocou abaixo meu preconceito sobre as matérias de cultura religiosa.* Acho que a gente nunca sabe exatamente onde começa uma ideia e termina outra, mas com certeza aqui se aplica a máxima do Pequeno Príncipe: *a gente é sempre responsável por aquilo que cativa. Gostaria de agradecer ao senhor e compartilhar essa trajetória que também é um pouco sua.*
> Espero que esteja tudo bem com o senhor e que continue cativando outros alunos – nesses tempos conturbados me parece essencial que existam professores como o senhor.
> Tudo de bom...[125]

A experiência narrada no e-mail demonstra a grande capacidade de diálogo da disciplina (e do professor) com as diferentes crenças e tradições religiosas e culturais. Uma disciplina-encontro, para fundamentar uma cultura do encontro[126]. Também é pertinente realçar a dedicação e entrega da aluna à disciplina que lhe proporcionou uma *vivência* rica de significados e afetos. O fato de uma aluna judia visitar uma mesquita no Rio de Janeiro para um trabalho curricular foi uma oportunidade para que ela desenvolvesse um novo olhar sobre os conflitos entre as comunidades judaica e muçulmana. Como ela mesma disse, foi uma experiência que dissolveu medos e preconceitos. Além dessa profunda libertação pessoal, a sua vivência acabou por levá-la a dedicar-se à área do diálogo inter-religioso, se aprofundando num mestrado de Resolução de Conflitos e trabalhando como mediadora de conflitos árabe-israelenses. E ao refazer sua trajetória profissional, identificou a semente que havia sido plantada há sete anos nas aulas de O Humano e o Fenômeno Religioso, entre 2013 e 2019. Voltamos à pergunta que nos levou a esta reflexão: afinal, o que uma matéria de teologia pode acrescentar a um futuro advogado ou a uma futura profissional de Relações Internacionais? A resposta mais adequada seria dizer que depende da teologia que será lecionada.

A teologia ministrada pela graduação não é direcionada à formação geral dos estudantes e nem aos demais cursos da universidade, vejamos esta diferença através da ementa da disciplina de Teologia Fundamental (código TEO 1241) que era

[125] E-mail enviado ao professor em dezembro de 2019.
[126] A cultura do encontro é um dos conceitos chaves do magistério de Francisco e será abordada no capítulo 3 da pesquisa.

ministrada obrigatoriamente aos demais cursos antes da criação do Departamento de Teologia[127] :

> Revelação e fé: fundamentos da Teologia; da apologética à teologia fundamental; o ponto de partida antropocêntrico: o ser humano, ouvinte da Palavra; a Escritura fonte da Revelação; a tradição e o magistério da igreja; a fé, seus condicionamentos e implicações.[128]

Podemos perceber a diferença em relação às ementas da CRE, que estão mais voltadas para a explicitação da relação entre a fé, a ética e a cidadania. Contudo, não significa que a teologia da faculdade não promova uma reflexão sobre o ecumenismo, sobre o diálogo inter-religioso, ou sobre os pontos e proposições pertinentes à dimensão *ad extra* – mais uma vez negando um dualismo – apenas tem outro objetivo, outro público/comunidade e outra práxis teológica. Não pretendemos aprofundar a pesquisa sobre a teologia lecionada pela graduação em teologia, a comparação é pertinente para evidenciar as diferenças que, de alguma forma, constroem as particularidades e fazem parte da identidade do setor de Cultura Religiosa. Neste sentido, observamos que se a disciplina de Teologia Fundamental fosse oferecida aos demais estudantes, poderia ser considerada como uma atitude/pedagogia proselitista e não dialogal.

É preciso ressaltar que há uma *intrínseca intimidade* entre as duas teologias do departamento. A formação oferecida na graduação e na pós foi e é fundamental para o desenvolvimento do setor da CRE, basta constatar que a maioria dos professores e professoras que lecionam na Cultura Religiosa foram formados pela teologia da PUC-Rio. No período de 2024.1, dos 23 docentes do setor, apenas 2 não "passaram" pela formação da PUC-Rio – seja pela graduação ou pós. Esse vínculo fortalece a coesão institucional do departamento, alimentando uma identidade teológica singular e perpetuando uma tradição de ensino e pesquisa que se consolida ao longo das décadas.

Dessa forma, sucede-se uma continuidade acadêmica que proporciona a renovação do corpo docente, ao mesmo tempo em que preserva os valores e as diretrizes que orientam o departamento. A interdependência entre a

---

[127] Vale ressaltar que, embora a disciplina tenha mantido a mesma nomenclatura pré-conciliar, seu conteúdo foi atualizado conforme a doutrina do Vaticano II.

[128] Site PUC-Rio. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ferramentas/ementas/ementa.aspx?cd=TEO1241. Acesso em: 25 jul 2023.

formação/graduação/pós em Teologia e o setor de Cultura Religiosa reflete, portanto, não apenas uma questão estrutural, mas também uma sinergia epistemológica, em que a pesquisa teológica permeia o ensino das disciplinas de Cultura Religiosa com rigor teórico e metodológico.

Nossa intenção com esta reflexão é marcar a diferenciação entre as teologias e preparar o *território* para a abordagem que faremos sobre a teologia praticada pelo setor da CRE nos próximos capítulos: uma teologia na (de) fronteira, no entrelugar acadêmico. Entendemos que as teologias aqui explicitadas são como as faces de uma moeda, contudo as faces são diferentes, o que nos leva a refletir e finalizar este item com a poesia *A Verdade Dividida* de Carlos Drummond de Andrade.

> A porta da verdade estava aberta, / mas só deixava passar / meia pessoa de cada vez. / Assim não era possível atingir toda a verdade, / porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade. / E sua segunda metade / voltava igualmente com meio perfil. / E os dois meios perfis não coincidiam. / Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. / Chegaram a um lugar luminoso / onde a verdade esplendia seus fogos. / Era dividida em duas metades, / diferentes uma da outra. / Chegou-se a discutir qual a metade mais bela./ As duas eram totalmente belas. / Mas carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.[129]

2.4
Conclusão do capítulo 2

Nossa proposta neste segundo capítulo foi contar uma história, fazer memória e confirmar o caminho da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Cultura Religiosa confrontando com o documento mais importante para as universidades católicas, a *Ex Corde Ecclesiae*. Observando a cronologia, constata-se que a constituição foi promulgada muito posteriormente à fundação da PUC-Rio e a reforma de 1968 que criou o Departamento de Teologia no qual se insere o setor de Cultura Religiosa, contudo, os princípios e os valores que devem reger as "católicas" já estavam presentes desde a gênese como Faculdades Católicas.

Para visitar a história e a memória do Departamento de Teologia, especialmente do setor de Cultura Religiosa, fomos buscar as raízes na formação e construção da primeira universidade católica do Brasil, a PUC-Rio, e no fundamento do humanismo cristão presente desde sua fundação. Percebemos o comprometimento intelectual, social, cívico e ético que os fundadores deixaram

[129] ANDRADE, C. D., Verdade Dividida, p. 52.

como distinção e chancela da universidade. A PUC-Rio é sinal de resistência e de persistência de seus fundadores, pois sua criação ocorreu em um momento em que a educação/formação em instituições religiosas no Brasil era criticada e questionada. Nas disputas educacionais do século XX, o ensino público e a laicidade dos institutos de educação eram considerados, por alguns educadores, pontos fundamentais para a construção da sociedade brasileira. Neste sentido, a PUC-Rio representa uma obra de resistência ao sistema e à mentalidade que vigorava na época.

A fundação da PUC-Rio compreende o desfecho de uma trajetória que foi sendo articulada e desenvolvida ao longo de anos pelos seus fundadores. Ao mesmo tempo, sua fundação firma o início de seu percurso como universidade católica, pontifícia e posteriormente, com o Departamento de Teologia, também como faculdade eclesiástica em 1972. A instituição tem uma história de mais de oitenta anos, e ao olhar para a trajetória narrada nesta pesquisa, pode-se perceber as transformações que a teologia e/ou a dimensão teológica sofreram ao longo dessas décadas. As transformações foram influenciadas/mobilizadas tanto pelo caráter secular – reforma de 1968 – quanto eclesial – Concílio Vaticano II –, e mudanças continuam sendo implementadas na contemporaneidade como podemos perceber na opção pela disciplina Ética Socioambiental e Direitos Humanos. Vale uma crítica com relação à nomenclatura da disciplina. Embora a absorção da *Laudato Si* tenha sido eficiente e rápida na universidade, consideramos o título da disciplina redundante, pois na compreensão de uma ética socioambiental já está incluída a dimensão dos Direitos Humanos.

A PUC-Rio tem como características o dinamismo e o protagonismo, como podemos perceber em sua história – mesmo antes da reforma de 68, a universidade já vinha implementando transformações acadêmicas na graduação e pós. Enquanto instituição, é um marco educacional na história do Brasil e uma das melhores universidades da América Latina; e desde a sua fundação estabeleceu compromisso com uma educação integral, humanista e integradora dos saberes. Este múnus é o seu diferencial, é o DNA da universidade, a afirmação da educação integral e humanizadora como possibilidade de transformação e construção de uma nova ordem social. Não se trata de vincular matérias teológicas para justificar o adjetivo de católica, trata-se de um projeto de *sentido* para a universidade e sociedade que

foi pensado desde a sua fundação quando conferiu disciplinas teológicas a todos os universitários mesmo antes da criação do Departamento de Teologia.

O resgate da história da teologia/dimensão teológica na PUC-Rio é fundamental para estabelecermos a identidade do setor de Cultura Religiosa e seu devir neste século. A identidade se constrói na diferença, por isso elaboramos uma reflexão sobre as distintas teologias – da graduação em teologia e da CRE – para que possamos compreender melhor a missão do setor. Isso se faz pertinente porque a realidade das salas de aula da faculdade e das salas CRE são bem distintas, talvez até incomparáveis em certo sentido, pois operam em outras temporalidades e territórios. Isso será assunto do quinto capítulo da pesquisa, quando a reflexão estará focada exclusivamente sobre o devir do setor de Cultura Religiosa para o século XXI. O que podemos adiantar, como "cenas dos próximos capítulos", é que consideramos as salas de aula da CRE como um entrelugar na universidade, um espaço-tempo para uma teologia de e na fronteira.

A criação do Departamento de Teologia e o influxo do Vaticano II foram fundamentais para a criação, o desenvolvimento, o aprimoramento e o desempenho do setor da CRE e para a construção de uma teologia aberta ao diálogo com outras tradições e outros saberes. O setor de Cultura Religiosa é um órgão interdisciplinar por excelência e tem a capacidade e potencial para dialogar com as outras áreas do saber acadêmico. É sua missão *primeirear* e ir ao encontro de outras instâncias e departamentos para estabelecer relações e interações acadêmicas.

Observamos que no decorrer deste processo de constituição do setor ocorreram rupturas e continuidades; transcorreram mudanças administrativas, educativas e organizacionais, mas a direção e o sentido foram perseverantes ao compromisso com a vertente da humanização. Também podemos inferir que o desenvolvimento de atividades de estágios profissionais e extensão universitária, o fortalecimento de eventos como a Semana da CRE, a criação da revista *CREatividade* e as demais atividades interdisciplinares que foram promovidas pelo setor são ferramentas importantes que conferem dinamismo, movimento e visibilidade à Cultura Religiosa. E aqui não se trata de *aparecer* pura e simplesmente como um órgão da universidade, mas de ser presença marcante e

significativa para continuar a promover o despertar da dimensão espiritual nos estudantes[130].

As mudanças e rupturas nem sempre foram realizadas com a unanimidade do corpo de profissionais envolvidos. A reformulação e renovação dos currículos – realizada na década de 1980 – foi efetuada entre algumas tensões: professores com diferentes posicionamentos teológicos, uns voltados e mais habituados ao método apologético e outros já inseridos no modelo dialogal do Vaticano II[131]. Esta também parece ser uma característica do setor: um corpo docente de variadas posições teológicas e que, de certa forma, comporta uma tensão interna e padece pelas lutas de poder na estrutura acadêmica[132]. Vale destacar que o Departamento de Teologia está situado entre duas dimensões exigentes: as operações e imposições dos órgãos governamentais que regulam as universidades e a sua pertença, atribuições e responsabilidade eclesial.

Entre rupturas e continuidades, convém abordar uma outra particularidade na história do setor. Após a conclusão do curso de teologia, alguns dos primeiros teólogos e teólogas formados pela faculdade da PUC-Rio foram trabalhar na Cultura Religiosa e posteriormente assumiram a docência na graduação em teologia. Um número significativo de professores – entre "eles" muitas mulheres como Ana Maria Tepedino, Maria Clara Bingemer, Tereza Cavalcanti, Lúcia Pedrosa de Pádua – teve uma experiência de docência na CRE e depois foi ministrar aulas na graduação. Este fato gerou expectativas nas gerações seguintes de teólogos contratados para trabalhar no setor da CRE, pois em dado momento construiu-se a imagem que o setor da CRE seria um *estágio*, uma *passagem* para que o teólogo/a fosse lecionar na graduação em teologia.

No próximo capítulo, abordaremos algumas questões contemporâneas que consideramos mais pertinentes - ao momento pandêmico que foi vivenciado - e para uma melhor compreensão dividimos em quatro dimensões: dimensão existencial, dimensão teopolítica, dimensão socioambiental e dimensão crítico-etnocêntrica. Para encerrar este capítulo, trazemos as palavras do professor Mario de França Miranda que foi diretor do Departamento de Teologia:

---

[130] LIBANIO, J. B., Recordações da faculdade de teologia da PUC-Rio, p. 149.
[131] MOREIRA, F. S., Algumas memórias. Para a comemoração dos 45 anos da teologia na PUC-Rio, p.177.
[132] MOREIRA, F. S., Algumas memórias. Para a comemoração dos 45 anos da teologia na PUC-Rio, p.178.

> Nos últimos anos pode ser verificado um progresso crescente na área da Cultura Religiosa. Seus professores, em grande parte, aceitaram o difícil desafio de se confrontar com a atual juventude, o que os levou a repensar toda a estrutura e temática deste curso, com enorme dedicação e idealismo. Confesso que sempre nutri por estes professores e professoras grande admiração.[133]

[133] MIRANDA, M. de F., Depoimento, p. 87.

3
Uma leitura sociocultural a partir da modernidade líquida – do macro ao micro

Iniciamos este terceiro capítulo a partir de observações e leituras da realidade. Em um primeiro momento, direcionaremos nosso foco de forma ampla, situando-se numa leitura do mundo contemporâneo[134]. No decorrer do capítulo, adentramos em universo menor, que vai da realidade brasileira – e reduzindo ainda mais o foco – à vivência dos estudantes da PUC-Rio. Por isso, denominamos este trajeto "do macro ao micro". De uma leitura dilatada da realidade para uma leitura circunscrita num universo menor – o campus da universidade.

O objetivo é que esse olhar panorâmico da realidade possa expressar um pouco da complexidade do mundo atual e do ser humano, que está inserido em tantos contextos distintos. Ao mesmo tempo, o capítulo pretende justificar a necessidade de a teologia elaborar uma antropologia que possa corresponder à necessidade de construção de novas relações humanas. Nesse sentido, indicamos que o olhar panorâmico pode e deve ter aprofundamentos específicos para o maior desenvolvimento da antropologia que propomos no capítulo 4 – antropologia bio-histórica.

3.1
Modernidade sólida e modernidade líquida

Depois de revermos a trajetória da Cultura Religiosa e entendermos as duas dimensões em que a teologia na PUC-Rio opera, faz-se necessário contemplar a realidade com lentes de microscópio, ou seja, de modo atento, examinando a realidade mais próxima e também a mais distante com as lunetas e os telescópios. Nesse sentido, partiremos do conceito de modernidade sólida e modernidade líquida, desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman[135], para desenvolvermos a reflexão neste capítulo.

---

[134] Esta pesquisa se desenvolveu durante os anos da pandemia, impossível não estar marcada por esta realidade que afetou o globo terrestre.

[135] As discussões sobre a modernidade em sua fase mais recente suscitaram diversas interpretações e denominações, oscilando entre leituras que consideram que existe um ponto de ruptura entre as fases da modernidade e outros que vão conceber que na contemporaneidade estaríamos vivendo uma

Denomina-se modernidade,

> um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações socioestruturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista).[136]

A modernidade sólida caracterizou-se pela transição de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial, momento em que ocorre a passagem de uma sociedade rural, patriarcal e estática para a civilização moderna, menos estratificada socialmente, que tem fé na ciência, na tecnologia e na ideia de um progresso contínuo. Na sociedade agrícola, também chamada de tradicional, não havia espaço para dinâmicas sociais. Bem diferente dos dias atuais, havia uma ausência – ou precariedade – de mobilidade social e as pessoas produziam para o seu próprio consumo, muito pouco era produzido visando o comércio (economia de trocas). Para a maioria das pessoas, a relação produção-consumo era vital.

Na sociedade industrial, acontece precisamente o contrário – a maioria passa a produzir para o comércio, enquanto poucos produzem para seu consumo. Como consequência, criou-se um conflito permanente entre consumidores que pleiteavam preços mais baixos e produtores que exigiam maior participação nos lucros obtidos pela produção-distribuição. O mercado é precisamente o instrumento que irá regular esse conflito. A passagem de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial causou profundo impacto nas relações sociais, nas atividades econômicas, na autocompreensão que o ser humano tinha de si mesmo.

A utilização de fontes não renováveis de energia, como carvão e petróleo, proporcionou um grande impulso e avanço tecnológico e também um enorme crescimento econômico. Surgem as fábricas, a linha de montagem, a produção em

---

fase mais adensada do mesmo processo histórico, mas com características diferenciadas daquelas das etapas anteriores. Assim, Bauman fala de "modernidade líquida" (BAUMAN, Z., Globalização: as consequências humanas.), marcada pelo volátil, pela descartabilidade, pelo tempo do consumo ansioso; Gilles Lipovetsky nomeia o tempo atual como "era do vazio", em que viveríamos um hiper individualismo que levaria a um esvaziamento do sentido e das instituições (LIPOVETSKY, G., A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.); François Lyotard denomina de pós-moderna a atual fase da modernidade, em que as grandes narrativas totalizantes e os ideais iluministas perdem força (LYOTARD, O pós-moderno.); Anthony Giddens opta pelo termo "modernidade tardia" por compreender que se trata de uma atualização de um mesmo processo histórico, a constituição da modernidade ocidental, marcada por sucessivos movimentos de reflexividade e descentramentos de posições, teorias, verdades, sujeitos etc. (GIDDENS, As consequências da modernidade.), dentre outras concepções possíveis.

[136] BAUMAN, Z., Globalização: as consequências humanas, p.299-300.

massa e o sistema de informação massificado. A fábrica serve de modelo para muitas outras instituições da sociedade, sendo aplicado a hospitais, escolas, prisões e veículos de comunicação. A modernidade sólida é caracterizada por Bauman com as palavras fixidez, solidez e peso. A modernidade sólida pautou-se pela busca da ordem; havia "certezas" e a sensação de controle sobre o mundo.

Como esse processo, esta mudança de época influenciou o ser humano e suas relações? Sem pretender responder a todas as transformações, elencamos algumas que consideramos principais:

– Com o advento do mercado, ocorre uma crescente comercialização das relações humanas. O ser humano é, basicamente, um consumidor.

– A natureza passa a ser considerada um objeto de exploração por parte do ser humano. A ciência e a técnica proporcionaram, pela primeira vez na história da humanidade, um domínio eficaz sobre a natureza. Como consequência dessa relação humano-natureza, hoje estamos lidando com problemas relativos à sustentabilidade do planeta e à sobrevivência da espécie humana.

– Com a mobilidade social, ocorre uma transformação no núcleo familiar. Da grande família patriarcal da sociedade rural surge a família nuclear – pai, mãe, filhos, mais apta a lidar com os interesses da produção em massa, da centralização da energia e da urbanização.

– O ser humano na sociedade industrial é escolarizado. E a escola deve estar a serviço do sistema de produção-distribuição. O currículo escolar compreende a aprendizagem da pontualidade, da obediência, da capacidade de executar ações repetitivas, justamente o necessário para que o mundo industrial possa se desenvolver com eficiência e método.

– A modernidade modelou o ser humano fazendo dele um "trabalhador", sendo o trabalho entendido como: uma atividade nacional de produção de bens destinados a serem consumidos visando responder às necessidades dos indivíduos.

– O ser humano está a serviço do mercado. O *homo laborans* moderno situa-se na lógica da produção-distribuição-consumo e, como consequência, está a serviço do progresso. Sempre satisfazendo necessidades, mediante os bens de consumo produzidos, o trabalhador está a serviço da maior felicidade do homem.

A Revolução Industrial e Científica, de fato, produziu melhorias significativas na vida de muitas pessoas e, realmente, parecia possível construir um mundo mais humanizado, sem fome, sem escravidão ou ignorância. A razão "daria

conta" de realizar o melhor dos mundos. O futuro era vislumbrado com muita esperança; havia crença no progresso humano e material. Entretanto, começam a surgir as contradições desse modelo produção-consumo: destruição da natureza que coloca em risco a sobrevivência humana, o aumento da desigualdade social, o abismo entre ricos e pobres, a limitação de uso das energias não renováveis, o desencanto com as doutrinas socialistas do Leste europeu, para citar algumas. O mundo mais humanizado que a ciência e a técnica estavam chamadas a realizar não se realizou. As tecnologias de cunho científico também foram utilizadas para a desumanização, vide a Primeira Grande Guerra (1914-1918) e, posteriormente, a Segunda Guerra (1939-1945), momento em que o mundo conheceu os efeitos nefastos de duas bombas atômicas.

Zygmunt Bauman desenvolve o conceito denominado *modernidade líquida* para definir o tempo presente. Optou por utilizar o termo *líquido* como o principal aspecto do estado dessas mudanças, porque o *líquido* sofre constante mudança e não conserva sua forma por muito tempo. O líquido tem fluidez e adquire as formas que o contém. Elencamos algumas características da modernidade líquida: o individualismo, a provisoriedade, o desapego, a superficialidade e volatilidade das relações, entre outras.

A existência humana contemporânea é marcada pela vulnerabilidade, pelas incertezas e pela insegurança. Tudo é temporário, nada é definitivo. Há um desenraizamento de referenciais significativos nos quais as relações sociais e institucionais estavam estabelecidas: família, religião, ideologia, nacionalidade. E essas mudanças processam-se em um ritmo intenso e vertiginoso a partir da segunda metade do século XX.

> O futuro sempre foi incerto, mas o seu caráter inconstante e volátil nunca pareceu tão inextricável como no líquido mundo moderno da força de trabalho "flexível", dos frágeis vínculos entre os seres humanos, dos humores fluidos, das ameaças flutuantes e do incontrolável cortejo de perigos camaleônicos.[137]

Este processo produz angústia, ansiedade, medo de perder o emprego, de perder o poder de consumo, da violência, do terrorismo, de não se encaixar nesse mundo que muda constantemente. Há um distanciamento/perda da ideia de comunidade e coletividade e desenvolve-se um apreço pelo individualismo, muito

[137] BAUMAN, Z., Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi, p. 74.

influenciado pela transformação do cidadão em consumidor – consumo, logo existo. Vivemos uma fase em que o projeto de ser humano moderno e sua racionalidade como modelo de autonomia e emancipação intelectual ruiu diante dos eventos do século XX – Primeira e Segunda Guerras, ascensão do nazifascismo, Guerra Fria, o "desencantamento" do socialismo, entre outros. Esses processos não só trouxeram mudanças para o cenário econômico e político, mas também para a própria construção da vida e do ethos contemporâneo.

3.2
A pandemia de Covid-19[138]

Imerso na liquidez da modernidade, o ano de 2020 ficará marcado como o ano em que um vírus colocou a humanidade de joelhos, provocando uma doença avassaladora, a Covid-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Os primeiros infectados foram descobertos na China, no mercado de peixes em Wuhan e rapidamente o vírus se espalhou pelo mundo globalizado, conectado e interligado. Pode-se dizer que, mesmo que compulsoriamente, ocorreu uma certa desaceleração das atividades humanas sobre o planeta. O vírus que adentrava pelo corpo humano através das vias aéreas, se espalhava de forma feroz pelo ar, pelo contato com pessoas adoecidas, por superfícies e ambientes contaminados.

Em todo mundo, morreram milhões de pessoas e muitos entre os milhões de infectados que sobreviveram ainda sofrem sequelas em algum nível. Em outro aspecto, pode-se discorrer que o isolamento social e a interrupção das várias atividades humanas e socioeconômicas causaram impactos significativos no meio ambiente. O nível de poluição atmosférica diminuiu 40% em cidades asiáticas e da Europa e também no Brasil[139]. Por outro lado, no futuro teremos que lidar com o impacto ambiental do lixo hospitalar que foi produzido durante todo este período pandêmico. A pandemia deixa marcas e cicatrizes no planeta e em seus habitantes.

É relevante pontuar que estudos indicam que a mudança climática, o desmatamento, o comércio de animais selvagens, a agricultura intensiva e outras atividades causam destruição ambiental, influenciando na propagação de agentes

[138] Várias teólogas e teólogos publicaram textos, artigos e livros sobre a pandemia. Aqui indicamos apenas 3: REB. Petrópolis, v. 82 n. 323, set/dez 2022; PqTeo, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, jun 2021; ATeo, Rio de Janeiro, v. 25, n. 67, jan/jun 2021.
[139] RODRIGUES, L., Covid-19 e poluição: como a pandemia afetou o ar que respiramos.

patogênicos presentes em animais selvagens. O Grupo de Trabalho Científico Internacional em Prevenção de Pandemias, organizado pelo Instituto de Saúde Global e a Escola de Saúde Pública T.H. Chan, ambos ligados à Universidade Harvard, concluiu que no atual cenário há maior risco de propagação de doenças infecciosas que possam causar outra pandemia devido à crescente alteração e/ou destruição dos ecossistemas[140].

Consideramos que a pandemia intensificou alguns aspectos já vividos na liquidez da modernidade: insegurança, incerteza, fragilidade nas relações, medo, entre outros. E também acentuou o número de pessoas que sofrem pela saúde mental. Antes mesmo da pandemia, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han já alertava que o começo do século XXI sofria de uma patologia neuronal: depressão, transtorno de déficit de atenção, síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe, síndrome de Burnout, entre outros[141]. Na visão do filósofo, passamos de um paradigma de uma sociedade disciplinar de Foucault para uma sociedade do desempenho e da produtividade – academia de fitness, laboratórios de genética, shopping centers, bancos, escritórios – e as doenças supracitadas são consequências dessa mudança. A causa da depressão é a pressão pelo desempenho[142]. A autoexploração – alienação de si mesmo – é uma constante e o sujeito pensa que está se realizando. O ritmo frenético em busca do empreendimento leva ao adoecimento psicológico.

A pandemia afetou a saúde mental de muitas pessoas em todo o mundo. O isolamento e as medidas de restrição de contato social causaram forte impacto na rotina das populações. De uma hora para outra, famílias tiveram que conviver 24 horas num mesmo ambiente, profissionais tiveram que se adequar a um trabalho dentro de casa, professores e alunos encontrando novas formas de estudo, interação e pesquisa através das telas de computadores e celulares. Esses são apenas alguns dos desafios que este tempo pandêmico impôs às pessoas.

Talvez seja inviável determinar todos os efeitos psicológicos que a pandemia causou na população de todo o mundo, mas foi possível observar a deterioração da saúde mental. Pesquisas e estudos apontam o aumento dos sintomas de ansiedade,

[140] GÁMEZ, L., Agressão ao planeta aumentou risco de pandemias nas últimas cinco décadas.
[141] HAN, B-C., Sociedade do cansaço, p. 7.
[142] HAN, B-C., Sociedade do cansaço, p. 27.

depressão, angústia, medo e estresse. Também identificaram outros componentes negativos como sintomas de estresse pós-traumático, confusão e raiva[143]. A questão econômica e a possibilidade de escassez foram também pontos que causaram danos à saúde e ao bem-estar psicológico. A quarentena, o fechamento das escolas, dos shoppings, dos clubes, as limitações impostas para transitar, todas essas ações acabaram por afetar a interação entre as pessoas, provocando o afastamento das conexões face a face, da rotina, do convívio presencial, gerando prejuízos à saúde mental.

O Brasil tem o maior índice de pessoas depressivas da América Latina (5,8% da população) e o segundo maior das Américas, perdendo apenas para os EUA (5,9% da população), segundo a OMS[144]. A pandemia agravou os casos da doença e gera grande preocupação, pois sabe-se que a depressão pode levar ao suicídio e esta é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos[145]. No dia 17 de julho de 2022, a Folha de São Paulo publicou uma matéria com o título: "Brasil vive '2ª pandemia' na saúde mental, com multidão de deprimidos e ansiosos"[146]. O subtítulo é ainda mais alarmante – "Suicídios sobem sem parar, segundo Datasus, e matam mais que acidente de moto, na contramão do resto do mundo". Infelizmente, um dia depois da publicação da matéria, no dia 18 de julho do ano de 2022, um estudante da PUC-Rio se suicidou no campus da universidade.

Além do impacto ambiental e na saúde mental das populações de todo o mundo, a pandemia também aumentou a fossa entre ricos e pobres. Segundo o relatório da Oxfam divulgado em janeiro de 2022, os bilionários tiveram um aumento de 60% nas suas fortunas. Os 10 homens mais ricos do mundo tiveram um ganho inacreditável, auferindo US$ 1,3 bilhão por dia[147]. Em contrapartida, a diminuição de renda dos mais pobres colaborou para a morte de 21 mil pessoas por dia[148]. O executivo-chefe da Oxfam, Danny Sriskandarajah, na ocasião da divulgação do relatório, afirmou que

---

[143] SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M., Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).
[144]LABOISSIERE, P., No dia mundial da saúde, OMS alerta sobre depressão.
[145] LABOISSIERE, P., No dia mundial da saúde, OMS alerta sobre depressão.
[146] BARBON, J.; VIZONE, A., Brasil vive "2ª pandemia" na saúde mental, com multidão de deprimidos e ansiosos.
[147] COOBAN, A., Fortuna de bilionários do mundo cresceu 60% durante a pandemia.
[148] BBC NEWS BRASIL, 10 homens mais ricos do mundo dobraram patrimônio na pandemia, diz Oxfam.

> Houve um novo bilionário criado quase todos os dias durante esta pandemia, enquanto 99% da população mundial está pior por causa de lockdowns, menos comércio e menos turismo internacional. Como resultado disso, mais 160 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza. Algo está profundamente errado em nosso sistema econômico.[149]

O relatório menciona o Brasil como referência de como os mais pobres do mundo vivem. Em São Paulo, os ricos têm expectativa de vida maior que os pobres – 14 anos a mais –, afrodescendentes e indígenas brasileiros enfrentam consequências mais duradouras da pandemia e os negros brasileiros têm 1,5 mais chances de morrer de Covid-19 que os brancos[150]. Um ano antes da pandemia, os brasileiros mais ricos detinham 46,9% das riquezas; com a pandemia, esse percentual subiu para 49,6%[151]. Neste tempo pandêmico, as desigualdades sociais se agravaram. É notório e perceptível o aumento da população de rua após o início da pandemia.

Após dois anos desde o início da pandemia, o mundo ainda vive em estado de alerta. Embora as vacinas tenham contido as mortes e os casos mais graves, o coronavírus ainda não está neutralizado, pois o vírus sofre várias mutações e há sempre o risco de as vacinas não cobrirem determinadas alterações ocorridas no RNA do organismo. Especialistas consideram que o futuro do vírus é se tornar endêmico. Ainda existem países em que apenas 1% da população foi vacinada e isso contribui para que o vírus fique em circulação gerando novas variantes e mantendo um número de mortes elevado[152].

3.3
Dimensões e relações no século XXI

A proposta deste terceiro capítulo, como já explicitado, é observar e refletir sobre o contexto do início do século XXI, bem como focar na realidade brasileira e dos estudantes da PUC-Rio. Contudo, como é impossível realizar um estudo sob todos os aspectos e ângulos, optamos por enfatizar algumas perspectivas que consideramos mais urgentes de serem analisadas e as denominamos de dimensões.

---

[149] BBC NEWS BRASIL, 10 homens mais ricos do mundo dobraram patrimônio na pandemia, diz Oxfam.
[150] BBC NEWS BRASIL, 10 homens mais ricos do mundo dobraram patrimônio na pandemia, diz Oxfam.
[151] GRAVAS, D., Entenda como os ricos ficaram mais ricos na pandemia.
[152] INSTITUTO BUTANTAN, A pandemia de Covid-19 virou endemia?

Estas dimensões não são estanques – estamos na modernidade líquida –, elas se interseccionam, se interpenetram, estão sempre em relação.

3.3.1
A dimensão humano-existencial[153]

Neste tópico propomos contemplar alguns pontos do sofrimento humano na contemporaneidade. Mais uma vez, é necessário fazer opções e não se pode refletir sobre todo o sofrimento humano que existe no planeta. Desta forma, optamos por focar em alguns temas que nos parecem mais pertinentes no momento atual do Brasil, pois entendemos que estes assuntos são mais urgentes: a saúde mental, a insegurança alimentar e a cultura do estupro. Em outras dimensões abordaremos a questão da teopolítica, socioambiental e decolonial. Vale lembrar que todas as dimensões estão interligadas e esta separação proposta é para melhor reconhecimento.

3.3.1.1
A saúde mental

Um pouco desse assunto já foi abordado nos efeitos da pandemia, vamos aprofundar um tanto mais para tentar entender os mecanismos que podem estar causando o desequilíbrio que Byung-Chul Han denominou de doenças neuronais e que já estavam presentes na sociedade mesmo antes do tempo pandêmico. A rigor, concebemos que o desequilíbrio na saúde mental se fundamenta na desarmonia em variados processos – culturais, socioeconômicos, tecnológicos, intersubjetivos etc. –, na falta de contato consigo mesmo, com seus sentimentos e emoções, enfim, há uma complexidade de fatores e eventos que podem causar os desequilíbrios.

Como já apontado, o Brasil vive uma segunda epidemia de deprimidos e ansiosos e muito disso pode ser atribuído ao momento em que ocorre a passagem de uma preocupação pelo bem viver para uma preocupação por sobreviver[154]. Nos anos dos governos dos presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro, a questão social

[153] Optamos por não abordar o problema do racismo nesta dimensão. A questão do racismo no Brasil, por sua complexidade e abrangência, demanda um tratamento aprofundado que extrapola os limites deste item e capítulo. Reconhecemos a importância do tema do racismo para a sociedade brasileira e para os estudos da ciência teológica, bem como a necessidade de aprofundar a análise de um aspecto específico do problema, evitando uma abordagem generalizante e superficial.
[154] HAN, B.-C., Sociedade do cansaço, p. 33.

ficou relegada e várias políticas sociais foram descontinuadas – e esse foi mais um fator de estresse para a população. Contudo, antes mesmo de a questão social ficar sem relevância para os governos brasileiros, consideramos que a sociedade brasileira se encaixa na perspectiva de uma sociedade do cansaço, como aponta Byung-Chul Han.

Assim como Bauman registra a passagem da modernidade sólida para a líquida, Byung-Chul Han indica outra mudança que se processa, de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho. Inclusive, *mutatis mutandis*, pode-se dizer que a modernidade sólida está para uma sociedade disciplinar como a modernidade líquida está para a sociedade do cansaço/desempenho. "O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do devem, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer"[155].

Grande parte da população brasileira vive sob o espectro do "sujeito do desempenho", seja no âmbito do empreendedor de si mesmo – o clássico exemplo é o motorista do Uber –, seja como funcionário nos escritórios que trabalham em nichos individualizados e solitários focados na sua produção. Este é o processo capitalista contemporâneo em que o sujeito é ativo, explora a si mesmo e se considera livre, autônomo. Doenças como depressão e síndrome de Burnout caminham de mãos dadas com o sujeito do desempenho que habita numa sociedade do cansaço, que se desdobra em uma sociedade do *doping*[156].

Estudos apontam que entre 2014 e 2018 houve um aumento de 23% no consumo de antidepressivos, principalmente no segmento de mulheres acima de 40 anos[157], portanto a deterioração da saúde mental do brasileiro/a é anterior à situação pandêmica. Como já dito, na América Latina, o Brasil é o país com a população mais ansiosa e estressada: 5,8% dos brasileiros sofrem de depressão e 9,3% de ansiedade. Pesquisa da Fiocruz aponta que um entre cada quatro brasileiros sente tristeza ou depressão com frequência e depois da pandemia a busca por informações sobre ansiolíticos e antidepressivos aumentou 100%[158]. É oportuno registrar o

[155] HAN, B.-C., Sociedade do cansaço, p. 83.
[156] HAN, B.-C., Sociedade do cansaço, p. 67.
[157] CORREIO BRASILIENSE, Alerta na saúde: cresce o consumo de antidepressivos no Brasil.
[158] MEDICINA S/A, Busca por ansiolíticos e antidepressivos cresce mais de 100% na pandemia.

aumento do consumo no segmento feminino, isso pode ter relação com a cultura do estupro que será abordada mais à frente nesta dimensão.

O tema da saúde mental no Brasil tornou-se uma questão emergencial no período que sucede ao pior momento da pandemia, mas que ainda é um tempo pandêmico. Se a população já estava sofrendo com depressão, ansiedade e síndrome de Burnout, a pandemia intensificou e aprofundou esse sofrimento. Neste sentido, é relevante contar com um maior engajamento da sociedade civil e instituições, como as universidades, na campanha "Janeiro Branco", que iniciou em 2014 e busca alertar e chamar a atenção para as questões e necessidades relacionadas à saúde mental e emocional[159].

O brasileiro e a brasileira estão vivendo sob forte sofrimento psíquico. Evidentemente, há diversos fatores para isso, como já expusemos, contudo, nos últimos anos, o corpo social brasileiro apresenta os sintomas de uma sociedade do cansaço e do desempenho. As consequências são as mais danosas possíveis. Os jovens estão entre os mais fragilizados, ainda sem estruturas emocionais formadas com capacidade de resiliência para lidar com situações difíceis – talvez, por isso, estejam entre os que mais se suicidam. A universidade católica deve olhar atentamente para a questão se pretende permanecer com uma educação humanizada e humanizadora.

3.3.1.2
Insegurança alimentar

A pandemia e a má condução do processo pelo governo brasileiro causaram o aumento do número de famílias que vivem em insegurança alimentar. Em junho de 2021, a BBC noticiou que 19 milhões de brasileiros estavam vivendo abaixo da linha da pobreza. Segundo os especialistas entrevistados, a desestruturação das políticas públicas voltadas aos mais vulneráveis foi agravada com a pandemia[160]. O cenário da fome no Brasil é considerado o pior das últimas décadas e isso se deve ao alto índice de desemprego e também à falta de políticas públicas que possam dirimir o problema.

---

[159] Para saber mais sobre este projeto "Janeiro Branco": https://janeirobranco.com.br/. Acesso em: 2 ago 2022.
[160] ALEGRETTI, L. Não é só efeito da pandemia: por que 19 milhões de brasileiros passam fome.

Segundo dados publicados em 2022, do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil[161], a fome atinge 33,1 milhões de brasileiros e apenas 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno à alimentação no país. As estatísticas foram coletadas entre novembro de 2021 e abril de 2022 a partir da realização de entrevistas em 12.745 domicílios, em áreas urbanas e rurais de 577 municípios, distribuídos nos 26 estados e no Distrito Federal.

Os dados do relatório de 2022 mostram que a situação piorou muito desde a publicação da primeira pesquisa, cujas informações foram coletadas no final de 2020. São 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome em pouco mais de um ano. A pesquisa aponta que 58,7% de pessoas, ou seja, mais da metade da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau – leve, moderado ou grave (fome). Os dados de 2022 indicam que o país regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990. A pesquisa de 2020 mostrava que a fome no Brasil tinha voltado para patamares equivalentes aos de 2004. Observando este retrocesso que coloca o Brasil de novo no mapa da fome percebe-se a gravidade e urgência no combate à insegurança alimentar.

Através da análise dos dados identifica-se a desigualdade presente nas regiões. Na média geral, o Brasil tem 15,5% dos domicílios com pessoas passando fome, entretanto, na região Nordeste, este número sobe para 21%, e na região Norte para 25,7%. A insegurança alimentar também possui gênero e raça. Nos lares comandados por pessoas que se denominam pretas ou pardas, 65% convivem com insegurança alimentar, enquanto mais de 50% dos lares de pessoas que se denominavam brancas têm alimentação garantida. Nas casas em que a mulher é a pessoa de referência, a fome passou de 11,2% para 19,3% entre 2020 e 2022. Nos lares que têm homens como responsáveis, a fome passou de 7,0% para 11,9%. Isso ocorre, entre outros fatores, pela desigualdade salarial entre os gêneros.

Podemos reconhecer, através dos dados expostos, que o Brasil atravessou uma situação intrincada, pois nos anos dos governos dos presidentes Temer e

[161] II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil. Essa pesquisa é realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), com execução do Instituto Vox Populi, e tem apoio e parceria da Oxfam Brasil, Ação da Cidadania, ActionAid Brasil, Fundação Friedrich Ebert Brasil, Ibirapitanga e Sesc.

Bolsonaro houve uma redução nas políticas públicas que visavam combater a pobreza e a miséria. Não é possível ter saúde mental quando se passa fome. Como garantir um mínimo de dignidade e saúde a uma população empobrecida, passando fome e esgotada mental e emocionalmente? Nessas duas reflexões realizadas sobre a sociedade do cansaço e a insegurança alimentar, vislumbramos o grau de complexidade dessas situações, eventos e relações que se interseccionam nesta dimensão humano-existencial. O próximo tópico complementa e finaliza as considerações sobre a dimensão humano-existencial: a cultura do estupro.

3.3.1.3
A cultura do estupro

A expressão "cultura do estupro" pode soar demasiadamente violenta ou exagerada para os padrões de uma sociedade que não quer enxergar suas feridas. Vivemos em um corpo social que é extremamente cruel com as mulheres e talvez isso seja tão difícil de admitir que a opção é fechar os olhos a essa realidade – "não são todos os homens que estupram…" – ou continuar culpando as mulheres pelos abusos que sofrem – "mas também, vestida desse jeito queria o quê?" Contudo, a expressão "cultura do estupro" não quer significar e apontar somente para o crime de estupro, mas para toda uma estrutura cultural que permeia as relações de poder entre os gêneros.

Assim como hoje se entende que o racismo é estrutural, cada vez mais pessoas, especialmente mulheres, se conscientizam de que a cultura é, estruturalmente, violenta para com as mulheres e alguns grupos têm se mobilizado para expor as violações que as mulheres sofrem[162]. Diferente das questões e relações anteriores, que se estabelecem por transições ou mudanças de época, como é o caso da sociedade do cansaço ou da modernidade sólida e líquida, a cultura do estupro é de longa duração. Está registrada inclusive na Bíblia no capítulo 19 do livro dos Juízes[163]. Evidente que o advento do feminismo trouxe conscientização e

[162] Em 2019, um movimento criado no Chile e que se espalhou para diversos países, inclusive o Brasil, foi a performance "Un violador en tu camino" (Um estuprador em seu caminho), idealizada por ativistas feministas chilenas do grupo La Tesis (TREVISAN, M. C., "O estuprador é você": brasileiras aderem a protesto viral criado no Chile). Também o movimento *#metoo* foi uma campanha que começou entre as atrizes de Hollywood contra a cultura de assédio sexual no principal cenário do cinema mundial e repercutiu em todos os cantos do planeta. Disponível em: https://metoobrasil.org.br/ Acesso em: 3 ago 2023.

[163] Sobre esta narrativa bíblica e a relação com o estupro: LOPES, M. C., Bíblia e cultura do estupro: ontem e hoje.

algumas conquistas sociais frente ao domínio patriarcal, mas ainda estamos em uma sociedade estruturalmente violenta com as mulheres.

Os números de violência (física e simbólica) cometidas contra mulheres e de feminicídio no Brasil são alarmantes. Segundo o dossiê de 2021, organizado pelo Instituto Patrícia Galvão – que reúne dados e informações de vários órgãos e entidades governamentais ou não –, em 2021 houve um aumento de 4,2%, em relação ao ano de 2020, nos casos de estupro; e o país registrou 66.020 casos[164] de violência sexual em 2021 contra 62.917 do ano anterior. Ainda segundo os dados coletados, uma menina/mulher é estuprada a cada 10 minutos, cerca de 30 mulheres sofrem agressão física a cada uma hora e 729 mulheres sofrem casos de agressão no contexto doméstico por dia[165]. Mais de 1.300 casos de feminicídios foram registrados em 2021[166].

Não se pode deixar de observar que essa violência – fruto da cultura do estupro – se dirige também a grupos LGBTQIA+, incluindo mulheres transexuais, lésbicas, e não só a mulheres cisgênero. Também não se deve ignorar o recorte de raça, as negras estão mais suscetíveis à normatização da violência em seus corpos, fruto do colonialismo que será abordado em outra dimensão mais à frente na pesquisa. As mortes da população LGBTQIA+ aumentaram 33,33% segundo o dossiê de 2021: 141 travestis e mulheres transexuais tiveram morte violenta entre as 316 mortes de pessoas LGBTIQIA+ que aconteceram de forma violenta no país em 2021.

A América Latina tem uma cultura machista e considera "normal" a violência contra a mulher. Isso foi atestado pelo relatório "Rompiendo Moldes: transformar imaginarios y normas sociales para eliminar la violencia contra las mujeres", pesquisa realizada com jovens de 15 a 25 anos de oito países: Bolívia, El Salvador, Colômbia, Cuba, Guatemala, Honduras, Nicarágua e República Dominicana[167]. O relatório constata que a ideia do "amor romântico" é a base de crenças que levam jovens a reproduzir desigualdades e justificar ou normalizar situações de violência

[164] Estes dados consideram a Lei Federal 12.015/2009, que altera a conceituação de "estupro" e incluiu, além da conjunção carnal, os "atos libidinosos" e "atentados violentos ao pudor", como foi o caso do médico anestesista que estuprou uma parturiente após dar à luz (TORRES, L. Anestesista flagrado em estupro de mulher durante o parto vira réu).
[165] INSTITUTO PATRICIA GALVÃO, A violência contra mulher em dados.
[166] INSTITUTO PATRICIA GALVÃO, Mais de 1.300 casos de feminicídio foram registrados em 2021.
[167] OXAM, Rompiendo Moldes: transformar imaginarios y normas sociales para eliminar la violencia contra las mujeres.

machista. Seis entre cada 10 homens de 15 a 19 anos acredita que o ciúme é uma demonstração de amor. Sete entre 10 pensam que a responsabilidade pelo assédio ou agressão sexual é das mulheres, devido à roupa que elas usam.

Para se ter ideia da dimensão de como a cultura do estupro está enraizada na sociedade patriarcal, no estudo da Oxam, 40% dos homens pesquisados afirmaram que se uma mulher consumiu álcool, isso dá condições para um homem ter relações sexuais com ela, ainda que esteja inconsciente; e ainda, 65% dos homens entre 15 e 19 anos pensam que quando uma mulher diz "não" para uma relação sexual, na realidade ela quer dizer "sim'". É cultura do estupro ou não é? É, e não só as mulheres estão interessadas em olhar para a questão do machismo e da violência. No século XXI, surge também o interesse de grupos de homens que começam a entender que a *questão de gênero* não diz respeito somente às mulheres e aos grupos LGBTQIA+.

Assim como a expressão "cultura do estupro" é relativamente nova no ambiente acadêmico e na sociedade, também começam a surgir outras expressões, como o termo "masculinidade tóxica", que se relaciona com a ideia de que certos traços culturais ligados à masculinidade são nocivos/tóxicos, pois conservam a homofobia, a violência, o gosto pela dominação e a hipercompetitividade. A masculinidade tóxica *é amiga* da cultura do estupro. Contudo, a nova descoberta sobre esta *qualidade* da masculinidade é que ela é tóxica também para os próprios homens, inclusive no âmbito da saúde mental. A ideia de que homens não podem chorar ou expressar sentimentos – além da raiva e violência – nem podem demonstrar insegurança ou fraqueza é parte de uma construção social que define regras ao masculino e limita a possibilidade de viver uma vida plena, pois nega ao homem a possibilidade de se expressar integralmente nos seus sentimentos. De certa e outra forma, os homens também são silenciados na cultura patriarcal. Esta nova consciência sobre a masculinidade pode provocar mudanças significativas e ser promotora de atitudes mais generosas e compassivas – consigo mesmo, com outros humanos e não humanos[168].

Em 2015, a diretora estadunidense Jennifer Siebel Newsom entregou o documentário *A Máscara em que Você Vive* (*The Mask You Live In*), que traz à tona a reflexão sobre o modelo da educação machista, destacando o quanto de sofrimento

[168] VILLODRES, M. L., Sete exemplos de masculinidade tóxica que você reconhecerá no seu dia a dia.

ela causa aos meninos – e depois aos homens adultos –, que são pressionados a atender às expectativas da sociedade e a serem o que se considera um homem bem-sucedido. As pressões para se tornar "um homem de verdade" com testosterona e muita virilidade causam muitos danos à saúde mental – segundo estudos da OMS, 79% dos óbitos em suicídios são de homens, ainda que os dados indiquem que as mulheres são as que mais declaram transtornos mentais como depressão[169].

A cultura do estupro e a masculinidade tóxica devem ser articuladas e trabalhadas pelas áreas da educação e da saúde pública. Também a Igreja não pode se omitir em relevar este padrão violento e tóxico de nossas estruturas sociais e também eclesiais. Não se deve pensar que os padres e os bispos estão isentos de introjetarem uma masculinidade tóxica e de suas consequências para a saúde mental. Cresce o número de suicídios entre os padres católicos[170]. Essa cultura está adoecendo as pessoas. Seja pela busca frenética por produção e desempenho, pelo desespero de tentar sobreviver em meio à insegurança alimentar, seja pela violência indiscriminada a outros, ou consigo mesmo.

3.3.2
A dimensão teopolítica da realidade: mundo e brasileira

A junção do prefixo "teo" ao termo "política" visa conceber a intervenção e interação da religião na dimensão social e política do Estado. Especificamente, abordaremos sob a perspectiva da religião cristã, pois entendemos ser prioritário o aprofundamento da relação do cristianismo com a política brasileira no início de século XXI. Neste sentido, iremos marcar dois tipos de teologia que estão presentes no cenário brasileiro: teologias fundamentalistas e teologias pluralistas[171]. Contudo, nossa reflexão está focada nas teologias fundamentalistas, na medida em que consideramos seu crescimento uma ameaça à democracia brasileira.

O que denominamos de teologia fundamentalista é aquela cujas doutrinas estão relacionadas à rejeição da modernidade ocidental, que revelam incompatibilidade com os regimes democráticos, com o direito das mulheres e das minorias e que despontaram nos anos de 1980, sobretudo nos Estados Unidos,

---

[169] D'AGOSTINI, A. C. C., Os impactos da masculinidade tóxica na saúde emocional.
[170] BERNARDO, A., Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda.
[171] Seguimos a nomenclatura utilizada por SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos.

ficando conhecida como "a Nova Direita Cristã"[172]. Grupos como "A Maioria Moral", "Voz Cristã", "Aliança Americana para Valores Tradicionais", entre outros, estão articulados para fazer pressão aos governos envolvendo questões de políticas públicas em relação à homossexualidade, ao aborto, à teoria da evolução nas escolas e à oração nas escolas públicas, entre outras.

Outra característica das teologias fundamentalistas é considerar a Revelação como princípio estruturante de toda sociedade, o que significa, na prática, que a vida social e política deve se guiar pela interpretação literal das Sagradas Escrituras[173]. Estas teologias e grupos cumprem a tendência do protestantismo fundamentalista que visa restabelecer a hegemonia cristã evangélica, recristianizando a república, o estado e a sociedade civil[174].

Este movimento se espalhou pelos continentes e também está presente na realidade brasileira e em outros países latino-americanos. O principal argumento desse movimento é que a sociedade moderna ocidental traiu os valores cristãos aos quais estaria vinculada, e assim os grupos reagem contra a lei e igualdade de direitos, contra os movimentos de emancipação das mulheres e homossexuais, contra a intervenção do Estado na vida familiar. Negando valores republicanos, a Nova Direita Cristã deseja que a autoridade moral da Bíblia seja reconhecida como o legítimo princípio condutor do país[175].

Com a pequena caracterização das teologias fundamentalistas realizada nos parágrafos acima, é possível associar essa dinâmica teopolítica em algumas Igrejas brasileiras – "a extraordinária difusão do fundamentalismo cristão é um fenômeno de cultura de massa e não popular"[176]. As Igrejas fundamentalistas convertem as diferenças a um bloco homogêneo, não valorizam o autêntico e autóctone, ao contrário, adotam símbolos e gestos de outras tradições sem nenhum compromisso identitário, são práticas tomadas por empréstimos. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das bem-sucedidas empresas do ramo, que segue à risca esta cartilha

[172] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 69.
[173] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 42.
[174] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 69-70.
[175] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 70.
[176] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 76.

teológica: às sextas-feiras tem "Sessão de Descarrego"[177]. Segue um trecho do relato de uma frequentadora da Universal sobre essas práticas

> Da roupagem dos pastores, aos cultos de descarrego, passando por sabonete de arruda, rosas vermelhas e amarelas, uso de velas, simpatias com corações... E penso cá comigo que num templo de umbanda as pessoas seriam melhor servidas; porque não estariam devendo "até as calças" para dizimar e pagar a monumental mansão que o Sr. Edir Macedo possui no exterior; e sabe-se lá quanto régio patrimônio outro possuirá.[178]

E qual a concepção das teologias pluralistas em relação à vida pública e social? Boaventura S. Santos conceitua as teologias pluralistas como aquelas que consideram a Revelação como um contributo à sociedade e a organização política, contudo aceitam a autonomia de ambas as dimensões – religiosa e secular[179]. Articulam a tensão entre fé e razão buscando o equilíbrio e possuem um viés humanista em sua concepção teológica e religiosa. Dois pontos são fundamentais na distinção entre as fundamentalistas e as pluralistas: a relação entre Revelação e razão e entre Revelação e história.

As teologias fundamentalistas consideram que a Revelação é *acontextual*, possui ela mesma todo o significado e as possíveis necessidades históricas, ou seja, é a *história* que está dentro da religião. As pluralistas consideram o contexto social e político em que ocorre a Revelação, e o seu valor humanístico depende de como as teologias respondem às questões e necessidades existenciais de um determinado momento histórico tornando-se assim relevante – uma religião *na* história[180]. As teologias pluralistas dialogam com o espaço público e estatal e entendem a intervenção na política da religião através das organizações e instituições da sociedade civil, das famílias, das entidades não governamentais, como sucedeu por ocasião da fundação da PUC-Rio – os intelectuais e grupos católicos intervieram na dinâmica pública através de instituições da sociedade civil.

Diferentemente das pluralistas, as teologias fundamentalistas, também denominadas de integristas por Boaventura, não reconhecem a Revelação na História – o Estado não é um agente histórico, só Deus é ativo. Há uma idealização de um passado remoto, outrora feliz, que gira em torno do tempo medieval e do

---

[177] UNIVERSAL ORG, Sexta-Feira: Sessão do Descarrego. O termo "sessão de descarrego" é associado às religiões de matriz africana.
[178] NEME, P., O mundo é dos espertos!
[179] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 42.
[180] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 43.

Estado pré-moderno. Contudo, as teologias fundamentalistas não são, em essência, antimodernas, como se poderia pensar apressadamente.

> De fato, impressiona a facilidade com que os diferentes fundamentalismos, ao mesmo tempo que procuram manter a identidade das respectivas comunidades religiosas, galgam fronteiras institucionais e culturais e reproduzem com êxito práticas e rituais nos mais diversos contextos. São, de fato, um movimento transnacional que utiliza com grande eficácia todas as tecnologias de organização, comunicação, formação e comercialização que o capitalismo global tem vindo a desenvolver[181].

Pode-se perceber, na realidade brasileira, que as teologias fundamentalistas que sustentam as Igrejas que emergiram no fim do século XX congregam pessoas de forma bem distintas das "antigas" comunidades fundamentalistas protestantes, como os Amish, que se mantêm fora da modernidade. Os Amish, por exemplo, rejeitam a modernidade em todos os aspectos: utilizam cavalos para locomoção, não usam energia elétrica, rádio, televisão, celular, os homens vestem roupa preta, as mulheres e meninas vestidos longos e a comunidade vive como agricultores e artesãos.

No cenário brasileiro, constata-se a existência destes dois tipos de teologia – as fundamentalistas modernas e as pluralistas – contudo, as Igrejas vinculadas às teologias fundamentalistas ampliam sua visibilidade e influência na vida pública, nas mídias e na política partidária, o que requer precaução, pois sua concepção da relação religião e Estado fere o contrato social elaborado no Iluminismo e que é a base do Estado democrático de direito. Em 2022, a Frente Parlamentar Evangélica conta, no país, com 181 deputados e 8 senadores e é composta por filiados de 80% dos partidos representados na Câmara – inclusive partidos historicamente considerados de esquerda[182]. Isso é um fator a mais na realidade brasileira que aponta para a complexidade da dimensão teopolítica. Não se pode colocar os evangélicos brasileiros na categoria de "nova direita", pois entre esses da bancada evangélica há evangélicos formados por uma teologia pluralista ou pela Teologia da Libertação.

Entretanto, entre os anos de 2018 e 2022, o governo brasileiro e suas diretivas foram amplamente sustentados teologicamente pelos atores dessa teologia fundamentalista: os pastores Edir Macedo, Silas Malafaia, Marcos Feliciano,

[181] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 46.
[182] CORREIO BRASILIENSE, Bancada evangélica já alcança 80% dos partidos.

Milton Ribeiro (ministro da Educação), André Luís Mendonça (ministro do STF), entre outros. O movimento bolsonarista "se constrói a partir e junto às máquinas sociorreligiosas"[183] e, como governança, estabelece uma forma de gestão baseada no fundamentalismo que profere discursos de ódio ao diferente. O termo "cristofascismo", cunhado pela teóloga e poetisa alemã Dorothee Sölle em 1970[184] e utilizado para referir-se ao fundamentalismo que une religião e política, começa a ser utilizado por intelectuais brasileiros[185] para definir o governo bolsonarista.

O cristofascismo é nacionalista e pode ser bem exemplificado pelo *slogan* utilizado na campanha presidencial de 2018: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Também tem, nos seus ideais, a construção de um país com valores religiosos como a defesa da família, a punição rigorosa para quem foge ao padrão moral, o militarismo, o anticomunismo e o neoliberalismo[186]. À semelhança do que foi identificado por Boaventura nos Estados Unidos, o Brasil também possui a sua "nova direita cristã".

> O que entende aqui por novo conservadorismo brasileiro é uma parcela dessa direita; é o ideário que hegemonizou a direita e levou Bolsonaro à presidência. A nova direita é aquela em torno da família tradicional, do anticomunismo e do militarismo; e de valores de mercado, nesse aspecto com várias nuances. Diferente de outras articulações conservadoras, o eixo de gravidade do neoconservadorismo norte-americano – e de novo conservadorismo brasileiro – é a atuação da direita cristã baseada na ideia de que a família – e não o Estado – é a resposta para toda ordem de disfunções sociais. Outro diferencial é uma dinâmica específica de reação. Quando os movimentos feministas e LGBT ganharam espaço na sociedade e chegaram a ter algumas demandas institucionalizadas, a reação a essas pautas, justificada na defesa da família tradicional, passaria a ser o eixo dessa ação política cada vez mais radicalizada. Isso nos Estados Unidos há quarenta anos e contemporaneamente no Brasil.[187]

Pode-se perceber que a conexão entre a dimensão política e religiosa no Brasil contemporâneo é bastante complexa. Por isso, optamos por utilizar o termo "teopolítica", pois acreditamos que no futuro essa relação poderá ser ainda mais complexa e intrincada. Neste momento, refletimos sobre algumas questões e temas

---

[183] PY, F., Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sociorreligioso. Entrevista especial com Fábio Py.
[184] Dorothee Sölle descreve o termo como um fenômeno que ocorreu nas relações entre o partido nazista e as igrejas cristãs e que contribuíram para o desenvolvimento do Terceiro Reich. Este fenômeno continuaria a existir após o fim da Segunda Guerra, pois líderes religiosos continuariam a apoiar supremacias, totalitarismos, políticas de intolerância e ódio às minorias.
[185] Fabio Py, Wagner Lopes Sanchez, Glair Alonso Arruda são alguns estudiosos do tema.
[186] SANCHEZ, W. L.; ARRUDA, G. A., Novas faces do cristofascismo no governo de Jair Bolsonaro, p. 353-372.
[187] LACERDA, M. B., O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro, p.18.

que estão presentes no contexto brasileiro, mas não ampliamos a reflexão para além da perspectiva do cristianismo/evangélico, pois trata-se da religião/denominação hegemônica no Brasil, do qual o item na pesquisa trata. A dimensão teopolítica, evidentemente, abarca outros territórios, outras relações e outras religiões do globo. Assim, também procederemos com o próximo tópico que aborda a dimensão socioambiental, tendo como recorte o Brasil e a sociedade brasileira.

3.3.3
A dimensão socioambiental

O papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, aponta para uma nova visão do cosmo e do ser humano quando escreve "tudo está interligado" (LS n. 16, 91, 117,138, 240). Do macro ao micro, podemos dizer que as dimensões que descrevemos acima estão conectadas e precisam ser pensadas em sua complexidade. A dimensão humano-existencial está interligada à dimensão teopolítica da realidade, que está interligada à dimensão socioambiental, que está interligada a quaisquer dimensões que possamos refletir, porque tudo, absolutamente tudo, está interligado.

Depois da publicação da *Laudato Si'* (2015), Francisco promoveu um sínodo pan-amazônico para pensar novas propostas de evangelização para a região e legou ao povo de Deus dois documentos: o Documento do Sínodo *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral* (2019) e, posteriormente, o papa entregou a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* (2020). O sínodo foi convocado em outubro de 2017 e o desafio girava em torno das dificuldades de a Igreja atender os povos da região, especialmente os indígenas. O documento do sínodo reforça os compromissos firmados na LS com a ecologia integral e aborda este tema universal a partir de um lugar bem concreto – a Amazônia. A ecologia integral propõe uma nova maneira de entender a relação entre todas as criaturas do planeta, a inter-relação que existe entre as dimensões ambiental, econômica, social, cultural e da vida quotidiana.

A região amazônica brasileira é um lugar de conflitos, de violência, de injustiças, de lutas e é também um local de beleza, de vida, de riquezas e de esperanças. É um bioma único no mundo, que tem 60% de sua extensão no Brasil e regula o sistema climático global espalhando chuva para outras regiões do país. A população local é a riqueza em diversidade, composta por indígenas,

seringueiros, quilombolas, ribeirinhos, pescadores e pescadoras artesanais, agricultores familiares, piaçabeiros, peconheiros[188] – os rostos dos habitantes são muito diversos. Além dos povos originais, há grande miscigenação nascida com o encontro e a discordância dos diferentes povos[189].

A região amazônica é um local de disputas em variados níveis – político, econômico, ideológico – e tem questões urgentes que estão interligadas ao mundo todo, citamos: a exploração internacional dos recursos naturais do bioma, o desmatamento, o acesso à água limpa e ameaças à biodiversidade, o narcotráfico e a exploração sexual dos povos locais, o extrativismo ilegal e/ou insustentável, a conivência de governos com projetos econômicos que prejudicam o meio ambiente, a violência contra grupos e pessoas que defendem um outro modo de habitar e atuar na Amazônia preservando a floresta e todo o ecossistema.

Na luta pela preservação do bioma amazônico, muitas pessoas entregaram sua vida; nomeamos alguns (poucos) mártires amazônicos com as datas do martírio, atestando que o assassinato é uma estratégia de silenciamento que vem sendo utilizada há décadas na região: Pe. João Bosco Burnier (1973), Marçal Tupã-i (1983), Pe. Ezequiel Ramin (1985), Ir. Cleusa Coelho Ir. (1985), Mons. Alejandro Labaka (1987), Chico Mendes (1988), Ir. Dorothy Stang (2005), José Cláudio da Silva (2011), Maria do Espírito Santo (2011)[190] e, em 2022, Bruno Pereira e Dom Philips.

A Amazônia é metáfora para o mundo todo. O cuidado e atenção com a região, com os habitantes, com as relações orgânicas e sistêmicas é o mesmo cuidado que a humanidade deve ter com o planeta, a casa comum de todas as espécies. Vivemos uma crise socioambiental que pode causar enorme sofrimento – sobretudo para os mais pobres e fragilizados socialmente – e se não conseguirmos

[188] As populações tradicionais de seringueiros, piaçabeiros, pescadores, peconheiros etc. foram assim designados devido ao ofício que desempenham e que, reconhecendo a importância de se organizarem para lutar por seus direitos, vêm buscando fortalecer sua identidade. Por exemplo, "os piaçabeiros vivem da extração da fibra da palmeira da piaçava (utilizada na fabricação de vassouras), do tupi 'planta fibrosa', é uma das principais atividades econômicas das populações que habitam o médio e alto Rio Negro e seus afluentes, no Amazonas. Os peconheiros, denominam os extrativistas de açaí, que se arriscam no topo das palmeiras e lutam por regulamentações do trabalho, garantindo melhores condições para exercerem suas atividades" (ISPN. Os povos da Floresta).
[189] SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, n. 8.
[190] IFMA (Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice). No caminho sinodal com os Mártires da Amazônia; GONZAGA, P., Mártires da Amazônia: Conheça quem deu a vida pela preservação da floresta.

reverter o processo destruidor, há a real possibilidade da extinção da espécie humana no planeta – em 2017, o físico Stephen Hawking concluiu que a humanidade precisaria colonizar outro planeta dentro de 100 anos, pois não haveria mais condições de vida aos humanos na Terra[191].

Os governos brasileiros que atuaram entre os anos de 2016 e 2022 foram verdadeiros desastres socioambientais. O desmonte dos direitos dos brasileiros começou no ano de 2016 com o congelamento de recursos para áreas da saúde e educação pelos próximos 20 anos, o corte de programas sociais de habitação, de saneamento básico, de ciência e tecnologia e a reforma trabalhista, para citar alguns. O governo do então presidente Bolsonaro foi um caso à parte; tratou-se de uma gestão que teve total descaso para com as questões socioambientais, e para sofrimento do povo em 2020, era o presidente que estava na condução do país quando explode a pandemia.

Assim como o Brasil retrocedeu décadas e voltou ao mapa da fome durante o período do governo Bolsonaro, ainda durante este ciclo, a Amazônia teve seu maior desmatamento desde 2006. Segundo informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área desmatada na Amazônia entre agosto de 2020 e julho de 2021 foi de 13.235 km² e representa um aumento de 21,97% na taxa de destruição em relação ao ano anterior, que foi de 10.851 km². Na média dos três primeiros anos de governo Bolsonaro, a área desmatada teve um aumento de 52,9%. Os "campeões" foram os estados do Pará, Amazonas, Mato Grosso e Rondônia, responsáveis por 87,25% do desmatamento[192].

A situação para os mais empobrecidos está cada vez mais urgente, falta comida, falta teto, falta terra e falta trabalho. E essa situação ocorre em um país que é um dos maiores celeiros de grãos do mundo e possui um dos maiores rebanhos bovinos. Inclusive, boa parte das queimadas na Amazônia são realizadas para fornecer pasto ao gado. O documentário *Sob a Pata do Boi* mostra o impacto da pecuária no desmatamento da Amazônia. A pecuária tornou-se bandeira econômica e cultural da região, e, nesse processo, pecuaristas se articularam para eleger políticos que defendam a atividade na área. Segundo o documentário – o filme é

[191] HAWKING, S., Raça humana terá que sair da Terra se quiser sobreviver. Entrevista a N. Domínguez e J. Salas.
[192] GREENPEACE BRASIL, Com Bolsonaro, Amazônia tem maior Desmatamento desde 2006.

resultado de dois anos de filmagens e reportagens investigativas feitas pela equipe de jornalismo de *O Eco*[193] –, a pecuária da região já possui 40% do rebanho bovino brasileiro, com 85 milhões de cabeças de gado, o que corresponde a mais de três vezes a população humana da região, de 25 milhões de habitantes.

Não é a Região Norte que precisa de atenção e cuidado socioambiental, em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul sofre a maior catástrofe climática de sua história, assim classificada pelo governo do Estado[194] – mais de 400 cidades afetadas, 60% do território estadual atingido, mais de 640 mil residências sem abastecimento de água e mais de 440 mil casas e apartamentos sem energia elétrica[195]. Ocorreram bloqueios em dezenas de pontos nas estradas estaduais por deslizamentos de terra, alagamento, destruição da pista ou queda de barreiras e árvores. Alguns números que ilustram a dimensão do ocorrido: mortes confirmadas – 163; municípios afetados – 469; pessoas em abrigos – 63.918; desalojados – 581.638; afetados – 2.345.400; feridos – 806; pessoas resgatadas – 83.593; animais resgatados –12.464[196].

Engenheiros civis, professores, especialistas em recursos hídricos e em engenharia ambiental atestam que a catástrofe do Sul resulta de múltiplos fatores. Fatores climáticos – em primeiro lugar –, mas também o relevo e a hidrografia, a ocupação e as transformações no uso dos solos, o modo de urbanização e o descaso e as falhas das administrações públicas locais também são agentes relevantes no contexto[197]. Também segundo os engenheiros, a educação ambiental é fundamental para todas as idades, conscientizando a população sobre a importância de se adaptar a eventos extremos. Embora as mudanças climáticas tragam impactos significativos, elas também oferecem uma oportunidade para aproximar a sociedade, incentivando a colaboração em planos comuns e soluções compartilhadas[198].

Por fim, para fechar este tópico da dimensão socioambiental, convém abordar sobre o manejo do lixo e resíduos sólidos. O Brasil produz mais de 82 milhões de

---

[193] O ECO, Sob a pata do boi. Documentário. 2018.
[194] BIERNATH, A; COSTA, C.; SOUZA, C., Os gráficos e imagens que mostram dimensão da tragédia das chuvas no Rio Grande do Sul. BBC.
https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72p96eqkvxo, 25 mai 2024.
[195] ZERO HORA, Veja os números mais recentes das enchentes no RS nesta terça-feira.
[196] PODER 360, Enchentes no RS deixam 163 mortos; 645 mil estão fora de casa.
[197] CONFEA, Para ajudar a compreender a tragédia do Rio Grande do Sul.
[198] CONFEA, Para ajudar a compreender a tragédia do Rio Grande do Sul.

toneladas de lixo, contudo só 2% são reciclados. Como dado comparativo, a Alemanha recicla 60% do seu lixo[199], o que dá a dimensão do tanto de caminho que ainda falta percorrer para o país conseguir ser mais sustentável. A coleta seletiva na maioria das cidades brasileiras ainda é mínima e a reciclagem é um dos pontos prioritários do Plano Nacional de Resíduos Sólidos[200] finalizado em 2022, depois de 12 anos de elaboração e espera. Uma das metas do plano é que, em 2024, 14% de todo o lixo produzido no país seja reciclado.

Ainda muitas questões poderiam ser abordadas nessa dimensão socioambiental, como a concentração de renda, a segregação urbana, o processo de favelização, a falta de rede de transportes apropriada para deslocamento da população, enfim, com a compreensão de que tudo está interligado, "exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade" (LS n. 91). Francisco indica a necessidade de um olhar e uma escuta atentos à realidade para ser possível encontrar um desenvolvimento sustentável e integral, pois, contrariamente ao que pensa o físico Stephen Hawking, entende que é possível mudar o *modus operandi* da humanidade (LS n. 13).

O Sínodo da Amazônia criou o verbo *amazonizar*, que tem um amplo sentido[201]. É um verbo para aprofundar o estudo e conhecimento da Amazônia – é preciso conhecer para amar. No campo político-econômico, visa ser uma resposta ao *desatino* econômico de internalização da Amazônia – o verbo propõe o inverso, ou seja, amazonizar o mundo. Também é evocado em contexto de resistência, pois relatos históricos narram a abundância de alimentos e povos que lá viviam e foram dizimados por um brutal etnocídio desde a colonização. Amazonizar é um projeto de convivência, representa um esforço coletivo de construção de relações humanas baseadas em práticas de cooperação e de participação, buscando alternativas para se viver na lógica da economia solidária pautada na partilha e na solidariedade, nas relações de convivência, respeito e cuidado com a terra, as águas e florestas. Também se alinha com a ideia do Bem Viver, dos povos Ameríndios[202].

[199] RECICLA SAMPA, Brasil gera 82 milhões de toneladas de lixo e recicla apenas 2%.
[200] MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; SECRETARIA DE QUALIDADE AMBIENTAL, Plano Nacional de resíduos sólidos.
[201] OLIVEIRA, M. M. de, O Sínodo para a Amazônia e a invenção do verbo amazonizar.
[202] OLIVEIRA, M. M. de, O Sínodo para a Amazônia e a invenção do verbo amazonizar.

Introduzindo o próximo tópico, podemos dizer que amazonizar é também decolonizar.

3.3.4
A dimensão crítico-etnocêntrica

A dimensão crítico-etnocêntrica vem abordar uma das questões que se levantou no século XX – após as lutas pela independência das colônias francesas e britânicas – e que vem se popularizando em muitos estudos de diversas áreas da academia: o pós-colonialismo. Devemos conceituar o que a expressão "pós-colonialismo" significa na nossa pesquisa e, para tanto, faz-se necessário, inicialmente, estabelecer que o termo colonialismo se refere a um projeto político-econômico de conquista e de controle de outro país, que envolve a submissão dos povos nativos e a administração da economia, do governo, da produção. Se apoia em um discurso de hegemonia e superioridade cultural, está relacionado à ideologia imperialista e capitalista, sendo o ato de colonização um processo concreto de invasão e ocupação do território[203].

O pós-colonialismo é uma perspectiva conceitual que analisa as relações e os efeitos da presença colonial nos países subjugados e realiza uma releitura da colonização como parte de um processo global. Inicialmente, os estudos pós-coloniais estavam focados e direcionados às narrativas eurocêntricas – evidenciando as relações de poder que estão por trás da produção do conhecimento – e, posteriormente, ocorreu uma ampliação da abordagem para considerar também o imperialismo estadunidense. Existem diversas correntes de estudos pós-coloniais; na América Latina há autores que publicaram significativas obras[204], e vale dizer que alguns deles receberam influência da Teologia da Libertação[205].

A reflexão a partir da dimensão crítico-etnocêntrica instiga a imaginar uma teologia pós-colonial que possa repensar sua epistemologia e seu posicionamento em relação ao colonialismo presente nas doutrinas e à absorção neoliberal que

---

[203] HIDDLESTON, J., Pós-Colonialismo, p. 10-11.

[204] Alguns autores: Edgardo Lander, Arthuro Escobar, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil, do coletivo Modernidade/Colonialidade. O grupo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente através da noção de "giro decolonial".

[205] ESCOBAR, A., Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano, p. 58-86.

ocorre em algumas comunidades cristãs. A teologia cristã serviu a interesses colonizadores e, como visto na dimensão teopolítica, ainda serve a interesses do capital e de uma política de dominação e supremacia. O jornal digital *The Intercept Brasil* publicou, em 2020, uma matéria que comprova a determinação de missionários cristãos em converter tribos isoladas na Amazônia, o que é inconstitucional[206].

Por outro viés, temos a atuação de missionários católicos e da própria instituição que assume uma postura mais dialogal e de escuta em relação às comunidades originárias – o Sínodo da Amazônia representou um avanço por querer conhecer os saberes e as diversidades dos povos, reconhecendo suas lutas e a resistência desde a colonização. O Sínodo também foi importante por enfatizar a harmonia no convívio com os povos locais e por defender a região dos projetos econômicos que buscam sua degradação. Mais uma vez, reafirmamos o quanto tudo está interligado. Abordamos questões na dimensão teopolítica que se desdobram na dimensão socioambiental e que estão imbricadas na dimensão crítico-etnográfica.

Seguindo a nomenclatura utilizada por Boaventura de Souza Santos, identificamos as teologias fundamentalistas e as teologias pluralistas, e nos cabe neste tópico relacioná-las respectivamente à globalização hegemônica e globalização contra-hegemônica – "a globalização hegemônica é a nova fase do capitalismo global"[207] que estabelece a primazia do mercado, a liberalização da economia, a privatização dos bens públicos, a minimização do poder do Estado. O cristofascismo identificado no governo Bolsonaro se insere nessa perspectiva de uma globalização hegemônica.

A globalização contra-hegemônica está presente nos movimentos sociais, nas ONGs, nas articulações transnacionais que lutam e resistem ao capitalismo e à opressão colonialista[208]. Movimentos como a Cúpula dos Povos, a Via Campesina, a Marcha Mundial de Mulheres, o Movimento Indígena Mundial e o Fórum Social Mundial são exemplos de redes transnacionais que apontam um caminho de resistência à globalização hegemônica. Contudo, deliberar sobre o que é

[206] MEIRELLES, V., Áudios comprovam que pastor assumiu área sensível da FUNAI para converter índios isolados.
[207] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p.32.
[208] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p.32.

hegemônico e o que é contra-hegemônico só pode ser determinado dentro de um contexto específico.

> Uma greve promovida por centrais sindicais ou um protesto de "decrescimento" no Norte Global podem ser vistos nesta região como contrários aos objetivos da globalização neoliberal e, portanto, como contra-hegemônicos. Contudo, as mesmas iniciativas quando vistas do Sul Global podem ser consideradas como variações dentro da liberalização neoliberal e, portanto, hegemônicas.[209]

A globalização hegemônica está relacionada ao colonialismo e à colonialidade: do poder, do saber e do ser. Na América Latina e no âmbito das Ciências Sociais, a perspectiva pós-colonial desdobrou-se nos termos decolonial/decolonialidade que vem nomear uma estratégia de resistência e desconstrução de padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos colonizados, sendo também uma crítica à modernidade e ao capitalismo. A colonialidade é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser[210]. As relações de colonialidade não terminaram com a independência das colônias, há uma continuidade nas formas coloniais de dominação produzidas pela administração e culturas coloniais e pelas estruturas do sistema capitalista[211].

A decolonialidade[212] impõe um desafio à teologia na medida em que esta, ao fazer autocrítica, reconhece que há necessidade de repensar o seu fazer teológico a

---

[209] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p.34.
[210] BALLESTRIN, L., América Latina e o giro decolonial.
[211] GROSFOGUEL, R., Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global, p. 126.
[212] Colonialismo é o termo utilizado para se referir ao processo histórico, político, econômico e administrativo que caracterizava a relação metrópole-colônia. Usa-se o termo pós-colonialismo para ser referir tanto ao momento histórico que sucede o fim desse sistema administrativo quanto para falar das relações políticas, econômicas, sociais e culturais que irão se constituir a partir da instauração do sistema colonial. Para alguns pensadores da América Latina, mesmo com o fim do sistema político-administrativo, persistiram formas de dominação nos mais diversos campos da vida cotidiana daqueles que foram subjugados nos processos de colonização, constituindo relações de colonialidade do saber, do poder e do ser, dentre outros, o que implica na necessidade de uma luta descolonial, através de um giro decolonial em torno de epistemes e conceitos eurocêntricos. Esses termos – descolonial e decolonial - por vezes são usados como sinônimos, mas algumas/alguns autoras/autores optam pela grafia decolonial como um posicionamento político e epistemológico. A escolha pelo termo decolonial, em vez de descolonial, está relacionada a uma estratégia de nomeação, buscando romper com a ideia de descolonização. Nas palavras de Thaís Colaço: "Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua." Essa e outras declarações que permitem entendermos essa disputa pela nomeação em torno do termo decolonialidade foram elencadas por Rodrigo Gonzatto no link: http://www.gonzatto.com/decolonial-ou-descolonial/" (Fonte: tabela comparativa criada

partir do *desprendimento* epistemológico[213]. A noção de "giro decolonial" implicou em uma radicalização da perspectiva pós-colonial e aponta para uma epistemologia alternativa ao pensamento hegemônico ocidental. De certa forma, a Teologia da Libertação, desde sua gênese, havia denunciado vínculos opressores colonizadores – daí sua influência ser reconhecida em obras decoloniais –, mas sua epistemologia ainda vinha conectada ao pensamento eurocêntrico.

A Teologia da Libertação sofreu desdobramentos na sua reflexão ao longo das décadas.[214] Numa primeira fase, denunciou as desigualdades e despertou a atenção para os pobres e excluídos socialmente: desempregados, trabalhadores rurais, moradores das favelas, trabalhadores em condições sub-humanas etc. Em uma segunda fase, houve o despertar de correntes feministas na teologia em diversos lugares[215], e a PUC-Rio, como exemplo, formou um grupo de teólogas cujas reflexões fortaleceram o estudo feminista e abriram caminhos para outras mulheres na teologia: Tereza Cavalcanti, Ana Maria Tepedino e Maria Clara Bingemer, Margarida Brandão, entre outras. Posteriormente, a teologia feminista latino-americana sofreu desdobramentos no seu desenvolvimento e, assim como o feminismo secular, foi produzindo fragmentações: feminismo branco, negro, indígena, lésbico, *mujerista, mestiza/o*, entre outros. "A consciência da persistência de relações coloniais em Estados supostamente pós-coloniais trouxe para o centro da análise teológica a questão do racismo"[216].

Na questão epistemológica, a teologia (eco)feminista lançou olhares bem críticos à construção do conhecimento teológico ocidental por ser, sobretudo, patriarcal e androcêntrico. A epistemologia ocidental/patriarcal tem algumas características, a saber: é essencialista, de verdades eternas, universalista, monoteísta e aristotélico-tomista[217] – "As epistemologias desembocam em questões éticas, pois o conhecimento é uma ação com consequências sobre o sujeito e a comunidade"[218]. A proposta epistemológica da teologia ecofeminista, anunciada

coletivamente pelo Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade – GRECOS, da Universidade Federal Fluminense, disponível no site https://anaenne.wixsite.com/grecos, consulta em julho de 2023).

[213] CUNHA, C. A. M., Teologia e pensamento decolonial. Em busca de novos lugares para a enunciação da fé cristã, p. 132-148.

[214] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 116.

[215] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 117.

[216] SANTOS, B. de S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos, p. 118.

[217] GEBARA, I., Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião, p. 38-51.

[218] GEBARA, I., Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião, p. 31.

pela filósofa e teóloga brasileira Ivone Gebara na década de 1990, é bem próxima à proposta que a Encíclica *Laudato Si'* assume: uma interdependência no conhecimento, uma realidade processual no conhecimento, a contextualização do conhecimento a partir da experiência cotidiana de homens e mulheres, uma epistemologia afetiva, inclusiva e holística[219].

Embora tenhamos visto semelhanças nas epistemologias propostas pela *Laudato Si'* e na obra *Teologia Ecofeminista*, há uma ênfase no gênero desta última que não encontramos na encíclica: o enfoque no feminismo. E talvez seja esse enfoque que é negligenciado pelas teologias pluralistas – abertas ao diálogo –, que ainda estão calcadas em idealizações patriarcais. Conquanto o termo "ecofeminismo" não esteja presente nos documentos eclesiais, não se pode negar mais algumas semelhanças nas propostas epistemológicas: encontramos no livro da teóloga feminista a valorização do conhecimento dos povos originários que está presente também na *Laudato Si'* (n. 146; 179). A autora ainda faz a denúncia de uma teologia colonizadora.

> Depois de um curso que animei em 1994, uma aymara da Bolívia me disse: "Com o ecofeminismo não tenho vergonha de falar de minhas crenças desde minha cultura. Não preciso dizer que elas têm elementos cristãos para que sejam boas, mas que elas simplesmente valem o que valem e não valem o que não valem".
> Isto porque também o cristianismo se impôs como critério de verdade das religiões do continente. Essa revalorização não é um processo conduzido pelos "brancos arrependidos", mas pelos filhos e filhas das vítimas dos processos colonialistas em que o racismo foi usado como arma para impor as verdades "brancas, cristãs e masculinas".[220]

Poderíamos escrever ainda mais sobre a dimensão crítico-etnocêntrica, mas dentro da proposta desta pesquisa, supomos ser suficiente clarificar as questões que essa dimensão abarca para que possamos voltar a elas com um renovado olhar epistemológico. Como vimos afirmando repetidamente, a questão que levantamos aqui sobre o ecofeminismo poderia estar na dimensão socioambiental, porque tudo está interligado, ou na dimensão existencial relacionada à cultura do estupro. Optamos por colocá-la aqui porque trata-se de uma questão relativa à teoria do conhecimento que também questiona o processo de colonização cultural e teológica.

---

[219] GEBARA, I., Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião, p. 56-75.
[220] GEBARA, I., Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião, p. 69-70.

3.4
Um olhar para as juventudes da PUC-Rio a partir de pesquisas realizadas na Universidade

Como prometemos no início deste terceiro capítulo, direcionaremos nosso olhar do macro ao microcosmo. Transitamos pela leitura sociológica contemporânea que aponta a modernidade líquida como período que nos caracteriza; depois nos detivemos a retratar algumas realidades do mundo globalizado que também se reflete no Brasil e agora, de modo mais específico, vamos examinar a realidade dos estudantes da PUC-Rio. Vale ressaltar que nosso objetivo é enriquecer a leitura e o panorama traçado pela modernidade líquida, agora identificado em nosso tema específico – os alunos e alunas da Cultura Religiosa.

3.4.1
As pesquisas realizadas pelo setor de Cultura Religiosa

Depois de examinar o desenvolvimento do setor de Cultura Religiosa no capítulo 2, iremos abordar, neste tópico, algumas reflexões sobre as duas pesquisas que a Cultura Religiosa promoveu junto aos jovens universitários A primeira pesquisa foi realizada com a contratação da equipe técnica do CERIS em 2006 e finalizada em 2007. Esta pesquisa gerou o livro *Juventude, religião e ética. Reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio"*[221]. A segunda edição da pesquisa foi realizada em 2018 em parceria com o Departamento de Ciências Sociais da própria universidade e concebeu a obra *Perfil da juventude na PUC-Rio. Reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018*[222].

Em termos metodológicos, a opção foi por manter o mesmo questionário nas duas pesquisas para que pudesse ser realizada uma comparação entre ambas – pequenas adaptações foram realizadas em função das mudanças ocorridas no

[221] PEDROSA DE PÁDUA, L; MELLO, Z., Juventude, Religião e Ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio".
[222] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Perfil da juventude na PUC-Rio: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018.

período. Entre a primeira e a segunda pesquisa decorreram 12 anos, o que é bem significativo quando levamos em conta as transformações que ocorreram em uma década, principalmente em relação às plataformas digitais e redes sociais. Também ocorreram mudanças no currículo da Cultura Religiosa. Em 2006, a CRE lecionava Ética Profissional, em 2018, já substituída pela Ética Socioambiental e Direitos Humanos. A reflexão realizada neste item está baseada nas duas pesquisas que compõem esses livros.

Os principais objetivos para a realização das pesquisas acerca do perfil das juventudes foram: conhecer o perfil dos estudantes para estabelecer um melhor diálogo, prosseguir na reflexão e investigação teórica, investir nos procedimentos pedagógicos e engendrar o devir da CRE de forma realista[223]. O setor de Cultura Religiosa entende que a formação teológica aberta ao diálogo com outros saberes promove uma educação integrada, integradora e crítica, proporcionando ao estudante a capacidade de realizar sínteses pessoais e enfrentar desafios da vida profissional e cotidiana. Neste sentido, foi traçado um perfil dos estudantes identificando seus valores, comportamentos, crenças e percepções sobre questões sociais. A pesquisa de 2006 entrevistou 1.468 estudantes (amostra de 11,3% do total de estudantes) e a de 2018 contou com a resposta de 2.114 questionários (amostra de 18,7% do total).

O questionário de ambas as pesquisas teve perguntas abertas e fechadas e as trinta e quatro questões versavam sobre os seguintes tópicos: 1. Perfil socioeconômico; 2. Religião; 3. Participação cívica; 4. Trânsito religioso e tolerância; 5. Cultura e comportamento; e 6. Questões éticas e morais. Os livros publicados apresentam significativas reflexões que foram absorvidas para a realização desta tese, contudo, acreditamos que ainda podemos lançar mais luz sobre a pesquisa do perfil das juventudes da PUC-Rio, e é isto que faremos a seguir.

3.4.2
As interpelações das juventudes à teologia

Em primeiro lugar devemos fixar que este tópico propõe refletir sobre algumas questões que foram assinaladas pelos questionários e que representam interpelações à práxis teológica da CRE. De fato, os dois livros gerados pelas

[223] PEDROSA DE PÁDUA, L.; MELLO, Z., Juventude, Religião e Ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio", p. 8.

pesquisas trouxeram à tona diversas questões/reflexões que também abordaremos, como o decréscimo do catolicismo, bem como o aumento dos estudantes evangélicos, dos sem-religião e dos adeptos das religiões afro-brasileiras. Contudo, também iremos questionar o formato de algumas perguntas e pretendemos expandir a perspectiva sugerindo a ampliação de tópicos relativos à espiritualidade.

Entende-se que as respostas e os dados obtidos na pesquisa devem interpelar o fazer teológico da CRE, possibilitando repensar sua compreensão não só das juventudes, mas de como o Mistério de Deus se revela aos jovens de hoje. O que o Espírito quer dizer à Igreja e à universidade católica por meio das juventudes? A escuta é uma das premissas fundamentais para o acolhimento do outro. Como indica a Encíclica *Fratelli Tutti*, a atitude da escuta é receptiva, supera o narcisismo e hospeda o outro em seu próprio círculo (FT n. 48). Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a palavra "escuta" e derivações aparecem 27 vezes: à escuta do povo, deve-se escutar muito, à escuta do Espírito, a escuta da Palavra, olhar nos olhos e escutar, escutar a fé do povo, a arte de escutar, entre tantas outras colocações.

Vale ressaltar que os documentos eclesiais sustentam que está cada vez mais difícil a escuta. Escutar é uma verdadeira arte nos tempos atuais, uma vez que grande parte das pessoas vive intermitentemente conectada à internet e a redes sociais. Como indivíduos estamos cercados por uma plêiade infinita de informações, imersos nos mecanismos das redes e presos ao mundo da social media. Além de ser uma arte, escutar também é um desafio em meio a este sistema que nos distrai da relação com a própria interioridade e desejos e nos afasta do *trato de amizade*[224] com Deus através da oração contemplativa.

É possível, enquanto universidades católicas, considerarmos a escuta como um movimento de *com-versão,* uma nova e outra versão de si mesma. No caso da teologia, este processo vem se realizando há décadas, de forma contínua, como podemos perceber pelo desenvolvimento e o histórico da CRE: à escuta do Vaticano II na formulação de novas disciplinas, à escuta das mulheres na troca da palavra "homem" por "humano", à escuta da natureza e da *Laudato Si'* na implementação da disciplina Ética socioambiental e Direitos Humanos, à escuta dos universitários

[224] "Oração não é senão tratar de amizade – estando muitas a vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama". Palavras de Santa Teresa de Ávila no livro Vida 8,5.

quando propõe pesquisas com os estudantes. Pode-se dizer que a conversão é um processo ininterrupto na CRE.

3.4.3
Religiões e sem-religião

O primeiro dado que iremos analisar das pesquisas será sobre a pertença religiosa, e depois sobre as crenças, imagem e experiência de Deus. Entendemos ser necessária essa separação, pois percebemos que há uma desinstitucionalização da fé, ou seja, existe uma ideia/concepção de Deus/deuses/espíritos que não está necessariamente atrelada a uma tradição religiosa, assim como também encontramos jovens que se declaram pertencentes e praticantes de determinada religião. Nas pesquisas realizadas, o assunto religião é o segundo item – após a identificação, perfil etc. do estudante – e há sete subitens/perguntas na pesquisa de 2006: (1) "você acredita em?"; (2) "qual é a principal razão que te leva a crer?"; (3) "quem é Deus para você?"; (4) "em que momento você costuma sentir mais fortemente a presença de Deus?"; (5) "você participa de encontros ou atividades da sua religião? Com que frequência?"; (6) "qual a sua religião?"; (7) "qual a sua opinião sobre a Igreja Católica?".

Já na pesquisa de 2018, houve um acréscimo de mais três perguntas no tópico sobre religião: (1) "você participa de encontros ou atividades de outra/s religião/ões que não seja/m a sua? Com que frequência?"; (2) "qual é/são esta/s religião/ões que você participa, além da sua?"; (3) "qual sua opinião sobre as religiões?". Essas três últimas perguntas também constavam da pesquisa de 2006, entretanto estavam em um item à parte da religião, que levava o título de "Trânsito religioso/Tolerância". Uma das modificações para a segunda edição foi incorporá-las ao assunto religião.

Neste primeiro olhar comparativo entre as pesquisas de 2006 e 2018, temos os seguintes dados: o número de católicos declinou de 50,3% para 28,8%, os evangélicos tiveram um pequeno crescimento de 7,7% para 8,3%, os espíritas decresceram de 7,8% para 5,7%, assim como o número de jovens judeus, que baixou o percentual de 3,9% para 2,8%; houve aumento para os fiéis de religiões afro-brasileiras de 0,6% para 2,8%. Os jovens que se declararam sem-religião tiveram um aumento significativo, passando de 22,9% para 40,7%. Esse aumento

de percentual dos sem-religião pode estar relacionado com o decréscimo dos que se declaram católicos?

Embora a pesquisa tenha procurado manter as questões, houve algumas mudanças, e esta pergunta foi uma das que sofreram alteração. No questionário de 2006, as opções de escolha eram: católico praticante, católico não praticante, protestante, pentecostal, espírita, afro-brasileira, orientais, judaica, outra e sem-religião. Em 2018, as opções eram: Budismo, Católica Apostólica Romana, Espírita, Evangélicas, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, Umbanda/Candomblé, sem-religião, outro. Como podemos perceber, na edição de 2018, a opção católico não praticante foi retirada, entretanto na pesquisa de 2006 esta opção representava 37,64%, enquanto 12,65% se declaravam católicos praticantes. Isto significa que dos 50,3% que se declararam católicos em 2006, a maioria (37,64%) não era praticante.

O questionamento que se faz é: dentre os 28,8% dos que se declaram católicos em 2018, existem católicos praticantes e não praticantes? No caso de todos serem praticantes teríamos um aumento *real* de católicos na universidade, já que em 2006, apenas 12,65% se declararam católicos praticantes, mas o que causa espanto é a possibilidade de, entre esses 28,8% haver, de fato, poucos praticantes. Se seguirmos o padrão das respostas e percentuais de 2006, teríamos menos de 10% de estudantes que se entendem como católicos praticantes.

É possível que o aumento significativo dos sem-religião esteja relacionado à consciência de que "católico não praticante" é uma terminologia mais antiga, tendendo a ser ultrapassada – em alguns segmentos das juventudes –, e por este motivo, alguns jovens já assumem a nomenclatura "sem-religião". Contudo, nem tão ultrapassada assim, pois na edição de 2018, embora não constasse a opção "católico não praticante", alguns estudantes ainda se denominaram desta forma[225] – o ponto diferencial entre as duas pesquisas está entre o estímulo e a espontaneidade; enquanto em 2006 havia a opção "católico não praticante", em 2018 a resposta dos estudantes "católico não praticante" foi espontânea, através da opção "outros".

É bem interessante o leque de opções religiosas que se apresenta a partir das respostas espontâneas coletadas. Podemos perceber a grande diversidade religiosa

[225] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242.

dos estudantes com opções criativas, como "Católica Espírita"[226], "Lei da atração", "mistura de católica com candomblé"[227], "politeísmo europeu"[228]. A composição da fé com mais de uma religião parece fazer sentido às juventudes. Há muitas respostas em que se encontra esse perfil de fés amalgamadas, "um misto de religiões" ou "um pouco de todas"[229], "acredito em várias religiões"[230].

Pode-se pensar em especificar o entendimento dos que se denominam sem-religião. Alguns podem ser ateus/agnósticos, mas é provável que um bom número esteja relacionado a uma espiritualidade sem instituição religiosa, vide algumas das respostas coletadas – "não tenho uma religião determinada, acredito em muitas coisas", "não sei classificar, apenas fé em algo, mas gostaria de me enquadrar em alguma", "não acredito em instituição"[231]. Como os sem-religião vivem a sua espiritualidade e fé? Em que creem os que não creem? Na pergunta "qual é sua religião?", é interessante poder contar com as opções "ateu/agnóstico" e "com fé/espiritualidade, mas sem religião". A questão pode ser mais bem esclarecida para os universitários com essas colocações. Vejamos esse registro: "Não sinto necessidade de encaixar o que acredito em uma categoria. Mas, por ter fé no espírito da natureza, por achar que a natureza e suas forças regem tudo, acredito que não possa me encaixar em 'sem-religião'"[232].

Ainda sobre as religiões, entendemos que a questão pode acrescentar outras tradições – com menor expressão de adeptos – nas opções de escolha. Segundo as colocações dos estudantes na pesquisa de 2018, surgem algumas alternativas: Wicca, Magia, Perfect Liberty, Daime/União do Vegetal, Satanismo, Espiritualismo, Igreja Messiânica, Seicho-no-ie, Testemunha de Jeová e Cristã/Cristianismo. Esta última opção possui uma variante, o "cristão não praticante"[233] à semelhança do "católico não praticante". O predicativo "não praticante" parece fazer parte da tradição cristã, pois não foi encontrado registro de budista não praticante ou judeu não praticante nas respostas da pesquisa.

---

[226] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242.
[227] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 243.
[228] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 244.
[229] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 245.
[230] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242.
[231] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 244.
[232] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 244.
[233] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242-243.

3.4.4
Sobre as crenças

Neste item, fixamos nosso olhar na questão "você acredita em". Na pergunta sobre a crença temos dezesseis opções: Deus / Jesus Cristo / Virgem Maria / Santos / Anjos / Espírito Santo / Espíritos de Luz / Duendes e gnomos (1ª pesquisa) – seres elementares da natureza (2ª pesquisa) / demônio / reencarnação / vidas passadas / entidades e orixás / vida após a morte / energias-aura / astrologia – horóscopo (1ª pesquisa) astrologia – tarô (2ª pesquisa) / NRA. Basicamente, foram mantidas todas as opções de resposta da pesquisa de 2006 com pequenas mudanças. Vejamos o quadro com as informações das pesquisas de 2006 e 2018.

Quadro 5 – Respostas a "Você acredita em"

Você acredita em	2006	2018
Deus	Sim: 81,69% Não: 18,31%	Sim: 67,2% Não: 32,8%
Jesus Cristo	Sim: 59,63% Não: 40,27%	Sim: 48,6% Não: 51,4%
Virgem Maria	Sim: 38,39% Não: 61,61%	Sim: 27,5% Não: 72,5%
Santos	Sim: 33,16% Não: 66,82%	Sim: 28,3% Não: 71,7%
Anjos	Sim: 37,99% Não: 62,01%	Sim: 35,2% Não: 64,8%
Espírito Santo	Sim: 41,55% Não: 58,45%	Sim: 35,7% Não: 64,3%
Espírito de luz	Sim: 22,01% Não: 77,99%	Sim: 36,2% Não: 63,8%
Duendes e Gnomos/ Seres elementares da natureza	Sim: 5,17% Não: 94,83%	Sim: 26,2% Não: 73,8%
Demônio	Sim: 16,59% Não: 83,41%	Sim: 19,7% Não: 80,3%
Reencarnação	Sim: 30,56% Não: 69,44%	Sim: 30,2% Não: 69,8%
Vidas Passadas	Sim: 32,56% Não: 67,44%	sem referência
Entidades e Orixás	Sim: 12,27% Não: 87,73%	Sim: 18,4% Não: 81,6%
Vida após a morte	Sim: 40,58% Não: 59,42%	Sim: 38,1% Não: 61,9%
Energias - Aura	Sim: 27,09% Não: 72,91%	Sim: 36,6% Não: 63,7%
Astrologia	Sim: 21,98% Não: 78,02%	Sim: 23,7% Não: 76,3%
NRA	Sim: 10,56% Não: 89,42%	Sim: 14,9% Não: 85,1%

Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos o quadro de crenças, podemos perceber que a equipe de elaboração optou por colocar crenças cristãs, não cristãs e alguns itens que tipificam uma espiritualidade Nova Era[234], ou new-age. Havia a possibilidade de escolher mais de uma opção e assim seria possível marcar crenças cristãs e não cristãs ao mesmo tempo. Alguns itens tiveram pouca variação de percentual, como a crença na Reencarnação: 30,56% dos estudantes afirmaram que possuíam em 2006, e em 2018, 30,2% responderam positivamente.

A maior disparidade está no item duendes e gnomos / seres elementares da natureza[235]. Em 12 anos, a crença nesses espíritos da natureza aumentou consideravelmente – em 2006, apenas 5,6% acreditam em gnomos e duendes, em 2018, 26,2% dos jovens da PUC-Rio responderam acreditar em seres elementares da natureza. É possível que a mudança de nomenclatura possa ter gerado outro entendimento da questão para haver tamanha adição no percentual? É certo que estamos com uma sensibilidade mais aflorada para as questões da natureza, da ecologia, do meio ambiente; mas será que essa sensibilidade seria responsável por tão grande aumento de crença? Também é significativo o fato de, em 2018, haver mais estudantes de diversas religiões; efetivamente, constata-se o aumento no percentual de adeptos das religiões orientais, do Candomblé e da Umbanda, dos evangélicos e dos sem-religião. Especificamente, as religiões de origem afro-brasileira realizam cultos na natureza, seja nos rios, praias ou campos. De qualquer forma, é muito intrigante que esta crença tenha tido um aumento tão expressivo.

Além da crença nos espíritos da natureza, encontramos a opção de crença em espírito de luz – expressão muito utilizada na doutrina espírita –, que também teve aumento, embora o percentual de estudantes que se declaram espíritas tenha diminuído – de 7,8% em 2006 para 5,7% em 2018. É possível que esse crescimento esteja relacionado com o percentual dos estudantes que se manifestaram como pertencentes a alguma das religiões afro-brasileiras[236]: em 2006 havia menos de 1% e em 2018 totalizaram 2,8% dos estudantes. Contudo, o crescimento das religiões

[234] FERNANDES, S. R. A., Relatório analítico da pesquisa Perfil da juventude na PUC-Rio, p. 24.
[235] A propósito, o termo correto é "seres elementais da natureza" e não "elementares". Elementais são justamente os espíritos da natureza: na água encontram-se as ondinas, ninfas e sereias, no fogo as salamandras, na terra são os duendes e gnomos e no ar, as fadas.
[236] É possível que entidades como os Pretos-Velhos, os Caboclos possam ter sido considerados como espíritos de luz.

afro não justificaria esse salto, é provável que os sem-religião ou os adeptos de uma religiosidade new-age também compartilhem da mesma crença em espíritos de luz.

A crença no Espírito Santo – dogma do cristianismo – sofreu queda; crenças relacionadas ao catolicismo, como os santos e a Virgem Maria também. Consideramos um dado interessante – que nos impulsiona a refletir – o fato de crenças em *seres elementais/espíritos da natureza* e *espíritos de luz* sofrerem um aumento e a crença no Espírito Santo decair, mesmo com um aumento de percentual de evangélicos. Os jovens estão acreditando em diversos tipos de espíritos, menos no Espírito Santo. A crença em anjos sofreu pouca queda e o demônio está em alta – em 2006, 16,59% dos estudantes tinham a crença e em 2018 são 19,7%. É possível que com o aumento dos evangélicos, haja um bom número de pentecostais e neopentecostais, pois nessas igrejas há uma exacerbação no discurso sobre o demônio[237].

Um ponto que consideramos importante abordar na questão das crenças é a opção "crer em Jesus Cristo". O que significa crer em Jesus Cristo? Significa crer na fórmula do Credo Niceno-Constantinopolitano? Significa crer que Jesus existiu? Significa crer que Jesus é Deus encarnado? Significa crer que Jesus é um ser iluminado, um Avatar, ou um grande mestre da humanidade? Algumas respostas dos jovens referentes a Jesus Cristo revelam que há um grande arco de compreensão da pessoa de Jesus que se há de considerar na formulação da questão: "acho a mensagem de Jesus Cristo, enquanto homem, sublime"[238], "eu acredito na existência de Jesus enquanto figura histórica"[239], "só acredito que Jesus existiu pois acho que é uma figura histórica, não religiosa"[240].

Há que considerar que Jesus Cristo é uma figura pública, que ultrapassou os limites doutrinários das igrejas. A pessoa de Jesus não é propriedade do cristianismo nem das igrejas. Se realmente queremos nos envolver e *primeirear* com os jovens, faz-se necessário destrinchar essa questão e especificar. Para os cristãos, a pergunta "você crê em Jesus Cristo" parece óbvia, a resposta deve ser sim ou não, mas a pergunta não é clara o suficiente para as demais pessoas que não comungam da crença cristã. Talvez, em vez de perguntar "você crê em Jesus Cristo?", seria mais

[237] SOUZA, A. R. de; ABUMANSSUR, E. S.; LEITE, J. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais, p. 385-410.
[238] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 223.
[239] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 224.
[240] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 229.

apropriado seguir o Mestre em Mc 8,27 e perguntar: "Quem dizem os homens que eu sou?" Seguimos com uma sugestão:

> Você crê que Jesus Cristo é: ( ) Filho de Deus/Deus encarnado; ( ) Um grande mestre da humanidade, assim como Buda, Moisés, Krishna, Maomé ( ) O visível do Deus invisível; ( ) Um homem comum com boas intenções / pessoa ética; ( ) um homem insensato; ( ) um revolucionário; ( ) um profeta/visionário; ( ) uma personagem inventado/não existiu; ( ) não tenho opinião formada; ( ) outro: _____.

A formulação acima aponta para uma abertura na compreensão de quem é Jesus para os jovens, permite ampliar o olhar sobre a pessoa de Jesus e pode ajudar a direcionar a comunicação e a evangelização com as juventudes. A pessoa e a imagem de Jesus para os jovens podem estar além ou mesmo aquém do dogma da Igreja – e isso não é necessariamente nem bom nem ruim –, entretanto a compreensão/imagem que as juventudes têm de Jesus Cristo é o solo para o trabalho de evangelização.

3.4.5
Imagem e experiência de Deus

Além de analisarmos o tópico sobre as crenças – somente na pesquisa de 2018, mais recente –, também despertou nossa atenção a questão sobre a imagem de Deus, que pelo olhar das juventudes é prioritariamente algo impessoal – uma energia (36%). Nessa linha, também encontramos depoimentos de Deus como uma "força superior", "força comum" e "força divina"[241]. O "Deus Amor" aparece em segundo lugar nesta tabela (18,8%) e, em terceiro, temos 2 itens com empate técnico: outras imagens de Deus que não as indicadas na tabela (13,7%) e a imagem de um pai que ama e se preocupa com as pessoas (13,5%). A pergunta "quem é Deus para você?" na pesquisa de 2018 apresentou as seguintes questões e percentuais:

Quadro 6 – Respostas a "Quem é Deus para você"

A natureza	9,4%
O amor	18,8%

[241] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242; 227.

Um amigo pra todas as horas	3,1%
Um pai que ama e se preocupa com as pessoas	13,5%
Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas	2,3%
Uma energia	36,6%
Outro	13,7%

Fonte: elaborado pela autora.

A imagem de Deus como natureza também teve maior percentual do que a imagem do Deus como amigo, ou do Deus como juiz poderoso. É coerente esta posição do "Deus natureza" quando percebemos a expressiva crença nos espíritos/elementais da natureza e pelo aumento do percentual dos adeptos das religiões afro-brasileiras, como observado anteriormente. Contudo, também se torna pertinente um maior entendimento – o "Deus natureza" é panteísta ou pananteísta? No "Deus natureza" está contida a compreensão dos Orixás como forças da natureza? Há respostas bem complexas que expressam Deus como energia + amor + manifestação em tudo e em todos: "acredito que Deus seja uma energia que se manifesta na forma do amor e que está presente na natureza como um todo e em todos os demais seres vivos (sem restringir apenas à raça humana)[242].

É possível que o aumento da crença em espíritos de luz / da natureza – como mencionado no item anterior – também esteja relacionado com a imagem de um Deus que é energia, que flui e que, de certa forma, foge de uma imagem humana, de um perfil de humanidade. Estamos na modernidade líquida, e o "Deus energia" se adequa bem aos nossos tempos líquidos, fluidos, pois vai assumindo várias molduras e representações: "Deus é tudo e nada ao mesmo tempo", "entidade onipresente", "infinito", "energia, natureza, amor, universo"[243]. Consideramos que um dos bons desafios da teologia na contemporaneidade é humanizar o "Deus energia" e *pro-mover* a experiência cristã do encontro com Jesus Cristo vivo. Atentamos para o fato da pergunta "Quem é Deus para você?" não ter a opção Jesus

[242] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242; 231.
[243] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 242; 232.

Cristo, nem a opção Criador (do Universo), que foi citada espontaneamente[244]. A sugestão é incluí-las em uma possível terceira edição da pesquisa.

A presença de Deus é sentida com maior frequência diante da natureza (22,8%), seguida pela resposta “sempre, em todos os momentos" (21,9). A terceira posição com 13,6% está nos “momentos de dor, perigo ou sofrimento”, acompanhada de perto pela resposta “em nenhum momento” com 12,4% dos entrevistados. Outras respostas também podem representar caminhos de aproximação à experiência cristã: na arte[245], no silêncio[246], na companhia da pessoa amada[247], na liturgia (missa ou cultos)[248]. São como pistas que podem direcionar a teologia para uma educação *do sentir* a presença de Deus. Em uma terceira edição, também podemos ampliar as opções com as já sugeridas pelos estudantes – arte, silêncio e relações amorosas.

Diante de tantas respostas sobre a imagem e experiência de Deus, cabe ressaltar uma – a feminização de Deus, a imagem da Deusa. A imagem da Deusa geralmente está relacionada à religião Wicca, ao paganismo e à magia. Todas estas três práticas religiosas foram citadas pelos estudantes nas respostas espontâneas: “Para mim, a Deusa é uma mulher que possui muitas faces e ela está em tudo que vemos, ouvimos e sentimos. Ela tem sua face masculina, mas eu prefiro associar a divindade com uma Mãe Natureza”[249].

A associação entre mulher e Natureza não é recente, além de Simone de Beauvoir, feministas contemporâneas como Donna Haraway, Vandana Shiva, Maria Mies e Janyne Sattler abordam este tema[250] através de várias perspectivas; o que aqui entra em questão e chama a atenção é o emprego linguístico da *versão feminina* de Deus, a Deusa, que vem associada à Mãe Natureza. Constata-se, através das pesquisas, que as juventudes do campus da PUC-Rio veem o Divino associado à Natureza. Nesse sentido, podemos considerar que há uma ênfase no aspecto da Criação, que se revela na figura de uma Mãe Natureza – mãe, a geradora de vida.

Embora a imagem de Deus esteja se mostrando como impessoal – energia, força, natureza –, esse aspecto também pode estar querendo revelar uma dimensão

[244] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 234.
[245] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 238.
[246] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 240.
[247] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 240.
[248] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 239.
[249] GONZAGA, W; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 235.
[250] AYMORÉ, D., O ecofeminismo e a relação entre natureza e mulher, p. 175-192.

mística, que transcende a uma explicação racional. Será que por trás dessas palavras se oculta a dimensão do Mistério divino? E o Deus Mistério, o Deus do Real, onde está? O mistério representa aquilo que não se sabe/pode explicar, mas revela-se numa dimensão em que o sujeito se sente atravessado na sua vivência – 27,1% responderam que a principal razão para crer é *sentir* a presença de Deus em suas vidas e outros 20,4% entendem que a fé ajuda a descobrir o sentido profundo da vida[251]. *Sentir e sentido*, as juventudes estão atravessadas por questões fundamentais em suas existências. Como a Teologia e a Cultura Religiosa podem corresponder a essas interpelações?

3.4.6
Ética e espiritualidade

As pesquisas são mediações apropriadas para indicar que tipos de relações estão sendo valorizadas e construídas pelos jovens, seja em relação às outras pessoas (comunidade), à natureza, seja a si mesmo – quais os princípios e valores que são mais significativos para esta geração? Há diferenças de valores entre a juventude que se declara religiosa e a que se declara sem religião? O teólogo Sérgio Mendes apresenta um levantamento com uma perspectiva singular a partir do cruzamento da escala de valores com a opção religiosa[252], como segue:

Valores	**Sem religião**	**Pessoas religiosas**
Respeito às diferenças	1º	1º
Igualdade de oportunidades	2º	4º
Respeito ao meio ambiente	3º	3º
Solidariedade	4º	2º
Liberdade individual	5º	6º
Justiça social	6º	5º
Liberdade política	7º	7º
Autorrealização	8º	8º

Mendes aponta que, enquanto o quadro geral acima mostra certa homogeneidade, se for considerada separadamente a opção religiosa, nenhuma

[251] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 222.
[252] MENDES, S., Juventudes e valores éticos, p. 78.

escala de valor coincide, pois cada religião possui suas particularidades. Cita, por exemplo, a posição de "igualdade de oportunidades", que figura para os budistas em primeiro lugar, com 85,7% de respostas, e que para os hinduístas está no extremo oposto, com 40% de votantes. O "respeito ao meio ambiente" é expressivo – mais de 70% de respostas – para os adeptos do Budismo, Hinduísmo, Umbanda e Candomblé. Este valor ético está entre os dois mais importantes para estas tradições, mas é menos significativo para as monoteístas[253].

Com o crescimento dos evangélicos – tanto no Brasil quanto na PUC-Rio – detivemo-nos a acrescentar algumas considerações às análises realizadas por Mendes. O autor aponta que o grupo foi o que teve menor adesão em relação a "respeito às diferenças" e significativa defesa ao valor "temor a Deus". Acrescentamos que foi este grupo que demonstrou maior afeição por "obediência à autoridade", obtendo 13,1% de votos para este valor, sendo seguido pelos católicos com 8,4%. Esse dado talvez ajude a entender a prática de muitos pastores neopentecostais utilizarem a igreja e a sua autoridade de pastor para apoiar políticos: "Há uma máxima nas igrejas protestantes brasileiras, sejam as tradicionais, pentecostais ou neopentecostais: pastor é autoridade e deve ser tratado com a maior deferência"[254].

Ao tratarmos da perspectiva ética neste tópico, cabe-nos destacar um pequeno recorte de gênero, para abordar a questão da mulher e da violência, já que discorremos sobre a experiência de uma cultura do estupro na sociedade brasileira. Em primeiro lugar, a pesquisa de 2018 indica que 54,2% dos estudantes são do sexo feminino, que revela um pequeno percentual maior de mulheres na formação acadêmica. A professora Ana Paula Conde destaca que a presença feminina na universidade impacta as relações de gênero na sociedade como um todo e traz novas abordagens e temáticas ao debate acadêmico. Contudo, salienta que, em nossa sociedade e na política, existe sempre a tendência para designar mulheres para cargos considerados de *domínio feminino*, evitando pastas importantes como Justiça, Defesa ou Economia, e nessa direção, há a possibilidade de enfraquecer as

[253] MENDES, S., Juventudes e valores éticos, p. 76.
[254] LEITÃO, M., Os três pastores de Bolsonaro. Presidente deu ministérios a diferentes alas evangélicas para garantir apoio ao governo e nas próximas eleições. TSE vai julgar abuso do poder religioso.

políticas públicas que atendam ao segmento das mulheres[255]. Nessa lógica, a professora destaca o projeto "As Augustas", que busca despertar o interesse pelas ciências para as estudantes do ensino médio:

> O nome é uma homenagem a Augusta Ada Lovelace (1815-1852), matemática e escritora inglesa que escreveu o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina. *O projeto surgiu na disciplina de "Cristianismo e problemas sociais"* e conta com o apoio do Ciclo Profissional de Engenharias (CCPE).[256]

Destacamos aqui, mais uma vez, o perfil interdisciplinar das disciplinas da Cultura Religiosa, atestado pela representante do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. Entendemos que o setor da CRE pode amplificar ainda mais a sua contribuição, sobretudo se atuar na dimensão da extensão universitária, unindo-se a projetos que visem transformar a realidade dos mais excluídos. Neste sentido, deve-se buscar valorizar a linguagem da *cidadania plena*, e – como indica Francisco na *Fratelli Tutti* n.112 – evitar utilizar o termo *minorias* para referir-se a mulheres, a negros ou a qualquer outro segmento social que possua alguma vulnerabilidade ou *desvantagem* nas políticas públicas, pois a palavra *minoria* porta um sentido discriminatório e de inferioridade, motivando discórdias e hostilidades entre cidadãos. O senso IBGE 2022 já indica que as mulheres são a maioria da população brasileira, hoje composta por cerca de 104,5 milhões de mulheres e 98,5 milhões de homens**,** o que, respectivamente, corresponde a 51,5% e 48,5% da população residente no país[257].

Conde observa que houve aumento na preocupação dos estudantes com relação aos "direitos humanos", ao "preconceito" e à "discriminação", conforme tabela abaixo, temas esses profundamente relacionados à experiência das mulheres[258]:

	2006	**2018**
Direitos Humanos	12,1%	36%
Preconceito	8,4%	16%

[255] CONDE, A. P., O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios, p. 110-111.
[256] CONDE, A. P., O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios, p. 117 (grifo nosso).
[257] IBGE, Conheça o Brasil – população. Quantidade de homens e mulheres. 2023.
[258] CONDE, A. P., O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios, p. 113.

Discriminação	5,4%	11,7%

A autora ressalta que esses temas são relevantes para a conscientização das situações de violência vividas pelas mulheres e indica que este trabalho só será efetivamente transformador se colocar a questão racial no centro do debate feminista. A violência atinge a mulher negra de forma mais intensa, são 61% das vítimas, contra 38,5% de brancas, 0,3% de indígenas e 0,2% de amarelas[259]. Cabe observar que, em 2018, a PUC-Rio tinha a seguinte composição racial: 78% dos alunos se declararam brancos, 14,2% pardos, 5,8% pretos, 0,1% indígenas, 0,7% amarelos e 1,2% outros. Em 2006, eram 77% brancos, 14,6% pardos, 3,4% pretos, 0,1% indígenas, 0,1% amarelos e 3,4% outros[260]. A PUC-Rio é uma instituição da elite do Rio de Janeiro, embora seja uma universidade com grande preocupação com a inclusão socioeconômica e seja pioneira na implementação e um amplo programa de bolsas e financiamentos de estudos[261].

As pesquisas indicam que os estudantes da PUC-Rio estão sintonizados com valores éticos fundamentais, contudo estes valores não estão fundamentados pelos princípios religiosos, estão mais relacionados às questões de cidadania e ética secular. Também parecem valorizar mais a práxis do que os conceitos e as especulações teóricas, e neste sentido se aproximam dos profetas no Primeiro Testamento, que reprovavam as especulações teológicas dos rabinos em prol de atitudes solidárias efetivamente direcionadas aos marginalizados e vulneráveis[262].

Depois de analisarmos a perspectiva ética, cabe-nos olharmos para o perfil dos estudantes e perguntar: e como anda a espiritualidade, a mística do alunato? De certa forma, as respostas obtidas no questionário com relação à religião, à crença e à presença de Deus traduzem um pouco do sentimento religioso presente nos alunos e alunas, contudo intuímos que novas questões podem captar e expressar melhor e de forma mais profunda a experiência de fé dos universitários. Como indicamos anteriormente, a pesquisa não atenta para a dimensão mística, não faz referência a Deus como Mistério ou como Real, linguagem utilizada pelos místicos de diversas

[259] CONDE, A. P., O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios, p. 113.
[260] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 215.
[261] PUC-Rio. Disponível em: http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/bolsas_tipos.html Acesso em: 14 out 2022.
[262] MENDES, S., Juventudes e valores éticos, p. 82.

tradições. Parece que a perspectiva mística ficou um tanto marginalizada nas duas pesquisas acadêmicas do setor, mas isso pode e deve ser corrigido para as futuras edições.

Entendemos que é possível articular questões que possam expressar melhor a espiritualidade na rotina dos estudantes – através das práticas – e não só através de conceitos. Tomemos como exemplo as muitas práticas relacionadas à saúde corporal e mental: meditação, Reiki, Yoga, tratamentos com cristais/pedras, cirurgias espirituais, jogo de búzios, radiestesia, ingestão de substâncias para expandir a consciência, entre tantas outras. Todas essas experiências podem ser vivenciadas por uma única pessoa sem que ela tenha alguma vinculação religiosa. E, de certa forma, podem revelar tanto uma simples curiosidade como uma busca verdadeira de conhecimento, autocompreensão e integração.

Ao olhar para a inclusão da dimensão mística na pesquisa, também é preciso atentar para questões que possam dimensionar a relação do aluno/aluna com a sua interioridade e a relação consigo mesmo. Questões em que possa ser possível delinear alguns contornos da autocompreensão que o sujeito tem de si. Aqui entra também uma dimensão psicológica, e seria preciso apoio especializado da área da psicologia para a confecção de perguntas adequadas às questões que se pretende entender/revelar/conhecer. Dentro do estudo da psicologia, há uma área que pesquisa as relações entre psicologia e religião e/ou experiência religiosa que pode auxiliar a teologia na compreensão da espiritualidade que os jovens estão vivenciando.

Para que o questionário seja efetivamente um instrumento para a escuta dos universitários, faz-se necessário que sua concepção/criação possa contar com todos os saberes adequados à realização dessa tarefa e a psicologia tem muito a contribuir. Sobre a experiência religiosa, existem teorias psicológicas que, sendo articuladas nas perguntas do questionário, podem ajudar na compreensão da espiritualidade dos jovens. Só para citar como exemplo, há a "Escala M" (de misticismo) elaborada por Ralf W. Hood em 1975 que diferencia a experiência religiosa em 3 fatores: misticismos de extroversão, interpretação religiosa e misticismo de introversão[263]. Uma outra leitura aponta uma escala de características de religiosidade extrínseca e religiosidade intrínseca[264]. Enfim, há diversos estudos e pesquisas na área da

[263] VALLE, E., Psicologia e experiência religiosa, p. 262-264.
[264] VALLE, E., Psicologia e experiência religiosa, p. 270-272.

psicologia que se aplicados à pesquisa poderiam qualificar ainda mais as respostas obtidas.

Os pesquisadores do CERIS que compuseram o questionário que foi aplicado na primeira e segunda edição utilizaram termos relacionados à *New Age*, ou Nova Era[265], porque em 2006 havia a tendência a uma desvinculação institucional por parte dos jovens – atitude atinente à religiosidade da Nova Era. Ao que parece, pelo aumento do número dos sem-religião na pesquisa de 2018, esta tendência constituiu-se numa realidade em 2022, com probabilidade de maior progressão[266]. Talvez a principal indicação de que a religiosidade Nova Era está presente nas juventudes da PUC-Rio seja justamente a ideia de que Deus é energia e/ou energia cósmica.

Não pretendemos especificar ou propor um aprofundamento sobre o movimento denominado Nova Era, porque a Nova Era se apresenta de variadas formas. O cardeal Paul Poupard, presidente emérito do Pontifício Conselho para a Cultura, emitiu um documento, em 2003, sobre a reflexão do Vaticano acerca do tema, e a análise identificou a Nova Era como um desafio religioso e cultural, sendo também sintoma de uma cultura em profunda crise e uma resposta equivocada à situação de crise cultural[267]. A *New Age* anuncia uma mudança de paradigma – a Era de Aquário –, a vivência de uma espiritualidade planetária, holística, relacionada com a expansão da consciência. Vale lembrar do musical *Hair* e da música *Age of Aquarius*[268] que anuncia as qualidades dessa nova era*:* Harmonia e compreensão / Simpatia e confiança em abundância / Sem mais falsidades ou zombarias / Visões vivas de sonhos dourados / Cristal místico de revelações / E a verdadeira libertação da mente / Esse é o amanhecer da era de aquário (livre tradução).

Ainda que seja uma resposta equivocada, o documento principal sobre o tema da *New Age* – Jesus Cristo, portador da água da vida. Uma reflexão cristã sobre a

---

[265] FERNANDES, S. R. A., Relatório analítico da pesquisa Perfil da juventude na PUC-Rio, p. 24.
[266] Por ocasião da campanha eleitoral de 2022, muitos pastores neopentecostais transformaram o púlpito em palanque, discriminando fiéis ou obrigando o voto no candidato Jair Bolsonaro - "ou você é Bolsonaro ou você não é bem-vindo na igreja". Muitos cristãos estão indignados com a posturas desses pastores e com a conivência das igrejas (MARQUES, J. Campanha eleitoral em cultos evangélicos provoca reação de fiéis e até troca de igreja).
[267] PONTIFÍCIO CONSELHO PARA CULTURA, Jesus Cristo, portador da água da vida. Uma reflexão cristã sobre a "Nova Era".
[268] VAGALUME, Age of Aquarius (letra).

Nova Era – é um tanto hostil quando aponta as características do movimento, como na ocasião em que coloca a palavra mística entre aspas nesta frase: "A psicologia é usada para explicar a expansão da mente como uma experiência 'mística'" (n. 2.3.4.1)[269]. E de outra maneira, o termo mística se apresenta sem aspas quando faz referência à experiência cristã: "A mística cristã autêntica nada tem a ver com técnica".

Nossa intuição, a partir da leitura dos questionários e da experiência em sala de aula, implica em considerar que a cultura *New Age* está na compreensão e suporte das muitas respostas dos universitários relativas à religiosidade. E a psicologia tem muito a contribuir para o entendimento dessa cultura predominantemente urbana – "[a Nova Era]... tem algo de religião, de filosofia, de ciência, de cultura, de arte, de (…)"[270], entretanto não é nenhum desses elementos. Se antes consideramos a Nova Era como um movimento, também podemos considerar como uma atmosfera, pois parte das pessoas que são adeptas do movimento, não se imaginam pertencendo a tal movimento "simplesmente respira[m] o ambiente da Nova Era e, como por osmose, recebe[m] suas influências sem se dar conta"[271].

A atmosfera Nova Era é mística. O pensamento da Nova Era conjuga a mistura de crenças e de ciência, e molda uma mística particular, individualizada e subjetiva. Possui também um caráter terapêutico, associando cura, libertação de padrões pessoais nocivos, superação dos traumas e integração do *self*[272] e surge nas sociedades de abundância, na busca de uma felicidade não alcançada pelo consumismo; contudo não pretende reagir contra a sociedade de consumo, apenas ocupar e preencher os vazios deixados por ela[273]. A mística, a espiritualidade são as respostas para esta perda de sentido e a sensação de vazio; assim, é necessário ao humano contemporâneo abrir-se ao transcendente, recuperar o sentido do sagrado, mudar a consciência e realizar um renascimento[274].

Entendemos que a Nova Era resgatou aspectos positivos da religiosidade, de certa forma, ela é um sintoma de que as religiões tradicionais não conseguiram *alimentar* seus adeptos com projetos de sentido na modernidade líquida. O caráter

[269] PONTIFÍCIO CONSELHO DE CULTURA, Jesus Cristo, portador da água da vida. Uma reflexão cristã sobre a "Nova Era".
[270] VALLE, E., Psicologia e experiência religiosa, p. 218.
[271] DIEZ, F. M., A nova era e a fé cristã, p. 25.
[272] DIEZ, F. M., A nova era e a fé cristã, p. 25.
[273] DIEZ, F. M., A nova era e a fé cristã, p. 37.
[274] DIEZ, F. M., A nova era e a fé cristã, p. 37.

terapêutico aliado à espiritualidade traduz a necessidade desse tempo marcado pela sociedade do cansaço e do desempenho, pelo stress, pela depressão, pela estafa de ser sempre produtivo e eficiente. As terapias holísticas buscam promover o bem-estar, a saúde física, mental e espiritual, a harmonia, a integração do *self*, a paz interior, enfim, oferecem a esperança e a felicidade numa sociedade neoliberal – a Nova Era intenta "apontar caminhos de salvação para o homem do presente e do futuro"[275].

Consideramos que o grande percentual dos jovens que se identificam como sem-religião estão absorvidos pela atmosfera da Nova Era, seduzidos pela mística e espiritualidade que dela emana, procurando responder ao profundo desejo do ser humano de *sentido*. Contudo, assim como no caso da ética, que na perspectiva das juventudes não está fundada nas tradições religiosas, esta mística não está relacionada às religiões, não obstante, não pode prescindir delas, e por isso ressignifica a figura de Jesus Cristo e/ou de Buda, reinterpreta doutrinas, bem como vai associando seu pensamento à física, à psicologia, à antropologia etc. Entendemos que a universidade católica – que une ciência e religião – pode investigar melhor a atmosfera mística que permeia a Nova Era e que atravessa as juventudes neste cenário brasileiro, com o intuito de achar caminhos para proporcionar a experiência de encontro com Jesus Cristo vivo.

3.4.7
Algumas considerações sobre as pesquisas

Parece-nos óbvio que as pesquisas com as juventudes da PUC-Rio se tornaram um singular e importante instrumento para a escuta dos universitários. Limitamo-nos a refletir sobre as questões teológicas do questionário, mas a pesquisa oferece outras possibilidades de estudo em outras áreas e poderá ser utilizada por distintos setores universitários, como o CIM – Conselho de Identidade e Missão, a Vice-Reitoria Comunitária e a Pastoral Universitária, por exemplo. Entendemos que o processo de escuta dos estudantes, através da pesquisa, deve ser contínuo, conter outras edições e até se incorporar ao expediente universitário como uma rotina a cada 7 anos – número bíblico da perfeição – e com perguntas

[275] DIEZ, F. M., A nova era e a fé cristã, p. 149.

qualitativas que possam detalhar as motivações e os valores subjetivos dos estudantes diante de tantas mudanças culturais.

Em tópicos anteriores, foram sugeridas algumas alterações nos questionários como forma de aperfeiçoamento diante de mudanças que se realizaram na entrefase das pesquisas. Também pensamos ser necessário reconsiderar perguntas, acrescentar outras questões, pois a rapidez das transformações no mundo líquido requer uma atenção contínua, seja na forma de fazer as perguntas, seja em seu conteúdo. A possibilidade de encurtar o prazo entre as pesquisas para 7 anos minimizaria esta problemática do tempo, e haveria um acompanhamento mais próximo das realidades vividas pelas juventudes da PUC-Rio.

A propósito, em 2018, a pesquisa publicou/perguntou se o estudante pertencia a algum coletivo e como exemplo citou o "Coletivo Bastardos Inglórios". O nome é "Coletivo Bastardos" e a correta denominação foi indicada por um estudante em resposta ao questionário[276]. Este erro pode ser apenas uma distração – em associar o nome do coletivo ao filme de Quentin Tarantino –, ou pode vir a sugerir que os pesquisadores estão um pouco afastados/desligados da realidade dos universitários. Talvez seja interessante que, ao construir a próxima pesquisa, a equipe possa contar com a interlocução de alguns universitários na elaboração das perguntas e do conteúdo.

Pensamos na possibilidade de uma futura edição da pesquisa ser desenvolvida para ser realizada em um aplicativo específico para celular, elaborado por uma equipe do design juntamente com um grupo da ciência da computação. Isso manteria a dinâmica do processo, que poderia ser realizado tanto dentro das salas da CRE – como atualmente é feito – como em outros locais. Com o desenvolvimento de um design específico para a pesquisa, elaborado com criatividade, é possível gerar uma interface agradável e amigável, favorecendo o interesse do estudante pela pesquisa e envolvendo-o neste processo.

Um outro ponto que pode ser implementado é a segmentação de questões mediante respostas diferentes. Por exemplo: se o estudante responde que é ateu/agnóstico, então não deve responder à questão "em que momento você costuma sentir fortemente a presença de Deus?"; em vez de responder "qual a principal razão que te leva a crer?" poderia ter "qual a principal razão do seu

[276] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Perfil da juventude na PUC-Rio: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018.

ateísmo/agnosticismo?" ou se for mais suave, "qual a principal razão da sua não crença em Deus?" A segmentação evitaria as respostas evasivas e repetitivas que encontramos nessas e em outras questões da pesquisa.

Cabe uma observação a partir de duas respostas à questão "qual a principal razão que te leva a crer?" Duas pessoas registraram que o testemunho foi um motivador para a fé: a primeira pessoa escreveu que foi "por testemunho que me convenceu…" e segunda colocou "porque creio no que testemunho"[277]. Encontramos duas experiências nestas falas; a primeira experiência é a de quem crê influenciado pelo testemunho de outrem e a outra experiência indica o sujeito como testemunha do que crê. Entendemos que o testemunho é um elemento basilar na experiência cristã, pois edifica a comunidade e o próprio sujeito, que se torna testemunha consciente de suas ações, sua vida e sua fé – "E vós também darei testemunho, porque estais comigo desde o princípio'" (Jo 15,27). Contudo, não sabemos se os testemunhos referidos nas pesquisas são da fé cristã.

Finalizando estas considerações, nossa proposta sugere que as pesquisas continuem a ser realizadas, em um intervalo de 7 anos, contudo visando um aperfeiçoamento e uma maior aproximação às questões dos estudantes, propomos que na próxima edição as questões possam ser reformuladas e revistas para melhor atingir seu objetivo, que é conhecer o perfil das juventudes que frequentam as salas e o campus da PUC-Rio. Não analisamos as outras partes da pesquisa que, provavelmente, podem ser também revistas para melhor se adequarem às realidades do alunato.

Indicamos ser necessário que a pesquisa possa contemplar mais questões relacionadas à espiritualidade e à desinstitucionalização da fé, pois acreditamos que há relação entre o aumento dos que se professam sem-religião, mas com fé, e os fiéis decepcionados com a instituição Igreja. A revista evangélica *Ultimato* publicou uma matéria analisando o fenômeno dos "desigrejados" – com certeza existem muitos contornos para o caso – e o fato é que a Igreja se tornou uma instituição onde muitos se machucam e se decepcionam, um lugar de muita ambiguidade[278]. Como explicitado na pesquisa, temos a nomenclatura de "cristão não praticante" que pode estar relacionada com a experiência dos evangélicos "desigrejados".

---

[277] GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R., Anexo 3. Frequência simples dos resultados, p. 227.
[278] ULTIMATO, Desigrejismo – "anomalia" ou opção?.

3.5
Conclusão do capítulo 3

Estamos vivenciando uma mudança de época e análises simplistas e/ou segmentadas não conseguem abarcar a complexidade do real nem apontar caminhos de superação da atual crise política e socioambiental. Ao refletirmos a partir do enfoque macro, propomos trazer luzes para algumas das questões candentes da modernidade líquida; e pelo aspecto micro, intentamos indicar pontos que consideramos relevantes para a realidade brasileira e para os estudantes da PUC-Rio.

A sociedade brasileira é plural, multiétnica e convive com uma grande desigualdade social; tem, em suas raízes, o racismo estrutural e a cultura do estupro, e está fortalecendo a dimensão teopolítica vinculada ao cristofascismo. Este panorama é bastante preocupante, mas ainda não traduz todos os desafios que o Brasil enfrenta. Ainda temos um quadro de saúde mental bem deteriorado, a fome voltando a patamares alarmantes e jovens em busca de caminhos e alternativas de vida e de sentido.

Um fato chama a atenção e atrela relações temporais e políticas que se pode vislumbrar quando comparamos a restauração católica movida por Dom Leme – juntamente com os intelectuais católicos – com os segmentos políticos no início do século XX e as atuais articulações dos evangélicos para um Brasil cristão. É de conhecimento que membros católicos flertaram com o integralismo na década de 1930[279], o próprio Plínio Salgado desejava que o Estado brasileiro estivesse atrelado à catolicidade, rejeitando a secularização que ocorria naquele momento. De forma semelhante, na segunda década do século XXI, há segmentos políticos que entendem que "o Brasil está condenado a ser cristão"[280].

O alerta sobre o cristofascismo que está em curso não deve ser menosprezado e a PUC-Rio deve atuar com urgência, recebendo e tomando de suas raízes a força de resistência contra pressões e opressões da dinâmica política. Se as Faculdades Católicas nasceram num momento em que a Igreja buscava a recuperação dos valores cristãos/católicos numa sociedade que estava se secularizando, ao mesmo

[279] RAMOS, V. da S.; OLIVEIRA, A. L. de, Por Cristo luto; por Cristo vos conclamo. Plínio Salgado e o catolicismo no Brasil: um casamento perfeito?, p. 7-32.
[280] CARTA CAPITAL, Bolsonaro diz que o Brasil "está condenado a ser cristão".

momento em que o movimento fascista buscava aliar sua ideologia ao catolicismo. Hoje a PUC-Rio deve permanecer tentando recuperar os valores cristãos/católicos que estão sendo distorcidos pelo movimento do cristofascismo. E, nesta dimensão teopolítica e histórica, a teologia tem um papel fundamental e preponderante de formar consciências críticas, de dialogar e interagir com outros saberes e de fornecer bases para o desenvolvimento de educação mais humanizada e humanizadora das relações socioambientais.

Não se pode negar que a doutrina cristã foi utilizada por regimes autoritários, no século XX, que desenvolveram perseguições a quem pensava diferente, a quem se portava de forma alternativa à "normalidade padrão", a diferentes etnias e grupos, enfim, o cristianismo foi usado como suporte ideológico para a ação anticristã no mundo. Quando se ouve ou lê os discursos de alguns pastores evangélicos do Brasil em prol de determinadas políticas públicas, tem-se a certeza de que o caminho da democracia margeia um precipício, que mais um passo e o cristofascismo se consolidará no país.

Qual será o papel da Cultura Religiosa que é responsável pela formação de todos os jovens da PUC-Rio? A CRE é esta instância religiosa e cultural que espalha seus ramos por toda a PUC: no contato com as juventudes de todos os cursos, na grade curricular de todos os departamentos, no campus da universidade através dos eventos que promove, na experiência do ensino a distância, enfim uma ampla capilaridade no universo universitário. Não seria necessário *tomar partido* e entrar nessa *guerra cultural* assim como os fundadores da universidade lutaram para concretizar um projeto de educação humanista e humanizadora? Como a Cultura Religiosa pode realizar a *diferença* católica num momento em que há perigo de uma nova associação entre cristianismo e fascismo?

Seja dado um destaque às pesquisas que foram realizadas. Infelizmente, para a tarefa desta tese, não foi possível aprofundar muitas outras questões, mas é pertinente continuar examinando as colocações dos estudantes. Faz-se necessário prosseguir nessa escuta aos jovens através de pesquisa, contudo entendemos que é inevitável elaborar um outro questionário, reformulado, tanto em formato quanto em conteúdo de perguntas. O questionário poderia valorizar mais a sensibilidade ética dos estudantes, por exemplo. No modelo vigente, apresenta formulações inadequadas para os dias atuais, tais como "Você crê em Jesus Cristo?" *Mutatis mutandis,* essa pergunta pressupõe que todos entendam Jesus como Deus ou não

Deus, uma combinação binária que exclui todas as outras possíveis interpretações para a pessoa de Jesus Cristo – a pessoa de Jesus ultrapassou o "domínio" das Igrejas, é figura pública. A pergunta explicita o lugar de pertencimento de quem pergunta – o cristianismo –, mas nem sempre encontra compreensão ou eco em quem responde. Talvez seja necessário *mover-se do estrito lugar da compreensão cristã* para uma maior abertura, acolhimento e entendimento das concepções e crenças que as juventudes assinalam – necessário realizar uma *kênosis*.

3.6
Finalizando a primeira etapa da pesquisa

Aqui encerra-se a primeira etapa desta tese. A proposta do segundo capítulo foi apresentar um panorama histórico-conceitual da história, da identidade e missão da PUC-Rio atrelada ao setor de Cultura Religiosa e às matérias de formação teológicas que constavam no currículo de todos os cursos desde a fundação das Faculdades Católicas. A formação humanística dos estudantes antecede a criação e concretização do Departamento de Teologia, mas a fundação do departamento foi crucial para o desenvolvimento de uma abordagem mais dinâmica, dialogal, integral e interdisciplinar como propõe o Concílio Vaticano II.

Pode-se observar, neste processo de formação e desenvolvimento da CRE, que há rupturas e continuidades, tensões, apreensões e expectativas. A partir do final da década de 1960, depois da fundação do Departamento de Teologia, a teologia na PUC-Rio dá-se de duas formas: na reflexão promovida pela graduação em teologia e na reflexão fomentada pela Cultura Religiosa. Existem diferenças entre as teologias, entretanto ambas são derivadas da mesma matriz: o Vaticano II e posteriormente, no desenvolvimento das reflexões suscitadas pelos documentos do concílio através das conferências episcopais. Aqui, nesse momento, começa a se delinear o processo de construção da identidade do setor: a teologia da CRE nasce num entrelugar acadêmico, um lugar de fronteira, mas talvez sem ainda ter consciência desse lugar. Como um bebê que veio ao mundo e ainda irá construir-se a partir de suas relações familiares.

No quinto capítulo iremos explicitar este conceito de entrelugar acadêmico e apresentar as potencialidades que podem ser extraídas deste lugar; contudo, por não ser bem compreendido em toda as virtualidades, o setor da CRE foi visto como um

lugar para teólogos/as "amadores"[281] – os bons intelectuais estariam lecionando na graduação em teologia. E, como já mencionado, alguns professores da Cultura Religiosa se imaginavam nas salas de graduação em teologia, pensando o setor como um processo preparatório para se chegar a ensinar teologia na graduação. Esta visão da CRE encontra-se ultrapassada e, muito pelo contrário, a Cultura Religiosa é hoje a instância que melhor representa a identidade e missão da PUC-Rio, bem como é a responsável em fazer a *diferença* católica e ser efetivamente uma *diferença qualitativa* no mundo acadêmico.

No terceiro capítulo, propusemos observar a realidade em macro e microcosmo, visando estabelecer relações e interseções entre as dimensões que analisamos: existencial, teopolítica, socioambiental e crítico-etnocêntrica. Entendemos que estas dimensões não são estanques e não estão separadas na vivência do ser humano, daí a complexidade em que se encontra a pessoa em seu nó de relações; o sujeito é transpassado por diversas questões e relações e "tem que dar conta" de sobreviver em um mundo que ele mal compreende e nem tem tempo para entender, pois a sociedade do cansaço e desempenho cobra-lhe o máximo de dedicação, eficiência e produção. É urgente sonhar e *forjar* um novo humano (e uma nova humanidade), mais saudável, aberto à razão sensível, integrado em suas dimensões e na busca de um real sentido para uma vida plena - do cansaço/desempenho para a performance, como veremos no próximo capítulo dedicado à antropologia.

Depois de analisarmos as dimensões, optamos por direcionar o foco para as pesquisas que o setor de Cultura Religiosa elaborou no intuito de conhecer as juventudes do campus. Trabalho pioneiro que merece atenção e estudos complementares porque ainda possuem bastante conteúdo para novas reflexões, conexões e análises. As pesquisas são instrumentos que permitem o exercício da escuta, algo que o papa Francisco não cansa de insistir e promover. É parte importante e significativa no caminho sinodal.

> Fazer Sínodo é colocar-se no mesmo caminho do Verbo feito homem: é seguir as suas pisadas, escutando a sua Palavra juntamente com as palavras dos outros. É descobrir, maravilhados, que o Espírito Santo sopra de modo sempre surpreendente

[281] É verdade, que nos inícios, nem todo professor da CRE tinha formação acadêmica na área teológica, muitos haviam sido recrutados por sua ação pastoral, tanto que o então diretor do departamento Jesus Hortal estabeleceu caminhos para a qualificação acadêmica (TEPEDINO, A. M., Memória, identidade e missão, p. 225).

> para sugerir percursos e linguagens novos. Aprender a ouvir-nos uns aos outros – bispos, padres, religiosos e leigos; todos, todos os batizados – é um exercício lento, talvez cansativo, evitando respostas artificiais e superficiais, respostas prontas e acabadas… essas não! O Espírito pede para nos colocarmos à escuta das perguntas, preocupações, esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação; e também à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que o mesmo nos coloca. Não insonorizemos o coração, não nos blindemos nas nossas certezas. Muitas vezes as certezas fecham-nos em nós mesmos. Escutemo-nos.[282]

Embora tenhamos reservado esta primeira etapa da tese para olhar a trajetória e a conjuntura atual do setor de Cultura Religiosa, a meta deste trabalho é continuar esta jornada oferecendo bases para uma renovação e atualização do setor, permanecendo assim fiel ao espírito do Concílio Vaticano II. O quarto capítulo – que se segue – é o primeiro passo deste caminho que se inicia por uma reflexão antropológica. O humano – imagem e semelhança de Deus – é também mistério; no seu existir é paixão, é razão, corpo e alma, som e silêncio, movimento e finitude. Enquanto mistério, o ser humano não irá suprimir o enigma de si mesmo, entretanto com um renovado olhar antropológico pode-se desvelar formas singulares de convivência e interação. Esta distinta perspectiva antropológica também proporcionará bases para a construção de um novo olhar sobre a educação – aqui também se insere como fundamental o Pacto Educativo Global, proposto pelo papa Francisco –, pilar medular para a construção desta nova sociedade, que virá a ser mais justa, mais fraterna, mais solidária e humanizada.

[282] FRANCISCO, Encontrar, escutar, discernir: três verbos do Sínodo, segundo o Papa Francisco.

4
Por uma antropologia bio-histórica

À primeira etapa deste trabalho, destinamos dois capítulos: o primeiro propõe um olhar retrospectivo sobre a memória da Cultura Religiosa e do Departamento de Teologia da PUC-Rio e o segundo trata de observar e analisar alguns aspectos da realidade sociocultural, como também dos estudantes da PUC-Rio. Este primeiro "bloco" é, na verdade, a materialização/corporificação de um fluxo de pensamento. Um fluxo que "passa" pelos fundamentos das universidades católicas (ECE), pela história da PUC-Rio/CRE e alcança as realidades do século XXI.

Depois de contemplar alguns aspectos das realidades vividas, cabe a este quarto capítulo realizar um discernimento antropológico a fim de fornecer bases para que o setor da CRE possa perseverar e fortalecer a sua missão estabelecendo novas dinâmicas e interações e ocupando outros espaços no campus a fim de agregar novos sentidos e práticas educacionais. Para cumprir tal tarefa, nosso empenho foi tentar elaborar uma antropologia que pudesse revelar o ser humano de forma mais plena. Propomos, então, apresentar a antropologia a partir de duas dimensões: a dimensão do corpo, do espaço, da presença, da performance – que denominamos dimensão "bio" – e a dimensão do sentido, da cultura e da interpretação, do tempo cronológico – que denominamos histórica, formando, portanto, uma antropologia bio-histórica. Para buscar caminhos de humanização das relações e oferecer novas direções na educação dos dias atuais, é necessário – enquanto ciência teológica/antropológica – sair do lugar comum, é compulsório se mover, se *re-mover* e fomentar movimento.

A dimensão que denominamos "histórica" da antropologia teológica é bem elaborada, pois como afirma Hans U. Gumbrecht, as ciências humanas dedicaram suas pesquisas a uma "cultura do sentido", em que prevalece o aspecto da interpretação/hermenêutica e da epistemologia do sujeito/objeto[283]. Nossa perspectiva foi desenvolver essa outra dimensão – "bio" – que, agregada à dimensão do sentido, possa oferecer maior compreensão e amplitude do ser humano. Entendemos ser de fundamental importância que o enfoque teológico agregue a perspectiva antropológica do corpo, da presença, do afeto e do sentir, que foi

[283] GUMBRECHT, H. U., Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.

recalcado no pensamento e na reflexão eclesial. O *sentir* dá *sentido*. Desta forma, expomos no próximo tópico o projeto de uma nova antropologia e, por ocasião de falar em corpo, em sentir, em afetos, também lançaremos um olhar sobre a antropologia contida nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Em termos metodológicos, o capítulo navega pela interdisciplinaridade, dialogando com autores das áreas das artes, filosofia, antropologia e psicologia. Foi especialmente interessante o encontro da teologia com as teorias das artes, pois a filosofia, antropologia e psicologia já habitam o mundo da reflexão teológica acadêmica, entretanto o "caminho das artes" forneceu certo "frescor" teológico e uma direção surpreendentemente coerente com a proposta de humanização e de vida plena. Ademais, o diálogo com as artes também se adequa à proposta educacional do Pacto Global.

4.1
Um projeto de antropologia

O desejo de ampliar a visão da antropologia teológica sempre esteve presente no nosso horizonte, contudo, a ânsia por pesquisar sobre o tema surgiu a partir da leitura do livro *Produção de Presença. O que o sentido não consegue transmitir*, de Hans Ulrich Gumbrecht[284]. Gumbrecht é professor de literatura comparada na Stanford University e seu pensamento movimenta-se por outras áreas, como filosofia, história cultural e da literatura e epistemologias. Na referida obra, o autor intenta desenvolver alternativas epistemológicas ao que ele denomina de "cultura de sentido" nas ciências das Humanidades. Gumbrecht aponta que as ciências humanas desenvolveram a autocompreensão de que sua tarefa exclusiva era de extrair e atribuir sentido a todos os fenômenos que analisa.

Sem dúvida, não se pretende, nesta tese, recusar a interpretação e a hermenêutica, já que faz parte do viver, de estar no mundo, contudo Hans Ulrich Gumbrecht propõe enfrentar a tensão e a diferença entre uma "cultura de sentido" e uma "cultura de presença". Nesta lógica, o principal objetivo do livro e esforço do autor é "constituir nas futuras práticas intelectuais e institucionais do trabalho das Humanidades, um campo conceitual que permita ultrapassar o estatuto central de interpretação"[285]. A hermenêutica é o método preponderante de conhecimento

[284] GUMBRECHT, H. U., Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir.
[285] JASMIN, M., Apresentação. Efeitos de uma presença intensa.

nas humanidades. A técnica interpretativa é a principal ferramenta das ciências humanas, mas não precisa ser a única.

Gumbrecht propõe uma superação do paradigma sujeito/objeto, estabelecendo uma oscilação entre "efeitos de sentido" e "efeitos de presença", oscilação essa característica dos objetos da experiência estética. Através da experiência estética, na qual se produz uma epifania, o autor pondera a subsistência de "momentos de intensidade" nos quais a *presença* – entendida como uma sensação de ser a corporificação de algo – é instituída. E o que vem a ser presença? Presença é a relação espacial com o mundo e os seus objetos. Mas Gumbrecht recorre também a exemplos de experiências da rotina do sujeito – e não exclusivamente artísticas –, tais como a primeira mordida de uma refeição deliciosa ou a alegria decorrente de uma jogada de futebol. Em resumo, as situações únicas propostas pelos objetos estéticos podem ser encontradas em outros contextos que não aqueles especificamente artísticos.

A intuição gumbrechtiana aguçou ainda mais o desejo de buscar uma antropologia que pudesse ser uma etapa na jornada de superação do paradigma sujeito/objeto e proporcionar caminhos para uma maior compreensão do ser humano e de suas relações. Não consideramos que o trabalho de desenvolvimento de uma nova antropologia esteja finalizado e concluído, mas *esperançamos* que esta tese possa contribuir para avançar nesse tortuoso percurso de humanização e educação do ser humano. Neste sentido, fomos pesquisar outros autores que trabalham com as artes e a estética – mesmo que de forma transversal a suas obras – para assim descortinar-se uma constelação de escritos que nos ajudaram a compor a antropologia que denominamos bio-histórica. Muitos outros *criadores* ajudaram a compor o pensamento para a integração desta nova dimensão antropológica: John Dewey, Richard Shusterman, Merleau-Ponty, J.L. Moreno, Rubem Alves, Victor Turner, Paul Zumthor, Daniel N. Stern, entre outros.

A proposta de desenvolver uma antropologia bio-histórica está baseada na intuição de amalgamar e integrar a dimensão do sentido à dimensão da presença, que nesta antropologia é denominada de performance, ou seja, uma antropologia do sentido e da performance. O que denominamos de "bio" quer predicar a dimensão da performance, da vivência no momento presente, do aqui e agora, a dimensão *kairótica* do tempo. O termo "histórica" está relacionado à dimensão do sentido, do

tempo contínuo – dimensão do cronos –, da hermenêutica e da compreensão que a antropologia teológica priorizou enquanto saber e ciência.

No próximo item, abordaremos a antropologia inaciana que encontramos a partir dos exercícios espirituais e que oferece luzes para o desdobramento da antropologia que pretendemos estruturar. Iremos desenvolver a nossa reflexão antropológica por uma inversão nominal a partir do termo bio-histórica. Iniciaremos nossa análise pela dimensão histórica, ou seja, do sentido, que já é bem explorada pela teologia. Pensamos que é possível expandir essa dimensão com a proposta do papa Francisco, que recoloca um outro sentido para o ser humano perante a natureza e aprofunda a reflexão sobre o humano em diversos aspectos. Posteriormente, propomos desenvolver uma meditação e discernimento sobre a dimensão bio, que é, basicamente, uma visão antropológica complementar que deve ser integrada à dimensão hermenêutica para poder proporcionar novos olhares na educação – sobretudo às universidades católicas, como veremos no capítulo 5 – e fortalecer o Pacto Educativo Global.

4.2
Antropologia inaciana: a importância do desejo, do sentimento e do corpo

Consideramos pertinente destacar nuances de algumas das características da antropologia desenvolvida por Inácio de Loyola, pois são fundamentos para a prática educacional da Companhia e, neste sentido, também atributos relacionados à PUC-Rio. Santo Inácio não compôs nenhum tratado de antropologia, mas em seus Exercícios Espirituais descortina-se uma experiência antropológica que está relacionada à mistagogia dos exercícios[286]. Algumas categorias recebem destaque: o conceito de pessoa, a dimensão intelectivo-volutiva, a dimensão imaginativa, a dimensão afetiva (desejo, afetos, afeição) e a dimensão espiritual.

Para Inácio, o ser humano tem origem fora de si – em Deus – e seu fim também é em Deus. É criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e assim, *viver* a salvação. A expressão "criado para" indica a vocação do humano à autotranscendência, aponta para a abertura radical que o faz ser mais que um animal de reflexo e instinto. Essa abertura constitui o âmbito mais profundo do seu ser e,

[286] XAVIER, M. G., A centralidade da pessoa no ensino religioso: identidade curricular a partir da mística inaciana.

como consequência, indica que o sentido último da existência da pessoa está gravado nela mesma. O ser humano é um ser em diálogo, que se afasta e se contempla a distância; e está fundado em Deus, no incompreensível e desconhecido, no abismo do absoluto, no abismo da liberdade de Deus; somos o que devemos ser[287].

Sendo um ser em diálogo, o humano está frente a frente com Deus – não é um elemento qualquer ou "um a mais" no cosmos – e tudo o que está fora desta relação, Inácio denomina de "as outras coisas", para as quais se deve desenvolver a indiferença. A pessoa possui três faculdades fundamentais: as potências da memória, do entendimento e da vontade, contudo a vontade ocupa um lugar de destaque, por estar relacionada ao mundo dos afetos. A vontade preenche um lugar preponderante na contemplação, pois o propósito dos exercícios espirituais de Santo Inácio é buscar a união das vontades da pessoa e a vontade de Deus para sua vida. As três faculdades humanas "são também lugares que colaboraram para a experiência do mistério, que as ilumina e transcende ao mesmo tempo em que a ela se submetem[288].

Aspecto relevante na perspectiva antropológica inaciana é a dimensão imaginativa. Ela possibilita que a experiência seja enriquecida, transitando de uma condição periférica para um nível mais profundo no mundo dos afetos. A imaginação tem uma imensa força criativa e também é prospectiva, pois permite acessar o passado pelo presente, afetando a pessoa na sua totalidade e abrindo-a para o futuro. Também significativa é a dimensão afetiva. É nesta dimensão que se processa a experiência do Mistério, segundo Santo Inácio, e ela é bem expressa pelas palavras afeto, afeição, desejo; e os verbos afetar, desejar. Um dos traços marcantes da antropologia inaciana é o desejo, que deve ser direcionado a um projeto mais profundo de sentido – estar em sintonia com a vontade divina. Em seus escritos – Meditações, Constituições, Autobiografia, entre outros –, Inácio faz inúmeras referências ao desejo e ao desejar[289].

Também, segundo a antropologia inaciana, o ser humano é marcado pelas afeições, sejam elas ordenadas ou não e estão intrinsecamente vinculadas à vontade

[287] XAVIER, M. G., A centralidade da pessoa no ensino religioso: identidade curricular a partir da mística inaciana.
[288] XAVIER, M. G., A centralidade da pessoa no ensino religioso: identidade curricular a partir da mística inaciana.
[289] XAVIER, M. G., A centralidade da pessoa no ensino religioso: identidade curricular a partir da mística inaciana.

– "o ser humano é convidado a dar-se conta de onde estão as suas afeições e fazer, com a ajuda da graça, exercícios para desprendê-la de tudo o que não seja a vontade de Deus"[290]. A dimensão afetiva é aquela com a qual interagimos com o mundo e o transcendente, e para Inácio, é a dimensão mais profunda do ser humano. Se esta dimensão está com as afeições ordenadas, a pessoa encontra-se em condição de possibilidade de descobrir a vontade de Deus para a sua vida. Do mesmo modo, há nos escritos de Inácio abundantes referências às palavras afetar, afeto e afeição.

O sentir e o sentimento representam a interioridade do ser humano e, por esta perspectiva, ocupam lugar relevante na antropologia inaciana, pois as experiências do sentir revelam a dimensão transcendente do humano. É na interioridade que tudo se passa e se define. O sentir está ligado ao coração da pessoa e Deus atua no sentir mais profundo do humano, não na esfera da superficialidade.

Ao realizarmos este conciso levantamento das principais categorias da antropologia inaciana, queremos enfatizar que estas dimensões foram, muitas vezes, negligenciadas pela cultura e pelo pensamento ocidental – em favor do *cogito ergo sum* – e são especialmente importantes para pensar a educação na contemporaneidade.

A antropologia inaciana comporta a dimensão da espiritualidade, da interioridade, mas não abdica do corpo:

> Qual o lugar do corpo nos Exercícios Espirituais? Todo ele. Em todas as Semanas, em todas as "operações espirituais" é demandado dos sujeitos usos do corpo. Examinar a consciência, meditar, contemplar, orar mentalmente, atitudes estas entendidas pelo autor dos Exercícios enquanto operações espirituais podem ser entendidas também como técnicas corporais. Percebam os sujeitos isso ou não, o corpo é partícipe a todo instante (...) Portanto, embora os Exercícios sejam entendidos por Loyola como Espirituais, eles são em sua totalidade Exercícios Corporais.[291]

4.3
Passagem da visão dualista para a visão integrada do ser humano

A visão do ser humano foi sendo construída pela reflexão cristã desde os primórdios. Ela é herdeira da concepção bíblica de ser humano, que aponta para uma visão integrada/unitária, articulando e integrando as dimensões da razão e do

[290] XAVIER, M. G., A centralidade da pessoa no ensino religioso: identidade curricular a partir da mística inaciana.
[291] SANTOS, B. H. de O., Repensando o lugar do corpo: os exercícios espirituais revisitados.

afeto, a teoria e a prática, a espiritualidade e a corporalidade[292]. Entretanto, o pensamento dualista permeou a história do Ocidente e de outras civilizações, como a hindu, a persa e também estava presente na cultura grega, que tanto influenciou a cultura e os pensadores ocidentais. A perspectiva dualista se manifesta desde a Antiguidade em algumas filosofias e também no sistema religioso antigo, como no Zoroastrismo persa, no maniqueísmo e no gnosticismo. E igualmente chegou a influenciar a visão cristã.

Está na teoria platônica de separação entre ideia (alma) e coisa (corpo), entre mundo sensível (imperfeito, mutável, ilusório) e o mundo inteligível (divino, eterno e imutável) a raiz do dualismo antropológico. O mundo das ideias é racional, organizado, perfeito, enquanto o mundo dos sentidos (tato, olfato, paladar, audição e visão) é imperfeito e conduz o ser humano ao engano e ao erro. Alma e corpo devem ser tratados separadamente, pois pertencem a mundos diversos. O corpo participa imperfeitamente de uma ideia, enquanto a alma – incorruptível e imortal – permanece no mundo divino das ideias. Para o filósofo Henrique de Lima Vaz, "a influência do platonismo é, provavelmente, a mais poderosa que se exerceu sobre a concepção clássica de homem, e até hoje a imagem do homem em nossa civilização mostra indeléveis traços platônicos"[293].

Descartes também desenvolve uma visão do ser humano rigorosamente dualista. O corpo é simplesmente matéria, substância extensa (*res extensa*), enquanto a alma ou espírito ou consciência é substância pensante (*res cogitans*). O corpo é entendido como uma máquina que funciona independente da alma. A alma não interfere na vida biológica humana, pois sua única finalidade é pensar. Esta perspectiva dualista sobre o humano leva, inevitavelmente, ao reducionismo antropológico. O axioma cartesiano "penso, logo existo" (*cogito, ergo sum*) redundará na valoração da razão (*cogito*) como única forma de conhecimento seguro.

> Após estabelecer a evidência do cogito, Descartes dá um passo adiante afirmando que só posso ter certeza de que existe uma coisa que pensa (*res cogitans*). Passo este que, como vimos, levanta problemas, já que parece envolver mais pressupostos que Descartes é capaz de admitir. De qualquer forma, afirma que é isso o que posso saber – a existência da substância pensante. Não posso, entretanto, saber mais nada além disso, uma vez que tudo o mais permanece ainda sob dúvida. Sequer posso saber

[292] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 110-111. No cap. 3, o autor desenvolve a visão completa sobre o ser humano segundo a Sagrada Escritura.
[293] VAZ, H. C. L., Antropologia filosófica, p.30.

> quem sou – um ser humano dotado de um corpo etc. – já que para isso precisaria ir além do puro pensamento, dependeria dos sentidos, da minha experiência, de conhecimentos adquiridos etc., o que não me é permitido pela certeza do cogito. Esta é a raiz do célebre dualismo corpo-mente em Descartes. Não podemos sequer afirmar a existência do corpo, porque, sendo este material, é de fato, um objeto do mundo externo, sobre o qual não podemos ter certeza.[294]

Observamos que a reflexão cartesiana leva, inexoravelmente, ao isolamento do eu em relação a tudo: ao mundo externo, à natureza, ao próprio corpo, a outras pessoas. Por outro lado, a visão dualista passou a influenciar diversos aspectos e dimensões da vida humana na cultura ocidental, como a relação homem-mulher, a relação ser humano e natureza, bem como as reflexões que foram elaboradas pelo cristianismo.

> (...) a teologia clássica (...) de inspiração platônica ou aristotélica, não conseguiu valorizar o corpo, nem uni-lo realmente à alma. A doutrina teológica considerou alma e corpo como duas quase substâncias associadas numa união nunca harmoniosa. O corpo ficou desprestigiado, ligado à matéria, ela própria desprestigiada também, e a alma com as suas atividades ficou prestigiada.[295]

A visão integrada ou unitária do ser humano articula e incorpora as dimensões da razão e do afeto, a teoria e a prática, a espiritualidade e a corporalidade etc., sem gerar exclusão ou supervalorizar uma dimensão em detrimento de outra. Uma visão que aceita a dualidade, ou melhor, a pluralidade de dimensões no ser humano, mas todas vividas e experimentadas na unidade que é a pessoa. A visão integrada/ unitária do ser humano também é conhecida desde a Antiguidade, é própria da cultura semita – cultura na qual a Bíblia foi elaborada – e, não por acaso, na Bíblia, o ser humano é visto como uma unidade. Segundo o teólogo García Rubio, encontramos na Bíblia os termos em hebraico – *nefesh, basar, rûah, beb* – e em grego – ps*yché, pnêuma, soma, kardia* – que designam aspectos do ser humano, mas estes estão referidos ao homem ou à mulher vistos sempre como uma unidade[296].

4.4
Ser humano: ser pessoa

Os elementos que constituem a imagem do ser humano na antropologia cristã advém da tradição bíblica: o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus

[294] MARCONDES, D., Introdução à filosofia. Dos pré-socráticos a Wittgenstein, p.169.
[295] COMBLIN, J., Antropologia Cristã, p. 81.
[296] GARCÍA RUBIO, A., Antropologia. Curso de Iniciação Teológica a distância, p. 21.

(Gn 1,26), é criatura, que recebe a vida como um dom, pois a criação não é um castigo, é boa, é bela e tem um valor positivo (Gn 1,31). No livro do Gênesis, o ser humano é criatura que pode ouvir e responder a Deus e, neste sentido, diferente de todas as outras também criadas por Deus – o homem dá nome às coisas e, sob esta perspectiva, pode-se dizer que a humanização do mundo surge como vocação religiosa do humano, que responde à interpelação de Deus[297]. Só o ser humano é "capaz" de Deus (*homo est Dei capax*). Esta relação pode ser esquecida, ignorada, afastada, mas nunca poderá ser eliminada.

A tradição cristã elaborou o conceito de pessoa a partir da experiência dialógica estabelecida entre Deus e o ser humano, que é chamado e interpelado a ser parceiro, colaborador e interlocutor de Deus[298]. Vale ressaltar que o conceito de pessoa foi se desdobrando ao longo dos séculos e pensadores foram acrescentando definições, sentidos e conteúdos[299]. Neste momento, iremos descrever algumas características e não apresentar novos significados ou noções para o conceito de pessoa.

O ser humano é pessoa, ou seja, é capaz de conhecer-se, de doar-se livremente, de entrar em comunhão com outras pessoas. Toda pessoa é singular, única e irrepetível e está simultaneamente relacionada com os outros seres pessoais, ou seja, a dimensão comunitária é constitutiva da pessoa. Neste sentido, pode-se entender que a defesa da dignidade da pessoa humana abarca o compromisso contra a injustiça, a miséria e a opressão, bem como comporta a responsabilidade com a transformação das realidades não salvíficas.

O ser humano é um ser relacional e histórico. Entendendo tanto o relacional quanto histórico como processos que se constroem no tempo e no espaço, e por isso, desfazendo-se de qualquer perspectiva essencialista ou idealista. A antropologia teológica leva em conta o ser humano no concreto da sua vida, com os desafios, as surpresas, as contradições, as limitações, as subjetividades e intersubjetividades, enfim, o ser humano no seu existencial, que não é estático e inerte, ao contrário, é sempre dinâmico e variável.

---

[297] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 140-142.
[298] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p.160-164.
[299] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 306-307. O autor apresenta as definições do termo pessoa utilizados pela teologia patrística e medieval.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, o ser humano está no centro e um dos principais enfoques é a consciência de que somos intersubjetividade e que o humano se constrói e se realiza nas relações[300]. Assim, o amadurecimento e crescimento pessoal está sempre em processo e a compreensão deste transcurso implica em pensar a evangelização a longo prazo, como no caso de culturas de sociedades católicas cujas fragilidades ainda precisam ser curadas: machismo, violência contra a mulher, alcoolismo, crenças supersticiosas etc. (EG n. 69). É pertinente observar que, se a palavra "processo" aparece 24 vezes no documento[301], a palavra "caminho(s)" surge 48 vezes, exatamente o dobro. Ou seja, o papa utiliza termos que visam expressar movimento, dinâmica, porque o humano cresce e amadurece nas relações – "Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar" (EG n. 115).

4.5
O ser que cuida: o ser solidário

Depois de apresentar algumas características da pessoa humana pela tradição cristã, vamos desenvolver um olhar que se descortina a partir da Encíclica *Laudato Si':* de ver o ser humano como um *ser para* o cuidado, um *ser que cuida*. O termo cuidado aparece 39 vezes no documento e, no próprio subtítulo, está lá o "cuidado com a casa comum". E para fazermos justiça, desde o Primeiro Testamento que os textos bíblicos atentam para o cuidado que o povo de Israel deveria ter, sobretudo com os mais pobres – as categorias mais fragilizadas socialmente na Antiguidade eram o estrangeiro, a viúva e o órfão (Dt 10,18; 26,12). No Segundo Testamento, também encontramos ênfase sobre essas categorias no texto do apóstolo Tiago (Tg 1,27).

Na Encíclica *Fratelli Tutti* o tema do cuidado também se faz presente. O documento faz uma longa reflexão sobre o texto lucano do bom samaritano – a parábola, o bom samaritano que "viu, sentiu compaixão e cuidou" (Lc 10, 33-34). A palavra solidariedade aparece 22 vezes na *Fratelli Tutti* e 11 vezes na *Laudato Si'*, mas o mais significativo são as reflexões trazidas pelo magistério de Francisco: "a solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros" (FT n. 115) ou ainda "a solidariedade,

[300] PEDROSA DE PÁDUA, L., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium, p.136.
[301] PEDROSA DE PÁDUA, L., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium, p.140.

entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem" (FT n. 116).

O cuidado é fator essencial para o desenvolvimento da civilização. Certa feita, um aluno perguntou à antropóloga Margareth Mead o que ela considerava como sendo o primeiro sinal de civilização em uma cultura. O aluno esperava que a professora falasse algo como ferramentas para caça, utensílios, pedras para amolar, potes de barro ou algum artefato religioso. Margareth respondeu: um fêmur fraturado e curado. E por que a antropóloga considera que este fêmur fraturado e cicatrizado é o primeiro sinal de civilização? Porque alguém cuidou dessa pessoa ferida para que esse osso pudesse cicatrizar. Alguém alimentou, carregou até um local seguro, medicou de alguma forma, tutelou o doente para que ele pudesse se recuperar. O fêmur é o maior osso do corpo e o indivíduo não conseguiria sobreviver se não houvesse alguém que pudesse ocupar-se dele naquele momento de fragilidade. Este indivíduo com o fêmur fraturado seria presa fácil para outras espécies de predadores. Ajudar uma pessoa a atravessar uma dificuldade é o ponto inicial da civilização humana na visão da antropóloga[302].

De fato, se o cuidado com uma outra pessoa foi o átimo inicial da civilização, no século XXI, se não cuidarmos do planeta, não haverá civilização humana na Terra. O planeta é a morada de todos os seres viventes – a casa comum – que está sofrendo rápidas transformações devido à ação humana. Leonardo Boff relembra a fábula do cuidado para refletir que o cuidado é um *modo-de-ser* do mundo. No *modo-de-ser* cuidado a relação que o ser humano estabelece com a alteridade é de coexistência, convivência, *inter-ação* e comunhão[303]. A *Laudato Si'* corrige uma possível hermenêutica equivocada para o texto de Gn 2,15: o texto fala em "cultivar e guardar" o jardim do mundo – "Enquanto "cultivar" quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, "guardar" significa proteger, cuidar, preservar, velar" (LS n. 67).

Na tradição bíblica, o ser humano é feito de barro, é feito da terra (Gn 2,7). Seu destino está relacionado ao destino do planeta. É preciso que o cuidado seja, de fato, um modo-de-ser-*humano*-no-mundo. O ser humano não é o dominador e senhor do mundo, ele é parte do mundo e da natureza; é o responsável pela administração, para que se garanta a fertilidade da terra e a sobrevivência das

[302] QUEZADA, M.; BASCONES, L. M., El cuidado de los vulnerables a lo largo de la historia, p. 6.
[303] BOFF, L., Saber cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra, p. 94.

gerações futuras (LS n. 67). A solidariedade e o cuidado humano são o salvo conduto para o futuro da humanidade.

No livro do Gênesis, encontramos a história dos irmãos Caim e Abel (4, 1-15). Caim, enciumado de a oferenda de Abel ter agradado mais a Deus, mata seu irmão. Deus pergunta a Caim "Onde está Abel, teu irmão?", e este responde "Não sei; acaso sou guarda do meu irmão?" (v.9). Sim, somos todos guardas uns dos outros, enquanto humanidade e povo de Deus somos todos responsáveis por cuidar uns dos outros. Significativo observar que, com o sangue de Abel derramado sobre a solo, a terra também clama (v.10), é testemunha da violência de um assassinato. Após a morte do irmão, Caim fundou uma cidade cujos moradores ficariam conhecidos pela maldade e violência no agir. O modo-*Caim*-de-agir não é solidário, representa o gosto pela violência, pelo poder opressor que quer o domínio sobre os outros e está na base dos processos que geram injustiça e desigualdade social.

A sobrevivência da espécie humana está intimamente relacionada à capacidade humana de cuidar: cuidar de si, cuidar do outro – da criança, do idoso, do doente, do pobre, daquele que sofre –, cuidar da natureza, cuidar dos animais, cuidar para que a vida continue a se perpetuar no planeta que é morada de todos os seres sencientes. Seres que que tem corpo, carne, matéria, corporalidade. A Terra é a casa comum e o corpo é a morada individual de cada um e cada uma.

4.6
A dimensão da performance[304]

Na antropologia bio-histórica que buscamos desenvolver, identificamos o termo "bio" em referência à dimensão da performance. E por qual motivo relacionamos esta dimensão ao termo "bio"? "Bio", de origem grega, exprime a noção de vida[305], o estado de atividade incessante comum aos seres organizados. A performance se liga à vivência, à atividade e ação humana, ao movimento, aos gestos, ao corpo. Urge que a teologia e a antropologia teológica possam desenvolver

[304] Basicamente, a performance pode ser lida em três perspectivas: (i) no contexto *aplicado* que abrange a esfera da comunicação, na qual se investiga as articulações entre performance e coletividade; (ii) no contexto *analítico,* em que se situa a esfera da crítica e se interpretam a arte e a cultura; (iii) no contexto de *realização,* no qual abarca a esfera da arte, o estudo da criação artística, a arte da performance, propriamente dita (PEREIRA, M. de A., Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação, p. 289-312).
[305] biografia, biologia, biodiversidade etc.

novos campos de diálogo com outras epistemologias em busca de oferecer maior compreensão do ser humano. O enfoque na dimensão do sentido privilegiou a metafísica, o "ir além" ou ficar "aquém" do é "físico", e a epistemologia sujeito-objeto[306]. Nossa proposta é explorar novos acenos antropológicos para que a educação possa desenvolver processos pedagógicos cada vez mais humanizados e humanizadores, formando cidadãos com autonomia e responsabilidade social e comunitária.

Não consideramos que a dimensão da performance esteja totalmente desenvolvida e finalizada nesta pesquisa. Nossa intenção é indicar algumas possibilidades de caminhos para que outros estudos possam avançar ou trazer novos desdobramentos. A experiência interdisciplinar, na qual este trabalho se situa, é desafiadora pois faz-se necessária uma abertura a outros métodos e fundamentos que não estão na ordem de nossa formação, e tornar-se-ia extremamente pretensiosa se não se considerasse incompleta.

4.6.1
O corpo

É possível o desenvolvimento de uma antropologia que não considere o corpo como elemento primordial na sua reflexão? Na perspectiva de uma antropologia teológica que expressa o *desejo* de um Deus que se fez corpo humano, gestado e parido, é inconcebível. Jesus Cristo é a palavra-texto que se fez carne, que se fez corpo, que se fez afeto, que se fez emoção, que se fez ação, que se fez performance. Em Jesus, Deus entrega sua ação e sua performance para o mundo através de um corpo – individual/Jesus e social/Igreja –, de uma *atuAção*, ou seja, de um movimento, de um fazer, de um realizar. Possível até questionar se o cristianismo é a religião do livro ou a religião do corpo[307], haja vista que a fé cristã atesta a ressurreição do corpo e tem, em Jesus Cristo, o corpo de Deus no mundo.

O ser humano tem corpo e é corpo. O corpo é sujeito e ao mesmo tempo, objeto. De certa forma, é possível considerar que o *destino* de Deus na encarnação é possuir um corpo humano e, ao mesmo, *ser* este corpo no espaço-tempo histórico em que atuou. É um Deus-corpo, concreto na sua visibilidade, que se veste, come, chora, caminha, fala, que está presente e atuando tanto para grupo menores, na

[306] GUMBRECHT, H. U., Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir, p. 14.
[307] CALDAS, C., Diálogos entre o corpo e o sagrado em Rubem Alves, p. 65-83.

intimidade – como os discípulos –, quanto para as multidões que o seguiam. Na celebração final de sua entrega pessoal, doa a seus amigos seu corpo e sangue – "este é o meu corpo/sangue que é entregue por vós" – e daí segue-se a celebração da memória de sua passagem e atuação pelo mundo dos homens através do corpo da Igreja. Jesus não doou seus pensamentos, sua doutrina, doou seu corpo, doou a si mesmo.

Aprofundar a reflexão sobre o corpo a partir da antropologia teológica é um desafio teológico complexo, haja vista a grande influência que o platonismo exerceu sobre a doutrina cristã, considerando o corpo apenas um cárcere para a alma; e posteriormente pela visão dualista cartesiana, que considera o corpo como *res extensa*, uma máquina operacional que possui um funcionamento independente da alma/espírito/consciência. Felizmente, a reflexão teológica já ultrapassou a visão antropológica dualista[308], contudo, essa antiga visão dualista ainda permeia o imaginário dos cristãos, seja de fiéis seja de clérigos, e continua a influenciar através da visão de mundo e de humanidade que dela advém.

Entendemos ser necessário buscar compreender e aprofundar a reflexão sobre o corpo e a experiência que vivenciamos nele através de outros saberes e ciências. A Igreja é o *corpo vivo* de Cristo no mundo, mas, durante séculos, o corpo físico dos fiéis foi alienado, considerado como um empecilho ao desenvolvimento espiritual do humano, foi construída uma doutrina do "salve a sua alma" que negava a importância do corpo na salvação, menosprezando a esfera do sensível. Com a bem-vinda recuperação da visão integral do ser humano[309], a antropologia teológica pode trilhar caminhos mais ousados, oferecendo e ampliando a reflexão, de forma a colocar no horizonte da pesquisa o questionamento sobre uma epistemologia própria do corpo. Ou, ainda, afirmando-se a constituição das dimensões corporais: físico-motora, afetiva-relacional, mental-cognitiva, sócio-histórico-cultural.

O corpo ocupa espaço, tem volume, movimento e repouso. O corpo respira, pulsa, lateja, sente calor, frio, fome, sede; sente desejo, atração e repulsa, sente que

---

[308] Já escrevemos um tópico sobre esta questão nesta pesquisa, para saber mais, ver: GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.

[309] Já foi explicitado no tópico anterior, apenas para complementar que esta visão unitária trazemos a reflexão realizada por Santo Tomás. "Ora, ainda que a alma tenha alguma operação própria da qual o corpo não participa, como a intelecção, há, não obstante, algumas operações comuns a ela e ao corpo, como temer, irar-se, sentir etc. Ora, essas operações realizam-se segundo alguma mudança de determinada parte do corpo, donde se depreende que as operações da alma e do corpo são conjuntas. Logo, é necessário que da alma e do corpo se faça um todo uno, e que não sejam diversos quanto ao ser." (AQUINO, T. de., Suma contra os gentios, p.264)

sente. O corpo comunica quando emite som e quando silencia, o corpo vivencia; o corpo é vivência, experiência, presença e é também ausência. O corpo é sentido, é tempo e processo, é texto. O teólogo, educador e psicanalista Rubem Alves buscava uma filosofia do corpo:

> Procuro a filosofia do corpo. Não procuro uma filosofia sobre o corpo. Filosofia sobre o corpo são os pensamentos que os filósofos pensam. Filosofia do corpo são os saberes que o corpo sabe sem dizer. É a *sapientia*… É a voz dos poetas, dos artistas, das crianças…[310]

Nossa expectativa é ampliar o conhecimento que a antropologia teológica tem do ser humano a partir da escuta de uma filosofia do corpo, como sugeriu Rubem Alves. E buscamos nas artes um suporte epistemológico para um maior entendimento do corpo, seus processos, expressões e limites. Viver é estar em um corpo, é estar em contínuos processos – conscientes ou não – que afetam a singularidade e a vivência de toda pessoa. O corpo vivo e atuante é o registro no espaço/mundo da vida que dali emerge, pula, pulsa e dança. O corpo tem sabedoria, ou melhor, a sabedoria mora no corpo, brota de dentro, "é o saber sem palavras do corpo sobre o seu próprio destino"[311].

Pode-se dizer, de forma simplista, que o corpo é o suporte material para a vida humana se expressar, contudo ele não é somente um suporte, o corpo com suas dimensões constitui corporeidade, apresenta-se tanto como a linguagem para a compreensão da vida, bem como a epifania de novas possibilidades de liberdade. O ser humano *ex-iste*, *res-iste* e *pers-iste* através de seu corpo e das tramas de sua vivência e experiência. A existência e a sobrevivência deixam marcas, lembranças e cicatrizes pelo corpo. O corpo fala[312] de muitos modos, é um centro de informações, uma linguagem que não mente.

Assim como o teólogo Rubens Alves procurava uma filosofia do corpo, o filósofo pragmatista estadunidense Richard Shusterman (1949 -)[313] desenvolveu a *Somaestética*, uma abordagem interdisciplinar que envolve a consciência e a

---

[310] ALVES, R., Variações sobre o prazer. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette, p. 70.
[311] ALVES, R., Variações sobre o prazer. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette, p. 64.
[312] WEIL, P.; TOMPAKOW, R, O corpo fala.
[313] Richard Shusterman é professor de Filosofia na Florida Atlantic University. Sua obra é fortemente influenciada pela obra de William James e John Dewey e os estudos desses autores, somados à sua experiência com Educação Somática e outras práticas corporais, fizeram com que o filósofo desenvolvesse uma nova proposta: a Somaestética. Também é terapeuta do Método Feldenkrais.

melhoria da experiência corporal, bem como o estudo das possibilidades e capacidades de percepção e a apreciação estética do corpo – ou, como o autor prefere se referir, do *soma*. Ao usar a palavra "soma", o filósofo pragmatista pretende mostrar a dimensão intencional, perceptiva, senciente, dinamicamente ativa e inteligente da vida corporal. Shusterman questiona o papel negativo que, muitas vezes, a filosofia/academia atribui à consciência somática e busca, nesse sentido, que a filosofia possa tratar o corpo com nova importância, incluindo também suas capacidades perceptivas[314].

> O corpo não é só uma dimensão essencial da nossa humanidade, é também o instrumento básico de toda a performance humana (...), nós precisamos de um melhor conhecimento somático para melhorar a compreensão e performance nas artes, nas ciências sociais e *para o avanço da mestria na mais alta forma de arte – aquela relativa ao aperfeiçoamento da nossa humanidade e ao viver de uma vida melhor. Precisamos pensar cuidadosamente através do corpo de modo a nos cultivarmos e a edificar nossos estudantes* (...).[315]

O filósofo prefere utilizar o termo *soma* porque entende que esta palavra abarca a dualidade da experiência na vida real, que possui tanto uma dimensão subjetiva quanto objetiva – sou corpo / tenho corpo. Assim, conclui que "subjetividade e objetividade são geralmente conectadas de maneira muito próximas na performance"[316]. A escolha pelo termo "soma" quer atentar para o corpo vivo, pulsante, senciente, com sentimentos e propósitos, diferenciando-se assim da imagem de um corpo físico, meramente de carne e osso. O corpo é, ao mesmo tempo, objeto material no mundo e subjetividade intencional dirigida ao mundo. A abordagem da somaestética visa integrar os dualismos tão presentes na história da cultura ocidental.

> A abordagem Somaestética não é uma escolha entre o subjetivo e o objetivo, o interior e o exterior; o espontâneo e o que é refletido criticamente; a abordagem Somaestética é, em vez disso, a combinação e a integração – com sobreposições bem sucedidas em diferentes momentos ou estágios – de ambos os elementos destes dualismos[317].

---

[314] SHUSTERMAN, R.; ESTEVEZ, A. A. M.; VELARDI, M., A somaestética e a filosofia pragmatista de Richard Shusterman. Uma entrevista, p.119-131.
[315] SHUSTERMAN, R., Pensar Através do Corpo, Educar para as Humanidades, p. 6-7.
[316] SHUSTERMAN, R.; ESTEVEZ, A. A. M.; VELARDI, M., A somaestética e a filosofia pragmatista de Richard Shusterman. Uma entrevista, p. 129.
[317] SHUSTERMAN, R.; ESTEVEZ, A. A. M.; VELARDI, M., A somaestética e a filosofia pragmatista de Richard Shusterman. Uma entrevista, p. 129.

Shusterman afirma que a consciência corporal deve ser cultivada, não apenas para aumentar a acuidade perceptual e para apreciar as satisfações dela advindas, mas, também, para não fugir à pedra fundamental da filosofia: "conhecer a si mesmo"[318]. Segundo o filósofo, vivemos num mundo altamente tecnológico em que constantemente trabalhamos contato com novas ferramentas tecnológicas cuja utilização/manejo, por sua vez, envolve novos usos do corpo abrangendo posturas e hábitos; assim, quanto mais informações e mais estímulos sensoriais nossas tecnologias nos fornecerem, "maior a necessidade de cultivar uma sensibilidade somaestética capaz de detectar e cuidar de ameaças de sobrecarga estressante"[319].

Sob este novo olhar, reconhecemos que há interconexão das dimensões corporal, cognitiva, psicológica, social, emotiva e espiritual da pessoa. O corpo vivo e senciente é o núcleo organizador da experiência, daí uma necessidade de uma educação somaestética para um viver mais pleno e integrado – "o soma é claramente um lugar experiencial chave (e não apenas um meio) do prazer"[320]. Shusterman argumenta que a experiência estética não deve ser vista como algo separado da vida cotidiana, mas sim como uma parte fundamental dela.

4.6.2
Corpo e multiplicidade

Ao refletir sobre o termo corpo, podemos ter *somente* a impressão de ser algo singular e único. E de fato é, se tivermos como foco o indivíduo (microcosmo); contudo, se ampliarmos o raio da visão (macrocosmo), veremos que a sociedade tem uma variedade de corpos, com suas semelhanças e diferenças. São corpos que expressam a transformação que se vive na existência: bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos. Corpos de animais que recebem os afetos dos humanos, como o de gatos e cachorros, ou a aversão, como no caso das baratas e ratos. O que é uno e único também é múltiplo e diverso.

Refletir sobre corpo e sua diversidade é considerar as diferenças físicas e sociais. Na sociedade brasileira, por exemplo, um corpo de cor branca tem mais respeito e dignidade do que um corpo negro. No Rio de Janeiro, é notória a diferença com que policiais tratam os moradores de comunidades – maioria de negros,

[318] SHUSTERMAN, R., Consciência corporal, p. 27-28.
[319] SHUSTERMAN, R., Consciência corporal, p. 41.
[320] SHUSTERMAN, R., Consciência corporal, p. 31.

nordestinos, pobres – e os moradores de endereços luxuosos, como o Alto Leblon ou a Avenida Vieira Souto. Há aqui também uma relação corpo-espaço. Um corpo negro não é bem-visto em locais frequentados pela classe alta. Um caso num condomínio de luxo na cidade de São Paulo repercutiu fortemente no ano de 2022: uma senhora e seu filho atacaram um vizinho humorista/cantor/youtuber com a expressão "fora macaco"[321].

Com relação ao aspecto biológico-físico, nascemos diversos – homem, mulher e intersexo[322] – e isso não está deslocado da sociedade, é vivido diferentemente em distintas comunidades. Assim como empreendemos a leitura da realidade do mundo em forma de poliedro, podemos refletir sobre a concretude do corpo – sua materialidade, tangibilidade, tateabilidade, entre outros – na existência humana tendo em vista estruturas que enfatizem o aspecto múltiplo da vivência humana como atenção-disposição, contato-improvisação, adequação-mutação ou mesmo interações entre as dimensões afetiva-relacional, mental-cognitiva e físico-motora[323]. A teologia entende o ser humano como relacional, mas a reflexão teológica-antropológica tem *pecado* por não enfatizar a conexão entre as dimensões e as experiências vividas pelo ser humano, não há uma interrelação entre elas e, por conseguinte, não estamos privilegiando o sentido de integração. *Mutatis mutandis*, podemos dizer que a antropologia teológica tem todos os neurônios, mas não ocorre sinapse entre eles.

---

[321] DIAS, C. H.; RODRIGUES, R. Caso Eddy Jr: aposentada que falou 'fora, macaco' afirma à polícia que estava sob efeito de medicamentos e não se lembra de ofensas racistas.

[322] Não pretendemos realizar uma análise sobre identidade de gênero, optamos por escolher os três termos dispostos porque consideramos preferível a macho, fêmea e hermafrodita.

[323] Temos inúmeras fontes e referências em psicologia e psiquiatria que atestam que aspectos emocionais/existenciais – como traumas ou epifanias – e/ou sentimentos como de amor e aversão são fatores que refletem corporalmente. No livro de Weil e Tompakow, *O corpo fala*, os autores "decifram" a linguagem corporal não verbal apresentando gestos, comportamentos e expressões que manifestam sentimentos, concepções ou posicionamentos internos do indivíduo. Um outro olhar sobre a relação corpo/psiquê/emoção, é encontrado em Wilhelm Reich, psiquiatra, psicanalista, biólogo e físico que desenvolveu uma prática – a bioenergética – baseada nos aspectos psíquico-corporais. Para Reich, a neurose/repressão não se dava somente na dimensão psíquica, mas também na dimensão corporal. Reich descobriu que os distúrbios mentais do ser humano estão ligados a determinadas alterações no corpo físico. Ou seja, o desequilíbrio emocional pode e vai afetar os sistemas do corpo humano. Sua teoria aponta que o corpo responde à repressão gerando tensão muscular e, com o passar do tempo, se traduz em dores crônicas e/ou doenças – o corpo desenvolve uma espécie "armadura", uma "couraça" que molda o físico e o caráter do indivíduo e determina como essa pessoa encarava sua existência. O livro em que ele desenvolve esta teoria é REICH, W. A função do orgasmo. Problemas econômico-sexuais da energia biológica. Nesta mesma linha de Reich, encontramos o livro de LOWEN, A. Amor e Orgasmo. Guia revolucionário para a plena realização sexual. Lowen dedica a publicação a Wilhelm Reich, "cuja descoberta da função do orgasmo tornou possível este trabalho" (p. 5).

Ponto imprescindível a considerar nesta multiplicidade de corpos é tratar como prioridade o corpo da mulher[324]. Como já analisamos, a cultura do estupro é nociva para a sociedade como um todo, mas incide sobre o corpo da mulher a violência mais imperiosa e mais cruel[325]. A escritora Rose Marie Muraro[326] observou, em sua pesquisa de campo, que homens e mulheres se relacionam de formas diferentes com seus corpos, ou seja, há uma diferença na construção da subjetividade que obviamente se traduz numa forma de estar no mundo, de enxergar a alteridade e de *performar*[327].

> Esse comportamento projetado para a construção da sociedade e do mundo deu no panorama que encontramos hoje: um mundo construído pelo homem e para o homem, na qual a mulher procura, desajeitadamente, um lugar em moldes competitivos.[328]

O corpo da mulher é tratado como um objeto por excelência, e muitas mulheres comportam-se como objetos, pois a dominação ocorre tanto nos corpos como na psique feminina – grande parte das mulheres acredita na sua inferioridade existencial, que de certa maneira está legitimada pela cultura[329]. Assim, as mulheres introjetam sua "submissão cultural" reproduzindo as estruturas sociais patriarcais que acabam por oprimir seus próprios corpos e os corpos de outras mulheres – "as estruturas de violência reproduzem a violência em círculos concêntricos"[330].

Também é preciso jogar luz na reflexão sobre pessoas com deficiência[331]. É especialmente emocionante ver o vídeo de uma criança cadeirante recebendo uma

---

[324] Sugerimos aqui uma pausa para uma reflexão rápida neste momento. Quando a palavra *corpo* vem à sua mente, você pensa em que corpo? Um corpo humano? Com traços femininos, masculinos ou sem gênero, um corpo sem imagem sexual?

[325] Não só o corpo da mulher, mas também os corpos de homossexuais ou transexuais sofrem violência específica, contudo, enfatizamos aqui o corpo da mulher, de forma a representar toda a alteridade. Também é válido ressaltar que a mulher negra/indígena sofre uma espécie de dupla opressão: por gênero e por etnia.

[326] MURARO, R. M., Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não entendem?, p. 33-34. Os homens consideram o corpo como um amigo, o corpo é "ele", algo separado de um "eu". Também não demonstraram inibição para falar sobre sexualidade e, segundo a interpretação da autora, concentram sua sexualidade nos órgãos sexuais e apresentavam, por isso, uma espécie de anestesia sobre seu próprio corpo. Já as mulheres apresentavam dificuldade de falar sobre sexualidade, mas não sobre seus corpos, referindo-se ao corpo como "eu" – "meu corpo sou eu mesma" (p. 34).

[327] Introduzimos aqui o termo *performar* como sinônimo de atuação. Mais à frente, iremos aprofundar esta terminologia.

[328] MURARO, R. M., Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não entendem?, p. 28.

[329] GEBARA, I., Rompendo o silêncio, p. 133.

[330] GEBARA, I., Rompendo o silêncio, p. 147.

[331] Segundo a ONU, a deficiência é a "perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica" (CNBB, texto-base da CF-2006, n. 120). Pode se manifestar de forma

boneca com cadeira de rodas e perceber que a boneca é igual a ela[332]. A representatividade é importante para todos os corpos, sobretudo para os mais vulneráveis e vulnerabilizados. Neste movimento de representatividade, encontramos alguns personagens com deficiência nas novelas brasileiras: na novela *Sol de Verão* (1982), Abel, personagem interpretado por Tony Ramos, ficou surdo após contrair meningite na infância; em *Viver a vida* (2009), a personagem Luciana, vivida pela atriz Aline de Moraes, ficou tetraplégica ao sofrer um acidente de ônibus[333]. Entretanto, são poucas as pessoas com deficiência que trabalham na frente das câmeras televisivas. Na novela *Páginas da Vida* (2006), a personagem Clarinha, de 7 anos de idade – interpretada pela atriz Joana Mocarzel, que tem Síndrome de Down – levou ao público a discussão sobre o preconceito e situações discriminatórias, como a cena em que a mãe tenta matricular sua filha na escola[334]. Na novela *Caras & Bocas*, também havia a personagem Anita, vivida pela atriz deficiente visual Danieli Haloten.

O texto-base da Campanha da Fraternidade do ano 2006 – cujo tema foi Fraternidade e Pessoas com Deficiência – fazia a seguinte pergunta: "Será que a deficiência *necessariamente* deverá ser traduzida por sofrimento?[335] Em relação aos corpos com deficiência, ainda persiste em nossa sociedade a visão antropológica dualista: corpo "normal" x corpo "anormal/deficiente" ou corpo "saudável" x corpo "doente". São corpos que, de certa forma, sofrem com essa violência simbólica que carregam como um estigma. A deficiência estabelece limites, fronteiras, mas não incapacidade, incompetência ou inaptidão. Nesse sentido, consideramos extremamente duras as palavras de Lv 21,18ss, que proíbe a pessoa com deficiência

temporária ou permanente, ser de nascença ou adquirida em alguma fase da vida; ser física, motora, sensorial, intelectual ou cognitiva; ser autismo etc. É significativo realçar que, ao longo da vida, todos estão sujeitos a adquirir algum tipo de deficiência. Os dados do IBGE atestam que esta parte da população tem remuneração inferior às pessoas sem deficiência e sofrem mais com desemprego e menos oportunidades de trabalho. (IBGE, Desemprego e informalidade são maiores entre as pessoas com deficiência)

[332] G1, Mãe grava reação de filha ao ganhar boneca cadeirante e vídeo viraliza.

[333] Há muitos outros personagens: Jatobá e Maria Flor em *América* (2005), Shirley em *Haja Coração!* (2016), em *Totalmente Demais* (2005) tem-se o Wesley, em *Malhação - Toda forma de Amar* (2019), a personagem Milena é surda oralizada.

[334] A personagem inspirou a criação de uma boneca com Síndrome de Down. INCLUSIVE. Bonecas com Síndrome de Down.

[335] CNBB, Texto-base da CF-2006, n. 310 (grifo nosso).

de *performar*[336] no culto. Contudo, no mesmo livro, temos o versículo 19,14: "Não amaldiçoes *o surdo*, nem ponhas tropeço diante do *cego*, mas temerás o teu Deus".

> Os autores bíblicos têm que falar desse assunto porque a enfermidade aponta para uma crise do paciente, que se transforma em pergunta viva, não apenas sobre as causas, mas sobre si mesmo, sobre o seu mundo imediato e sobre o sentido da vida.[337]

No Primeiro Testamento, dispomos de algumas referências aos corpos deficientes. Entre as maldições de Dt 28, encontra-se esta, no v. 28: "O Senhor te ferirá de *cegueira, loucura e delírio*". No profeta Jeremias, encontramos em 31,8 o texto "pois vou trazê-los do país do norte, dos extremos da terra hei de reuni-los. Entre eles *cego e aleijado*, mulher grávida e parturiente". Em Isaías 29,18, "*os surdos nesse dia vão ouvir* a leitura das palavras deste livro e, sem névoa ou escuridão, *os cegos hão de ver*". Há a possibilidade de uma leitura simbólica dessas deficiências, como a que encontramos em Is 43,8: "Manda vir este povo que é cego, embora tenha olhos perfeitos, manda vir este povo que é surdo, embora tenha ouvidos".

Segundo o biblista Stadelmann, no Primeiro Testamento, os casos de deficiência são considerados à luz do pecado original, atribuindo-se à hipótese de sua causa ser devido a uma culpa moral do indivíduo[338]. Contudo, a mensagem central da Bíblia versa sobre a dignidade da pessoa humana, que deve ser reconhecida nos enfermos ou deficientes. O principal motivo para Deus vir em auxílio do deficiente físico é a exposição da miséria humana como apelo eloquente da criatura diante do Criador – "É esta a razão de os Salmos usarem a linguagem do sofrimento para expressar as súplicas na liturgia, porque a queixa tem função de apelo"[339]. Destarte, o salmo 22 é assumido pela Igreja nascente como tendo íntima relação com as palavras de Jesus na cruz – "Meu Deus, meus Deus, por que me abandonastes". A aflição dos que mais sofrem neste mundo é conhecida por Jesus Cristo, que penetrou profundamente na solidão humana e assumiu integralmente o sofrimento humano[340].

---

[336] Ratificando que aprofundaremos o termo mais à frente, a palavra performance está intimamente relacionada ao tema dos ritos bem como sobre a eficácia dos símbolos nos processos rituais e sociais. Victor Turner (1920-1983) desenvolveu a Antropologia da Performance, cujas ideias e conceitos muito inspiraram e contribuíram para a produção desta tese.
[337] STADELMANN, L. I. J., Deficientes físicos na Bíblia, p. 30.
[338] STADELMANN, L. I. J., Deficientes físicos na Bíblia, p. 32.
[339] STADELMANN, L. I. J., Deficientes físicos na Bíblia, p. 30.
[340] STADELMANN, L. I. J., Deficientes físicos na Bíblia, p. 31.

Stadelmann aponta que, na Antiguidade, os leprosos eram afastados da comunidade e do convívio social porque não havia meios profiláticos para evitar a contaminação nem tratamento de cura e, neste sentido, o maior problema era o sustento que ficava aos cuidados dos familiares, já que não havia Estado ou seguro social[341] – na Mesopotâmia, a lepra era atribuída a influências demoníacas e se tentava curar por meios mágicos.

No Segundo Testamento, nos defrontamos com muitos relatos de curas de corpos com deficiências físicas nos Evangelhos, seguem alguns: o paralítico de Marcos (2,1-12), o de João (5,1-18), que tem a companhia de enfermos, cegos, mancos e ressicados (v.3), o cego de Betsaida (Mc 8, 22 - 26), o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), o cego de nascença (Jo 9,1- 41). Ainda encontramos o reavivamento dos corpos de Lázaro (Jo 11, 1- 45), da filha de Jairo (Mc 5, 22 - 42) e do filho da viúva de Naim (Lc 7,11- 18). É pertinente observar que, em relação às curas, Jesus *performava* de forma diversa: usou saliva, o toque, o barro, realizou milagre a distância. Em nenhuma ocasião Jesus utilizou-se de poções, bebidas, objetos sagrados ou considerados mágicos.

Também encontramos, na Sagrada Escritura, uma concepção de que existe relação entre a doença e/ou deficiência como uma espécie de disposição/intenção divina; em Ex 4, 11, temos o texto em que Deus se declara autor da deficiência: "Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou Eu, o Senhor?" Em Ex 23, 25, a proteção divina contra a doença é vinculada ao cumprimento da vontade de Deus, deixando implícito que o desrespeito à lei ocasionaria enfermidade (punição): "Servireis ao Senhor vosso Deus e ele abençoará o vosso pão e a vossa água; e tirará do vosso meio as enfermidades". Também cabe ressaltar que, em algumas narrativas de curas realizadas por Jesus, há relações diretas entre a doença/deficiência e o pecado e entre a cura da doença e o perdão divino. Em Lc 5, 20-24, encontra-se o relato da cura de um paralítico em Cafarnaum vinculada ao perdão de seus pecados. A mesma relação entre doença e pecado e entre cura e perdão é reafirmada em João 5,14. Da mesma forma, no texto do apóstolo Tiago 6, 14-16, encontramos semelhante pensamento: "Está alguém entre vós doente? (...) Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados".

[341] STADELMANN, L. I. J., Deficientes físicos na Bíblia, p. 34.

É razoavelmente comum que um corpo de meia idade apresente alguma deficiência, como por exemplo, a perda gradual da visão ou audição. A velhice pode trazer problemas de diversas ordens e é bem provável que, com o aumento da expectativa de vida, as populações possam vir a sofrer de alguma deficiência em seus corpos. Além da velhice, qualquer pessoa pode vir a sofrer algum tipo de acidente – como no caso de alguns personagens das novelas citadas – e ter/desenvolver no seu corpo alguma deficiência.

A antropologia teológica ainda precisa elaborar reflexões sobre os corpos com deficiência. De certa forma, alguns textos contidos na Sagrada Escritura corroboram para aumentar o estigma do corpo com deficiência ao associá-lo ao impuro ou pecador. O corpo com deficiência está vinculado a uma transgressão, a um mal e por isso deve estar apartado do corpo social. No âmbito desta pesquisa, não é possível ampliar a reflexão sobre corpos com deficiência, contudo consideramos ser necessário – para a inclusão desses corpos – que a reflexão teológica possa evoluir na elaboração de novos olhares e perspectivas[342].

4.6.3
Corpo em desejo e construção

Depois de refletirmos sobre a diversidade dos corpos que estão *transitando* pelo mundo[343] – reflexão realizada a partir de algumas categorias – entendemos ser pertinente uma breve ponderação sobre o que denominamos de *corpo em desejo e construção*: o corpo ideal, o corpo perfeito que só será ideal e perfeito após as intervenções realizadas nele. Encaixam-se aqui os corpos que se submetem a procedimentos estéticos e/ou cirúrgicos para o embelezamento ou alguma mudança no padrão corporal/facial (lábios mais carnudos, nariz mais fino com a ponta arrebitada etc.) e os corpos em que se realiza uma mudança/transição de gênero.

Na questão relacionada ao embelezamento estético corporal, vale destacar que o foco sobre corpo da mulher leva especial atenção nos anúncios das clínicas

[342] Consideramos que a PUC-Rio não é uma universidade muito acolhedora para pessoas com deficiência e precisa implementar mudanças no seu campus. Para cadeirantes, há limitações para trafegar pelas áreas da universidade, nem todas têm acesso específico. Também para os deficientes visuais faltam informações com os números das salas de aula em braile – um estudante cego precisa que alguém o leve até a sala de aula, ou seja, não tem autonomia para trafegar no campus nem nos prédios.

[343] Só uma lembrança que os corpos não são elementos estanques, estão sempre em movimento, ocupam espaços transitórios, estão em fluxo na cidade.

das clínicas de estética. Os procedimentos incluem aplicação de toxina botulínica no rosto, tratamento para reduzir a celulite, preenchimento facial, lipoaspiração, mamoplastia, abdominoplastia, entre outros. O corpo feminino – visto como objeto de desejo masculino – deve corresponder aos padrões culturais da sociedade e do tempo em que vive[344].

O corpo masculino também é alvo de construção estética. No século XXI, encontramos a figura do metrossexual[345], que tem como símbolo/modelo deste novo padrão masculino o jogador inglês, David Beckham. Num ambiente extremamente machista como o futebol, o inglês "popularizou" a vaidade masculina, sendo extremamente preocupado com o seu visual e sua aparência, apresentando vestimentas exóticas e de grifes e diferentes cortes de cabelo – tranças, topete e estilo moicano, por exemplo. O metrossexual tem estilo, sutileza, requinte e um certo "debrum" feminino. O corpo do homem também foi construído historicamente através das sociedades e do tempo[346].

---

[344] Cada época e lugar estabelecem critérios para definir o que é considerado belo. Na Grécia antiga, o padrão de beleza era o corpo atlético masculino; o corpo ideal visava o equilíbrio das medidas proporcionais, músculos torneados e corpos esbeltos eram os mais bem-vistos. Na Idade Média o conceito de beleza estava relacionado à dimensão espiritual e os corpos femininos tidos como perfeitos possuíam as mesmas características físicas da Virgem Maria. É neste período que surge o estilo romântico e o gótico, como pode ser visto no quadro A Fuga para o Egito (1305), do artista italiano Giotto. No Renascimento, os padrões de beleza da Antiguidade voltam à tona, podendo ser identificados em representações famosas, como o quadro O Nascimento de Vênus (1485), de Sandro Botticelli. Agora, o corpo feminino é mais valorizado e as mulheres conhecidas como "cheinhas" ganham destaque. Quadris largos, seios fartos, cabelos longos e a nudez são algumas das principais características do período. Nos anos 1920, ocorre a masculinização do corpo feminino – a cintura, os quadris e os seios deveriam ter as medidas mais próximas possíveis e as curvas eram disfarçadas. Era a época da Primeira Guerra, quando as mulheres aderiram às vestimentas mais simples. Nos anos 1940, vive-se a época das grandes divas cinematográficas como Marilyn Monroe e Rita Hayworth, que estabelecem um novo estilo: vestimentas justas, cinturas finas, quadris largos e seios fartos. Já nos anos 1990 temos, então, o padrão das supermodelos, como Cindy Crawford, Naomi Campbell, Kate Moss e a brasileira Gisele Bündchen. Muitas modelos investiram em procedimentos estéticos como forma de realçar qualidades físicas fazendo a cirurgia estética se tornar mais popular e frequente entre as mulheres. Na década de 2020, o padrão feminino ainda encontra-se relacionado às supermodelos, sendo que o ideal de magreza tornou-se uma obsessão, causando diversos distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia. O padrão de beleza feminino ainda é o de um corpo magro, alto, sem defeitos e um cabelo extremamente sedoso – assim como nas passarelas. (SER CLÍNICA PLÁSTICA, Arte e estética: entenda as mudanças de padrão de beleza ao longo da história!)

[345] Termo cunhado pelo jornalista Mark Simpson em 1994 no jornal inglês *The Independent*. O metrossexual tem novo modo de exercer a masculinidade, é preocupado com a beleza e é refinado no comportamento para consigo mesmo e seus pares. Geralmente o metrossexual vive em uma metrópole ou próximo a estes grandes centros e a preocupação com a beleza corporal o leva a utilizar cremes antirrugas, blush, pó, rímel e lápis nos olhos, além de realizar depilação completa no corpo (NERI, R. F.; TARQUINI, J. R., Todos Querem Ser David Beckham – O "Novo Homem" é fruto da mídia ou da sociedade?).

[346] FERNANDES FILHO, A., Breve Histórico da Beleza Masculina, p. 59-79. Assim como o corpo da mulher, a concepção de beleza do corpo masculino também sofreu mudanças com o tempo. No

E por qual motivo levantamos estas questões estéticas sobre o corpo? Porque temos em vista a formação das juventudes da PUC-Rio, que comporta variados grupos, inclusive estes que constroem seus corpos mediante inúmeras intervenções; e é sob este prisma que incluímos neste tópico os corpos transexuais. Embora sejam questões subjetivas de fundo diferente, em ambos os casos o que constrói o corpo é o desejo do sujeito[347] e a vontade de ter/ser outro corpo. Contudo, embora possa haver algum julgamento sobre os corpos femininos e/ou masculinos que se moldam à base de silicone e cirurgias plásticas, o corpo trans é infinitamente mais estigmatizado e está socialmente à margem.

O corpo trans é construído pela inadequação/rejeição ao sexo biológico e essa inadequação, na perspectiva de uma antropologia teológica/católica, pode ser considerada um infortúnio, entretanto não significa que esse desejo de ter/ser outro corpo tenha que ser posto em prática[348]. Dentro desta mesma perspectiva, o corpo trans pode ser "encaixado" na definição de "desordem ou desvio intrínseco", termo mencionado pelo magistério referente à questão da homossexualidade. O teólogo Luis Corrêa Lima descreve uma consulta realizada à Congregação para a Doutrina da Fé, em 2015, sobre a possibilidade de um transexual ser padrinho de batismo.

> A resposta foi que o comportamento transexual revela de maneira pública uma atitude oposta à "exigência moral de resolver o próprio problema de identidade sexual segundo a vontade do próprio sexo". Por isso esta pessoa não preenche o requisito de viver uma vida conforme a fé e função do padrinho.[349]

A base deste pensamento estrutura-se na concepção essencialista que entende que o homem e a mulher têm qualidades essenciais/originais[350]: homens são ativos, líderes "por natureza", mulheres são passivas, ouvintes, receptivas, "por natureza". Este pensamento essencialista é o pressuposto que estrutura os escritos do papa João

---

referido artigo, o autor apresenta a concepção de beleza masculina nas sociedades da Antiguidade – Egito e Grécia – e na sociedade Ocidental, desde a Idade Média até o século XXI, também fazendo referência ao modelo de metrossexual.

[347] Não faz diferença na análise apresentada se o desejo é influenciado pela época, pela moda ou hábito.

[348] Utilizamos aqui reflexão semelhante à que o magistério católico realiza com relação à homossexualidade.

[349] LIMA, L. C., Teologia e os LGBT+. Perspectiva histórica e desafios contemporâneos, p. 99.

[350] Indicamos aqui o pensamento de São João Paulo II a partir do texto Teologia do Corpo: "*Apesar* de também o homem ser corpo (Gen. 1, 27) verifica que esta *verdade essencial* acerca do homem se refere tanto ao homem como à mulher" (JOÃO PAULO II, Teologia do Corpo, n. 4 – grifo nosso). Destacamos dois termos: a questão referente à verdade essencial – visão do essencialismo antropológico – e também significativo é a utilização do advérbio APESAR em referência ao CORPO. É de fato uma teologia do corpo APESAR do corpo?

Paulo II denominados *Teologia do Corpo* – 129 audiências realizadas às quartas-feiras, entre os anos de 1979 e 1984, com o intento de fornecer os fundamentos antropológicos da doutrina moral da Igreja.

A teologia vem buscando novos horizontes para a reflexão sobre as questões referentes à homossexualidade e transgeneridade, especialmente através do diálogo com as ciências biológicas. Entende-se que a homossexualidade e transgeneridade não são escolhas ou opções, trata-se de uma orientação sexual. Há também um importante componente biopsíquico na homossexualidade e transgeneridade – "segundo alguns neurocientistas, é o cérebro e não a genitália ou os hormônios sexuais que define a atração sexual e a identidade de gênero"[351].

Nesses novos horizontes que se abrem à reflexão, papa Francisco também é uma personagem de destaque teológico-pastoral. Suas declarações e atitudes demonstram abertura, escuta e acolhimento. Ele recebeu o transexual Diego Neria e sua companheira no Vaticano, nos EUA, encontrou com seu ex-aluno e amigo gay Yago Grassi e seu companheiro, esteve com o chileno Juan Carlos, também gay, que foi vítima de abuso de sacerdote. Suas atitudes espelham o que é significativamente importante pastoralmente: "mostram o que é acolher e não julgar, e valem ainda mais que muitas palavras"[352], especialmente para as famílias das pessoas LGBT+ que muitas vezes rejeitam seus filhos e parentes causando enormes sofrimentos.

Neste sentido, o Dicastério para a Doutrina da Fé, no ano de 2023, respondeu de forma diferenciada à consulta de Dom José Negri – bispo de Santo Amaro, no Brasil – que enviou uma carta com algumas perguntas referentes à possível participação, nos sacramentos do batismo e do matrimônio, de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas. A resposta, assinada pelo prefeito, o cardeal Víctor Manuel Fernández, e aprovada pelo papa Francisco na audiência de 31 de outubro, representa um marco significativo na relação entre a Igreja Católica e a comunidade LGBT+. Ao expressar uma opinião positiva em relação ao batismo de pessoas transexuais, "desde que isso não crie escândalo entre os fiéis", e permitir que elas

[351] LIMA, L. C., Teologia e os LGBT+. Perspectiva histórica e desafios contemporâneos, p. 79.
[352] LIMA, L. C., Teologia e os LGBT+. Perspectiva histórica e desafios contemporâneos, p. 114.

atuem como testemunhas em casamentos, a Igreja está dando um passo notável em direção à visibilidade e à aceitação[353].

É legítimo construir o próprio corpo conforme o desejo e a ideia de beleza e perfeição[354]. No século XXI, é bem comum os jovens das grandes cidades e periferias próximas marcarem o corpo com mais de uma tatuagem[355]. Na tatuagem, o corpo é como uma tela onde se desenham imagens, nomes, afetos, lembranças; os pincéis são basicamente as agulhas a imprimir na pele um desejo – de diferença, de autenticidade, de singularidade. Além da beleza e da estética corporal, a tatuagem, em algumas circunstâncias, "veste" o corpo, reveste a pele inclusive com símbolos religiosos[356].

O que podemos conjecturar é que há uma tendência na sociedade, cada vez maior, de construir o próprio corpo conforme o desejo ou o ideal do sujeito e nesse processo, os corpos podem sofrer diversas alterações e intervenções, desde as mais simples, como a tatuagem, até as mais complexas, como a reconfiguração corporal de gênero. O corpo conta a experiência da vida e pela reflexão aqui gerada, podemos concluir que se trata de uma construção histórica e social[357]. Pensar a realidade como processo inclui pensar o corpo também de forma processual e em fluxo. O corpo sofre as metamorfoses que o tempo executa na materialidade – há uma

---

[353] IHU ON-LINE, O batismo e as pessoas transexuais e homoafetivas. Respostas do Dicastério para a Doutrina da Fé.

[354] A questão sobre os corpos *trans* precisa ser complexificada e vista a partir da interdisciplinaridade. Ratificamos que não há, no momento, interesse em dissertar sobre esta questão, contudo faz-se necessário sua inclusão no sentido de servir como um apontamento para o desenvolvimento de iminentes questões com as quais a teologia irá se deparar em breve. Na própria PUC-Rio encontramos jovens que estão fazendo a transição sexual em seus corpos. O que a antropologia teológica tem a dizer a eles e elas?

[355] A tatuagem também tem história tanto no mundo Ocidental como no Oriental. Ver a dissertação de mestrado: LIMA, Rodrigo Muniz de Souza, Tatuagem. História e contemporaneidade.

[356] Ver: SILVA, J. V. da, Tatuagem e religião. A tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas; e GAUDÊNCIO, R. Mendes, Antropologia das tatuagens marianas: fenômeno social, motivação e leitura de fé.

[357] Além da reflexão realizada no tópico, trazemos para complementar esta questão algumas outras colocações. No artigo Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem, a prof. e antropóloga Sônia Weidner Maluf narra uma parábola que se tornou popular na Antropologia. "O missionário protestante e antropólogo Maurice Leenhardt comenta com o chefe do grupo que o longo convívio com os missionários ocidentais havia ensinado aos canaques que eles teriam uma alma. O chefe contesta o missionário: "Não, que nós temos uma alma, nós já sabíamos, vocês nos ensinaram que nós temos um corpo". Até a chegada dos missionários e dos outros ocidentais, os canaques não possuíam a palavra para corpo". A conclusão da antropóloga é que nem todas as civilizações e culturas têm o conceito de corpo. Ao que ela complementa: "Essas ponderações interessam porque, nas concepções hegemônicas nas culturas modernas, o corpo aparece como a nossa natureza. E muitas vezes, mesmo nas discussões no interior no campo de estudos de gênero, o corpo vai aparecer como o fator ou o termo irredutível".

constante mudança desde o nascer até o morrer – e neste decurso, ainda pode se metamorfosear pelo desejo.

4.6.4
Percepção: "abertura para"

Nos dois tópicos anteriores, refletimos sobre o corpo no espaço social e pudemos *perceber* três característica dos corpos na contemporaneidade: i) existe, de fato, uma multiplicidade de corpos, ii) corpos que nascem e/ou se moldam com determinados atributos físicos podem ser estigmatizados, iii) corpos são construídos físico-socialmente mediante o desejo do sujeito. Estes três pontos não encerram a questão sobre o corpo no espaço social, pelo contrário, a intenção foi tentar emergir questões referentes e pertinentes aos corpos dos estudantes da PUC-Rio[358], que de certa forma, representam uma amostra de uma parcela da população urbana brasileira.

Neste item, desejamos levar nosso olhar para o corpo e sua dinâmica no mundo. Ao pensar em corpo, geralmente somos levados a imaginar um corpo estático, vemos/concebemos uma forma imóvel; o corpo não é imaginado da forma que se apresenta aos nossos olhos, com suas funções motoras: no ato de caminhar, de conversar, de cozinhar etc. Pode-se dizer que *ser* corpo é *ser* movimento[359]. O gesto, a expressão, o deslocamento, a mobilidade, o vigor, a tensão muscular tudo isso se "localiza" no corpo e está numa inter-relação com o mundo. Se o corpo pode ser modelado pelo sujeito na forma como ele expressa sua identidade, como vimos anteriormente, a pergunta que fazemos é: é possível ao "movimento" do corpo construir identidade? Uma reeducação do movimento poderia favorecer o desenvolvimento intelectual, afetivo e artístico?

O corpo tem um dinamismo que, com o tempo, acumula padrões mecânicos. Como dirigir um carro; no aprendizado, para fazer o carro andar, o/a aprendiz "calcula" cada movimento com atenção: é preciso passar a marcha, deve-se apertar a embreagem e depois ir soltando-a lentamente enquanto se aperta o acelerador.

---

[358] Particularmente sensível nas instalações do campus da PUC-Rio é a demanda por uma universidade mais inclusiva para os deficientes físicos. Faltam rampas de acesso para cadeirantes, não existem placas táteis para identificar salas e banheiros, enfim, é necessário viabilizar um projeto de campus que permita receber os estudantes com deficiência com mais hospitalidade.

[359] Corpo é movimento e repouso, contudo neste item optamos por enfatizar a dimensão motora.

Com a prática, todo esse gestual acontece sem o ato de pensar no que se está realizando, é mecânico. Assim ocorre em muitas situações da vida cotidiana. Os padrões se desenvolvem por repetição e acabam condicionando o corpo a uma determinada forma e funcionamento.

"Qualquer movimento realizado pelo corpo está inserido nas coordenadas de tempo e espaço. A percepção do tempo está associada à experiência motora"[360], assim, o corpo é este elemento que, enquanto móvel e dinâmico, ancora as experiências existenciais. É possível "esculpir, dar corpo, incorporar movimento até que se gere identidade"[361]. Ao mirar no Pacto Educativo Global, proposto pelo magistério de Francisco, atentamos para o fato de que não se pode negligenciar uma educação/reeducação somática, do movimento, do gesto, da percepção e consciência corporal.

Com efeito, Merleau-Ponty toma o corpo como ponto de partida para a sua reflexão na obra *Fenomenologia da percepção*[362] – a intenção é "recuperar a percepção como contato originário com o mundo por meio de um corpo"[363], considerando a percepção como uma atividade de participação ativa em vez de mera observação passiva. A percepção está relacionada com a dimensão da presença, daquilo que aparece e, nesse sentido, representa uma "abertura para"; e o próprio corpo é experiência de uma presença que integra várias percepções. Enquanto "abertura para", a percepção é a potência para que o humano possa se abrir à totalidade do mundo, uma atividade corporal, ativa e interpretativa que permite compreender e se relacionar com o mundo de maneira significativa e profunda. Quando a antropologia teológica afirma que o ser humano é um ser de abertura, de transcendência, significa também dizer que é um corpo de/em percepção[364]. O corpo perceptivo é condição de possibilidade para o movimento em direção à alteridade, a força motriz e, de certo forma, o modo de existir.

O ser humano é um ser de imanência e de transcendência[365], assim se afirma na antropologia cristã. Embora possamos descrever as características referentes a esses termos, não temos uma referência corporal que possa expressá-los. Será que

[360] BERTAZZO, I., Espaço e corpo. Guia de reeducação do movimento, p. 44.
[361] BOGÉA, I., Um início do que virá, p. 54.
[362] MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da percepção.
[363] CAMINHA, I., 10 lições sobre Merleau-Ponty, p. 8.
[364] Ancorando o discurso sobre o corpo tendo em vista o ser humano.
[365] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, 303-317.

algum/a teólogo/a já se perguntou algo como "qual a situação/estado/circunstância corporal que é condição de possibilidade para a experiência de abertura à alteridade"? ou "como é possível, na dimensão corporal, acolher a *outridade*?" Consideramos que existe um abismo entre aquilo que *faz sentido* – a explicação/ideia do ser humano – mas que não tem correspondência na matéria, no corpo, não é *sentido* pelo corpo nem identificado na esfera corporal. As explicações teológicas são conceituais e traduzem a dimensão hermenêutica, do sentido, que são inteligíveis, mas não exprimem a dimensão sensível e, por esta razão, nos parece que falta a incorporação de outros conceitos que possam melhor representar essa dimensão.

Ao enfatizar a dimensão corporal, da carne, do concreto, pretendemos afirmar que a percepção – que está vinculada à esfera do corpo – é esta potência que permite ao ser humano ser um *ser-de-abertura*. Merleau-Ponty entende a percepção como uma condição originária, uma relação imediata entre a consciência concreta e o universo – "não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e é pressuposta por eles"[366].

Talvez a teologia ainda esteja presa a uma ideia positivista do corpo, considerando o corpo como um objeto – *res extensa* – e a concepção de Merleau-Ponty é do corpo como totalidade, sujeito presente no mundo. Falamos anteriormente da percepção corporal entre mulheres e homens – a visão dos homens era "tenho um corpo", enquanto as mulheres, "eu sou corpo"[367]. Merleau-Ponty concebe o corpo da mesma forma que as mulheres narram sua experiência: "eu sou o meu corpo", ou seja, sou o corpo que percebe e simultaneamente é percebido, portanto deve deixar de ser concebido somente como objeto, como coisa.

> O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em ideia ou o corpo em ideia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo-cognoscente.[368]

[366] MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da percepção, p. 6.
[367] MURARO. R. M., Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não entendem?, p. 33-34.
[368] MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da percepção, p. 547.

O corpo humano é o local de um grande entrelaçamento de experiências e movimentos que se constitui como sistema de comunicação com o mundo[369]. Sensibilidade e significação estão interligadas, "não existe experiência perceptiva pura, pois nossa percepção não é uma vivência desinteressada"[370]. A experiência de perceber é um sem-número de maneiras de se relacionar com o mundo[371]. Existe um vínculo primordial entre o mundo e o corpo.

O corpo é o meio por excelência de acesso ao mundo, ou seja, o corpo é o mediador de toda experiência possível. Em Merleau-Ponty, o corpo não é coisa, nem ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão criadora[372]. Criticando a perspectiva clássica e mecanicista sobre o corpo, o autor diz: "o corpo objetivo não é a verdade do corpo fenomenal"[373] – o filósofo busca ultrapassar a dicotomia entre sujeito e objeto, enfatizando a experiência corporal fundada numa perspectiva sensível da corporeidade. A sensação e a percepção não são elementos inferiores à evidência racional, aos conceitos lógico-matemáticos, sendo imprescindíveis ao processo de conhecimento. É no corpo que se *funda* o conhecimento.

Da expressão "eu tenho um corpo" para "eu sou corpo" ocorre um giro antropológico, digamos assim. Um giro que representa e expressa a perspectiva da experiência do feminino com o mundo. Talvez seja essa a relação que falte para que a antropologia teológica seja efetivamente integral – assumir a experiência do feminino, de forma plena[374]. O cristianismo, ao longo do tempo, construiu uma

---

[369] MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da percepção, p. 274.
[370] CAMINHA, I., 10 lições sobre Merleau-Ponty, p. 12.
[371] CAMINHA, I., 10 lições sobre Merleau-Ponty, p. 12-13.
[372] Por isso que iniciamos o tópico abordando o corpo pelo princípio do movimento, da expressão e criação. O coreógrafo, professor de dança e pesquisador do movimento Ivaldo Bertazzo desenvolveu um método de investigação e estudo corporal a partir da dança. "A descoberta, por exemplo, das relações matemáticas entre as propriedades do movimento - força e velocidade no espaço - vem de pesquisas sobre o corpo móvel e seu peso proporcional. Entendida desse modo, a dança leva a outra concentração interna do movimento, adaptada às particularidades da nossa estrutura mental e corporal, ela estimularia novas vias de comunicação. Essa dimensão do trabalho de Bertazzo não deve ser jamais esquecida, porque a dança, para ele, só faz sentido quando integrada a uma visão humanista" (BOGÉA, I., O alcance do movimento, p. 12-13).
[373] MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da percepção, p. 578.
[374] Ao relacionarmos a experiência do sensível ao feminino não estamos nos referindo a uma possível essência, mas a uma relação, uma experiência de estar no mundo que foi construída subjetiva e socialmente. Podemos ver isso em frases como: "Mulher é sensível, homem é racional" (dualismo básico). Evidente que a sensibilidade é uma faculdade de todo ser humano, mas é vista, muitas vezes, como fraqueza e por isso, rejeitada enquanto construção de masculinidade. Trata-se de uma observação nossa, Merleau-Ponty, em nenhum momento, faz essa relação - sensibilidade e feminino. De fato, a sensibilidade não é característica só de mulheres - os poetas que o digam - mas socialmente está atribuída *sobretudo* às mulheres.

visão negativa do corpo da mulher. Durante a Idade Média, por exemplo, o corpo feminino foi visto como fonte de pecado e de tentação"[375]. Ainda que a antropologia cristã tenha desfeito essa visão do corpo da mulher, a imagem da mulher como aquela que leva o homem a pecar ainda permeia o imaginário de boa parte dos cristãos[376].

Para finalizar a reflexão deste tópico, enfatizamos que a nossa leitura de Merleau-Ponty sobre a tríade corpo - percepção - "abertura para" propicia condição de possibilidade para que a antropologia teológica possa *ancorar* no corpo-cognoscível aquilo que a razão teológica retrata como fundamental: o ser humano é um ser que se constrói na relação[377]. A reflexão sobre a percepção como "abertura para" dialoga com a visão da antropologia teológica que considera o ser humano um ser de abertura, de relação. Percepção enquanto "abertura para" representa uma inclinação, um impulso à presença da alteridade, ou seja, em correlato teológico, pode-se dizer que o ser humano é chamado a *ser* na relação com a alteridade.

4.6.5
A performance

Chegamos ao quinto tópico da reflexão sobre a dimensão da performance, depois de tecermos algumas considerações sobre os corpos e o mundo com suas relações, tensões e dinâmicas. Vale dizer e repetir que o que se intenta é contribuir para aumentar a reflexão sobre corpo na teologia e na antropologia teológica, sabemos que há muito o que pesquisar ainda, contudo a razão de apresentar a análise acima está em relação com o que será refletido nos próximos tópicos.

Assumindo que a teologia tem um enfoque que privilegia a cultura do sentido, enfatizando assim a dimensão hermenêutica – *Erfahrung* –, propomos avançar em outros horizontes agregando outras *percepções*, explorando também a dimensão *Erlebnis* – da percepção imediata – que de certa forma foi deixada à margem da reflexão teológica.

> O conceito de Erlebnis, particularmente caro à filosofia de Nietzsche, mas também à fenomenologia, possui originariamente uma tríplice significação: a) a imediatez

[375] MARTINS, A. M. de O, O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações, p. 103-116.
[376] Esta visão está relacionada à interpretação de Gênesis 3.
[377] "É na relação que o ser humano descobre sua profunda identidade [...] Toda pessoa é única, mas em *relação*" (grifo do autor). GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 316.

> (*Unmittelbarkeit*) entre homem e mundo; b) a significabilidade (*Bedeutsamkeit*) para o caráter global da existência; e c) a incomensurabilidade (I*nkommensurabilität*) do conteúdo da própria vivência, conferindo a ela também uma dimensão estética. A tríplice significação de *Erlebnis* implica na sua estreita associação a pathos[378].

Como podemos ler acima, o conceito *Erlebnis* tem uma dimensão estética. Nesse sentido, nem tudo pode ser apreendido por meio da razão, porque o termo refere-se ao instante em que "sentimos" algo, momento em que somos tocados por uma sensação, percepção ou sentimento. Deste modo, a antropologia bio-histórica busca suporte teórico nas artes do movimento, do texto e do palco para lançar um novo ângulo sobre o corpo e, consequentemente, sobre a pessoa humana. Não se trata de descaracterizar a reflexão realizada pela tradição, mas de oferecer outra leitura que possa complementar o entendimento sobre o humano e proporcionar uma mudança positiva nas estruturas educacionais[379].

A dimensão da performance é a do tempo-do-aqui-e-do-agora, tempo presente e por isso, de possibilidade de presença; dimensão em que o corpo recebe relevância justamente por ser presença no mundo, ser corpo-cognoscível, corpo-sensível-perceptivo e não um objeto que funciona de forma mecânica. Para desenvolvermos a dimensão da performance, foi fundamental o encontro com dois autores do século XX: o antropólogo britânico Victor Witter Turner (1920-1983) e o medievalista e crítico literário sueco Paul Zumthor (1915-1995). Zumthor abre espaço para a nossa reflexão através do livro *Performance, recepção e leitura*[380], e Turner com a obra *O processo ritual. Estrutura e antiestrutura*[381]. Contudo, outras obras também se configuraram como importantes, bem como livros de outros autores que serão abordados no desenrolar desta pesquisa.

4.6.5.1
Victor W. Turner

[378] VIESENTEINER, J. L., O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção, p. 141-155A autora analisa os desdobramentos do termo *Erlebnis* desde a sua primeira "aparição" em uma carta de Hegel em 1827.
[379] Tendo como pano de fundo o Pacto Educativo Global e a PUC-Rio, nossa intenção é que esta nova antropologia possa ser utilizada para repensar a educação e o ensino.
[380] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura; entre outras obras e leitores do autor que nos ajudaram a construir o pensamento.
[381] TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura; entre outras obras e leitores do autor que nos ajudaram a construir o pensamento.

Em primeiro lugar, faz-se necessário refletir sobre o termo performance e sobre as questões que levaram Victor Turner a introduzi-lo na antropologia. O conceito de performance em Turner provém da confluência entre as suas pesquisas antropológicas sobre os rituais – que são apontados como capazes de suspender o fluxo da vida cotidiana e de desestabilizar relações determinadas pela estrutura social – e o interesse do antropólogo pelo teatro como matriz de conceitos e metáforas para entender a vida social[382].

Na visão de Turner, os rituais fazem referências a situações produzidas para que a comunidade possa distanciar-se de si mesma e ver-se em perspectiva, tendo função fundamental para a resolução de conflitos e a restauração da vida social.[383] Desta forma, os rituais são o *lócus* privilegiado para a observação de dimensões processuais e conflitivas da estrutura, entendida como conjunto de posições e situações sociais estáveis e regulares[384].

Turner busca a raiz da palavra na etimologia francesa, *parfournir* (fornecer, oferecer), ou seja, não está relacionada à "forma", mas a algo que se realiza plenamente – "o sentido processual de 'levar à completude' ou realizar"[385]. Neste sentido, ele procura eliminar interpretações que considerem a performance algo construído, artificial, "postiço", contrário àquilo que é real e verdadeiro. A professora Diana Taylor[386] apresenta os múltiplos usos da palavra performance, que é utilizada por antropólogos, também por pessoas do ramo de negócios – os funcionários são obrigados a *performar,* a realizar tarefas – e consultores políticos entendem *performar* enquanto performance-estilo, mais do que realização ou desempenho[387].

Há duas abordagens antropológicas sobre a palavra performance e que ganharam relevância nos estudos do século XXI: uma mais próxima à linguística e

---

[382] BORGES, L. G. Performance - Victor Turner.
[383] TURNER, V., Do Ritual ao Teatro, a seriedade humana de brincar.
[384] SILVA, R. A da, Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais, p. 35-65. Turner sugere que os dramas sociais afloram estabelecendo a relação dialética entre "estrutura" (que representa a realidade cotidiana) e antiestrutura (momentos extraordinários, definidos pelos "dramas sociais"). (TURNER apud SILVA, R. A da, Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais, p. 37)
[385] TURNER, V., Do Ritual ao Teatro, a seriedade humana de brincar, p. 130.
[386] Diana Taylor é Professora no Departamento de Estudos da Performance e no Departamento de Espanhol da New York University e também Diretora Fundadora do Instituto Hemisférico de Performance e Política.
[387] TAYLOR, D., Traduzindo performance, p. 10-16.

filosofia, que reúne autores como John Austin, Jacques Derrida, Judith Butler, e outra abordagem que privilegia o teatro e as artes, que conta com Victor Turner e o diretor de teatro Richard Schechner. O contato entre esses dois últimos autores citados fez surgir um novo campo de estudo, entre o teatro e a antropologia.

> Trata-se de um processo de espelhamento interativo, matricial e "mágico", diz Turner. Na medida em que se constituem como espelhos mágicos, dramas estéticos e rituais espelham a vida social. A recíproca, porém, também é verdadeira: dramas sociais espelham formas estéticas. Pessoas – revelando-se como *personas* – performatizam as suas vidas. A vida imita a arte tanto quanto a arte imita a vida.[388]

Victor Turner realizou pesquisas etnográficas entre os anos de 1951 e 1954 junto aos Ndembu, população bantu da Zâmbia, África Central. Os pontos relativos à organização social e aos dramas sociais iniciaram suas pesquisas e depois ele elaborou suas considerações sobre os processos rituais e as categorias do pensamento simbólico. Turner desenvolveu dois conceitos significativos para os estudos antropológicos: liminaridade e c*ommunitas*. Posteriormente, veio a desenvolver uma antropologia da experiência e/ou uma antropologia da performance.

A ideia de liminaridade baseia-se num determinado instante de margem dos ritos de passagem: fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de "morte" social, para "renascerem" e reintegrarem-se à estrutura social[389]. Liminaridade é, portanto, uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entrelugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente[390].

---

[388] DAWSEY, J. C.; MÜLLER, R. P.; HIKUI, R. S. G.; MONTEIRO, M. F. M. Tranças. p. 24.

[389] Turner utiliza a mesma concepção de Arnold Van Gennep que caracteriza 3 pontos fundamentais em um ritual de passagem: primeiro momento é a "separação", quando o sujeito do ritual se separa de suas antigas regalias e deveres para com seu meio social; a segunda fase é a "transição/margem" - o momento liminar -, central na transformação ontológica dos indivíduos; e por fim, a "incorporação/agregação" a um novo estado de responsabilidades a ser desempenhado. (TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura, p. 116)

[390] TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura, p.117. "Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial".

As *communitas* são modelos de liminaridade e nascem de forma espontânea unidas por ideais coletivos, por valores ou crenças, configurando-se uma "antiestrutura". Turner concebe *communitas* como uma forma de antiestrutura constituída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar em momentos especificamente ritualizados – o antropólogo reflete sobre alguns exemplos de *communitas*, como os movimentos milenaristas, os hippies, a Ordem dos Franciscanos com o ideal de pobreza franciscana, entre outros[391]. As *communitas* têm uma qualidade existencial e um aspecto de potencialidade – "a arte e a religião são produtos delas, mais do que estruturas legais e políticas"[392] – e em suas produções entrevemos, "por momentos, o extraordinário potencial evolutivo do gênero humano, ainda não exteriorizado e fixado na estrutura"[393]. *Communitas* vem descrever a experiência de um grupo de pessoas que se unem em torno de um objetivo comum e experimentam uma sensação de igualdade, solidariedade e união. Essa palavra é frequentemente usada em antropologia e sociologia para descrever os momentos em que as hierarquias sociais são temporariamente suspensas e os indivíduos se sentem parte de uma comunidade mais ampla e coesa.

A ideia de *communitas* geralmente é contrastada com a ideia de estrutura social, em que a hierarquia e a diferenciação de papéis são a norma. A comunidade pode surgir em situações em que as estruturas sociais normais são temporariamente suspensas, como em festivais, rituais religiosos, eventos esportivos ou em situações de crise. Nesses momentos, as pessoas podem sentir uma sensação de camaradagem e igualdade, independentemente de sua posição social ou econômica. *Communitas* é vista como uma forma de fortalecer a coesão social e promover a solidariedade entre os membros de um grupo.

Pois bem, desenvolvendo sua reflexão, Turner inicia suas primeiras concepções sobre uma antropologia da performance na obra *Do Ritual ao Teatro, a seriedade humana de brincar* – justamente ao encontrar a parceria de Richard Schechner[394]. No primeiro capítulo, que leva o título "Do liminar ao liminoide. Um ensaio sobre simbologia comparativa", o antropólogo busca comparar os sistemas

[391] TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura, p. 136- 171.
[392] TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura, p. 155.
[393] TURNER, V., O processo ritual. Estrutura e antiestrutura, p. 156.
[394] DAWSEY, J. C., Victor Turner e a antropologia da experiência, p. 166.

simbólicos de culturas que se desenvolveram antes e depois da Modernidade/Revolução Industrial. "A palavra *liminoid*, inventada por Turner, apresenta terminação *oid*, derivada do grego *eidos* que designa "forma" e sinaliza "semelhança". *Limonoid*, portanto, é semelhança sem ser idêntico ao liminar"[395].

Desta forma, é possível fazer algumas diferenciações entre fenômenos liminares e liminoide: (i) fenômenos liminares são preponderantes em sociedades pré-industriais/agrárias, enquanto que fenômenos liminoides prevalecem em meios aos desdobramentos da modernidade; (ii) fenômenos liminares surgem de experiências coletivas, fenômenos liminoides manifestam-se como produtos individuais, embora seus efeitos sejam "de massa"; (iii) fenômenos liminares estão integrados à dinâmica social de forma antiestrutural a um todo e se constituem de modo dialético, já os liminoides são fragmentários e plurais e ocorrem nas interfaces das instituições centrais; (iv) fenômenos liminares operam sobre representações coletivas, há a produção de símbolos que evocam significados emotivos e intelectuais comuns ao grupo, ao passo que fenômenos liminoides apresentam características idiossincráticas, vinculam-se a grupos específicos que, muitas vezes, competem entre si no mercado de lazer ou de bens simbólicos – os símbolos têm mais predominância sobre as dimensões "pessoais e psicológicas" do que sobre as "objetivas e sociais"; (v) fenômenos liminares costumam revitalizar as estruturas sociais e favorecer a interação dos sistemas, diminuindo as tensões, os liminoides geralmente emergem como manifestação de crítica cultural e podem ocasionar transformações revolucionárias[396].

Nas sociedades do século XXI, ambos os fenômenos coexistem numa espécie de pluralismo cultural. As performances têm, segundo Turner, caráter "liminoide": produzem situações que estão entre as posições sociais determinadas, o que destaca sua potencialidade transformadora, seu poder de gerar tensões e reformulações em ordens estabelecidas.

> De modo análogo aos rituais de passagem (fenômenos liminares), as artes ocidentais seriam ocorrências "liminoides" que, ainda que não cheguem a abalar a estrutura social, interrompem o curso do cotidiano, propiciando aos sujeitos distanciarem-se de papéis normativos, repensarem a estrutura social ou mesmo refazê-la[397].

[395] DAWSEY, J. C., Victor Turner e a antropologia da experiência, p.167.
[396] TURNER, V., Do Ritual ao Teatro, a seriedade humana de brincar, p. 72-76.
[397] BORGES, L. G., Performance - Victor Turner.

Performance pode ser reconhecida como uma noção interdisciplinar que busca evidenciar as coisas que escapam das classificações e dos paradigmas da ordem. Victor Turner buscar marcar distinção entre as performances sociais (como as peregrinações religiosas e/ou "dramas sociais" como uma revolução) e as performances estéticas, tais como os dramas estético-teatrais. As modalidades de performance são entendidas como parte da realidade, revelando ainda o seu inacabamento, seu aspecto processual[398]. Os tipos e gêneros das performances diferem em distintas culturas e em termos de escala e complexidade dos campos socioculturais em que são gerados e sustentados – neste sentido, Turner também aborda a comunicação não verbal que inclui gestos, expressões faciais, posturas, movimentos[399] etc.

Para Turner, o material básico da vida social é a performance e, neste sentido, ela é um componente formativo da experiência, seu final próprio. O corpo é um espaço de representação e atuação e, assim posto, a performance exige o suporte do corpo no manejo dos significados expressos por ela, seja em sua execução seja em sua recepção, o que postula, invariavelmente, uma coletividade. A performance demanda um arranjo de tempo e espaço, situação e local.

Entendemos que o Pacto Educativo Global suscita esforços para a renovação/transformação da educação em todos os sentidos, havendo a "necessidade de integrar os conhecimentos, a cultura, o desporto, a ciência, o entretenimento e a recreação"[400], referências essas que podem ser vistas à luz da dimensão da performance e, desta forma, integrando-se à reflexão elaborada pela dimensão do sentido. Enfatizar a dimensão da performance é orientar-se em direção ao estético, à apreensão sensível, ao nível perceptivo-corporal e, nesse sentido, entendemos ser necessária uma educação para o sensível; por conseguinte, a educação católica deve aprofundar as questões relativas à performance – através do desenvolvimento da antropologia bio-histórica – no intuito de efetivamente pro-*mover* uma educação que possibilite

[398] TURNER, V., The Anthropology of Performance, p. 13.
[399] Estes elementos se coadunam com as questões referentes ao corpo em situações cotidianas apresentadas no tópico anterior através da metodologia de Ivaldo Bertazzo.
[400] FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact".

> a aprendizagem da cabeça, do coração e das mãos, a educação intelectual e socioemocional, a transmissão dos valores e virtudes individuais e sociais, o ensino da cidadania engajada e solidária com a justiça, e a transmissão das competências e conhecimentos que formam os jovens para o mundo do trabalho e da sociedade, as famílias, as escolas e as instituições tornam-se veículos essenciais para o *empowerment* da próxima geração[401].

Quando o papa Francisco refere-se a uma educação que integre a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos[402], pode-se entender a "linguagem das mãos" como a linguagem da ação, e assim, estaremos aqui penetramos no *reino* da performance, ainda pouco explorado pela teologia/antropologia teológica[403]. O caráter estético da performance confere-lhe uma habilidade especial e uma excepcional virtualidade – enquanto campo interdisciplinar – para se tornar um caminho para a educação da beleza, como sugere Francisco - "(...) ouso dizer que a educação não é eficaz se não souber criar poetas. O caminho da beleza é um desafio que deve ser enfrentado"[404].

Por falar em poetas, o próximo autor que nos auxilia a pensar sobre a performance é Paul Zumthor, que, como já indicamos, é crítico literário e medievalista. Na verdade, existem diversos estudiosos sobre o tema da performance, que tomou força na academia no final do século XX, mais precisamente a partir de 1970; todavia, em razão da pertinência e do limite de espaço-tempo para a realização desta pesquisa, não nos permite estudar além. Destarte, é pertinente citar que há um enorme campo ainda a ser desenvolvido referente aos Estudos da Performance[405].

---

[401] FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact".

[402] FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact": "Que um aluno pense no que sente e faz, sinta o que pensa e faz, faça o que sente e pensa".

[403] O termo "reino" vem fazer alusão ao grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade e sua poesia "Procura da Poesia": "Penetra surdamente no reino das palavras / Lá estão os poemas que esperam ser escritos" (ANDRADE, C. D. A rosa do povo, p.11-12). Contudo, também podemos fazer alusão ao Reino de Deus na performance de Jesus Cristo. A teologia bíblica vem realizando estudos da comunicação pragmática, considerando que a palavra das Sagradas Escrituras não somente "diz", mas "realiza" algo. O estudo da análise comunicativa e pragmática vem complementar os demais estudos, histórico-crítico, narrativo, retórico etc., mas ainda está reduzido a um círculo pequeno de autores, sobretudo no âmbito brasileiro. Para saber mais, ver: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. M., Comunicação e pragmática na exegese bíblica.

[404] FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact".

[405] O que são "Os Estudos da Performance"? Para responder a esta pergunta, foi editado um livro digital com os mais diversos olhares dos estudiosos, afinal não existe uma resposta, mas uma multiplicidade de olhares e vozes dispostas a trabalhar em um campo interdisciplinar, mutável e dinâmico. Ver: TAYLOR, D.; STEUERNAGEL, M. O que são os estudos da performance? O livro

Finalizando esta reflexão sobre o trabalho desenvolvido por Turner, queremos enfatizar a amplitude do potencial do teatro/artes cênicas, pois o teatro também foi o berço para o desenvolvimento do Psicodrama e/ou Sociopsicodrama, terapia criada/elaborada por J. L. Moreno, cujas percepções e conceitos muito contribuíram na elaboração da antropologia bio-histórica, como veremos mais adiante, ainda neste capítulo. Como disse Shakespeare pela boca do personagem Jaques na obra *Do jeito que você gosta*: "O mundo é um palco" (original: "all the world's a stage")[406]. Será que não está na hora de a teologia buscar novos itinerários acadêmicos e dialogar com as epistemologias das artes?

4.6.5.2
Paul Zumthor

Depois de apresentarmos alguns dos aportes do pensamento de Victor Turner para os estudos da performance, iremos abordar outra perspectiva que pode contribuir para o desenvolvimento de uma antropologia bio-histórica: a concepção de Paul Zumthor, que considera a performance como único modo vivo/eficaz de comunicação poética[407], a materialização/concretização de uma mensagem poética. Como observamos no capítulo anterior, nossa sociedade é a da produtividade e desempenho e nada mais antipoético do que considerar a existência humana como uma competição, uma disputa "por um lugar ao sol"[408].

Ao buscarmos desenvolver uma antropologia bio-histórica que valorize a dimensão poética da vida, intencionamos que a ciência teológica possa agregar um pouco mais a dimensão do sensível e dos sentidos – "aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça!" (Mt 11,15). As Sagradas Escrituras trazem muitos exemplos da

reúne entrevistas realizadas com diversos pesquisadores da área como Richard Schechner, parceiro no trabalho pioneiro com Turner e um dos precursores dos Estudos da Performance.

[406] SHAKESPEARE, W., Do jeito que você gosta (As you like it), p. 54.

[407] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 34. Buscando investir na orientação do magistério de Francisco que deseja que a educação crie poetas. Assim também desejamos.

[408] Trazemos à lembrança a série sul-coreana da Netflix *Round 6* que foi sucesso mundial no ano de 2021. A série apresenta um grupo de 456 pessoas endividadas e precisando de dinheiro que são convidadas para participar de um jogo de sobrevivência: ou ganha, ou morre. O drama distópico se tornou um fenômeno global da noite para o dia e diversas pessoas e críticos de cinema tentam explicar o porquê do fato. Krystal Urbano, professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF) diz que "as narrativas ficcionais de tom assustador ou totalitário desenvolvidas em filmes, livros e séries revelam uma necessidade intrínseca do ser humano de imaginar um futuro próximo possível, tendo em vista as preocupações e os desafios que se apresentam no presente" (FERREIRA, A., "Round 6": Entenda por que a série da Netflix faz tanto sucesso).

necessidade de sentir e da importância das percepções e dos afetos[409] para abrir-se ao *sentido* da vida – "Senhor, queremos que se abram os nossos olhos. Movido por compaixão, Jesus tocou-lhes os olhos" (Mt 20, 33); "Tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza" (Ef 4,19); "Levando-o para longe da multidão, colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua" (Mc 7, 33); "Jesus chorou"[410] (Jo 11, 35). Como formar poetas sem valorizar e desenvolver a sensibilidade humana?

Assim, buscando resgatar[411] a poética do existir para a ciência teológica, encontramos nos escritos de Paul Zumthor luzes que nos ajudam a *poetizar* a antropologia. Interessante marcar que a origem da palavra poesia vem do grego *poiesis*, que significa criar, fazer, compor. Pode-se dizer que *poetizar* a antropologia é *performatizar* a antropologia; embora com raízes etimológicas diferentes, ambos verbos atentam para a dimensão do fazer/realizar humano – performance é comunicação poética.

Paul Zumthor[412] foi estudioso da poesia medieval e suas pesquisas concentraram-se na vocalidade – a voz é seu objeto de estudo, talvez tenha ele um

---

[409] Entendendo o afeto como um conjunto de percepções subjetivas que envolvem sentimentos e emoções e que nos ajudam a entender o mundo, dar significado à vida e a estabelecer vínculos com outras pessoas.

[410] Se Jesus, humano-divino chorou, o homem também pode chorar.

[411]Os medievais e renascentistas realizaram um longo debate acerca do valor da poesia e, segundo Eco, duas correntes se destacavam: uma racionalista com forte influência do tomismo e outra, denominada proto-humanista, que destacava a poesia como uma ciência que vem do céu, dom divino (ECO, U., Arte e Beleza na estética medieval, p. 225). Os medievais desenvolveram o conceito de *poeta-theologus*. Craig Kallendorf, analisando a poesia de Virgílio (70 aC-19 aC) e sua repercussão na época medieval e renascentista na Itália, refere-se à elaboração do conceito *poeta-theologus* por parte dos intelectuais a partir da interpelação gerada pela poesia da Antiguidade (KALLENDORF, C., From Virgil to Vida: The Poeta Theologus). O argumento é complexificado por outros autores medievais como Petrarca, Salutati e Boccaccio; de fato, há um debate caloroso em torno da expressão poética e sua relação com a teologia. Na Idade Média, a beleza e expressão poética da Antiguidade interpelava os intelectuais cristãos e de certa forma, a resposta mais comum era ver o conteúdo da poesia pagã contendo pelo menos alguns elementos da verdade cristã; e neste sentido, havia duas possibilidades para essa "parcialidade" da verdade: ou o autor conscientemente ocultou a verdade escondida realizando um discurso mentiroso ou o autor recebeu acesso inconsciente para que a verdade viesse através da inspiração divina. Isso fez com que a poesia pagã fosse considerada uma espécie de profecia que necessitava de interpretação para revelar seus significados ocultos, era necessária uma "teologia poética". Um dos instrumentos para a interpretação foi o recurso à alegoria, utilizado por diversos autores medievais - como Inocêncio III e Abelardo – e permitia infinitas oportunidades de identificar as declarações proféticas da poesia antiga que prediziam a verdade revelada mais tarde. Nesta época, a constante pergunta em torno de uma teologia-poética girava em saber como os poetas pagãos tiveram acesso à verdade cristã. Seria pela razão natural ou pela inspiração divina? Para saber mais sobre o debate realizado na Idade Média, ver: CAMPOS, M. B. A poesia me salvará: mística e afeto para uma cristologia teopoética na obra de Adélia Prado.

[412] Paul Zumthor nasceu em 1915 em Genebra, Suíça, e faleceu em 1995 no Canadá. Ensinou literatura medieval em universidades europeias e americanas. Foi professor de literatura comparada

fascínio e encantamento pelos menestréis, bardos e trovadores da Idade Média. No livro *Introdução à poesia oral*, a apresentação leva o título "A presença da voz"[413] e, na terceira parte do livro, Zumthor trata do conceito de performance, enfatizando a presença do corpo – "Performance implica competência. Além de um saber-fazer e um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço"[414]. Encontram-se entrelaçados três termos pelo verbo "saber": fazer, dizer e ser. Permitindo-nos um salto comparativo, fazemos uma associação às palavras do papa Francisco sobre uma educação que integre as linguagens das mãos (saber-fazer), coração[415] (saber-dizer) e mente (saber-ser). No livro *Performance, recepção e leitura*, Zumthor se refere ao termo performance da seguinte maneira:

> A performance é outra coisa. Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. Ela a faz "passar ao ato", fora de toda consideração pelo tempo. Por isso mesmo, a performance é a única que realiza aquilo que os autores alemães, a propósito da recepção, chamam de "concretização"[416].

Esta visão de que a performance existe fora da duração em que se realiza, de certa forma, rebate a concepção de alguns estudiosos que entendem que a performance é algo efêmero, já que o que ocorre no presente ato não é possível de se apreender e reproduzir por nenhum outro meio[417]. Autores como Zumthor e Turner indicam que as performances transmitem memória, conhecimento e senso de identidade – "dizer que alguma coisa é uma performance constitui uma afirmação ontológica", são atos de transferência vitais[418]. A performance é algo que acontece no agora, quando se atualiza palavras, sentidos, usando formas de interação de comunicação.

Especialmente significativo no trabalho de Zumthor é seu entendimento que não contrapõe performance e recepção. Aponta que comunicar não é somente passar

---

na Universidade de Montreal, Canadá. Ficcionista, poeta, teórico, publicou dezenas de artigos em revistas universitárias. Visitou o Brasil em 1977, 1988 e 1993.

[413] ZUMTHOR, P., Introdução à poesia Oral, p. 9.

[414] ZUMTHOR, P., Introdução à poesia Oral, p. 157.

[415] Mt 12, 34: "a boca fala daquilo que o coração está cheio".

[416] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 50.

[417] TAYLOR, D., Traduzindo performance, p. 11-12.

[418] TAYLOR, D., Traduzindo performance, p. 9-10.

uma informação, "receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação"[419], o receptor não é passivo, ele interage, há uma fluência, um trânsito de informação que se desenvolve na comunicação. Performance engloba recepção – "relaciono-a [palavra recepção] ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo"[420]. Performance é um momento privilegiado de recepção[421].

O autor também diferencia a intensidade da presença quando do ato da performance e no ato de ler um texto.

> E, no entanto... Na situação *performancial*, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. Na leitura, essa presença é, por assim dizer, colocada entre parênteses; mas subsiste uma presença invisível, que é manifestação de um outro, muito forte para que minha adesão a essa voz, a mim assim dirigi da por intermédio do escrito, comprometa o conjunto de minhas energias corporais. Entre o consumo, se posso empregar essa palavra, de um texto poético escrito e de um texto transmitido oralmente, a diferença só reside na intensidade da presença.[422]

Outro ponto fundamental da visão de Zumthor é a noção de presença corporal e do corpo-que-lê, assim como na perspectiva de Merleau-Ponty, um corpo-cognoscível, que "trabalha" no ato de ler, ou seja, não é só a mente/razão que produz sentido ou reflexão, o corpo participa dessa operação. É interessante porque Zumthor coloca o corpo num *entrelugar,* entre eu e um outro – "o corpo não está jamais perfeitamente integrado nem no grupo nem no eu. A operação de leitura é dominada por essa característica"[423]. Quando o/a leitor/a interage com a leitura, ele nunca está somente aqui, no local onde está lendo e nem lá no livro/história. Se assim fosse não seria interação, pois a interação ocorre justamente quando ocorre essa permeabilidade.

Zumthor pesquisa a oralidade como performance e indica que diversos estudos de textos deixam de lado a obra performatizada. Leitura é processo, o leitor não é passivo. O ato de ler[424] pressupõe que se pense a leitura enquanto processo, enquanto experiência, e não como algo já feito, com ideias prontas que serão absorvidas no intelecto de forma automática. Toda leitura envolve um trabalho do

---

[419] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 52.
[420] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 18.
[421] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 50.
[422] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 68-69.
[423] ZUMTHOR, P., Performance, recepção e leitura, p. 80.
[424] Não é a leitura (substantivo), é a ação, o ato de ler.

leitor/a, através das imagens/imaginação, ideias, memória, ou seja, inclui uma performance também no ato de ler um texto.

4.6.5.3
Entre o cronos e o *kairós*

Depois de refletirmos acerca das contribuições dos dois autores, Turner e Zumthor, para os estudos da performance, sobre os corpos, sobre a relação vivência/experiência, somos levados a considerar a relação entre os conceitos gregos de cronos e *kairós,* que são referentes ao tempo. Ressaltamos que a filosofia do Ocidente elaborou diversas reflexões acerca do tempo; Aristóteles, no livro *Física*, faz considerações sobre o tempo e, depois dele, muitos outros compuseram meditações sobre o termo: Plotino, Santo Agostinho, Kant, Heidegger, só para citar alguns. Albert Einstein com sua Teoria da Relatividade revolucionou a noção de tempo passado-presente-futuro quando demonstrou que o tempo é relativo e está vinculado ao espaço. Por conseguinte, não pretendemos traçar um histórico sobre o assunto tempo, exclusivamente desenvolvemos uma reflexão em que os termos cronos e *kairós* se entrelaçam e encontram vivência e sentido na experiência humana, bem como complementam o entendimento da antropologia bio-histórica.

E já que estamos trazendo elementos das artes para antropologia, por que não evidenciar a reflexão do tempo que a cultura popular faz? A música *Quanto tempo dura um mês*, do grupo Biquíni Cavadão, também apresenta questionamentos a respeito do tema.

> Quanto tempo será que demora / Um mês pra passar? / A vida inteira de um inseto / Um embrião pra virar feto / A folha do calendário / O trabalho pra ganhar o salário / Mas daqui a um mês / Quando você voltar / A lua vai tá cheia / E no mesmo lugar [...] / Ser campeão da copa do mundo/ Um dia em Saturno/ Pra criança que não sabe contar / Vai levar um tempão.[425]

"Vai levar um tempão" é uma expressão que bem traduz a noção da palavra cronos. Cronos é o deus do tempo na mitologia grega e é implacável, gera e devora seus filhos para não perder o poder[426]. O conceito de tempo que a palavra cronos

[425] BIQUINI CAVADÃO, Quanto tempo demora um mês.
[426] BRANDÃO, J. de S., Mitologia grega, p. 198. A etimologia de chronos ainda é bem discutida em razão da mitologia e da escrita (xrónos e kronos).

abraça é de tempo cronológico, físico, sequencial, que está associado aos anos, meses e dias.

> O substantivo chronos denota, a partir de Homero, um espaço de tempo cuja duração não é precisamente determinada como regra geral, mas que, no máximo, é caracterizado por adjetivos adicionais como sendo mais longo (e.g. polys, "muito"; kikanos, "suficiente") ou mais curto (e.g. oligos, "pouco"; micros, "pequeno"; assim, Ulisses deve esperar Nausicaa por um pouco de tempo, Hom. Od. 6, 295). Do outro lado, a quantidade de tempo que o herói passa durante suas peregrinações enquanto é obrigado a ficar longe da sua pátria, pode ser considerável (Od. 11, 161; 14, 218). Diante do tempo desperdiçado, chronos assume o significado de "perda de tempo". O tempo que é permitido aos outros é traduzido por "período" (e.g. Josefo, Guerra 4, 188). Com referência a pessoas, chronos frequentemente significa "idade", "anos", "duração da vida" e, portanto, chega razoavelmente perto de bios "vida". Chronos também é frequentemente empregado como advérbio. No gen. Significa "por algum tempo considerável"; no dat. "em (no decurso do) tempo", "paulatinamente", "tarde"; no acus. "por um tempo determinado" (e.g. na frase, ton aei chronon, "para sempre"). Chronos também é frequentemente achado com preposições tais como dia, "através"; en, "em"; eis, "para dentro de"; ek, "fora de"; epi, "em direção de", etc. O verbo mais antigo, chronizo, derivado de chronos e usado a partir de Ésquilo em diante, significa (i) "não vir durante longo tempo", "levar muito tempo para vir", "deixar de aparecer" (e.g. Tuc., 8, 16, 3); (ii) "tardar", "permanecer" (Hdt. 3, 61); e (iii) (com infin.) "hesitar", "fracassar", "adiar alguma ação". Mais tarde, através da contração de chronos e tribo, "esfregar", "desgastar", "dispendiar", o verbo raro chronotribeo (Aristot., Rhet. 3, 3, 3p 1406a) foi formado, com o significado de "gastar, perder ou desperdiçar tempo" (também usado no sentido negativo).[427]

A dimensão linear do tempo – cronos – explica distinções, crescimento e mudança. Desde a infância, o ser humano testemunha a passagem do tempo, das estações do ano. E esse processo é percebido tanto externamente – na natureza – como em relação a si mesmo. A existência humana está intrinsecamente relacionada com o cronos e, a partir dele, ou "dentro" do cronos, podemos vivenciar vários *kairós*.

Já a palavra grega *kairós* representa um outro aspecto do tempo: o momento único, apropriado e oportuno – momento de performance.

> O substantivo kairos, usado pela primeira vez por Hesíodo (Obras 694), denotava originalmente "medida certa", "proporção correta", "aquilo que é conveniente, apropriado ou decisivo". Além do conteúdo material, temporal e léxico, kairos pode ter um sentido locativo, da "localidade", do "lugar apropriado". Empregado no sentido material e temporal, kairos caracteriza uma situação crítica, que exige uma decisão para a qual o homem talvez é levado pela fatalidade. Positivamente, subentende a "oportunidade" (cf. Aristóteles, Eth. Nic. 1, 4, p. 1096a) ou a "vantagem"; negativamente, "perigo" (Platão, Leg. 12, 945c). Entre os significados materiais há kairos como "importância", "norma" (e.g. Ésqu., Ag. 787), "sábia

[427] BROWN, C., Chronos, p. 572.

> moderação" (Sóf., AT 1516). No sentido temporal, kairos descreve um "tempo apropriado", o "momento certo" (e.g. Sóf., El. 1292), um "momento favorável". Mas kairos também pode aparecer justamente com os outros conceitos temporais como sinônimo dos outros conceitos temporais e denotar, de modo bem geral, "tempo" (chronos), "estação do ano" (e.g. Platão, leg. 4, 709c), "hora" (hora) ou o "presente momento" (como nyn, "agora", e semeron, "hoje"). As seguintes palavras são derivadas de kairos: eukairein (e.g. Frínico 125), "ter uma temporada agradável", "ter uma oportunidade"; eukairia (e.g. Platão, Phdr. 277a), uma "oportunidade favorável"; eukairos (pela primeira vez em Sóf. OC 32), "apropriado", "oportuno", "adequado"; eukairos (pela primeira vez em Zen., Agesilaus 8, 3), "quando conveniente"; akairos (desde Ésqu.) "de modo inoportuno", e proskairos (e.g. Estrabo, 7, 3, 11), "de pouca duração", "passageiro", "momentâneo", "inconstante".[428]

Entendemos que a dimensão da performance produz um acento no aspecto kairótico do tempo, enquanto na perspectiva do cronos privilegia-se uma abordagem hermenêutica. Mais uma vez, reafirmamos a importância de conjugar esses aspectos do tempo – cronos e *kairós* – de forma integrada.

Na perspectiva cristã, *kairós* é tempo de salvação. A presença de Jesus estabelece a chegada de um novo tempo. O tempo de Jesus na terra é a plenitude dos tempos – "os tempos se cumpriram e o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15). O *novo* tempo é o agora, é o presente, momento sempre *novo* que se abre de "dentro" do cronos e não se repete. Momento em que se pode realizar mudanças, corrigir caminhos, encontrar novos rumos – momento de conversão, de uma nova "versão-de-si". Momento de epifania, de revelação e de criação.

O ser humano está situado entre o cronos e o kairós, "atado" a esses dois aspectos do tempo. O aspecto cronológico do tempo nos permite tomar distância dos acontecimentos vividos para podermos entender e (re)interpretar as experiências e vicissitudes da vida. O aspecto *kairós* privilegia o aspecto qualitativo do tempo, tem sentido pontual, preciso. É um tempo de intensidade, do presente instante, da presença e da performance. Entendemos que essas duas dimensões do tempo são importantes sob a perspectiva educacional, pois educação é processo, construção que se realiza no *cronos* através de diversos *kairós.*

Esta dupla dimensão temporal pode e deve ser experienciada de forma integral na vivência cotidiana. Vivemos um tempo agora, pontual e vivemos um tempo estendido, dilatado. A antropologia bio-histórica visa, pela dimensão bio, incorporar aspectos kairóticos da experiência e vivência humanas, intencionando

[428] BROWN, C., Kairos, p. 566.

que, primeiro, o ser humano possa ser consciente da sua performance e, posteriormente, agente criador e transformador do mundo com a sua performance.

No próximo tópico iremos examinar alguns conceitos que entendemos serem pertinentes à dimensão bio. Consideramos que existam ainda muitas outras concepções que podem ser acrescentadas e incorporadas. Para este primeiro momento, elencamos seis ideias que nos atravessam: cotidiano, epifania, encontro-improviso, espontaneidade, fluxo-movimento e intuição.

4.6.5.4
Conceitos a partir da dimensão bio/performance

Nosso desafio antropológico de vislumbrar caminhos para a construção de uma nova humanidade foi instigado visando que a Educação, sobretudo, e outras ciências/saberes pudessem desenvolver métodos, didáticas, processos, mecanismos, enfim, instrumentos para a potencialização da criatividade humana, para que o ser humano possa desenvolver o sentimento de pertença comum – *fratelli tutti* – crescendo em laços de solidariedade e amizade social. Portanto, a reflexão sobre os conceitos que ora se associam à antropologia bio-histórica não se encontra encerrada nesta tese, pelo contrário, é uma proposta de abertura para outras conceituações e olhares interdisciplinares.

4.6.5.4.1
Cotidiano

Para abordar o cotidiano, fundimos um mix de olhares: poéticos e musicais, como o de Adélia Prado e Chico Buarque, uma visão da mística, pela literatura de Teresa de Ávila e pelo evangelho e um olhar sociológico, por Michel Maffesoli. Costuma-se associar o cotidiano a um aspecto banal da vida, aquilo que se situa no dia a dia, no "reme-reme", na monotonia, adequado às necessidades da vida, como na música de Chico Buarque de nome *Cotidiano*: "todo dia ela faz tudo sempre igual (…)"[429]. Contudo, a poeta Adélia Prado traz um olhar diferenciado para o cotidiano:

[429] BUARQUE, C., Cotidiano.

> Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano, que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida.[430]

É no cotidiano que temos a possibilidade de criar, de atuar, de agir, de *performar*. Será que Deus se manifesta no cotidiano da vida? Para a samaritana do texto de João 4, Deus se manifestou quando ela foi pegar água no poço, na rotina mais banal das mulheres daquela época. A valorização da experiência cotidiana reforça e induz a uma maior percepção da corporeidade, da presença dos corpos e a uma maior noção do real – "E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa"[431].

O cotidiano é palco da vida e é também kairós, tempo oportuno. Jesus Cristo, o Deus que se fez humano, viveu o cotidiano da vida, se inseriu na rotina, cultivou relações, afetos, sofreu a contingência e a fragilidade. No cotidiano da vida pode-se encontrar o Deus-Vivente, que dá sentido ao sujeito por sentir de forma real e intensa. Atentar para as "pequenas" coisas do dia a dia é nutri-las de significado e sentido. É no cotidiano que se constrói o propósito da vida. A Doutora Mística Santa Teresa de Ávila observa que, apesar dos afazeres cotidianos diários, é possível progredir espiritualmente: "Marchemos, pois, filhas minhas! Não nos desconsolemos quando a obediência nos levar a cuidar de coisas exteriores; compreendei que mesmo na cozinha, entre as panelas, o Senhor vos está ajudando interior e exteriormente"[432].

E quando o cotidiano for sufocante e violento? Aprender a lidar com as dores e frustrações se faz necessário, mais do que nunca. No capítulo anterior, quando analisamos algumas situações no Brasil e no mundo, pudemos perceber que ainda vivemos em uma sociedade violenta, competitiva, preconceituosa e com traços de autoritarismo. Ninguém nasce preconceituoso, aprendemos a ser intolerantes e a discriminar também por performance, que cotidianamente é reforçada através do convívio social.

O sociólogo Michel Maffesoli estabelece uma sociologia do cotidiano e aponta que a razão instrumental não consegue atingir todas as dimensões da vivência humana. Para ele, o cotidiano é um conceito fundamental para

---

[430] FERRAZ, H., Adélia Prado garimpa poética do cotidiano.
[431] LAUAND, J., A linguagem mística do cotidiano.
[432] TERESA DE ÁVILA, Escritos de Teresa de Ávila, p. 615.

compreendermos a sociedade. Maffesoli entende o cotidiano como um conjunto de práticas, comportamentos e rituais que são compartilhados por indivíduos em um determinado grupo social. Essas práticas e rituais não são necessariamente planejados ou conscientes, mas surgem de maneira espontânea e orgânica da interação social[433]. Maffesoli insiste que é necessário revitalizar a experiência humana e atribui à sensibilidade um lugar especial na produção de saberes científicos e fazeres culturais.

> É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida (...) É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as sensibilidades[434].

É no dia a dia que se fazem as escolhas da vida. De acordo com Maffesoli, o cotidiano social é animado por formas, imagens e processos de estar-junto-com, de convivência, ou seja, no cotidiano situa-se a dimensão estética da experiência social. A estética do cotidiano valoriza a maneira de sentir e de experimentar em comum, sendo assim, torna-se um modo de afirmação da existência no aqui-e-agora. A cotidianidade é vivida no espaço-tempo-presente[435]. A vida social, em sua integralidade, está imersa numa atmosfera estética e é feita, antes de mais nada e cada vez mais, de emoções, de sentimentos e de afetos compartilhados. A própria dinâmica cultural e a organicidade social revelam a multiplicidade de saberes, formas, práticas compartilhadas e repetidas no cotidiano da vida. Assim, as brincadeiras, a festa, o ritual, cânticos, rezas, cultos religiosos, danças populares, dentre outras formas de produção da cultura, constituem o rico universo da espetacularidade cotidiana.

No olhar de Maffesoli, o cotidiano vai além de seu conteúdo, é uma alavanca metodológica para a compreensão do social mais amplo. É fundamental que a antropologia teológica/bio-histórica possa desenvolver esta perspectiva e refletir a partir dos elementos do dia a dia, como o comer e o habitar, a dinâmica dos afetos nas famílias, a convivência e sociabilidade, enfim, aspectos da vida comum, pois o Pacto Educativo proposto pelo Magistério de Francisco engloba toda a sociedade e

---

[433] MAFFESOLI, M., A terra fértil do cotidiano, p. 5-9.
[434] MAFFESOLI, M., Elogio da razão sensível, p. 27.
[435] GIOSEFFI, M. C. da Silva, Michel Maffesoli, estilística...imagens... comunicação e sociedade.

a educação não se limita a estar presente em um espaço considerado formal e educativo como a escola ou instituições semelhantes. Para Maffesoli, o cotidiano é um contraponto ao individualismo e ao racionalismo moderno, que valorizam a autonomia e a razão individual em detrimento da comunidade e do sentimento de pertencimento. Ele vê o cotidiano como uma forma de resistência a essa lógica dominante, uma vez que valoriza a experiência compartilhada e a afirmação da identidade coletiva. O cotidiano também é espaço efetivo para a educação, e como já expresso, é palco para a performance diária e é tempo oportuno para as manifestações epifânicas.

4.6.5.4.2
Epifania

O segundo conceito que vamos refletir é epifania, palavra que vem do grego "epiphaneia", que significa "aparição" ou "revelação"[436]. Na literatura, música e arte em geral, a epifania é um momento de iluminação ou *insight*, uma revelação repentina e profunda que traz um novo entendimento ou perspectiva. Já que abordamos as artes em referência ao cotidiano, também encontramos na literatura exemplos de epifania, que pode ser um momento em que uma personagem compreende algo importante sobre si mesma ou sobre o mundo ao seu redor, o que pode levar a uma mudança em seu comportamento ou atitudes. James Joyce, por exemplo, é conhecido por sua exploração do conceito de epifania em sua obra literária. Epifania é um momento de iluminação ou revelação que pode acontecer em qualquer área da vida, trazendo um novo entendimento ou perspectiva para aqueles que experimentam essa experiência.

Ainda no âmbito das artes, podemos encontrar outro exemplo de momento epifânico/criativo: a composição abstrata, uma das vanguardas[437] do século XX,

[436] EPIFANIA, Verbete. A Bíblia traz significativos exemplos da irrupção de Deus, do Espírito Santo, o que constitui a epifania religiosa. O termo também é utilizado no campo literário, visto como: o arroubo, o êxtase diante de pessoas e coisas.

[437] As assim denominadas Vanguardas do século XX foram movimentos artísticos e culturais que se desenvolveram no início do século XX e que romperam com as tradições protegidas das artes e da cultura em geral. Se caracterizaram pela busca de novas formas de expressão, experimentação e inovação, e por uma atitude revolucionária em relação à sociedade e à cultura. Os artistas vanguardistas buscavam romper com as convenções e padrões estabelecidos, experimentando novas técnicas e materiais, explorando a abstração, a desconstrução e a subversão. As Vanguardas tiveram um impacto significativo nas artes e na cultura em geral, influenciando o design, a arquitetura, a literatura, a música e outras áreas. Abrangem várias correntes artísticas e culturais, tais como o

concebida por Wassily Kandinsky[438]. O trabalho dedicado do artista na rotina e cotidiano de seu ateliê foi atravessado por um momento epifânico, ou melhor, por uma epifania do olhar: ao entrar no ateliê e abrir a porta, o pintor *se encontra* com um quadro cheio de manchas coloridas sem significado algum que ele havia pintado no dia anterior e "é nesse entreato que ele percebe a possibilidade de algo diferente acontecer na sua pintura"[439]. A partir desse momento, sua obra sofre uma transformação e ele cria o Abstracionismo, movimento artístico que rompe com todos os padrões e dogmas acadêmicos, "indo muito além de tudo que já havia sido conquistado pelos seus antecessores, inclusive o cubismo de Picasso"[440].

Na tradição cristã, a epifania é um momento especial e está associada a alguns eventos bíblicos: momento em que Jesus é revelado como o Filho de Deus para o mundo inteiro (Mt 2,1-16), a epifania a João Batista no rio Jordão (Mt 3, 16- 17) e as Bodas de Caná (Jo 2,1-11), citando apenas alguns exemplos. Não se trata de um conceito novo para a teologia, talvez pouco explorado pela antropologia. Pois, se é um momento tão impactante e transformador para o humano, talvez fosse útil maiores aproximações e estudos sobre este fenômeno. Afastando-se de uma leitura puramente bíblica sobre epifania, a antropologia bio-histórica deve considerar o momento epifânico com profundidade, já que ele se apresenta no cotidiano/rotina da vida e, neste sentido, estes conceitos – cotidiano e epifania – se encontram entrelaçados na vivência humana como pudemos perceber através da literatura e da pintura.

4.6.5.4.3
Encontro-improvisação / encontro-improviso

Cubismo, o Futurismo, o Expressionismo, o Surrealismo, o Dadaísmo, entre outras. Cada uma dessas correntes apresentava suas próprias características e inovações, mas todas elas compartilhavam a ideia de que a arte deveria romper com o passado e criar novas formas de expressão.

[438] CAMPOS, M. B; FERRAZ, C., Kandinsky: da figuração ao abstracionismo, um caminho místico, p. 149-171. Além de seu trabalho como pintor, Kandinsky também foi um prolífico escritor e teórico. Seu livro *Do Espiritual na Arte* (*Concerning the Spiritual in Art* de 1911) é considerado um texto seminal no desenvolvimento da arte abstrata. Neste livro, Kandinsky argumentou que a arte deveria ser uma expressão da vida espiritual interior do artista, ao invés de uma mera representação do mundo externo. Kandinsky é considerado um dos artistas mais importantes do século XX, e seu trabalho continua a ser influente no desenvolvimento da arte abstrata. Suas pinturas podem ser encontradas nos principais museus e coleções ao redor do mundo.

[439] CAMPOS, M. C; FERRAZ, C., Kandinsky: da figuração ao abstracionismo, um caminho místico, p. 157-158.

[440] CAMPOS, M. C; FERRAZ, C., Kandinsky: da figuração ao abstracionismo, um caminho místico, p. 156.

O terceiro termo-conceito que iremos refletir é inspirado em um estilo de dança proposto pelo bailarino com experiência em ginástica olímpica e na arte marcial do Aikido, Steve Paxton (1936-), no início dos anos 1970, o Contact Improvisation. Paxton investigava uma nova forma para a dança, sem mestres e hierarquias, e tinha como foco de sua pesquisa o movimento que ocorre no cotidiano, como o transitar dos pedestres, aquilo que se realiza no "aqui e agora", o que acontece no momento, aquilo que não pode ser determinado, ou seja, a indeterminação[441]. Dedicava-se, inclusive, em encontrar a igualdade nos papéis de homens e mulheres na dança, fundamentando que a igualdade é um importante valor social a ser integrado ao movimento e expresso nas performances[442].

> Ele estava interessado em descobrir como a improvisação em dança poderia facilitar a interação entre os corpos, as suas reações físicas e como proporcionar a participação igualitária das pessoas em um grupo, sem empregar arbitrariamente hierarquias sociais.[443]

Na dança, os bailarinos exploram a relação entre os seus corpos através de uma série de movimentos improvisados, que podem envolver toques, empurrões, puxões, rolagens, quedas e outros movimentos físicos. Os movimentos são inspirados pela intuição dos dançarinos e pela resposta aos movimentos do parceiro, permitindo que a dança se desenvolva organicamente. Essa forma de expressão enfatiza a consciência corporal e a conexão entre os dançarinos, incentivando-os a explorar diferentes possibilidades de movimento e a criar novas formas de interação. *Contact Improvisation* também pode incluir elementos de música ao vivo, iluminação e cenografia para criar uma experiência mais completa e imersiva. Em resumo, é uma forma de dança que envolve a improvisação de movimentos e a sensação entre os participantes, utilizando a comunicação não verbal e a conexão física entre os corpos. A dança destaca a consciência corporal, a intuição e a criatividade dos envolvidos.

Em termos de antropologia bio-histórica, buscamos o alinhamento a esta perspectiva inovadora: a improvisação. Contudo, desdobramos um pouco o prisma, optamos por considerar o termo como encontro-improvisação ou encontro-improviso. A improvisação é uma vivência humana que surge de um encontro de

---

[441] LEITE, F. H. de C., Contato improvisação (contact improvisation) um diálogo em dança, p. 89-110.
[442] LEITE, F. H. de C., Contato improvisação (contact improvisation) um diálogo em dança, p. 89-110.
[443] LEITE, F. H. de C., Contato improvisação (contact improvisation) um diálogo em dança, p. 91.

corpos, de presenças, de pessoas, enfim… E o que significa improvisar ou improviso, e como podemos refletir a partir da indeterminação? Improvisação deriva do latim *im promptu*, significando "pronto para agir" e geralmente é relacionado a algo que se realiza sem qualquer preparação, sem um planejamento prévio, feito de repente[444].

O termo encontro-improviso vem enfatizar a dimensão do encontro como uma abertura a esta dimensão de não controle, de indeterminação, que chamamos de improviso/improvisação. No encontro-improviso estamos abertos a receber o outro, a vida, as relações, o grupo como uma novidade na qual não podemos determinar ou dominar. É exatamente o oposto-complementar a uma reunião de negócios, em que os executivos vão com um planejamento, com uma argumentação preparada para vender um produto, por exemplo. Ou mesmo de uma sala de aula, onde o professor prepara sua apresentação, suas falas e retórica. É oposto-complementar, porque mesmo preparando uma reunião ou uma aula, há sempre a possibilidade de uma questão que não foi pensada, de uma pergunta capciosa, de um sentido novo que surge no momento da apresentação/aula. A dimensão encontro-improviso efetiva a habilidade humana de criar fora de um planejamento, de engendrar o novo num momento oportuno, kairótico.

O termo que associa encontro e improviso enfoca a relação, nasce da percepção e da sensação imediata dos corpos e intenta favorecer a autoexpressão e a autenticidade. Há um diálogo também entre as palavras encontro e improvisação que ocorre em diferentes níveis e sentidos: no indivíduo com seu próprio corpo; no corpo do indivíduo com o ambiente; no corpo de um indivíduo com o outro. Pensar em encontro-improviso requer abrir mão de modelos definidos, é a possibilidade de gerir uma contínua renovação, uma transformação ininterrupta de processos, de conteúdos, de sentidos e significados na vivência humana.

Não só a dança, mas também as artes cênicas, a música, o cordel, entre outras artes, utilizam a improvisação, pois o teatro é esta arte que se realiza e se refaz a cada espetáculo, uma arte que está em constante transformação, que depende dos envolvidos e do jogo de cena. A improvisação é um desafio, pois necessita-se articular vários elementos que estão em transformação – atores, público, espaço, ações, tempo – para a construção da cena de forma criativa, verdadeira e envolvente.

[444] IMPROVISAR/impromptu, verbete.

Por mais díspar que pareça, para improvisar é preciso ter recursos e preparo. Mas como? Improvisar não é o oposto de planejar, preparar?

Voltaremos um pouco no tempo para abordar a Commedia Dell'Arte, uma forma de teatro popular que surgiu na Itália no século XVI e que se desenvolveu até o século XVIII. Essa forma de teatro é caracterizada pela improvisação, pelo uso de máscaras e pela utilização de personagens estereotipados.

> Com a *Commedia dell'Arte,* aparece uma organização de atores especializados, graças a uma preparação técnica, mímica, vocal, coreográfica, acrobática, e também com frequência uma preparação cultural. Havia alguns que falavam diversas línguas e eram músicos consumados. Toda esta preparação fornecia-lhes a base de um trabalho improvisacional, onde, quase sempre, chegavam a uma improvisação excelente. Não se tratava de atores improvisados, mas sim de atores que exercitavam sua arte *all'improviso.*[445]

Os atores eram chamados de *commedianti* e criavam suas apresentações a partir de um roteiro básico, mas improvisavam boa parte de suas falas e movimentos. Era conhecida por sua habilidade em satirizar a sociedade e seus costumes, utilizando personagens estereotipados para expor seus vícios e hipocrisias. Assim como na dança Contact Improvisation, a Commedia Dell'Arte subverte a relação hierárquica – no caso do teatro, a subversão situa-se entre a importância do texto e a do trabalho do ator.

> Commedia dell'Arte – Comédia da habilidade. Isto quer dizer arte mimética segundo a inspiração do momento, improvisação ágil, rude e burlesca, jogo teatral primitivo tal como na Antiguidade os atelanos haviam apresentado em seus palcos itinerantes: o grotesco de tipos segundo esquemas básicos de conflitos humanos, demasiadamente humanos, a inesgotável, infinitamente variável, e, em última análise, sempre inalterada matéria-prima dos comediantes no grande teatro do mundo. Mas isso também significa domínio artístico dos meios de expressão do corpo, reservatório de cenas prontas para a apresentação e modelos de situações, combinações engenhosas, adaptação espontânea do gracejo à situação do momento[446].

A improvisação possibilita ao ator enorme poder de criação que interfere diretamente no resultado dramatúrgico da obra. Lembrando a já citada frase de Shakespeare – "o mundo é um grande palco" – somos nós, os atores que *performamos* e improvisamos a peça/obra da nossa vida. Estabelecer relação entre encontro e improviso visa buscar uma melhor compreensão para a dinâmica da vida,

---

[445] CHACRA, S., Natureza e Sentido da Improvisação Teatral, p. 30.
[446] BERTHOLD, M., História Mundial do Teatro, p. 353.

para aquilo que foge ao padrão, ao roteiro, ao pré-estabelecido e que, ao mesmo tempo, é possibilidade criativa, de intervenção criadora, de estabelecer novas relações.

4.6.5.4.4
Espontaneidade

Depois de refletirmos sobre o cotidiano, a epifania e o encontro-improviso, chegamos ao quarto termo de contemplação: a espontaneidade. Esse é um conceito muito caro a Jacob Levy Moreno, um psiquiatra e psicoterapeuta de origem romena que desenvolveu uma abordagem terapêutica conhecida como psicodrama/sociodrama, que utiliza técnicas teatrais para ajudar as pessoas a explorarem seus problemas e emoções[447]. Para Moreno, a espontaneidade é um conceito fundamental no método psicodramático. Ele acreditava que a espontaneidade é uma qualidade humana natural, que se expressa através da criatividade, da imaginação e da ação espontânea. No contexto do psicodrama, a espontaneidade é vista como uma forma de expressão autônoma e livre que pode ajudar os indivíduos a compreender melhor a si mesmos e suas relações com os outros.

Moreno entendia que a espontaneidade poderia ser estimulada através da criação de um ambiente seguro e de apoio emocional para os participantes do psicodrama. Ele criou técnicas e exercícios para ajudar as pessoas a acessarem sua espontaneidade, como por exemplo, o aquecimento, o aquecimento social, a duplicação (espelhamento) e a inversão de papéis. No psicodrama, a espontaneidade é vista como uma resposta imediata e autônoma a uma situação, um estímulo ou uma emoção. Através da espontaneidade, os participantes podem experimentar novas formas de pensar e agir, assim como encontrar novas soluções para os seus problemas. A espontaneidade também ajuda a construir a confiança e

[447] Psicodrama é uma forma de psicoterapia criada pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno, que utiliza a dramatização e a representação de papéis para explorar e resolver questões emocionais, sociais e psicológicas. Pode ser realizado em grupo ou individualmente e envolve a representação de situações ou problemas do paciente por meio de ações, movimentos, diálogos e improvisações teatrais. O objetivo é que o paciente possa se expressar de forma mais livre e autônoma, permitindo a exploração de emoções reprimidas. A sessão segue uma estrutura improvisada, em que os participantes interagem e se movimentam de acordo com as orientações do terapeuta. A dramatização pode levar a novas comparações e insights sobre o problema do paciente, bem como a uma maior compreensão de si mesmo e dos outros (MORENO, J. L., Psicodrama).

o senso de comunidade entre os participantes, criando uma atmosfera de colaboração e apoio[448].

> A minha definição operacional da espontaneidade é frequentemente citada da seguinte maneira: o protagonista é desafiado a responder, com certo grau de adequação a uma nova situação ou, com uma certa medida de novidade, a uma antiga situação. Quando o ator no palco se encontra sem uma conserva de papel, o ator religioso sem uma conserva ritual, eles têm de improvisar, de recorrer à experiência que não estão preparados de antemão para a sua representação, mas que, pelo contrário, ainda se encontram enterradas dentro deles, numa fase informe. A fim de mobilizá-las e dar-lhes forma, necessitam de um transformador e catalizador, uma espécie de inteligência que opera aqui e agora, *hic et nunc*, a "espontaneidade". Os processos de cura mental requerem espontaneidade para serem eficazes.[449]

Moreno também valorizava o improviso – ele também tem o teatro como escola da vida – e associava-o ao elemento da espontaneidade que surge justamente quando estamos diante de uma situação nova. O autor vincula a espontaneidade à criatividade, contudo não é uma conexão automática, indica que existem formas de espontaneidade patológica que distorcem percepções e interferem na integração do sujeito[450]. Em muitos casos, ele emprega as palavras improvisação e espontaneidade como sinônimas[451]. "A espontaneidade é um estado de prontidão do sujeito para responder mais rapidamente quando lhe for solicitado. É uma condição – um ajustamento – do sujeito, uma preparação dele para uma ação livre"[452].

Moreno compreendia o ser humano como um ser social – desenvolveu a sociometria[453] –, que está sempre em busca de conexão e interação com os outros. Ele entendia que as pessoas são influenciadas pelas relações que têm com as outras pessoas ao seu redor, e que essas relações podem afetar sua saúde mental e emocional. Vínculos e conexões são instrumentos facilitadores e determinantes de

---

[448] MORENO, J. L., Psicodrama; SCHÜTZENBERGER, A., O teatro da vida. Psicodrama. Introdução aos aspectos técnicos; PUTTINI, E. F.; LIMA, L. M. S., Ações educativas. Vivências com psicodrama na prática pedagógica.
[449] MORENO, J. L., Psicodrama, p. 36-37.
[450] MORENO, J. L., Psicodrama, p. 37.
[451] MORENO, J. L., Psicodrama…p. 82. Ver nota de rodapé.
[452] MORENO, J. L., As palavras do pai, p. 152.
[453] Sociometria é uma técnica desenvolvida por Moreno para o estudo de interações entre grupos. A sociometria explora, mapeia e mensura relações ou vínculos estabelecidos entre forças sociais individuais, que por um olhar direto não é perceptível, atuando em redes de interação no seio de um grupo de uma determinada organização (empresa, sala de aula, comunidade ou grupos). Utilizada em diversos segmentos, aqui apresentamos estudo referente à área de administração: XAVIER, Odiva Silva, A sociometria na administração de recursos humanos.

transformação, sendo que a espontaneidade e a criatividade fundamentam todo e qualquer trabalho que tem como proposta o desenvolvimento e a evolução do ser humano em suas relações sociais.

A abordagem trazida por J. L. Moreno também apresenta um viés reflexivo de cunho teológico/místico. Ele entende o humano como um ser potencialmente criativo-espontâneo e, neste sentido, à imagem e semelhança do Criador – "Deus é pura espontaneidade (...) Por isso, pois, o mandamento será: Seja espontâneo"[454]. Com relação à Divindade, diz que esta

> Não cria, no segundo dia, o que criou no primeiro (…). A segunda vez é exatamente tão espontânea e nova como foi a primeira (…). Quanto mais livre é Deus em seus atos criativos, tanto mais livres serão os seres que dão à luz. Naturalmente, ocorre-nos uma pergunta: como se pode explicar o processo de criatividade de Deus, em termos de um universo humano? Devemos ver a Divindade como coexistente com todos os atos criativos dos homens e, na verdade, Ela é a verdadeira essência deles.[455]

Para a antropologia bio-histórica, as contribuições do pensamento de J. L. Moreno, bem como as de Paxton, são propulsores para que outros termos/conceitos que enfatizem a dimensão do corpo, da percepção, do aqui e agora, da relação com a(s) presença(s), do encontro-improviso sejam explorados pela reflexão teológica. Também a Educação pode investigar e aplicar esses conceitos no desenvolvimento de novas práticas e jogos educacionais. Na verdade, já há variados trabalhos, inclusive sobre psicodrama pedagógico[456].

Vale considerar que todos os termos e conceitos refletidos até aqui – e os próximos – demandam estar conectados. Uma antropologia bio-histórica e integral é uma antropologia *em conexão,* em que esses elementos estão interligados tendo como "solo" o cotidiano, o dia a dia – no cotidiano ocorrem epifanias, no cotidiano experienciamos[457] encontro-improviso, a espontaneidade e o próximo a ser considerado: o fluxo-movimento.

4.6.5.4.5
Fluxo-movimento

[454] MORENO, J. L., As palavras do pai, p. 29.
[455] MORENO, J. L., As palavras do pai, p. 157-158.
[456] NUNES, R. C. dos S.; ARANTES, V. J., A trajetória do psicodrama pedagógico em Campinas - SP, p. 111-128; BAREICHA, P., Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões, p. 121-136.
[457] Experienciamos ou não…

A partir da perspectiva dinâmica de olhar para o humano, neste tópico vamos refletir sobre o termo composto fluxo-movimento. Já nos referimos à elaboração de uma reflexão sobre o ser humano interpretando-o de forma estática ou idealizada. A dimensão performance vem enfatizar, em um primeiro momento, a dimensão físico-motora, o gesto, o expressar-se diante do outro e o comunicar-se com a sociedade. Consideramos, assim, inserir na antropologia bio-histórica o termo fluxo, que geralmente se refere a um movimento constante ou a um estado de envolvimento intenso em uma atividade. Na física, o termo fluxo pode ser definido como a quantidade de algo (como energia ou partículas) que passa por uma determinada área em um determinado tempo. Em engenharia, o fluxo pode se referir à quantidade de líquido, ar ou outros fluidos que passam por um determinado sistema ou processo. Em psicologia, o termo fluxo[458] (*flow*) é usado para descrever um estado mental de envolvimento completo e imersão em uma atividade, na qual a pessoa se sente totalmente absorvida e focada naquilo que está fazendo.

O *Flow* tem sido relacionado a inúmeros benefícios para a saúde mental, incluindo a redução do estresse, a melhoria do bem-estar emocional e a promoção da criatividade e inovação. A teoria do *Flow* tem sido utilizada em campos como o esporte, a educação, as artes, o trabalho e a terapia, para ajudar as pessoas a encontrar e cultivar atividades que as brindam com uma sensação de fluidez e propósito em sua vida[459]. Assim, nossa reflexão entende que esse conceito se apresenta como significativo por estar associado ao movimento e também à espontaneidade, à criatividade e à improvisação. Contudo, não querendo utilizar termos estrangeiros, optamos por considerar este conceito como fluxo-movimento. Na música, o fluxo-movimento pode ser referente a um estado de improvisação fluída, onde o músico está completamente envolvido na criação de música sem ter que pensar muito sobre o que está fazendo.

---

[458] Fluxo (*Flow*) é um conceito desenvolvido por Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021) na década de 1970, cofundador do movimento conhecido como Psicologia Positiva, que foi idealizado em 1998 por Martin Seligman. *Flow* é um estado de consciência caracterizado pela imersão total em uma atividade desafiadora e gratificante que produz um sentimento de fluidez e concentração intensa no momento presente. Neste estado, a pessoa "perde" a noção do tempo e do espaço e fica completamente concentrada na tarefa. *Flow* descreve como um sentimento de alegria e satisfação profunda. Ver: KAMEI, H. H., *Flow*: o que é isso? um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da psicologia positiva.

[459] GOMES, S. S.; MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. G.; BRANDÃO, M. R. F., O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas.

Na dança, fluxo-movimento pode se referir à sensação de movimento fluido e contínuo, em que cada gesto/gestual flui naturalmente para o próximo. É um estado de dança em que o corpo se move sem esforço aparente. Na pintura, o fluxo-movimento pode se referir a um estado em que a criatividade verte livremente, sem restrições ou distrações. O artista pode estar tão imerso na pintura que o tempo parece desaparecer e o trabalho é concluído naturalmente.

Em termos antropológicos, o fluxo-movimento é uma experiência universal e essencial para a felicidade humana[460]. Consideramos como uma forma de conhecimento corporal, ou seja, como um tipo de conhecimento que é adquirido através da experiência prática. As atividades que podem levar ao estado de envolvimento de fluxo-movimento podem variar de pessoa para pessoa, mas geralmente incluem performances que envolvem a criatividade, o desafio, a concentração e o envolvimento emocional. O estado fluxo-movimento é uma experiência de plenitude.

Ao utilizarmos a palavra movimento em conjunção ao termo fluxo, formando então a expressão fluxo-movimento, visamos enfatizar o caráter dinâmico e mutável desse estado e experiência – não é um estado permanente, mas pode ser alcançado quando pessoas estão engajadas em atividades que são desafiadoras o suficiente para testar suas habilidades, mas não tão difíceis a ponto de serem frustrantes. É um estado de vivência e de foco intenso, em que a criatividade e a espontaneidade fluem livre e naturalmente, levando a um trabalho autêntico e orgânico.

Quando falamos em movimento, não estamos nos referindo somente a uma atividade física como dançar, correr etc. Estamos assinalando também a coordenação dos gestos na vida diária e a experiência motora. O corpo é um volume no espaço e o movimento modifica as relações dentro desse volume, sem contudo desfazê-lo. Estar *presente* no corpo para sentir a experiência de fluxo-movimento e poder viver com mais qualidade de vida e plenitude.

4.6.5.4.6 Intuição[461]

[460] CSIKSZENTMIHALYI, M., A descoberta do fluxo. A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana.

[461] Não se pretende fazer um mapeamento histórico de como o conceito/termo intuição foi interpretado na história do Ocidente. Muitos autores já refletiram sobre o tema: René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677), John Locke (1632-1704), Immanuel Kant (1724-1804), Charles Peirce (1839-1914), Henri Poincaré (1854-1912), Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung

Depois de meditarmos sobre cinco conceitos caros à dimensão de performance – cotidiano, epifania, encontro-improviso, espontaneidade, fluxo-movimento – chegamos ao sexto elemento desta reflexão: a intuição, termo que é compreendido de diferentes maneiras. Para uns, ela é o discernimento rápido, a percepção clara e imediata. Para outros, é a capacidade de pressentir acontecimentos ou caminhos que levam à solução de problemas difíceis.

O conceito de intuição é muito explorado pela filosofia e aqui escolhemos dialogar com Henri Bergson (1859-1941), conhecido também por seu trabalho sobre tempo, consciência e percepção. Bergson entende que a intuição é uma forma de conhecimento direto e imediato que nos permite apreender a essência das coisas. O filósofo considera a intuição uma matriz de conhecimento que transcende a razão e a lógica e que permite captar a realidade em sua totalidade e complexidade. Ele propõe que a intuição é especialmente importante para compreender questões filosóficas, como a liberdade, a criação e a vida espiritual.

O livro *Intuição Filosófica*, de Henri Bergson, publicado originalmente em 1907, apresenta uma crítica ao intelectualismo – corrente filosófica que defende que a razão e a lógica são as principais formas de conhecimento. A intuição é um processo criativo, que nos permite perceber a mudança e a evolução do mundo ao nosso redor. O autor afirma que a vida é um fluxo contínuo de mudança, e que a intuição é a chave para compreender essa mudança[462]. Bergson também discute a relação entre intuição e arte, religião e moralidade e argumenta que a intuição é a

(1875-1961), Albert Einstein (1879-1955), Jean Piaget (1896-1980) e Herbert Simon (1916-2001) são alguns. Segundo o psicólogo e educador Efrain Fischbein (1920-1998), tanto para Descartes quanto para Spinoza, a intuição permanece, em um mundo confuso e de fúteis interpretações - como a última fonte confiável de verdades absolutamente certas. Para Kant, é a faculdade usada para dominar os objetos de forma direta, em contraste com a faculdade da compreensão pela qual o conhecimento é adquirido. Kant usa termos como "intuições intelectuais" e "intuições sensíveis", mas, segundo Fischbein, é somente a variante sensível que tem sentido para Kant (p. 3). Fischbein destaca ainda que filósofos como Spinoza e Poincaré concebem a intuição como um importante mecanismo para a ciência e para a conquista do conhecimento em geral. Nesse sentido, a intuição pode ser, como na visão de Spinoza, a forma mais alta de conhecimento pela qual a real essência das coisas, ou mesmo Deus, pode ser revelada (p. 4). Já para Poincaré, nenhuma atividade criativa pode ser desenvolvida na ciência ou na matemática sem o uso da intuição (FISCHBEIN, H., Intuition in science and mathematics: an educational approach). Há uma grande reflexão sobre o conceito, contudo escolhemos refletir a partir de dois autores – Bergson e Jung – pois *intuímos* que suas considerações e pensamentos cooperam para o melhor entendimento da antropologia bio-histórica e do itinerário que está sendo proposto neste trabalho.

[462] BERGSON, H., A intuição filosófica.

base para a criatividade artística, a experiência religiosa e a moralidade autônoma[463].

No senso comum, pode-se dizer que a intuição é uma habilidade ou capacidade que algumas pessoas possuem de obter *insights*, compreensões ou soluções para problemas ou questões sem a necessidade de um raciocínio lógico ou de uma análise dos fatos. É uma sensação ou percepção imediata, sem a necessidade de uma justificação ou explicação clara e lógica, que pode se manifestar de diferentes modos, como um pressentimento, uma sensação física, uma ideia súbita, uma imagem mental ou um impulso emocional. Ela é frequentemente associada à sabedoria interior, ao sexto sentido ou à voz interior.

Para o fundador da Psicologia Analítica, Carl G. Jung (1875-1961), a intuição é uma função psicológica básica e integra a sua teoria dos tipos psicológicos, tratando-se da função psicológica que transmite a percepção por via inconsciente. Na visão de Jung, a intuição

> é a função psicológica que transmite a percepção por via inconsciente. Tudo pode ser objeto dessa percepção, coisas internas ou externas e suas relações. O específico da intuição é que ela não é sensação dos sentidos, nem sentimento e nem conclusão intelectual, ainda que possa aparecer também sob estas formas. Na intuição, qualquer conteúdo se apresenta como um todo acabado sem que saibamos explicar ou descobrir como este conteúdo chegou a existir. É uma espécie de apreensão instintiva, não importando o conteúdo.[464]

Na visão junguiana, a intuição é uma das quatro funções psicológicas básicas, junto com o pensamento, o sentimento e a sensação que nos possibilita perceber e compreender o mundo ao nosso redor. Na visão do autor, a intuição é uma função psíquica que permite acessar informações e sintomas que não eram acessíveis através da razão ou da observação direta[465].

Jung distingue entre dois tipos de intuição: a intuição introvertida e a intuição extrovertida. A intuição introvertida é uma função psicológica que nos permite perceber as imagens e símbolos que surgem do nosso inconsciente. Ela é frequentemente associada ao mundo dos sonhos, à imaginação e à criatividade. A

---

[463] Há muitos trabalhos sobre mística, arte e a filosofia de Bergson. Apresentamos aqui dois trabalhos: ROCHAMONTE, C., Henri Bergson: entre intuição filosófica e experiência mística; e MACHADO, A. S.; MONTEIRO, H., A intuição como fundamento do ensino das artes em tempos de revisão paradigmática.

[464] JUNG, C. G., Tipos psicológicos, p. 430-431.

[465] JUNG, C. G., Tipos psicológicos, p. 380-467.

intuição extrovertida, por sua vez, nos permite perceber os padrões e conexões que existem entre os eventos e as informações do mundo ao nosso redor. Ela é frequentemente associada à capacidade de fazer associações rápidas e de identificar tendências e oportunidades. Jung concebe a intuição como uma função psicológica essencial para o processo de individuação[466], ou seja, o processo de desenvolvimento pessoal e de autoconhecimento. A intuição nos permite perceber aspectos ocultos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, o que nos possibilita crescer e amadurecer como indivíduos.

Embora a intuição possa parecer mística ou sobrenatural, estudos sugerem que ela é uma habilidade natural do cérebro humano. Acredita-se que a intuição seja baseada em experiências passadas, conhecimentos inconscientes, emoções e sensações sensoriais que são processadas pelo cérebro de forma automática e rápida. Na área de medicina e enfermagem, por exemplo, já há material sobre a intuição como ferramenta para tomada de decisões estratégicas[467] e na área de administração de empresas também há grande diversidade de obras[468].

Para a antropologia bio-histórica, intuição está relacionada à percepção, à espontaneidade e ao imediatismo. É um evento único, vivido como não sequencial. É uma forma de conhecimento que, aliado à racionalidade analítica, forma um complexo que denominamos de eixo sapiencial da vivência humana. A intuição e a racionalidade são faculdades humanas que podem operar simultaneamente, ou seja, não são dicotômicas nem excludentes. Isto significa que tanto a antropologia teológica quanto a educação católica devem elaborar suas pesquisas e práticas tendo como um dos focos a valorização da intuição, que também está relacionada à

---

[466] "A individuação é, portanto, um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. A necessidade de individuação é natural, enquanto o impedimento da individuação por uma normalização exclusiva ou preponderante, de acordo com os padrões coletivos, será prejudicial para a atividade vital do indivíduo, para a sua vivência pessoal [...] Um impedimento essencial da individualidade acarreta, portanto, uma atrofia artificial. É evidente, pois, que um grupo social formado de indivíduos atrofiados não pode ser uma instituição salutar nem apta para a vida, pois só as sociedades capazes de manterem sua coesão íntima e seus valores coletivos, dando simultaneamente ao indivíduo a máxima liberdade possível, podem ter probabilidade de existência duradoura" (JUNG, C. G., Tipos psicológicos, p. 525).

[467] LAMOND, D.; THOMPSON, C., Intuition and analysis in decision making and choice, p.411-414.

[468] MOTTA, P. R., Razão e intuição: recuperando o ilógico na teoria da decisão gerencial, p. 77-94; FÁVARO, E. V., Mulheres proprietárias e gestoras de empresas: entre a racionalidade e a intuição na tomada de decisão; VERGARA, S., Razão e intuição na tomada de decisão: uma abordagem exploratória, p. 120-38; VERGARA, S.; BRANCO, P. D., Intuição e programas de treinamento e desenvolvimento.

criatividade, aos eventos do cotidiano, ao conhecimento e à apreensão imediata do objeto e/ou real.

A intuição leva a ideias inovadoras e à criação de novas representações e imagens. De certa forma, a intuição está vinculada à capacidade de pensar algo novo – ainda não pensado e realizado – de uma maneira inovadora e diferenciada. Assim, embora possamos associar a intuição à ideia de criatividade, podemos relacioná-la também ao conceito de originalidade, que não está necessariamente implicado em criar algo completamente novo; considerando, neste sentido, que a originalidade pode ser alcançada/realizada por meio de uma abordagem única para um problema ou situação, ou por meio de uma combinação original de ideias ou elementos existentes. Sendo assim, a intuição se torna mais um componente importante a ser enfatizado na antropologia bio-histórica, juntamente com os demais aqui abordados, para o desenvolvimento de uma educação mais humanizadora e uma humanidade mais solidária, compassiva e empática.

4.6.5.5
Performance: estetizando a vida

Ao longo de todo este quarto capítulo, vimos refletindo sobre o ser humano tendo como enfoque antropológico o prefixo "bio", a dimensão de presença/performance do que denominamos antropologia bio-histórica. Reafirmamos a necessidade de integração entre a dimensão do sentido – histórica – e a dimensão da performance e o temos o entendimento de que o ser humano vive e experiencia sua existência em uma tensão entre uma temporalidade de cronos e de *kairós.*

Refletindo a partir do olhar bio-histórico, entendemos que existe alguma dificuldade para as juventudes compreenderem sobre o sentido a partir da dimensão histórica. Pode parecer incongruente, afinal, acabamos de dizer que é a partir da dimensão histórica (cronos) que se pode ter maior clareza sobre o sentido da vida, sobre o propósito que cada pessoa encontra para si. Aqui reside uma questão: vivemos em uma sociedade do desempenho, competitiva para a sobrevivência, sem tempo para a reflexão que a dimensão do sentido requer. O fluxo ininterrupto de informações que a internet e as redes sociais produzem ocupam a atenção e ainda produzem uma desinformação sistemática, as famosas *fake news*. Mais ainda, o tempo parece ser escasso para tantas coisas que temos que realizar, temos pouco

tempo para ler e compreender todas as informações que recebemos pelo *smartfone*, podemos perder muito tempo nos deslocando no trânsito das grandes cidades, somos cobrados para ter um desempenho exemplar, enfim, o desejo de sentido acaba se perdendo nos afazeres da vida, na busca pelo sucesso ou pela sobrevivência nesse mundo competitivo. Pode-se viver, ou melhor, pode-se passar a vida inteira sem se relacionar com a dimensão da interioridade, pode se viver a vida sem se pensar nela tranquilamente.

Desse modo, vemos na dimensão bio/performance uma condição de possibilidade (também) para uma apreensão do sentido – ainda que de outro modo – justamente através do sentir e da estética – o *sentir* dá *sentido*. Assim, vislumbramos as artes e suas metodologias como companheiras nesta jornada antropológica/teológica. Procuramos utilizar algumas conceituações já bem elaboradas pela antropologia teológica como a noção de pessoa e suas relações e a dinâmica dualismo x integração, buscamos acrescentar reflexão a ideias como corpo, epifania, cotidiano, intuição; e procuramos introduzir algumas novas questões: espontaneidade, fluxo-movimento, encontro-improviso.

A performance é uma potência transformadora social, como já referido, dado que decorre o distanciamento dos papéis sociais normativos, abrindo-se a possibilidade de repensar a estrutura social. Na leitura do existir humano como "teatro da vida", o "estar" no mundo é um "atuar" no mundo. O atuar no mundo – o mundo é um palco - implica ser movimento, ser corpo presente, ser atento ao momento, ao imprevisto, ser relação com outros corpos e presenças, transitar nos espaços, requer estar "incorporado" com o/no momento.

Corpo, mente e cultura são profundamente codependentes e a antropologia bio-histórica compreende um programa de pesquisa interdisciplinar que apenas se inicia. Neste ponto inicial, tentamos enfatizar a dimensão do corpo, pois a vida mental apoia-se na experiência do corpo e não pode ser completamente separada de processos corporais, nem inteiramente reduzida a esses. Pensamos e sentimos com os nossos corpos, e a similitude e a diferença dos corpos estão profundamente carregadas de significado social.

O "estar" no mundo é um "atuar" no mundo e é o "sendo" (ser)[469] no mundo. Atribuindo um acento teológico à reflexão sobre a performance, podemos dizer –

[469] A palavra "sendo" expressa melhor nossa intenção, pois indica movimento e dinamismo, enquanto a palavra "ser", muitas vezes, transmite uma ideia estática, imóvel.

no sentido cristão – que *performar* é testemunhar. Portanto, entendemos ser de fundamental importância a compreensão sobre estes processos, porque em muitas ocasiões, pessoas cristãs proferem um discurso piedoso, compassivo e têm atitudes egoístas e injustas. A coerência entre discurso e ação sempre foi um desafio, mas é imprescindível aos educadores cristãos:

> (...) dentro de uma escola que, prescindindo da sua gestão estatal ou não estatal, tem necessidade de educadores que sejam credíveis e de testemunhas de uma humanidade madura e completa. Testemunho! E isto não se compra, nem se vende: oferece-se.[470]

A ética cristã se realiza plenamente na estética do testemunhar, de performar. Será, então, pela performance que a experiência cristã fará sentido às juventudes que não captam a dimensão histórica, ou mesmo, não têm interesse pelo que as tradições/religiões comunicam – para muitos jovens, são apenas costumes que estão relacionados ao passado, ao obscurantismo, algo sem sentido para os dias de hoje. Relembrando que a palavra *parfournir* vem significar fornecer, oferecer – e é justamente isso que o papa Francisco entende por testemunhar – é mais do que urgente que a teologia avance na dimensão estética da vida e aprofunde o estudo da performance. Entendemos que ainda há novos caminhos e possibilidades no aprofundamento de algumas questões que foram levantadas neste capítulo.

4.7
Conclusão do capítulo 4

Chegamos ao término de mais um capítulo desta tese, contudo, o estudo a partir de uma antropologia bio-histórica está apenas começando. Nossa intenção foi oferecer um olhar antropológico que pudesse não só integrar as dimensões do ser humano, mas também que pudesse plenificá-lo – levar à plenitude, à bem-aventurança de coexistir, de ser único entre muitos, de realizar-se em humanidade e ser um “humanizador de gentes” ou "humanizador de mundos” com sua performance.

Assim, buscamos refletir conceitos de V. Turner que podem trazer luzes para a construção de novas sensibilidades: o estudo dos rituais, a teoria da liminaridade, símbolos e performances e o aspecto das *communitas*. Também, a partir de P.

[470] FRANCISCO, Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores.

Zumthor, apresentamos algumas de suas contribuições: a teoria da oralidade - como a oralidade influencia a criação, transmissão e recepção dos textos – e a relação entre performance e poética. Ao integrar as perspectivas de Turner e Zumthor, podemos enriquecer nossa compreensão das práticas culturais, destacando como os rituais e a performance são fundamentais para a construção e manutenção das identidades coletivas e individuais.

O percurso antropológico que traçamos neste capítulo inicia-se com o sentir místico da antropologia inaciana e "termina" no sentir estético das artes. Enfatizamos a dimensão da performance para propor o desenvolvimento de uma antropologia bio-histórica que possa ajudar na autocompreensão humana e na busca de sentido para a existência – uma trajetória que perpassou por vários autores, de caráter interdisciplinar e que se dispôs ao desafio de dialogar com áreas ainda pouco exploradas pela ciência teológica.

Ao compor a espiritualidade da tradição inaciana com as sensibilidades estéticas, procuramos reconhecer que a performance, em suas múltiplas formas, é um ponto de convergência crucial. Através dela, podemos explorar a intersecção entre a tradição e a inovação, bem como aspectos do pessoal e do coletivo. Essa abordagem nos permite considerar a vida humana como um processo contínuo de encenação e reinvenção, onde rituais e práticas culturais desempenham papéis centrais na formação das identidades e na busca de significados profundos.

Ao debruçarmos sobre as contribuições de autores como V. Turner e P. Zumthor, propomos um quadro analítico que valoriza a plasticidade da experiência humana e a riqueza das expressões culturais. Esta abordagem interdisciplinar abre novas possibilidades para a investigação antropológica, permitindo-nos navegar entre o místico e o estético para obter uma compreensão mais completa da condição humana. Nesse sentido, esperamos contribuir para um diálogo fecundo entre a antropologia e outras disciplinas, possibilitando insights que são tanto teóricos quanto práticos na busca da integração entre sentido e performance na existência humana.

Também trouxemos para o diálogo com a antropologia a somaestética, uma abordagem interdisciplinar fundada por Richard Shusterman, filósofo pragmatista que explora a experiência corporal e sua relação com a estética e a filosofia do corpo. A somaestética enfatiza a importância do corpo na experiência estética e na formação da identidade pessoal e social, propondo que, ao melhorar a consciência

e o controle sobre o corpo, pode-se enriquecer a qualidade de vida e compreensão estética. Ao reintegrar o corpo e a prática cotidiana na experiência estética, Shusterman amplia o escopo da estética para incluir uma gama mais ampla de atividades e experiências humanas. Sua abordagem somaestética oferece uma nova maneira de entender e melhorar a relação entre o corpo e a mente, destacando a importância do autocuidado e da autoexpressão na formação da identidade e no bem-estar.

No mundo da liquidez, do desempenho, da rapidez, do consumo, da informação e das *fake news,* e do imediatismo, é necessário que o *kerigma* cristão esteja “no meio de nós”, os cristãos. O anúncio é concretizado através da performance, que é o testemunhar, mas, como vimos no capítulo 3, na conjuntura brasileira, sob a etiqueta de “cristão” estão associados uma série de valores e grupos "anticristãos". Sem querer criar dualismo, apenas para exemplificar melhor, podemos dizer que precisamos de testemunhas e não de crentes. A performance/testemunho é a concretização do *kerigma* cristão no mundo contemporâneo.

Assim, todo o processo de se trilhar um caminho através da antropologia bio-histórica visa melhor compreender o ser humano, suas dimensões, seus processos cognitivos também para comunicar e atualizar o *kerigma* cristão e concretizar o sonho e o desafio de engendrar e acolher uma nova humanidade, mais solidária, humanizada e humanizadora - sob o domínio de Deus, estabelece-se o reinado de novas relações, onde impera a justiça e a misericórdia e por isso, um outro mundo é possível.

Neste contexto, a antropologia bio-histórica não se limita a uma análise puramente acadêmica; ela visa se tornar uma ferramenta para uma melhor compreensão e transformação do ser humano. O *kerigma* cristão não é uma mensagem histórica, é uma realidade dinâmica que pode e deve interagir com as culturas contemporâneas. Desse modo, a antropologia bio-histórica pode estimular o desenvolvimento de novas relações para a construção de comunidades mais justas e compassivas.

Um outro mundo onde possa ser construída a comunhão entre os humanos e uma relação saudável e sustentável entre os humanos e as demais espécies

companheiras[471] que são parceiras e coabitam o planeta conjuntamente. Tanto a *Laudato Si* quanto a *Fratelli Tutti* enfatizam a necessidade do ser humano de estabelecer relações mais salutares, com vínculos de solidariedade e hospitalidade. Mais do que nunca, é necessário o estabelecimento de uma "cultura do encontro", principalmente em um mundo ferido por tantos flagelos sociais: migrantes, moradores de rua, desempregados, pessoas fragilizadas e/ou excluídas, pessoas prostituídas e/ou escravizadas etc. Neste sentido, a universidade católica pode fazer diferença. É o que esperamos demonstrar no próximo capítulo. Vemos também como significativo enfatizar que não podemos repetir antigos padrões e/ou soluções, por isso a necessidade de uma humanidade criativa, responsável, espontânea, solidária, empática, prazerosa no/em viver.

É igualmente importante cultivar uma mentalidade inovadora e criativa entre os estudantes, encorajando-os a pensar de maneira crítica e a desenvolver soluções novas e eficazes para os desafios contemporâneos. A ênfase na criatividade e na espontaneidade, inspirada pelos trabalhos de autores como Jacob L. Moreno, pode ajudar a formar indivíduos capazes de responder às mudanças e incertezas do mundo moderno com resiliência e empatia.

A universidade católica, como um espaço privilegiado de reflexão e ação, tem um papel fundamental na construção dessa nova humanidade. Ela é uma instituição que tem a responsabilidade de fomentar um ambiente onde o conhecimento acadêmico se alia aos valores éticos e cristãos, promovendo uma educação integral que forma indivíduos comprometidos com a transformação social. Ao incentivar o diálogo interdisciplinar e a pesquisa orientada para a resolução dos problemas reais da sociedade, a universidade se torna um agente ativo na promoção da justiça social e do cuidado com a criação. No próximo capítulo, exploraremos como a PUC-Rio pode concretizar essa missão, apresentando iniciativas e projetos que exemplificam o potencial transformador da educação baseada na fraternidade e na sustentabilidade.

[471] HARAWAY, D., O manifesto das espécies companheiras - cachorros, pessoas e alteridade significativa.

5
Caminhos a percorrer

A trajetória do pensamento e da pesquisa para esta tese/doutorado chega ao derradeiro capítulo. Não se encerra aqui de todo, apenas uma parte do processo de estudo e conhecimento que, como tudo na vida, tem tempo, prazo e limite. Por isso, o título "Caminhos a percorrer", pois quando uma etapa é concluída, outra se inicia. Destarte, este capítulo propõe um novo entendimento sobre o setor de Cultura Religiosa, que viabiliza a compreensão da sua própria identidade, missão e performance.

A expressão "o caminho se faz caminhando" é atribuída ao poeta espanhol Antonio Machado, e é adequada tanto para a jornada da vida quanto para o projeto de pesquisa acadêmica. Esta frase convida a abandonar a inércia e a paralisia pela indecisão. Muitas vezes, a busca da perfeição ou a espera por condições ideais nos impede de dar o primeiro passo. No entanto, ao compreender que o caminho se desvenda enquanto caminhamos, somos encorajados a começar, mesmo que o destino não esteja claro. Ao reconhecer que o caminho não está predefinido, somos instigados a ser os artífices de nossa própria jornada. Cada passo é uma oportunidade para explorar, aprender e evoluir. As incertezas do amanhã transformam-se em possibilidades excitantes e as adversidades são encaradas como desafios que fortalecem a resiliência.

Assim, o trajeto que percorremos até aqui foi uma construção contínua, moldada pelas escolhas, experiências e aprendizados de cada passo dado. Concluir esta pesquisa representou mais do que simplesmente atingir metas; foi uma experiência que moldou a compreensão do processo de investigação e ampliou o horizonte acadêmico.

5.1
O magistério de Francisco e a universidade católica: formar poetas e coreógrafos sociais

O papa Francisco vem enfatizando que as universidades católicas devem perseguir com constância e profissionalidade soluções que levem a um progresso civil e cultural para as pessoas e para a humanidade marcado pela solidariedade.

Por isso que, ao desenvolvermos a antropologia bio-histórica, enfatizamos o ser humano como um ser solidário, um ser que cuida. Na base da solidariedade está a compreensão de que somos todos parte de uma mesma humanidade, interligados por laços invisíveis de interdependência. Quando reconhecemos a dor e as necessidades dos outros como se fossem nossas próprias, construímos pontes de compreensão e fortalecemos o tecido social que nos une. Cada ato de solidariedade ecoa como uma nota de esperança em um mundo muitas vezes desafiador.

O Simpósio da Federação Internacional das Universidades Católicas, realizado em 2019 sobre o tema "Novas fronteiras para os líderes das universidades – O futuro da saúde e o ecossistema da universidade" abriu espaço para a reflexão sobre os desafios inéditos das universidades na atualidade.

> É necessário superar a herança do iluminismo, educar de modo geral, mas antes de tudo, a universidade não é somente encher a cabeça de conceitos. É preciso três linguagens. É necessário que as três linguagens entrem em jogo: a linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem da mão, para que assim se pense em harmonia com o que se sente, se faz; se sinta em harmonia com o que se pensa e se faz; se faça em harmonia com o que se sente e se pensa. Uma harmonia geral, não extraída da totalidade.[472]

Para Francisco, é preciso agir, partindo, acima de tudo, "de uma ideia de educação concebida como um processo teleológico, necessariamente orientado para um fim e, portanto, para uma visão precisa do ser humano"[473]. O papa entende a universidade como lugar de elaboração e transmissão do saber, de formação para a sabedoria, de educação integral da pessoa. E ainda mais, Francisco deseja que a universidade seja um laboratório cultural para ler e interpretar uma realidade em rápido movimento, como a do tempo presente, e que promova uma revolução cultural formando poetas e coreógrafos sociais.

Formar poetas e coreógrafos sociais representa a essência de um processo educacional que transcende os limites tradicionais, buscando cultivar não apenas habilidades técnicas, mas também a sensibilidade e a consciência social. Nessa abordagem, a educação se torna uma plataforma para o florescimento da criatividade e a promoção da empatia, capacitando os indivíduos a expressarem-se

---

[472] CERNUZIO, Salvatore. Papa às universidades católicas: "Educar não apenas enchendo a cabeça de conceitos".
[473] CERNUZIO, Salvatore. Papa às universidades católicas: "Educar não apenas enchendo a cabeça de conceitos".

artisticamente e a contribuírem para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

Ao falar em "formar poetas", não nos referimos apenas àqueles que escrevem versos, mas também àqueles que cultivam uma visão poética da vida. A poesia, nesse contexto, representa a capacidade de enxergar além das aparências, de conectar-se com as emoções e de expressar-se de maneira única. Ao formar poetas, estamos nutrindo mentes criativas, capazes de encontrar soluções inovadoras para os desafios que a sociedade enfrenta.

Já a expressão "coreógrafos sociais" destaca a importância de cultivar indivíduos capazes de orquestrar movimentos coletivos em direção ao bem comum. Assim como um coreógrafo organiza e harmoniza os passos de um grupo de dança, os coreógrafos sociais moldam interações humanas, promovem a cooperação e estimulam a solidariedade. Essas são habilidades essenciais para enfrentar questões sociais complexas e promover mudanças significativas.

Ao integrar a formação de poetas e coreógrafos sociais, a educação se torna um instrumento poderoso de transformação. Estimula-se a imaginação, a reflexão crítica e a compreensão profunda das dinâmicas sociais. Os indivíduos formados nesse contexto não apenas adquirem conhecimentos, mas também desenvolvem uma consciência ampliada de seu papel na construção de uma sociedade mais humana.

Ousadia. É a palavra que, de certa forma, está por trás de todo esse olhar de Francisco sobre as universidades católicas. Ousadia na missão, na determinação de uma evangelização/humanização capaz de mover e *co*-mover a juventude em prol de uma nova forma – mais humana e mais justa – de habitar, coexistir e conviver na Casa Comum. Assim, ele entende que

> A missão da universidade seja preparar coreógrafos sociais, homens e mulheres que vislumbram uma dança no povo, um baile em que cada um contribui para a graça do movimento total, e ninguém é excluído. Coreógrafos sociais – é atrevido dizer isso, mas esse é o sentido.[474]

Francisco utiliza a linguagem/imagem da arte para referir-se a um novo processo para a formação do ser humano – "Não vos esqueçais desta expressão:

[474] FRANCISCO, Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela "Organización de Universidades Católicas de América Latina y el Caribe".

formar poetas sociais!”[475]. Pessoas todas, homens e mulheres que, “aprendendo bem a gramática e o vocabulário da humanidade, tenham o ímpeto, a centelha que permite imaginar o inédito”[476]. Imaginar o inédito, o novo, é criar, recriar, potencializar o humano para não repetir padrões, preconceitos e ações que desumanizam suas relações. Daí a importância do Pacto Educativo Global a alcançar o comprometimento de instituições e pessoas. Daí a importância de uma antropologia bio-histórica que integre a dimensão da performance e do sentido.

No capítulo anterior lançamos mão de ideias, conceitos e reflexões para o desenvolvimento de uma antropologia bio-histórica que processe a arte como uma espécie de dimensão constitutiva do ser humano. A teologia e a Igreja devem sempre ter em conta o “estatuto artístico do humano” e, mais uma vez buscando diálogo com a arte, trazemos a expressão do grupo Titãs:

> A gente não quer só comida /A gente quer comida, diversão e arte / A gente não quer só comida / A gente quer bebida, diversão, balé / Diversão e arte / Para qualquer parte / Diversão, balé / Como a vida quer.[477]

A expressão "estatuto artístico do humano" envolve a ideia de que a arte desempenha um papel crucial na exploração e expressão das complexidades, emoções e experiências que se revelam na existência humana. O termo “artístico” destaca a natureza criativa e expressiva da abordagem da arte ao explorar o humano, que ganha uma dimensão mais rica e completa. Através da arte, pode-se explorar as nuances da experiência humana, capturar a beleza, a dor, a alegria e a complexidade da vida e da existência.

Destarte, uma universidade viva, dinâmica e missionária deve considerar a perspectiva processual da vida, a dimensão existencial da experiência humana, atentar para os contextos culturais e sociais em que está inserida. Como formar poetas e coreógrafos sociais sem poesia e sem dança? Parece-nos uma tarefa impossível. Por isso, sob este novo olhar, antropologia (teológica) e arte devem ser vistas como “ciências/saberes” afins, que estão vinculadas na vivência humana. “A arte torna a vida suportável” é uma frase atribuída ao filósofo Friedrich Nietzsche

---

[475] FRANCISCO, Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela “Organización de Universidades Católicas de América Latina y el Caribe”.
[476] FRANCISCO, Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela “Organización de Universidades Católicas de América Latina y el Caribe”.
[477] ANTUNES, A.; FROMER, M.; BRITTO, S. Comida. Música dos Titãs.

que quer expressar a importância da arte para a existência humana. O desafio é pensar e realizar uma universidade que consiga integrar e articular esta nova perspectiva sem dispensar o seu caráter acadêmico e investigativo – "se agora eu tivesse que traduzir a palavra 'missão' em âmbito acadêmico, usaria o vocábulo 'pesquisa' [...] a palavra 'missão' no âmbito acadêmico, usaria o vocábulo 'investigação'"[478].

O contínuo envolvimento com a pesquisa e investigação que as universidades católicas devem perseguir não está dissociado da vivência poética, artística e missionária. As universidades são os motores propulsores da inovação e do desenvolvimento. Por meio de seus corpos docentes e discentes engajados, as instituições acadêmicas podem explorar fronteiras do conhecimento, desvendando novos horizontes e respondendo a questões complexas. A pesquisa universitária não apenas alimenta a curiosidade intelectual, mas também contribui para solucionar desafios práticos enfrentados pela sociedade, influenciando políticas públicas, avanços tecnológicos e o progresso em diversas áreas.

A pesquisa teológica pode contribuir para a formação de poetas e coreógrafos sociais? É preciso empreender uma nova etapa de evangelização que requer discernimento, purificação e reforma (VG Proêmio 3). Será que a PUC-Rio pode empreender uma "corajosa revolução cultural"? A educação em uma universidade católica, que vai além da transmissão de conhecimento técnico, englobando a formação ética, o compromisso social e a promoção da justiça, agora direciona-se também para mais um desafio: revolucionar a humanidade.

5.1.1
Uma "corajosa revolução cultural"

A expressão "corajosa revolução cultural" foi utilizada, pelo menos, em dois importantes documentos do magistério de Francisco: na Encíclica *Laudato Si* e na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, destinada às universidades católicas e faculdades eclesiásticas, como é o caso da PUC-Rio. Vale ressaltar que a Constituição *Veritatis Gaudium* – que atualiza a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* – visa iniciar uma nova "etapa da missão da Igreja, marcada pelo testemunho da alegria resultante do encontro com Jesus e do anúncio do seu

[478] FRANCISCO, Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela "Organización de Universidades Católicas de América Latina y el Caribe".

Evangelho" (Proêmio 1) e desta forma, estabelece íntima relação com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

Veritatis Gaudium incentiva uma renovação dos estudos eclesiásticos, mas, sobretudo, entende a universidade como

> uma espécie de providencial laboratório cultural onde a Igreja se exercita na interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo e se nutre dos dons da Sabedoria e da Ciência, com que o Espírito Santo enriquece de várias formas o Povo de Deus: desde o *sensus fidei fidelium* ao magistério dos Pastores, desde o carisma dos profetas ao dos doutores e teólogos. (VG Proêmio n. 3)

No caso dos teólogos, há que se manter o pensamento amplo e incompleto, sempre aberto ao desenvolvimento, pois o teólogo que se contenta com seu pensamento fechado é um medíocre (VG Proêmio n. 3). Na sequência do parágrafo, *Veritatis Gaudium* relembra as palavras do monge francês do século V, Vincent de Lérins, sobre a metodologia para desenvolver os dogmas: que sejam consolidados pelos anos, expandidos pelo tempo, exaltados pela idade (livre tradução para "*annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate*").

Assim, o documento elenca 4 critérios fundamentais para os estudos teológicos contemporâneos: i) a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma cristão que propicia a experiência libertadora e responsável de viver "a mística do nós" – germe para a fraternidade universal, tornando concreta a dimensão social da evangelização, sobretudo fazendo ecoar na mente o clamor dos pobres e da terra; ii) o diálogo em profundidade, que fermenta a cultura do encontro entre todas as culturas, a verdade em "diá-logos" gera comunicação e comunhão, podendo-se rever – a partir desta perspectiva – a estrutura e a dinâmica dos currículos de estudos na sua fonte teológica, nos seus princípios inspiradores e nos seus variados níveis de articulação disciplinar, pedagógica e didática; iii) a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação, objetivando a superação da nefasta separação entre teoria e prática; iv) a criação de redes entre diversas instituições em todo o mundo para fomentar estudos e sinergia com outras organizações de diferentes culturas e tradições religiosas com a finalidade de estudar os problemas da época presente e propor pistas oportunas e realistas de resolução.

Tendo em vista esta proposta de critérios da Igreja para as universidades, consideramos que o desenvolvimento aprofundado da pesquisa sobre uma

antropologia bio-histórica poderá contribuir para efetivar "uma corajosa revolução cultural". Um detalhe significativo é que Francisco não se refere a uma revolução religiosa, e sim cultural. O enfoque não é especificamente sobre a religião ou religiões, é sobre a(s) cultura(s) – "A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe" (EG n. 115). Francisco entende que o Espírito Santo fecunda as culturas com a força transformadora do Evangelho.

Diante desta visão do magistério de Francisco para as universidades e para a educação, perguntamos: a Cultura Religiosa da PUC-Rio é uma instância propícia para *primeirear* neste campo educacional? A CRE está se preparando para realizar esta tão necessária "corajosa revolução cultural"? Entendemos que o setor da CRE tem um imenso potencial para contribuir na tarefa que a Igreja delega às universidades e institutos de educação. E por que afirmamos isso? Porque o setor de Cultura Religiosa tem particularidades e características únicas que se revelam oportunas para a vivência e a experiência educacional nesse processo de "mudança de época", como nos fala Francisco (EG n. 52). Suas características – que o tornam singular – permitem entender o setor como um semeador de mudança, como promotor de "um processo para o qual convergem milhões de pequenas e grandes ações interligadas de modo criativo, como numa poesia" (FT n. 169).

5.1.2
O Pacto Educativo Global

Um pacto, uma aliança global para que todas as pessoas e instituições – pais/mães, família, escolas, igrejas, comunidades, governos – favoreçam a construção de uma educação humanizada, humanizadora e solidária que possa transformar a sociedade e as realidades não salvíficas. Este é o princípio do Pacto Educativo Global, uma convocação do papa Francisco para revigorar o compromisso em relação às novas gerações, reacendendo a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, que seja hábil em ouvir com paciência, promover o diálogo construtivo e fomentar a compreensão mútua[479]. A intenção é alinhar esforços em uma extensa parceria educacional com o objetivo de cultivar indivíduos maduros, aptos a transcender a fragmentação da modernidade líquida e reconstruir o tecido das relações em prol de uma humanidade mais fraterna.

[479] CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA.

A proposta do papa Francisco em estabelecer uma aliança global pela educação está alinhada com a trajetória delineada desde o Concílio Vaticano II, notadamente com a declaração *Gravissimum Educationis*. O avanço social da humanidade está intrinsecamente ligado à educação, considerada como uma ferramenta crucial na formação das gerações vindouras. Os documentos eclesiais reafirmam que a educação é um "bem comum" e um "direito universal", que simultaneamente fomenta a verdade e a caridade, isto é, o amor pela verdade e a busca pelo verdadeiro bem.

O Pacto Educativo Global insta a sociedade civil, em todas as suas manifestações, a permanecer atenta para não substituir a aspiração por uma educação abrangente, por um modelo focado nos interesses do mercado e no lucro, evitando assim que a educação seja percebida meramente como um empreendimento comercial ou empresarial. Em vez disso, a sociedade deve se envolver ativamente na formação integral da pessoa, sem instrumentalizar a educação para fins que não estejam alinhados com o bem-estar e desenvolvimento do próprio estudante[480].

A educação deve contribuir para a construção de um futuro que não esteja mais caracterizado pela divisão e pelo empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, mas sim fundamentado na prática da escuta, no diálogo e na compreensão mútua. Embora, já tenhamos expressado – na Introdução – os 7 compromissos do Pacto, reafirmamos aqui para a lembrança: i) colocar a pessoa no cerne de cada processo educacional, enfatizando sua singularidade e habilidade de se conectar com os outros, em oposição à cultura do descartável; ii) escutar a voz das gerações mais novas – crianças, adolescentes e jovens – a fim de colaborativamente construir um futuro de justiça e paz, proporcionando uma vida digna; iii) promover a mulher e favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação; iv) reconhecer a família o sujeito educador primordial e essencial; v) cultivar uma educação acolhedora e sermos acolhedores, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados; vi) explorar novas abordagens para compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, visando o benefício humano e de toda a família humana, sob a perspectiva de uma ecologia integral; vii) cuidar e promover a preservação de nossa casa comum, protegendo

[480] CNBB, A Igreja do Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global.

seus recursos, adotando estilos de vida mais moderados e buscando fontes de energia renováveis e ecologicamente sustentáveis.

Como já apontado, o papa Francisco tem muita esperança nas juventudes, contudo também aponta obstáculos que estão presentes nos tempos de modernidade líquida. A "cultura do descartável" e a "desintegração psicológica" são fatores que influenciam na construção da identidade dos jovens e dificultam a composição de uma visão unitária de si, afirmam educadores e psicólogos[481]. O tempo e espaço para que os jovens possam se familiarizar com seus próprios desejos e medos estão sendo progressivamente ocupados por interações incessantes e envolventes, que seduzem e buscam preencher cada instante do dia. Assim, na "grande riqueza de estímulos, experimenta-se então, por assim dizer, uma profunda pobreza de interioridade, uma crescente dificuldade a parar, a refletir, a escutar e escutar-se"[482].

O frenesi incessante de informações e distrações impede o cultivo da interioridade e leva a uma superficialidade constante. Em meio a esse panorama, a pausa e a reflexão tornam-se atos raros, enquanto a capacidade de escutar, tanto os outros quanto a nossa própria voz interior, experimenta uma diminuição gradual. A necessidade premente de se reconectar consigo mesmo, de redescobrir a profundidade da interioridade, torna-se cada vez mais crucial em um mundo que se move freneticamente.

São tempos desafiadores, por isso, a necessidade de um pacto, de compromissos firmados, de novos horizontes para a caminhada educativa. Educar requer paixão, transcende as barreiras do ensino formal. É o fervor que impulsiona os educadores a cultivar mentes, inspirar descobertas e moldar o caráter. É o empenho apaixonado de criar um ambiente que nutre a curiosidade, que estimula o pensamento crítico e promove o desenvolvimento integral. Educar com paixão é um chamado incansável para desbravar fronteiras, superar desafios e iluminar mentes com o fogo do conhecimento. Finalizamos este tópico com a perspectiva e as palavras do papa Francisco:

> Não desanimeis diante das dificuldades apresentadas pelo desafio educativo! Educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar é preciso sair de si mesmo e permanecer no meio dos jovens, acompanhá-los nas etapas do seu crescimento, pondo-se ao seu lado. Dai-lhes esperança, otimismo para o seu caminho no mundo. Ensinai-lhes a ver a beleza e a bondade da criação e do homem, que

[481] PACTO EDUCATIVO GLOBAL, Instrumentum Laboris.
[482] PACTO EDUCATIVO GLOBAL, Instrumentum Laboris.

> conserva sempre os vestígios do Criador. Mas sobretudo com a vossa vida, sede testemunhas daquilo que comunicais. Um educador - Jesuíta, professor, responsável, pai e mãe - transmite conhecimentos e valores com as suas palavras, mas só será incisivo sobre os jovens se acompanhar as palavras com o testemunho, com a sua coerência de vida. Sem coerência não é possível educar![483]

5.2
O local da Cultura… Religiosa

O título deste tópico sugere uma homenagem a Homi Bhabha[484] – crítico indo-britânico – e seu livro *O local da cultura*, que foi fundamental no desenvolvimento deste olhar sobre o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio. Se no segundo capítulo realizamos uma memória da trajetória da CRE, neste quinto nos propusemos a retratar a mais recente mudança – ocorrida no ano de 2023 – realizada nas quatro disciplinas do setor: a curricularização da extensão universitária incorporada às disciplinas – O Humano e o Fenômeno Religioso (40 horas), O Cristianismo (e suas especificações – 40 horas), Ética Cristã (20 horas) e Ética Socioambiental e Direitos Humanos (20 horas). A extensão é implantada paulatina e semestralmente, num processo que está inserido dentro de uma mudança estrutural na PUC-Rio.

A PUC-Rio, sob nova reitoria, implementa renovações significativas na configuração, organização e estruturação da universidade. Foi criada a Vice-Reitoria de Extensão e Estratégia Pedagógica para desenvolver esta nova dimensão na PUC-Rio, o logotipo da instituição foi modernizado, o DAR – Diretoria de Admissão e Registro – foi redesignado como CCAR – Coordenação Central de Admissão e Registro – e a universidade está se estruturando para instituir o curso de graduação em medicina… Enfim, ao que tudo indica, estamos vivenciando uma mudança como aquela que ocorreu na década de 1960 e implementou o Departamento de Teologia, com o curso de graduação em teologia e o setor da CRE.

Nesta direção, entendemos que é hora de seguir em frente com o desenvolvimento da CRE diante dos desafios que a contemporaneidade impõe.

---

[483] FRANCISCO, Respostas do santo padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia.

[484] Um dos mais renomados autores do campo dos estudos pós-coloniais, o teórico indiano Homi Bhabha se tornou conhecido no Brasil com a publicação, em 1998, de seu livro *O local da cultura* (Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998). Neste trabalho, publicado originalmente em 1994, Bhabha desenvolve alguns dos conceitos e questões que irão marcar o seu trabalho, como hibridismo, entrelugar, estereótipo, disseminação e tradução, dentre outros, procurando pensar as relações estabelecidas dentro do sistema colonial a partir do eixo da cultura.

Nesses 55 anos de existência (1968-2023), o setor da CRE realizou uma trajetória sólida – entre erros e acertos – e pode continuar a efetivar a diferença católica no mundo universitário, contudo deve estar atento sempre às mudanças, às juventudes, aberto às inovações e criações.

O papa Francisco tem especial atenção com a demanda dos jovens, porque entende que a "desintegração psicológica" é um dos principais problemas na educação atual. Nesse sentido, a diversidade e a velocidade dos estímulos digitais muitas vezes "levam a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado, um sentido que se torna irrelevante" (LS n. 110). No contexto contemporâneo, a crescente diversidade e a vertiginosa velocidade dos estímulos digitais têm proporcionado uma experiência única, porém desafiadora, no tocante à nossa capacidade de compreensão e apreciação do mundo que nos cerca. Nesse sentido, é notável como a superabundância de informações, muitas vezes, conduz a uma perda do sentido da totalidade, obscurecendo as relações intrínsecas entre as coisas e diminuindo a visão de um horizonte alargado.

A constante inundação de estímulos digitais pode induzir a uma fragmentação da percepção, levando a uma focalização excessiva em detalhes isolados em detrimento da apreciação do panorama geral. A busca incessante por novidades, aliada à rapidez com que as informações são apresentadas e absorvidas, pode resultar em uma superficialidade na compreensão, tornando-se desafiador manter um entendimento profundo e contextualizado.

Essa perda do sentido da totalidade, à qual Francisco se refere, não apenas compromete a profundidade do entendimento, mas também pode impactar a capacidade de estabelecer relações significativas entre ideias, eventos e conceitos. Em última análise, a relevância e a importância de certos aspectos podem se tornar difusas, culminando em um sentido de irrelevância diante do constante fluxo de novidades.

O ser humano desenvolve tecnologias como a inteligência artificial, a fibra ótica, coloca os pés na Lua, mas ainda não consegue estabelecer um mínimo de equidade, seja entre indivíduos, seja entre nações, e, assim, a desigualdade afeta tanto pessoas quanto países – "partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício duma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites" (FT n. 18). Francisco nos alerta para refletir sobre a seletividade da sociedade contemporânea que parece privilegiar determinadas partes da

humanidade em detrimento de outras. A desigualdade social, a falta de acesso a recursos básicos como saúde e educação, e as disparidades econômicas são aspectos que contribuem para a perpetuação dessa seletividade. Enquanto alguns desfrutam de uma vida sem limites, outros enfrentam diariamente as limitações impostas pela falta de oportunidades e condições dignas. A busca por progresso e prosperidade não pode ocorrer à custa da exclusão e do sofrimento de segmentos da sociedade.

Nesse contexto, é responsabilidade da sociedade questionar e abordar as razões, origem e motivações que perpetuam esta seletividade. A conscientização, a promoção da igualdade de oportunidades e a solidariedade são ferramentas fundamentais para criar uma realidade em que cada indivíduo seja reconhecido como digno de viver e de poder viver plenamente, em abundância de vida e com justiça social. Em se tratando da doutrina cristã-católica, reafirmamos: não se pode esquecer "dos últimos" de nossa sociedade global[485].

Entendemos que a Cultura Religiosa pode se tornar um local de sensibilização e conscientização para as juventudes, um lugar para mover, *co*-mover e inspirar ações mais humanizadas e solidárias, uma região de encontro, um território fecundo inclusive para a pesquisa teológica, pois se encontra num (entre)lugar propício a negociações culturais, onde é possível tecer palavras e imagens em novas configurações simbólicas, como veremos adiante. Neste sentido, as mudanças que estão sendo implementadas na universidade, na década de 2020, são uma boa oportunidade para repensar o setor da CRE e para iniciar uma ampla reforma, que possa corresponder às demandas contemporâneas.

5.3
Na fronteira: no entrelugar acadêmico

Como já sinalizado anteriormente nesta pesquisa, o setor de Cultura Religiosa tem algumas peculiaridades. Na estrutura organizacional, ele é uma partição do Departamento de Teologia, entretanto, em suas salas de aula estão estudantes de todos os departamentos e dos muitos cursos que a PUC-Rio dispõe. Um ou outro estudante de teologia frequenta as aulas da CRE como disciplina eletiva.

[485] Algumas categorias em fragilidade social, como os "últimos": pessoas em situação de rua, refugiados e migrantes internos, minorias étnicas e raciais, pessoas com deficiência, trabalhadores precarizados, idosos, homossexuais/transsexuais, crianças em situação de vulnerabilidade, mulheres em situação de violência.

De certa forma, o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio é uma espécie de vórtex, onde três dimensões-desafios se encontram. Ousamos dizer que a CRE é um centro aglutinador que envolve a dimensão educativa – acadêmica, a dimensão cultural e a dimensão espiritual-existencial; e por isso mesmo, guarda um enorme potencial integrador, já que as três dimensões não estão em "caixotes" separados, mas pelo contrário, "tudo está interligado" (LS n. 16, 91, 117,138, 240).

Por portar estas características e atuar sob estas três dimensões, o setor da CRE pode ser capacitado a desenvolver um caminho para a transdisciplinaridade, entendendo o termo como sugere a *Veritatis Gaudium*, "enquanto colocação e fermentação de todos os saberes dentro do espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que dimana da Revelação de Deus". Em certo sentido, a CRE é o "rosto" da teologia na universidade, são os professores que estão "na fronteira", dialogando com a diversidade dos estudantes de todos os centros.

Enquanto teólogos e pesquisadores, não se pode furtar de olhar a universidade católica com as novas lentes que o magistério de Francisco nos apresenta. É necessário ajustar os graus para não formarmos na nossa retina uma imagem embaçada, distorcida da realidade e, desta forma, comprometer todo o caminho para a construção de uma nova consciência, ou mesmo falhar na importante missão da universidade no projeto coletivo do Pacto Educativo Global. Faz-se também importante resistir contra uma tendência ao comodismo, ou ainda, à tendência de-saber-como-se-faz.

5.3.1
Território e identidade

Dando continuidade ao que já vem sendo afirmado em itens anteriores, consideramos que as salas de aula da Cultura Religiosa se encontram num entrelugar acadêmico. As salas da CRE, em espaço imaginário, podem ser concebidas entre dois "lugares": entre o curso de teologia – do qual "advém" o principal conteúdo da matéria e os docentes – e o curso profissionalizante do estudante, no qual a obrigatoriedade dos 12 créditos é requerida. As matérias teológicas da CRE pertencem ao currículo obrigatório de todos os outros cursos, integrando a formação acadêmica e reafirmando a oferta da formação/diferença católica em cursos de nível superior.

A diferença católica é a formação para o pleno desenvolvimento humano, a humanização. Na teologia, o cerne da humanização está no movimento *kenótico* de Deus – se Deus desejou ser humano, então a humanização é querida por Deus. Na educação, a abordagem humanizadora/humanizada expressa o reconhecimento da diversidade de cada indivíduo, levando em consideração suas experiências, culturas e singularidades. Ao valorizar a individualidade, a educação humanizada reconhece que cada aluno é único – é pessoa –, com suas próprias potencialidades e desafios.

Educar para a humanização envolve o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, a promoção da inteligência emocional, da empatia, da comunicação eficaz e do trabalho em equipe. Estes são aspectos essenciais para preparar os estudantes não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para a vida em sociedade. A proposta é formar cidadãos conscientes, éticos, com valores civilizatórios e cristãos e preparados para enfrentar os desafios do mundo de maneira integral.

É uma grande responsabilidade para a CRE estar exatamente neste lugar de entrelugar e, não obstante, talvez por isso mesmo, de ser a entidade acadêmica que melhor representa a identidade e missão da PUC-Rio. O setor da CRE é o que melhor espelha e constitui a diferença católica entre as demais instituições universitárias públicas ou particulares não confessionais[486].

Como vimos na história da Cultura Religiosa, muitos professores que atuaram no início do setor, posteriormente, foram lecionar na graduação de teologia e pós. Isso gerou um certo imaginário de que o setor da CRE era como uma "passagem" para que, mais adiante, os docentes pudessem ministrar aulas na graduação em teologia. De certa forma, esta imagem do setor pode ter postergado as pesquisas sobre a CRE, sua história e sua teologia, pois um "lugar de passagem" não é um destino de estadia, um local de permanência prolongada, portanto, não há tanto interesse em aprofundar pesquisas.

Contudo, depois de cinquenta anos de existência e atuação, depois que novas gerações de teólogos e teólogas entraram para trabalhar no setor, depois da

[486] Não nos propusemos aprofundar no comparativo com outras PUCs brasileiras nem com outras universidades que levam a chancela católica por dois motivos: primeiro por uma opção metodológica, e também porque a PUC-Rio foi a primeira faculdade católica no Brasil e, na sua fundação, a disputa educacional girava em torno das questões que foram abordadas no capítulo 2, em que a antropologia subjacente à concepção de educação era diferente e conflitante.

introdução de novos aportes acadêmicos e teorias socioculturais, depois de tantas progressões no tempo cronológico, não se pode dizer que, início do século XXI, a Cultura Religiosa seja um "lugar de passagem". Talvez, a identidade da CRE ainda se encontre um pouco nebulosa, afinal, em todo esse tempo, a única pesquisa sobre o setor é uma dissertação[487].

Compreender a identidade da CRE ajuda a estabelecer uma orientação clara e um foco específico para as atividades do setor – ensino, extensão e, quem sabe, também pesquisa. Isso permite que os esforços se concentrem em áreas específicas de estudo, evitando dispersão de recursos e energia. A clareza sobre a identidade facilita a colaboração entre os demais órgãos da universidade podendo identificar mais facilmente oportunidades de colaboração e *networking* para avançar nas pesquisas e no conhecimento.

O entendimento que se estabelece a partir da identidade da CRE também pode permitir que a universidade se conecte melhor com as necessidades e demandas da sociedade. Isso garante que os estudos e as pesquisas realizadas sejam relevantes e tenham aplicabilidade prática, contribuindo para o progresso social, econômico e cultural. O setor da CRE está num entrelugar acadêmico, numa região de fronteira e não no "lugar de passagem".

O conceito de entrelugar refere-se a um espaço de encontro e negociação entre culturas, identidades e poderes; um espaço fluido, onde diferentes culturas se encontram e interagem. É nesse ambiente que ocorre a negociação cultural, um ponto de encontro, onde elementos de diferentes culturas são trocados, contestados e onde ocorre uma ressignificação – reflete tensões e ambiguidades, em processos dinâmicos de constante interações.

Um exemplo de negociação pode ser demonstrado pela forma como a maioria dos estudantes se refere às disciplinas da CRE: "Jesus I" para O Humano e o Fenômeno Religioso, "Jesus II" para O Cristianismo e optativas, "Jesus III" para Ética Cristã e "Jesus IV" para Ética Socioambiental e Direitos Humanos. Numa primeira observação, percebe-se que os universitários entendem que se trata de uma formação em progressão, não são disciplinas desconectadas entre si, por isso a disposição numérica, indicando a ideia de continuidade.

[487] TELES, G. M., Do saber acadêmico à sabedoria existencial.

Outro fator é se utilizar de uma terminologia propriamente acadêmica como encontramos em outros cursos, como Cálculo I, Cálculo II, Cálculo III, Introdução à Filosofia I, Introdução à Filosofia II; ou seja, os universitários utilizam uma nomenclatura acadêmica para se referir às disciplinas da Cultura Religiosa. E ao mesmo tempo, empregam o nome Jesus, pois entendem que estas matérias estão vinculadas ao caráter confessional da universidade. E aqui encontramos outro aspecto que caracteriza o entrelugar e infere na identidade da CRE: o hibridismo. E, longe de serem aspectos recentes, esta negociação e hibridismo já podiam ser "vislumbrados" na década de 1970 – a disciplina Pensamento Social Cristão era conhecida como "Pensamentão"[488]. Assim sendo, desde os primórdios, a CRE se apresenta com características de ser um entrelugar acadêmico, que já em sua origem surge como espaço de negociação e hibridismo. Para Bhabha, negociação é a capacidade de harmonizar discrepâncias no espaço e no tempo, de entrelaçar palavras e imagens em novas configurações simbólicas, de dialogar na vasta rede de símbolos e de mediar o que inicialmente parecem ser valores inconciliáveis ou realidades contraditórias[489].

Esta capacidade de negociação, de mediar símbolos e valores que parecem inconciliáveis talvez seja uma das maiores conquistas e virtudes que a CRE pode oferecer à sociedade. E isso pode significar maior respeito e tolerância com relação às demais confissões religiosas, bem como o despertar de uma espiritualidade mais profunda e amadurecida. Abaixo, a experiência de uma estudante católico com os textos da disciplina Cristianismo e Grandes Religiões.

> Primeiramente, diante das aulas e textos vistos até o momento, *aprendi a ver as demais religiões com outros olhos*. Como católico, sempre respeitei outras religiões, mas nunca busquei encontrar similaridades entre elas e o catolicismo. Como visto nas interpretações de filósofos estudados como John Hick e Karl Theodor Jaspers, a essência material comum das fés partiria do sofrimento comum e angústia enfrentados na Terra, e diante disso, as diversas interpretações e visões de mundo que transformariam a religiosidade das pessoas em algo mais, uma cultura, um estilo de vida. Nesse sentido, quase todas religiões têm uma similaridade, a busca a uma salvação ou paz interior por meio da compaixão e bondade na vida material. Apesar de claramente discordar de outras interpretações religiosas (afinal, não seria católico se concordasse), *aprendi que é possível se aprofundar em outras vivências religiosas, seja para a criação de um debate, seja para a busca de novos conceitos que possam alterar a percepção inicial e literal que é comum ter ao ler a Bíblia ou outros materiais religiosos.* No entanto, acerca de nossos estudos voltado à mística

[488] OLIVEIRA. G. L. C. C., Queridos irmãos em Cristo, p. 151.
[489] BHABHA, H., O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos, p. 97.

> e o diálogo inter-religioso, confesso que fiquei um tanto invejoso acerca da experiência religiosa descrita nos textos. Isto é, infelizmente nunca passei por uma transformação significativa como exemplificada nos textos, apesar de aprender bastante, seja por como levar a vida e preocupações, seja para como ver e tratar o próximo, posso afirmar que nunca tive uma experiência mística. *Por isso, não me envergonho de dizer que senti inveja diante desse diálogo estrito com Deus, essa intimidade e vivências todas que foram descritas. Sinto que a mística não é apenas vivida estritamente por conhecimento religioso, mas algo a mais, o tamanho compreendimento da essência religiosa que isso de forma confiante, cause a vinda de uma nova compreensão. É muito comum se prender à religiosidade literal como uma forma básica e insegura, que provém da falta de conhecimento, da ignorância, por isso meu interesse foi despertado diante dessa matéria, ter tamanha compreensão e experiência de não ter medo de se prender por textos religiosos, mas sim seguir o catolicismo por uma compreensão verdadeira do mesmo.* Dessa forma, essas foram as matérias que mais me tocaram e me fizeram refletir sobre meus princípios e crenças. *Apesar de ainda ver muito do diálogo inter-religioso de forma desconfiada por isso ultrapassar o mero respeito e indiferença a outras religiões que fui ensinado, aprendi que muito disso vem da insegurança que um tem do próprio conhecimento religioso, da própria fé. Assim como uma pessoa que não sabe nadar não se desgruda de uma boia, notei que uma pessoa que não possui uma base religiosa de conhecimento, também não consegue ter diálogo com outros por medo de abandonar a própria fé. Foram essas ideias que me fizeram repensar e refletir minha concepção de catolicismo, e me fez aprender que apesar de ler a bíblia saber os dogmas gerais cristãos, ainda contínuo ignorante, pois não tenho verdadeira segurança ou base para adotar a mística. Assim, concluo que ainda tenho muito a aprender acerca do catolicismo para que possa de forma totalmente verdadeira, poder ter um diálogo inter-religioso e poder respeitar e aprender com os dogmas e concepções de outras fés, sem ter qualquer preconceito, pois toda agressividade desnecessária emana de insegurança. Não é possível apreender somente com textos religiosos como a bíblia, é necessária toda uma forma de viver, que é formada por esse verdadeiro conhecimento do catolicismo que busco ter.*[490]

O setor da CRE se encontra num entrelugar, uma região de fronteira. Entendemos ser esta uma correta/adequada compreensão da identidade do setor de Cultura Religiosa. Consideramos ser este o principal aspecto que realmente distingue o setor da CRE da graduação em teologia – em referência ao departamento – e difere também dos demais cursos que não possuem o aspecto confessional. De certa forma, a nomenclatura dos Jesus I, II, III e IV é um vocabulário mais inovador e criativo do que "aulas de religião". A pouca utilização da expressão "aula de religião"[491] pelos alunos, talvez seja o melhor indicativo de que as disciplinas não

[490] Trabalho de sala de aula, abril 2022 da disciplina de Cristianismo e Grandes Religiões (itálico nosso).

[491] Poucos alunos se referem às disciplinas da CRE como "aula de religião", os que o fazem, geralmente, são os "calouros", antes de aderirem à nomenclatura dos "Jesus I, II, III, IV".

são assimiladas como uma ação pastoral ou catequética católica, entretanto a referência a Jesus explicita a dimensão da espiritualidade[492].

5.3.2
Movimento kenótico

Depois de refletirmos sobre a CRE em termos relacionais, marcando sua posição diferenciada quanto à graduação em teologia, ao Departamento de Teologia e demais cursos da universidade, vamos levar nossa meditação para a relação com a ciência teológica. Nesse sentido, nossa reflexão não se pretende única nem completa, nossa intenção é realçar um ponto que consideramos significativo. Assim, afirmamos que a teologia da CRE é uma teologia kenótica, ou seja, que nasce de um movimento de kenosis. O termo foi utilizado em Filipenses 2, 6-11, *kénosis* é o sair de si sem deixar de ser o "si" mesmo. É um autoesvaziamento. É se esvaziar para se encontrar no outro, sem perder a própria identidade.

De certo que o movimento kenótico, por ser movimento, não pode ser estático, assim a teologia kenótica da CRE se realiza na sala de aula, cuja territorialidade é distinta das demais salas de aula da universidade – como já explicitamos a diferenciação anteriormente. Entendemos a territorialidade como um espaço que envolve temporalidades em que são construídos sentidos e significados. Mais do que um espaço físico, a sala de aula é entendida em caráter processual, que abarca relações processuais e complexas em que se estabelecem negociações entre os sujeitos. Pensar as salas de aula da CRE como território, permite pensar a dimensão política, cultural e espiritual, bem como considerar a dimensão simbólica do real.

A teologia kenótica [493] está descentrada de si mesma, é uma "teologia para", é uma teologia do encontro, uma teologia para o encontro, uma teologia missionária e encarnada. É uma teologia que busca servir à sociedade, visa à construção de uma cidadania plena, intenta fomentar respeito às diferenças, empenha-se na transformação da sociedade para sua maior humanização. Seguimos, aqui, a

[492] No capítulo em que abordamos as pesquisas do setor da CRE, fizemos uma crítica quanto ao questionário e as perguntas referentes às questões do cristianismo, especificamente, a figura de Jesus. Reafirmamos que a figura de Jesus ultrapassou os limites da religião, tornou-se figura pública, adeptos de outras religiões e/ou de pessoas sem religião veem a pessoa de Jesus desvinculada de uma religião única ou institucionalizada, mas o nome Jesus está relacionado à dimensão da espiritualidade e a prática de ações solidárias e misericordiosas.

[493] Utilizamos o termo teologia kenótica de forma a simplificar a escrita, mas entendendo que é uma teologia em movimento, que se estabelece na territorialidade da sala de aula.

perspectiva oferecida pelo teólogo García Rubio: esvaziamento – encarnação – serviço[494].

De certa forma, a teologia kenótica deve conter certo pragmatismo filosófico[495], ou seja, deve concentrar-se na relação entre a teoria/doutrina e a prática, enfatizando a importância da ação/performance e das consequências práticas no processo de compreensão e resolução de problemas. Uma espécie de antidogmatismo – não parte da teoria –, em que se tem a experiência como um elemento distintivo. Por isso, a teologia kenótica é um modo de fazer teologia que acontece na sala de aula, na disposição do programa, do conteúdo, no objetivo prático a ser alcançado, na forma e disposição composta na sala de aula, enfim… é possível que haja inúmeros fatores que são contextuais e que se tornam relevantes no movimento teológico kenótico e, provavelmente, é inviável discriminar todos, porque os contextos variam e há uma multiplicidade de fatores.

Dessa forma, o movimento kenótico da teologia é, em primeiro lugar, um movimento de escuta, de acolhimento, de hospitalidade. A performance de Jesus Cristo demonstra que a hospitalidade era um princípio norteador da sua comunicação com as pessoas[496] – a arte de tratar os outros com empatia, calor humano e respeito, criando um ambiente que faz com que as pessoas se sintam bem-vindas e apreciadas. A hospitalidade desempenha um papel vital na construção de relações saudáveis e na promoção da compreensão entre as pessoas, pois é percebida como uma expressão de generosidade e uma forma de construir confiança mútua. Ela também abrange a disposição de ouvir, compreender e respeitar as necessidades dos outros. É um gesto de empatia que cria laços duradouros e constrói pontes entre diferentes pessoas e comunidades.

O movimento kenótico da Segunda Pessoa da Trindade é um ato de hospitalidade de Deus para com o ser humano – Deus se esvazia de sua glória para acolher e hospedar a humanidade em sua encarnação – e a teologia kenótica deve refletir esta atitude. É uma teologia de encontro e para o encontro, que também deve ser compreendida a partir das relações estabelecidas no território da sala de aula.

---

[494] GARCÍA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade.

[495] O pragmatismo é uma corrente filosófica que se originou nos Estados Unidos no final do século XIX e teve como principais representantes Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. O pragmatismo enfatiza a relevância da experiência prática, da ação e do contexto na busca de compreensão e respostas para questões filosóficas. Essa corrente tem sido influente em uma variedade de campos, incluindo filosofia, educação, psicologia e políticas públicas.

[496] A exceção, que confirma a regra, é Mc 7, 27.

Assim, também tendo em vista a relação pragmática entre teoria e prática, entendemos que o movimento kenótico da teologia comporta apropriadamente a integração das novas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira proposta pelo MEC.

5.3.3
A CRE na extensão universitária[497]

A resolução que estabelece as diretrizes para a extensão universitária foi homologada em 2018, contudo com o evento da pandemia o processo começou a ser implantado em 2023. Como já narrado, a PUC-Rio passa por um movimento de reestruturação e possui novos projetos que estão sendo implantados, como o Vale da Gávea e o Amazonizar. São mudanças que implementam um novo modelo de gestão e como disse a vice-reitora de Extensão e Estratégia Pedagógica, professora Jackeline Farbiarz,

> Fronteira, para mim, é experienciar em extensão, estender-se ao encontro do outro. Inclusão, respeito e acolhimento são direitos de todos. Cabe a nós, como PUC-Rio, tanto subir quanto descer a Marquês de São Vicente. E cabe à Universidade, sobretudo nas fronteiras entre todas as vice-reitorias, cuidar de nós para que possamos atuar em nosso propósito fundamental: uma formação profissional e humana, que participe da melhoria da qualidade de vida de todos.[498]

A extensão é a fronteira da PUC-Rio e a Cultura Religiosa é esta instância de/na fronteira na própria universidade. Portanto, as disciplinas da CRE têm, efetivamente, um notável potencial de desenvolvimento neste sentido, pois a fronteira é o território de ambas as esferas: disciplinas da CRE e extensão universitária. Pode-se conjecturar, inclusive, que a extensão já fazia parte das disciplinas antes mesmo de serem obrigatórias pelo MEC, vide as Semanas da CRE e outros eventos em que o setor de Cultura Religiosa estabeleceu contatos e intercâmbio com profissionais de múltiplas as áreas, com políticos, líderes religiosos de diversas tradições, agentes comunitários, enfim, com a sociedade de uma maneira geral.

O cerne de um projeto de extensão é impactar positivamente a comunidade. Seja por meio de ações voltadas à educação, saúde, cultura ou meio ambiente, os objetivos centram-se na promoção de melhorias tangíveis na qualidade de vida das pessoas. Além disso, os

---

[497] Neste tópico, abordamos a curricularização da extensão em 3 disciplinas: O Humano e o Fenômeno Religioso, Optativas de Cristianismo e Ética Cristã. Não nos foi possível elaborar sobre a quarta disciplina – Ética Socioambiental e Direitos Humanos – pois a implantação da extensão nesta última disciplina é posterior à defesa desta tese.

[498] FARBIARZ, J., Novas fronteiras para a PUC-Rio.

projetos de extensão visam fomentar o espírito de cidadania e responsabilidade social nos participantes. A interdisciplinaridade muitas vezes se destaca, permitindo a integração de conhecimentos de diferentes áreas para abordar questões complexas de maneira abrangente e eficaz.

A extensão universitária é, atualmente, uma peça-chave na engrenagem do ensino superior, desempenhando um papel crucial na formação integral dos estudantes e na contribuição para o desenvolvimento da sociedade. Um projeto de extensão vai além dos muros acadêmicos, estendendo-se para a comunidade e buscando soluções para desafios reais. Esta interação entre universidade e comunidade visa aplicar os conceitos teóricos aprendidos em sala de aula para resolver problemas práticos, ao mesmo tempo em que proporciona um aprendizado enriquecedor para os estudantes envolvidos.

Esse *envolvimento* com a sociedade, com o contexto das juventudes foi o que proporcionou o *des*-envolvimento e crescimento do setor da CRE, como foi apresentado no capítulo 2 desta pesquisa. Diante deste fato, o desafio de implementar a curricularização da extensão universitária deve ser bem pensado e elaborado, pois está em consonância com o projeto concebido e implementado no setor. Neste sentido, a coordenação do setor estruturou para a extensão um projeto-piloto (experimental) em dois momentos. O primeiro momento abarca as duas primeiras disciplinas e a expressão que o define é sensibilização-conscientização. O segundo momento envolve a dimensão da práxis, e compreende as duas disciplinas de ética.

Entendemos que, neste primeiro momento, a CRE conseguiu estabelecer uma resposta eficiente e adequada à necessidade de uma rápida implementação. Contudo, como é um projeto-piloto, é possível e até provável que venha a sofrer modificações e intervenções no decorrer do seu desenvolvimento. Os desafios são contínuos na implantação da extensão, a cada período aumenta o número de estudantes, e quando todas as disciplinas estiverem com a curricularização da extensão, a Cultura Religiosa estará oferecendo à universidade e demais cursos 120 horas de extensão, com 4/4,5 mil alunos por semestre, aproximadamente.

5.3.3.1
A extensão em O Humano e o Fenômeno Religioso

A primeira disciplina a ter a extensão implementada na Cultura Religiosa foi O Humano e o Fenômeno Religioso (CRE 1200) no primeiro semestre de 2023. É a primeira na ordem a ser cursada pelos estudantes, portanto, optou-se de modo a proceder sucessiva e paulatinamente. O tema proposto aborda uma questão

relevante e que tem se tornado cada vez mais problemática na sociedade brasileira: o respeito à diversidade religiosa.

Em 2023, foram realizadas duas jornadas de extensão da disciplina, ambas tendo o mesmo tema – Respeito à diversidade religiosa – e palestrante: o escritor, professor de cultura ioruba e babalorixá Marcio de Jagun. A I Jornada de Extensão Universitária da Cultura Religiosa realizou-se no dia 18 de maio de 2023 e a II Jornada ocorreu durante a XIV Semana da Cultura Religiosa no dia 25 de setembro. Marcio de Jagun faz parte da Coordenadoria de Inclusão e Diversidade Religiosa do Município do Rio de Janeiro, instância municipal que trabalha em várias frentes para combater a intolerância religiosa.

As Jornadas se constituíram de duas formas de apresentação: presencial e vídeo. Além de assistirem a uma das apresentações – presencial ou vídeo – os estudantes respondem a um questionário de 4 perguntas, cujas questões são sintetizadas pelos supervisores para serem enviadas ao palestrante que fará uma devolutiva. O processo foi implantado em curtíssimo tempo pela coordenação e embora cada disciplina tenha supervisão independente, todos os supervisores trabalharam neste projeto conjuntamente devido à necessidade urgente de implementação.

5.3.3.2
A extensão nas disciplinas de Cristianismo

Dando continuidade ao processo de curricularização da extensão das disciplinas da CRE, no segundo semestre de 2023 ela efetivou-se nas disciplinas de Cristianismo (CRE 1212 | 1215 | 1216 | 1218 | 1227). O tema escolhido foi Barco Hospital Papa Francisco, que teve como palestrante frei Francisco no dia 28 de setembro de 2023, também dentro do evento da XIV Semana da CRE. O barco é um hospital flutuante que atua na Amazônia e conta uma estrutura moderna com consultórios médicos, odontológicos, centro cirúrgico, sala oftalmológica completa, laboratório de análises, sala de medicação, sala de vacinação e leitos de enfermaria, além de equipamentos para diagnósticos, como raio-X digital, mamografia, ecocardiograma, ultrassom, eletrocardiograma etc.

O Barco Hospital Francisco foi idealizado e é administrado pela Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, a pedido do papa Francisco, para que a Fraternidade pudesse estar/atuar na Amazônia. A entidade também é

responsável pelo Hospital São Francisco na Providência de Deus – no bairro da Tijuca, RJ –, que se tornou o hospital-escola da PUC-Rio; ou seja, a universidade, efetivamente, caminha com passos firmes para cumprir mais uma etapa na concretização da graduação em medicina.

Dentro do planejamento proposto de sensibilização-conscientização para as duas primeiras disciplinas, o processo estabelecido para o Cristianismo foi semelhante ao adotado em O Humano e o Fenômeno Religioso: palestra/vídeo + questionário + retorno do palestrante.

5.3.3.3
A extensão na disciplina Ética Cristã

A disciplina de Ética Cristã (CRE 1241) teve a curricularização da extensão implementada em 2024.1. Optou-se por realizar uma continuidade do tema Amazônia utilizando-se da mesma *pro-vocação* – o Barco Hospital Papa Francisco. Entretanto, como estamos na dimensão da práxis das éticas, a proposta é realizar um projeto para a região amazônica. Assim, foi desenvolvido um Guia para Projetos de Extensão Universitária CRE 1241, que contém as orientações para que os estudantes possam elaborar as suas propostas.

Enquanto nas disciplinas anteriores o exercício era individual, o trabalho em grupo prevaleceu para a disciplina de Ética Cristã, priorizando-se grupos mistos com componentes de dois cursos diferentes – minimamente – para favorecer a interdisciplinaridade. Os estudantes devem criar um projeto através da ferramenta *WIKI* do sistema *moodle*, que é plataforma utilizada pela Cultura Religiosa para os registros dos exercícios relacionados à curricularização da extensão universitária de todas as 4 disciplinas. O projeto contém tópicos que devem ser desenvolvidos pelo grupo, a saber: título + apresentação + objetivo geral + objetivos específicos + justificativa.

O desenvolvimento de um projeto específico para uma disciplina que tem carga de extensão permite que os estudantes apliquem os conceitos teóricos aprendidos em sala de aula na prática, proporcionando uma compreensão mais profunda e contextualizada do conteúdo. Exige também que os estudantes desenvolvam uma variedade de habilidades, como pensamento crítico, resolução de problemas, trabalho em equipe, comunicação eficaz e liderança, que são essenciais para o progresso na vida profissional.

Os projetos que envolvem a colaboração entre estudantes de diferentes áreas de estudo proporcionam uma oportunidade para a aplicação de conhecimentos interdisciplinares e/ou multidisciplinares e a compreensão da importância da diversidade de perspectivas. Frequentemente, os projetos envolvem a resolução de problemas complexos e desafios do mundo real, preparando os estudantes para enfrentar situações similares em suas carreiras profissionais e em suas vidas pessoais.

Muitos projetos universitários têm um impacto social positivo, permitindo que os estudantes contribuam para a comunidade local ou global, promovendo o desenvolvimento cidadão e a consciência social – uma oportunidade para os estudantes explorarem ideias inovadoras e empreendedoras, incentivando a criatividade e o pensamento "fora da caixa". Além desses atributos, a criação/desenvolvimento de projetos universitários também contribui para o crescimento pessoal, fortalecendo a confiança, autoestima e senso de propósito dos estudantes.

5.4
Fronteira: lugar de trânsito, de transição, de transdisciplinaridade

Pensar a transdisciplinaridade no fazer teológico a partir da fronteira será o desafio deste tópico. A Constituição *Veritatis Gaudium* refere-se à transdisciplinaridade como um dos critérios fundamentais para os estudos teológicos (Proêmio) e, neste sentido, nossa reflexão busca oferecer algum avanço nessa caminhada de descoberta. Vale ressaltar que o magistério de Francisco enfatiza que a teologia nasce e cresce de joelhos e que tem seu caráter na sinodalidade. A teologia tem, sobretudo, uma dimensão sapiencial e o estatuto científico não deve obscurecer este aspecto[499]. Ademais, na carta *Ad theologiam promovendam* é indicado que a reflexão teológica deve desenvolver um método indutivo, que parte de diferentes contextos e a partir das situações concretas em que as pessoas estão inseridas, deixando-se, assim, desafiar pela realidade, tornar-se discernimento dos "sinais dos tempos" no anúncio do evento salvífico de Deus-ágape, comunicado em Jesus Cristo (n. 8).

[499] FRANCISCO, Ad theologiam promovendam.

Assumindo o desafio, pode-se afirmar que a transdisciplinaridade é uma nova visão de mundo[500] e sua metodologia determina 3 pilares: os níveis de realidade (axioma ontológico), o terceiro incluído (axioma lógico) e a complexidade (axioma epistemológico)[501]. Apresenta aspectos epistemológicos e metodológicos desenvolvidos a partir de uma ontologia[502] complexa que se apresenta nas relações sujeito/objeto.

> À medida que a Natureza participa no estado do mundo, faz-se necessário assinalar uma dimensão ontológica do conceito de Realidade que não é meramente construção social, consenso de uma coletividade ou um acordo intersubjetivo. Ela detém uma dimensão transubjetiva: por exemplo, dados experimentais podem arruinar a mais bela teoria científica.[503]

O termo *trans* indica aquilo que está, concomitantemente, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. A transdisciplinaridade tem como objetivo produzir "a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento"[504]. Vale ressaltar que a pesquisa transdisciplinar é complementar à pesquisa pluri/multi e interdisciplinar; e tanto a disciplinaridade como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são flechas do arco do conhecimento[505].

Explicitando melhor, podemos indicar que o campo disciplinar observa a realidade a partir de uma base de conhecimentos; o campo interdisciplinar comporta a observação da realidade usando a transferência de conhecimento de uma disciplina para a outra; no campo multidisciplinar, a observação da realidade é

---

[500] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 49. Basarab Nicolescu é um físico teórico e filósofo romeno conhecido por suas contribuições para a física teórica, bem como por seu trabalho em transdisciplinaridade e teoria da complexidade. Desenvolveu especialmente na área de partículas elementares, sendo conhecido por seus trabalhos sobre ressonâncias e dispersão de partículas, bem como pela formulação da Teoria Estocástica das Partículas Elementares. Ele cunhou o termo "transdisciplinaridade" para descrever a necessidade de uma abordagem que vai além dos limites das disciplinas acadêmicas tradicionais.

[501] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 54.

[502] A ontologia constitui a vertente da filosofia dedicada a explorar a natureza do ser, a realidade e a existência dos entes. Ontologia traduz-se como a "ciência do ser". Dessa forma, o termo "ontologia complexa" indica que as relações entre sujeito/objeto e ser/realidade são intrinsecamente complexas, revelando uma interconexão dinâmica e operacionalmente inseparável. Isso ocorre porque o sujeito carrega consigo a realidade que busca objetivar.

[503] NICOLESCU, B., Como podemos entrar em diálogo? Metodologia transdisciplinar do diálogo entre pessoas, culturas e espiritualidades, p. 31-46.

[504] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…,p. 53 (grifo do autor).

[505] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 55.

realizada por disciplinas do conhecimento de forma isolada; no campo pluridisciplinar, a observação da realidade é realizada por várias disciplinas do conhecimento havendo troca entre elas; e por fim, no campo da transdisciplinaridade, a observação da realidade se realiza na interseção dos conhecimentos das disciplinas[506].

O primeiro pilar – níveis de realidade[507] – propõe considerar a realidade multidimensional e multirreferencial. O conceito de realidade designa tudo aquilo que resiste às nossas experiências: representações, descrições, imagens ou até mesmo formulações matemáticas[508]. Estes diferentes níveis são acessíveis ao conhecimento humano em razão da existência de diferentes níveis de percepção, que proporcionam "uma visão cada vez mais geral, unificante, englobante da Realidade, sem jamais esgotá-la completamente"[509]. Nesta direção, conclui-se que a transdisciplinaridade ultrapassa a dualidade que sustenta o pensamento clássico e opõe pares binários, no estilo sujeito-objeto, natureza-cultura, subjetividade-objetividade pelo fato de ser uma unidade aberta que engloba tanto o humano quanto o universo[510].

> Deve-se entender por nível de Realidade um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão radicalmente separadas das leis do mundo macrofísico. Isto quer dizer que dois níveis de Realidade são diferentes se, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como por exemplo, a causalidade). [511]

Se a lógica clássica é regida por 3 princípios: identidade, contradição e terceiro excluído; a visão transdisciplinar propõe a lógica do terceiro incluído, que não anula a lógica do terceiro excluído, mas baseia-se na mecânica quântica, onde os fenômenos apresentam comportamentos que não respondem à lógica clássica por estarem em outro nível de Realidade. As descobertas da Física do século XX

---

506 IAROZINSKI NETO, A.; LEITE, M. S., A abordagem sistêmica na pesquisa em Engenharia, p. 6.
507 Para explicar os diferentes níveis de realidade, Nicolescu parte da área Física, fundamentada na mecânica quântica.
508 "Claro, deve-se distinguir "Real" de "Realidade". Real designa aquilo que é, enquanto Realidade conecta-se à resistência em nossa experiência humana. O "Real", por definição, é para sempre uma incógnita; "Realidade" é acessível ao nosso entendimento" (NICOLESCU, B., Como podemos entrar em diálogo?).
509 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…p. 63.
510 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…p. 64.
511 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…p. 31.

mostram que, nas escalas muito pequenas do interior do átomo, as leis e os conceitos da física newtoniana e da lógica aristotélica não respondem aos fenômenos observados. A lógica do terceiro excluído tem sua validade, como o próprio Nicoslescu coloca, "ninguém pensa em introduzir, numa estrada, um terceiro sentido em relação ao sentido permitido e proibido"[512], contudo esta mesma lógica pode se tornar nociva em contextos mais complexos como o campo social e político, haja vista que atitudes preconceituosas, como o racismo, a xenofobia, a misoginia, a LGBTfobia, entre outros, refletem, de certa forma, a lógica do terceiro excluído reafirmando a visão dualista antagônica entre brancos e negros, pobres e ricos, mulheres e homens, bem e mal etc.[513]

Por fim, a complexidade[514], que já foi abordada no capítulo 3, também fundamenta a transdisciplinaridade e, na visão de Nicolescu, foi o golpe de misericórdia na visão clássica do mundo.

> Ao longo do século XX, a complexidade instala-se por toda parte, assustadora, terrificante, obscena, fascinante, invasora, como um desafio à nossa própria existência e ao sentido de nossa própria existência. A complexidade em todos os campos do conhecimento parece ter fagocitado o sentido. [515]

---

[512] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…p. 40.

[513] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 41.

[514] A teoria da complexidade começou a ser desenvolvida pelo sociólogo e filósofo francês Edgar Morin na década de 1970. Morin dedicou sua carreira a explorar a complexidade dos fenômenos sociais, culturais e científicos, desafiando as visões redutoras e lineares. A teoria da complexidade é uma abordagem interdisciplinar que visa compreender a realidade através da interconexão de diversos elementos e sistemas. A complexidade da teoria de Morin é composta por sete princípios fundamentais: 1) princípio dialógico: destaca a importância do diálogo entre diferentes disciplinas e áreas do conhecimento. Morin enfatiza a necessidade de superar a compartimentalização do saber e promover uma abordagem integrada; 2) princípio holográfico: este princípio refere-se à ideia de que cada parte de um sistema contém a informação de todo. Assim, a compreensão de uma parte do sistema contribui para a compreensão do sistema como um todo; 3) princípio recursivo: a recursividade implica que as ocorrências complexas ocorrem em diferentes níveis de organização e interação entre si. Os processos recursivos são aqueles que se repetem em escalas diversas; 4) princípio da autoeco-organização: os sistemas complexos têm a capacidade de se organizarem e se autorregularem. Isso significa que os sistemas podem evoluir e se adaptar internamente; 5) princípio da diferença-identidade: Morin argumenta que as partes de um sistema são, ao mesmo tempo, identificáveis e diferentes. A noção de identidade-diferença destaca a complexidade das relações dentro de um sistema; 6) princípio da circularidade retroativa: refere-se à influência mútua e interconexão entre os elementos de um sistema. As interações circulares retroativas implicam que as partes de um sistema influenciam umas às outras de maneira dinâmica; 7) princípio da estratificação: destaca a existência de diferentes níveis de organização e complexidade em um sistema. Cada nível possui leis e características próprias, mas também está interligado com os demais (MORIN, E., Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005).

[515] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 43.

Existem diferentes graus de materialidade e por conseguinte, diferentes graus de complexidade: a complexidade intensa em um determinado nível de Realidade pode ser considerada como simplicidade em relação a outro nível de Realidade, "mas a exploração deste segundo nível revela que ele é, por sua vez, de uma extrema complexidade em relação às suas próprias leis"[516] – a complexidade muda de natureza. Cada nível de realidade requer um conjunto de leis para sua melhor explicação. Essas leis se rompem na passagem de um nível a outro. Caso não se rompessem, o conhecimento ficaria restrito a um mesmo nível de realidade ou de materialidade.

O território da sala de aula da Cultura Religiosa é espaço-tempo próprio e propício para o desenvolvimento de uma pesquisa e metodologia transdisciplinar. Evidente que este é um processo a ser desenvolvido não só pelo setor da CRE, mas requer um comprometimento de outros setores, centros acadêmicos, vice-reitorias, professores e estudantes. A Carta da Transdisciplinaridade expressa no seu artigo 5º a necessidade do diálogo entre as ciências exatas e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. Entendemos que a antropologia bio-histórica (e seus desdobramentos) pode responder à necessidade de uma educação mais humanizada e integradora – mãos-mente-coração como indica o magistério de Francisco –, pois todo o trajeto "bio" visa a tessitura da poética, do teatro e das artes em geral no existencial humano. Santos Neto, educador e filósofo, indica que a transdisciplinaridade inclui a dimensão do autoconhecimento e da consciência crítica de si mesmo:

> tão importante quanto conhecer e discutir as ideologias políticas em vista da transformação social é também importante: o autoconhecimento; o trabalho com o corpo, com as emoções, com a razão e com o espírito; o desenvolvimento da consciência ecológica; o respeito pelas diferenças pessoais, coletivas e raciais; a articulação entre o mundo da interioridade e da exterioridade sociopolítico-econômica em uma realidade onde todas as dimensões estão interligadas.[517]

Santos Neto ainda expressa que, para promover uma aprendizagem mais eficaz, é crucial levar em conta a influência de todos os níveis da consciência que

---

[516] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 72-73.
[517] SANTOS NETO, E. dos, Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof, p. 42.

se expressam nas dimensões corporal, emocional, racional e espiritual. Isso implica que o processo de aprendizagem não se restringe apenas ao intelecto, mas abrange também todas as outras dimensões da pessoa[518] – uma educação transpessoal.

Assim como a carta *Ad theologiam promovendam* alerta que a necessária atenção ao estatuto científico da teologia não deve obscurecer a dimensão sapiencial (n.7), o educador, psicanalista e teólogo Rubem Alves explora a interação entre a ciência e a sabedoria no livro *Entre a ciência e sapiência. O dilema da educação*[519]. Alves argumenta que, embora a ciência seja crucial para compreender o mundo material, a sapiência, ou sabedoria, é igualmente importante para lidar com as complexidades da existência humana. O autor destaca as limitações da abordagem científica ao tentar explicar aspectos mais subjetivos da vida, como amor, beleza e significado. Alves entende que a sapiência, que envolve intuição, experiência pessoal e compreensão emocional, desempenha um papel fundamental na apreciação e interpretação desses aspectos mais profundos da existência. O autor também aborda questões relacionadas à educação, questionando o foco excessivo na transmissão de conhecimento científico em detrimento do desenvolvimento da sapiência e da compreensão emocional.

Ao longo do livro, Rubem Alves promove a ideia de uma abordagem mais holística da vida, que integra tanto a ciência quanto a sapiência para uma compreensão mais completa e rica da existência humana. Nesta direção, mais uma vez, entendemos e reafirmamos que, através do desenvolvimento da antropologia bio-histórica com perspectiva aplicada à educação, será possível iniciar um processo de transição no setor de Cultura Religiosa – a corajosa e ousada revolução cultural não ocorre de imediato, pois a mudança envolve a preparação da instituição, do departamento, dos professores, enfim, necessita de planejamento e estratégia para ser implantada[520].

---

[518] SANTOS NETO, E. dos, Por uma educação transpessoal…, p. 70.
[519] ALVES, R., Entre a ciência e a sapiência. O dilema da educação.
[520] Sobre a relação entre ciência e sapiência, trazemos uma série de questões provocativas que podem ser pensadas a partir dessa relação – sempre muito complexa e multifacetada –, a saber: 1) Limites da Ciência: qual é o papel da ciência na compreensão do mundo e da realidade? Existem peculiaridades à abordagem científica quando se trata de aspectos subjetivos da experiência humana? 2) Natureza da Sapiência: como definir e caracterizar a sapiência? Ela é exclusivamente resultado da experiência pessoal, da intuição e da compreensão emocional, ou há elementos que podem ser aprendidos e ensinados? 3) Complementaridade ou Conflito: a ciência e a sapiência são complementares ou há conflitos inerentes entre essas abordagens? Elas podem coexistir de maneira harmoniosa, ou só uma exclusivamente sem a outra? 4) Educação Holística: como podemos

Também significativa para esta aposta no setor da CRE como fronteira para o desenvolvimento da transdisciplinaridade é a própria visão da transdisciplinaridade: "a Realidade engloba o Sujeito, o Objeto e o sagrado, que são as três facetas de uma única e mesma Realidade"[521]. O termo sagrado na transdisciplinaridade não se refere a uma dimensão religiosa específica, mas sim àquilo que escapa a todo saber… Para Nicolescu, o *homo religiosus* é fundamental na transdisciplinaridade[522].

> O sagrado adquire uma condição de Realidade do mesmo modo que os níveis de níveis de Realidade, sem, no entanto, constituir um novo nível de Realidade, porque ele escapa a todo saber. Entre o saber e a compreensão há o ser. Porém o sagrado não se opõe à razão: na medida em que ele assegura a harmonia entre o sujeito e o objeto, o sagrado faz parte integrante da nova racionalidade.[523]

5.5
O sagrado, o transreligioso, o autoconhecimento e a espiritualidade

O sagrado[524] faz parte da nova racionalidade, a atitude/visão transdisciplinar, transreligiosa e transcultural implica justamente numa abertura das culturas/religiões para tudo para todo aquilo que as atravessa e as ultrapassa. Não existe nenhuma cultura/religião que possa ter um lugar privilegiado, a partir do qual se pode julgar ou medir outras culturas/religiões. Talvez esse seja um desafio para

---

incorporar a sapiência na educação formal? Existe uma abordagem educacional que integre efetivamente tanto os conhecimentos científicos quanto os aspectos mais profundos da experiência humana? 5) Ética e Valores: como a ciência e a sapiência influenciam a formação de valores éticos? Existe uma base ética baseada na sapiência que a ciência não pode fornecer? 6) Aplicações Práticas: de que maneira a integração da ciência e da sapiência pode influenciar positivamente a solução de problemas práticos em diferentes áreas, como saúde, tecnologia, meio ambiente e relações sociais? 7) Cultura e Tradição: como as diferentes culturas e tradições abordam a relação entre ciência e sapiência? Existem variações significativas na valorização desses aspectos em diferentes partes do mundo? 8) Mudanças de Paradigma: será que uma mudança de paradigma na forma como encaramos a ciência e a sapiência poderá levar a avanços em nossa compreensão do mundo e na melhoria da qualidade de vida?

[521] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 82.

[522] NICOLESCU, B., A incompatibilidade entre transdisciplinaridade e pensamento único.

[523] NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 82 (grifo do autor).

[524] Nicolescu dedica um capítulo no livro *O manifesto da transdisciplinaridade* para a reflexão sobre o sagrado, que também aborda em entrevistas. Destacamos a relação entre sagrado, liberdade e responsabilidade que não poderemos aprofundar agora, mas está no horizonte para novas e outras leituras: "O sagrado permite o *encontro* entre o movimento ascendente e o movimento descendente da informação e da consciência através dos níveis de Realidade e dos níveis de percepção. Esse encontro é a condição insubstituível de nossa *liberdade* e de nossa *responsabilidade.* Neste sentido, o sagrado aparece como a origem última de *nossos valores*. Ele é o espaço de unidade entre o tempo e o não tempo, o causal e o a-causal" (NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p.139-140, grifos do autor).

algumas denominações cristãs, pois alguns sacerdotes, pastores e fiéis ainda consideram a doutrina cristã "superior" às demais tradições religiosas.

O sagrado também é designado por Nicolescu como terceiro escondido/oculto (*hidden third*), como sendo aquilo que vai além dos níveis de realidade e percepção – "É o fluxo de informações entre os níveis"[525].

> Os níveis são descritos como resistência. Resistência aos nossos experimentos, resistência a imagens, resistência a descrição, resistências... agora... entre os níveis não há resistência. Não há nada o que resistir. Então há uma dialética entre resistência e não resistência. A não resistência está entre os níveis, mas também entre sujeito e objeto. E isso eu chamo de *hidden third* (terceiro escondido). Então o terceiro escondido tem uma estrutura complexa que detém esta região entre objeto e sujeito que os permite de se comunicarem entre si e entre os níveis. É algo que é racional porque é perguntado pela razão, mas não é racionalizável. Em outras palavras, não pode ser formalizado.[526]

O autoconhecimento na perspectiva de Nicolescu é a travessia desses níveis, ou seja, todos os níveis de realidade do objeto e todos os níveis de realidade do sujeito, sendo que não se pode abster do terceiro oculto que está entre os níveis de realidade. O autoconhecimento é um caminho de experimentação, aberto e permanente para toda a vida – "nossa evolução é uma *autotranscendência*"[527]. O *homo sui transcendentalis* é um homem que nasce de novo e este novo nascer é uma potencialidade inscrita no próprio ser.[528]

Parece-nos importante reafirmar o valor do autoconhecimento para a construção de uma sociedade mais humanizada e saudável – aliás, uma premissa antiquíssima, desde "conhece-te a ti mesmo". Nicolescu aponta que a evolução individual e social se condiciona mutuamente, não obstante, se é possível considerar uma evolução individual mesmo na ausência de uma evolução social, o inverso – evolução social sem evolução individual – é inconcebível. "É a orientação do fluxo de consciência que atravessa os diferentes níveis de percepção que dá um sentido – significado e direção – para esta coevolução"[529]. O autoconhecimento será indispensável para a construção da nova humanidade. Neste sentido, entendemos que

---

525 NICOLESCU, B., Autoconhecimento e transdisciplinaridade: diálogos com Basarab Nicolescu sobre ambiente, educação e novas tecnologias. Entrevista a S. L. Pinheiro.
526 NICOLESCU, B., Autoconhecimento e transdisciplinaridade: diálogos com Basarab Nicolescu sobre ambiente, educação e novas tecnologias. Entrevista a S. L. Pinheiro.
527 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 83 (grifo do autor).
528 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…, p. 84. Impossível não lembrar de Jo 3,1-18.
529 NICOLESCU, B., O manifesto da transdisciplinaridade…p. 83.

o desenvolvimento da antropologia bio-histórica e sua respectiva aplicabilidade na educação podem proporcionar um caminho salutar de transformação pessoal-social.

Com relação ao autoconhecimento, cabe-nos ressaltar a relevância atual da experiência de místicos cristãos, como Santa Teresa de Ávila, que em sua doutrina de oração acentua a dimensão da interioridade da pessoa e do autoconhecimento sem perder a dimensão da ação – "A experiência de oração é autoconhecimento e encontro com Aquele que fez no humano sua íntima Morada"[530]. A espiritualidade está, cada vez mais, marcando presença na academia, gradativamente ocupando espaços. Faculdades de medicina, como a da UFF no Rio de Janeiro, adotam a disciplina Medicina e Espiritualidade, porque entende-se que "aprender a cuidar do interior" inclui elaborar o perdão, libertar-se de sentimentos negativos, despertar a consciência e tudo isso reverbera para a saúde integral e para a vida plena. Na ancestralidade-tradição cristã encontra-se um solo fecundo – sobretudo nos textos dos místicos – para que a antropologia bio-histórica, a teologia e a educação possam trabalhar no desenvolvimento da dimensão da interioridade e do autoconhecimento e, seguindo nessa direção, da saúde integral.

Explorando a relação saúde e espiritualidade, cada vez mais as chamadas práticas integrativas – meditação, reiki, massagens energéticas como a ayurveda, acupuntura, yoga, fitoterapia, homeopatia e quiropraxia – ganham espaço e pesquisas tanto nas universidades quanto na área pública[531]. Estas práticas integram a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICs), adotada em 2006 pelo Ministério da Saúde. Também em relação à saúde mental, encontram-se, na área da psicologia, pesquisas que apontam que a espiritualidade/religiosidade pode contribuir de forma muito positiva para a saúde integral.

> Por isso, torna-se relevante criar espaços de discussão e esclarecimento sobre os conceitos de espiritualidade/religiosidade e sua relação com a saúde mental também no âmbito universitário, realizando pesquisas sobre as interfaces entre essas duas realidades humanas e estudando estratégias quanto a sua presença na clínica.[532]

Através da transdisciplinaridade, a espiritualidade é resgatada na academia e passa a ser considerada uma dimensão relevante para que o ser humano possa se

---

[530] CAMPOS, M. B. Experiência de oração: aventura, humanização e relação com Deus em nossa cultura do consumo e do espetáculo, p.157.
[531] MADUREIRA, D., Cientistas investigam como espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo..
[532] OLIVEIRA, M. R. de; JUNGES, J. R., Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos.

realizar e viver plenamente. O singular é que a dimensão espiritual do humano retornou através das pesquisas na Física e não da Teologia ou das Ciências da Religião; e teve especial influência na Psicologia – como se poderia esperar, já que algumas escolas admitiam a importância da dimensão do sagrado/transcendente, como a corrente junguiana e, mais recentemente a psicologia transpessoal que já evidencia a visão transdisciplinar[533].

E, finalizamos este tópico com as palavras de Roberto Crema[534], psicólogo e especialista em abordagem transpessoal:

> Não é possível educar para a Vida, sem o resgate da autêntica espiritualidade. Para isto, temos que transgredir a normose educacional em voga, rumo a uma transdisciplinaridade, com a virtude da transculturalidade, que possa nos abrir os horizontes do potencial da espécie para o tema fundamental da transcendência, da transparência, enfim, da transfiguração, apanágio de uma educação centrada na consciência de inteireza [...] O Sagrado é uma experiência, a partir da qual jorra os valores do respeito, da bondade, da fraternidade, da inclusividade [...] O Olho do Espírito penetra todos os olhares, abrindo-nos para a Realidade Viva, para a Mansão do Amor.[535]

5.6
Imaginação, imaginando e imaginário

Uma outra humanidade, uma nova sociedade, uma civilização original. Esse processo dinâmico – humanidade/sociedade/civilização – não ocorre de forma aleatória ou por uma intervenção divina. Antes de tudo, é preciso sonhar uma nova humanidade, é preciso imaginar. E a imaginação é essa capacidade humana de criar imagens mentais, ideias ou conceitos que não estão presentes na realidade tangível. É também a faculdade cognitiva que permite a simulação de experiências passadas, a exploração de possibilidades futuras e a criação de realidades alternativas, daí sua importância nesta segunda década do século XXI, já que precisamos nos recriar enquanto humanidade solidária, civilização do amor.

---

[533] A Psicologia Transpessoal é uma abordagem criada em 1968 por Abraham Maslow, Anthony Sutich, James Fadiman, Stanislav Grof e Viktor Frankl e oficializada através da criação da Association for Transpersonal Psychology e do Journal of Transpersonal Psychology em 1969, na Califórnia, Estados Unidos. Nessa abordagem, a espiritualidade é entendida como uma dimensão humana que se relaciona com a construção e emergência de valores perenes e com a produção de sentido para a vida.

[534] Reitor da Unipaz, mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Université Paris 13, psicólogo, antropólogo, especialista na Abordagem Transdisciplinar Holística, com formação em diversas abordagens humanísticas e transpessoais, criador do enfoque Síntese Transacional – uma Ecologia do Ser.

[535] CREMA, R., Inteligência integral: o desafio transdisciplinar.

A imaginação não é apenas um refúgio para sonhadores; é uma fonte inesgotável de inovação e progresso. Grandes descobertas, avanços científicos e obras de arte muitas vezes têm suas raízes na capacidade única do ser humano de conceber o inédito. Da tela em branco ao laboratório de pesquisa, a imaginação é a musa que inspira a criação e impulsiona a busca pelo desconhecido.

Na tradição católica, os exercícios espirituais de Santo Inácio se utilizam da imaginação para fazer com que o praticante tenha uma experiência interna da pessoa de Jesus Cristo[536]. Já refletimos sobre a antropologia inaciana contida nos exercícios e pudemos constatar a importância do corpo, dos desejos, dos sentidos, dos afetos e da imaginação. A capacidade da imaginação em ativar e despertar o terreno dos desejos traz transformações na sensibilidade e no afeto. Os exercícios muitas vezes incluem contemplações imaginativas, nas quais os praticantes são encorajados a visualizar cenas bíblicas e a entrar nelas usando seus sentidos internos. A ideia por trás disso é que a imaginação pode ser uma ponte para uma experiência mais profunda da presença de Deus. Ao envolver a mente e os sentidos internos, há a possibilidade de se experimentar uma transformação interior e um crescimento espiritual.

A imaginação tem papel crucial no desenvolvimento da criatividade – a função criativa da imaginação permite que novas ideias sejam gestadas e geradas, que soluções inovadoras tomem materialidade, que problemas possam ser abordados por novas formas. A imaginação também desempenha um papel na expressão emocional, dado que, por meio da criação de histórias, arte ou música, as pessoas podem expressar emoções complexas e explorar aspectos subjetivos de suas vidas. Outro elemento significativo a destacar é que, através do jogo imaginativo e da criação de histórias, as crianças desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

Imaginar ou sonhar o mundo se integra à dimensão da performance – sem dualismos –, os sonhos podem ser motores poderosos para uma mudança no agir e na transformação social. A arte já versou sobre tema na imortal música de John Lennon, Imagine, e em muitas outras, e na filosofia ocidental a imaginação já foi

[536] LOYOLA, I., Exercícios espirituais.

abordada por vários ângulos e por diversos autores[537]. Pode-se dizer que, ao longo da história ocidental, a imaginação foi abordada com um olhar multidisciplinar, o que é bem construtivo e interessante para uma maior compreensão da cognição humana, já que a imaginação parece se fazer presente no processo criativo e na apreensão enriquecida da realidade.

A relação entre arte e imaginação é intrínseca e profunda, como um delicado balé entre duas almas interligadas. A arte é a manifestação tangível da imaginação, um meio pelo qual as emoções, pensamentos e sonhos mais profundos ganham vida. Essa relação transcende as barreiras do tempo e da cultura, alimentando-se mutuamente para criar um mundo de possibilidades infinitas. A imaginação é o sopro inicial, o ponto de partida para a jornada criativa; por sua vez, a arte nutre a imaginação, proporcionando um canal para que a mente criativa expresse suas ideias mais profundas, criando um ciclo contínuo de inspiração e inovação.

O papel da imaginação, ou do imaginar, é fundamental para a construção de uma nova realidade, pois a capacidade de imaginar diferentes possibilidades é crucial para a inovação e a transformação social. A imaginação também se faz necessária para compreender e respeitar a pluralidade existente no mundo, facilitando a coexistência pacífica na esfera pública. Imaginar pode ser um bom catalisador para a mudança social.

A *imagin*-ação[538] é a centelha que transforma a jornada diária em uma aventura, tornando cada passo uma oportunidade para descobertas e em um mundo muitas vezes guiado pela lógica e pela razão, a imaginação é o antídoto que desafia a monotonia da rotina. O processo educacional pode estimulá-la, pois a imaginação

[537] Trazendo I. Kant, como um dos exemplos: em *Crítica da Razão Pura*, a imaginação é discutida especialmente na seção dedicada à estética transcendental, onde Kant explora a natureza da sensibilidade e a relação entre a imaginação e a percepção (KANT, I., Crítica da Razão Pura); já Merleau-Ponty, filósofo que abordamos especificamente para falar sobre corpo e percepção no capítulo anterior, também reflete sobre a imaginação. Na visão deste autor, a imaginação é parte integrante da percepção, sugerindo que ela contribui para a compreensão e interpretação do mundo. É relevante indicar que no caso de Merleau-Ponty, a imaginação está entrelaçada com outros temas como a corporeidade, intersubjetividade e para se ter uma amplitude sobre o tema seria necessária uma leitura mais acurada de toda a obra do autor. O filósofo e educador John Dewey – outro exemplo que trazemos – enfatiza a relação entre imaginação, experiência significativa e resolução de problemas do mundo real em sua filosofia educacional, particularmente em obras como Democracia e Educação (DEWEY, J., Democracia e educação: introdução à filosofia da educação). Além desses citados, muitos outros autores já refletiram sobre o papel da imaginação nos diversos aspectos da vida e das relações humanas.

[538] Imagem em ação.

é como uma força motriz que eleva a experiência humana, transformando o ordinário em algo extraordinário.

5.7
Rota de transição

Pelos estudos que realizamos a partir do tema da transdisciplinaridade e com o aporte da antropologia bio-histórica, podemos concluir que a Cultura Religiosa reúne elementos e qualidades para nutrir a universidade com um saber e uma performance verdadeiramente humanística, que faça a diferença na formação e educação dos jovens – a diferença católica. Como vimos, a CRE é um setor que transpassa por todos os departamentos, nenhum órgão tem a mesma dinâmica na PUC-Rio, daí a necessidade de olhar essa diferença com o rigor de uma pesquisa como a que realizamos – fazendo memória da história do setor, elencando características, atributos e predicados, relacionando as influências teológicas, temporais e institucionais que proporcionaram as mudanças que se processaram ao longo destes 50 anos, fornecendo reflexões a partir de pesquisas com as juventudes e tudo o mais que apresentamos ao longo desta tese.

A PUC-Rio está em processo de transformação; o século XXI apresenta desafios constantes e intensos e a universidade quer proceder com excelência acadêmica e humana – uma "renovação na continuidade", como proferiu o Pe. Anderson Antonio Pedroso, dia 30 de junho de 2022, durante a cerimônia de sua posse como reitor[539]. Assim, a proposta de imaginar e propor uma renovação na CRE encontra-se alinhada a 2 perspectivas: está em sintonia com os novos parâmetros estabelecidos pela reitoria – renovação na continuidade – e com o Pacto Educativo Global do magistério do papa Francisco.

Renovação com continuidade pressupõe saber-se, conhecer-se, inteirar-se de seus processos, das potencialidades e das dificuldades. E mesmo assim, ainda é possível se equivocar em algumas das questões e/ou considerações; contudo sem o autoconhecimento e o autoreconhecimento do seu lugar diferenciado na universidade, o transcurso da Cultura Religiosa no século XXI pode se tornar bem mais árduo e inadequado às demandas das juventudes. A Cultura Religiosa é, de fato, o diferencial católico na universidade, é o setor que melhor representa o

[539] PEDROSO, A. A., Discurso de Posse.

binômio identidade e missão da PUC-Rio. A CRE é o rosto da teologia para as juventudes – quiçá para outras instâncias também – e este fato comporta dois olhares. O primeiro, da grande responsabilidade que o setor tem frente à comunidade. O segundo, da grande oportunidade para a realização de uma criativa evangelização, do amplo potencial para desenvolver uma educação verdadeiramente humanizadora e transdisciplinar.

Retornando ao capítulo 2 desta pesquisa, dissemos que na sociedade europeia do século XIX o adjetivo católico representava a confessionalidade e marcava substancialmente a identidade de uma universidade em um contexto claramente desfavorável à Igreja e à doutrina cristã. Na época dos fundadores da PUC-Rio, na década de 1940, as disputas educacionais de então guardavam um pouco desta lógica antirreligiosa, tanto que a PUC-Rio fez parte de um movimento que foi denominado "recatolização" ou restauração católica. E no Brasil do século XXI? Podemos fazer algumas relações entre a época de fundação da PUC-Rio e hoje? O que podemos aprender olhando para a história? Hoje temos um contexto muito mais plural, tanto em termos culturais quanto religiosos.

5.7.1
Relações entre ontem e hoje

Este tópico pretende levantar questões e não apresentar respostas. Apresenta algumas relações que podem ser importantes para mobilizar o planejamento do setor nos anos vindouros. A humanização é o fundamento da educação católica da PUC-Rio e esse fundamento está situado num horizonte de sentido público-político-espiritual. Estamos direcionando o olhar para a dimensão público-político-espiritual porque, conforme descrito no capítulo 3, a leitura sociocultural contemporânea apresentada indica desafios significativos, e a história da instituição pode ajudar no discernimento, já que sua fundação também se estabeleceu numa época dinâmica e conturbada.

Uma primeira relação e diferenciação é atinente às disputas ateus x católicos. O início do século XX estava impregnado por ideias dos humanistas ateus como Marx, Freud e Nietzsche que reverberavam em diversas áreas. O ateísmo não parece ser uma ameaça no Brasil de hoje. De fato, cresce o número de pessoas sem religião institucionalizada – como vimos na pesquisa com alunos – mas o número de ateus não é expressivo quantitativamente. Pelo contrário, estamos presenciando um

número crescente de Igrejas evangélicas em diversos estados brasileiros e o Brasil lidera o ranking dos países onde mais se acredita em Deus[540].

Olhando pelas lentes da história da PUC-Rio e através da dimensão teopolítica da realidade, conforme apresentado no capítulo 3, pode-se perceber que religião e política estão sempre imbricadas. A recatolização foi possível por influência e confluência de diversos fatores, mas é inegável que os intelectuais católicos formaram uma extensa rede que atuava pública e politicamente – utilizando-se de veículos de comunicação como a revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital e suas "filiais" por todo Brasil, estabelecendo relações com ministros do governo, promovendo eventos de grande porte como o Congresso Eucarístico – como narrado no capítulo 2, um movimento que foi orquestrado pelo então Cardeal Dom Leme. Havia uma liderança e uma rede que gerava capilaridade na atividade do grupo.

No início da década de 2020, o Brasil conta com muitas igrejas e muitos cristianismos. Conforme descrito no capítulo 3, há autores que atentam para um projeto de cristofascismo a ser instaurado em solo brasileiro. Interessante observar que, nas disputas entre ateísmo/comunismo/liberalismo, alguns intelectuais católicos flertaram com o fascismo da época e, hoje, alguns pastores fundamentalistas e midiáticos são acusados de gozar da mesma ideologia.

O projeto de uma teologia fundamentalista moderna, como mencionado no capítulo 3, tem influência e representação parlamentar. O perigo agora não é a não crença, mas talvez, o excesso de crença – o fato de o Brasil ser um dos países onde mais se acredita em Deus, não significa que seja o mais religioso[541]. Há um movimento evangélico fundamentalista que visa a recristianização da sociedade e, na sua performance, este movimento é bem parecido ao movimento católico do século XX – a restauração católica – que gerou a fundação das Faculdades Católicas. Senão, vejamos: o Brasil tem, no ano de 2024, uma expressiva bancada evangélica no Congresso Nacional, um ministro do Supremo Tribunal terrivelmente

[540] MORI, L., Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus. Interessante alguns dados apresentados. Segundo a matéria, já há mais jovens evangélicos do que católicos no Brasil de hoje.

[541] MORI. L., Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus. No Brasil. "89% dos entrevistados no país disseram crer em Deus ou um poder superior, só 76% afirmaram seguir uma religião". Em comparação a outros países/religião: Índia com 99%, Tailândia com 98% e Turquia com 86%.

evangélico, muitos programas de TV e rádios para divulgação de suas doutrinas e ainda conta com grandes eventos como a “Marcha para Jesus”.

Na prática, encontramos grupos cristãos propagando discursos de ódio contra outras religiões, retratando-as de forma negativa e demonizando seus praticantes; igrejas usando táticas de pressão psicológica ou manipulação emocional para converter pessoas; discriminação contra membros de outras religiões em diversas esferas da vida social, como emprego, educação, moradia e acesso a serviços públicos; restrição da liberdade religiosa de grupos minoritários, negando-lhes o direito de praticar suas crenças livremente ou construir templos religiosos, seja por meio de influência política, pressão social ou até mesmo violência física.

Diante desta realidade lida através da dimensão teopolítica e da análise comparativa com o movimento de recatolização que gerou a universidade católica, podemos perguntar: qual o papel da PUC-Rio e da Cultura Religiosa neste contexto? Qual o papel da universidade católica frente a este movimento evangélico fundamentalista? No século XX, clero e laicato se articularam para reagir a um contexto nitidamente anticatólico na sociedade. Hoje o contexto é outro, a ameaça não é o ateísmo e o comunismo – ainda que algumas pessoas possam crer nessa configuração –, a ameaça vem do próprio cristianismo e de teologias fundamentalistas que são, fundamentalmente, desumanizadoras. Repetindo: qual o papel da PUC-Rio e da Cultura Religiosa neste contexto?

5.7.2
Estrutura e comunicação

A orientação de se ter uma rota de transição para um novo modelo educacional no setor da CRE é necessária, porém o fundamental é saber o sentido, a direção e onde se deseja chegar. O grande mérito e diferencial da CRE é sua proposta de humanização que transpassa todos os cursos e profissões, assim a possibilidade de implementar um modelo transdisciplinar é bem concreta; e também corroboram para isso as razões já apresentadas neste capítulo – o movimento kenótico, a extensão universitária, por a CRE estar numa região de fronteira e poder articular as diferenças ressignificando-as.

O primeiro ponto a destacar é a necessidade de um novo espaço para o setor. A CRE necessita de uma melhor estrutura para a sua organização. Existe uma composição de funcionários fixos e os professores horistas que entram e saem nas

disposições do setor em fluxo contínuo, mas necessitam de espaço, mesa para reuniões, computador, sala para receber estudantes etc. O setor, que atende semestralmente quase 4 mil estudantes[542], tem entre 25 e 30 professores e apenas uma secretária e dois auxiliares que apoiam os professores com os equipamentos tecnológicos em sala de aula. A título de comparação, a faculdade de teologia tem uma secretária para menos de cem estudantes, a pós-graduação também tem uma secretária para poucos estudantes e a teologia a distância também tem uma secretária para bem menos de 4 mil estudantes.

Faz-se necessário pensar uma nova estrutura para que a CRE possa caminhar em direção à transdisciplinaridade e isto inclui uma estrutura local e de funcionários. Alguns equipamentos, como computadores e caixas de som, que se utilizam em sala de aula, precisam de revisões periódicas, e mesmo os computadores disponíveis na sala da CRE também precisam de upgrade, troca de componentes etc.

Repensar o espaço físico da CRE é o primeiro passo para uma mudança de olhar, tanto dos professores do departamento quanto dos demais setores da universidade. O espaço físico da CRE deve espelhar o momento de transição que requer originalidade, criatividade e inovação – a renovação com continuidade. Necessário que seja elaborado um conceito e/ou imagem que possa expressar este momento do setor, e após discernimento de uma equipe definida para planejar esta transição, seria ideal consultar os departamentos de design e/ou arquitetura para montar o projeto do espaço físico novo da CRE.

Concomitantemente a este projeto de repensar o espaço físico, será urgentíssimo desenvolver um novo logotipo para a Cultura Religiosa. O atual (anexo 1) está totalmente ultrapassado. Há muitas cores e muita informação – cristo redentor, flor, sol, coração, muitas palavras. O que isto significa? Qual a identidade do setor, que conceito foi desenvolvido? Qual é a personalidade da logomarca? Quais são os valores essenciais que quer transmitir? O logotipo deve ser simples, pois elementos complicados – como é o caso – tendem a perder a clareza em tamanhos menores; também deve funcionar bem em diferentes mídias e tamanhos sendo recomendável que seja reconhecível em preto e branco, bem como em escala reduzida.

[542] Tendo como referência o primeiro semestre de 2024.

O ideal é que tanto o projeto de reconfiguração do espaço físico quanto o novo logotipo fossem realizados no mesmo conceito, mesma concepção e pela mesma equipe para que haja uma integração na linguagem e na imagem. Este processo de mudança visual marca o início de novo período e da rota de transição para que o setor da CRE possa se fortalecer no que ele é, na sua identidade: um entrelugar na academia, uma região de fronteira, com suas negociações e seu hibridismo e considerando tudo isso como um valor acadêmico e uma oportunidade de humanização no mundo contemporâneo.

Um outro aspecto, igualmente urgente e importante, é dispor de uma, duas pessoas ou mesmo uma equipe maior para realizar a comunicação da CRE, tanto internamente para professores e funcionários do departamento, quanto para os estudantes e demais setores da universidade. Apesar de o departamento ter um quadro de pessoas para cuidar da comunicação, não é suficiente para atender a demanda que o setor de Cultura Religiosa necessita. As recentes experiências que ocorreram em relação às Semanas da CRE (2021, 2022, 2023) foram frustrantes em diversos aspectos, desde a concepção, criação e divulgação do evento e dos materiais, até problemas técnicos que não foram solucionados e persistiram ao longo da realização das semanas.

É fundamental que o setor de Cultura Religiosa tenha uma comunicação eficiente, fácil de entender e livre de ambiguidades. As mensagens do setor devem ser consistentes entre si e alinhadas com os valores e a identidade da CRE. A transparência é crucial para construir confiança – uma comunicação aberta e honesta, mesmo em situações difíceis. É igualmente relevante que as informações estejam disponíveis e acessíveis a todos os públicos a que se dirigem. Isso inclui a utilização de diferentes canais de comunicação e linguagens. Também é importante estabelecer canais para receber feedback e estar disposto a ouvir e responder às preocupações e questões que forem apresentadas.

O segundo passo a ser concretizado, depois de estabelecido novo logotipo, equipe de comunicação, canais etc., será elaborar um vídeo institucional do setor que possa ser apresentado aos universitários e aos outros departamentos da universidade[543]. Mais uma vez, há a necessidade de uma equipe de comunicação específica da CRE que possa desenvolver um roteiro bem estruturado e envolvente,

[543] Durante a coordenação da Prof. Lúcia Pedrosa de Pádua foi realizado um vídeo institucional da CRE que atualmente está desatualizado em função das muitas mudanças realizadas no setor.

com uma narrativa visual que mantenha consistência com a nova identidade visual da CRE, incluindo cores, logotipo e fontes. É imprescindível que se garanta boa qualidade de produção e isso inclui áudio, iluminação e resolução de vídeo.

Como podemos perceber, há muito trabalho a ser feito ainda no início da fase de transição. Destacamos, neste tópico, alguns aspectos no âmbito da estrutura física e da comunicação que consideramos urgentes e fundamentais, entretanto o mencionado não esgota toda a necessidade de ambos os aspectos – estrutura e comunicação. É preciso ir além do que foi apontado nos parágrafos acima. Mas já será um bom começo se for possível implementar. O processo de reestruturação apontado aqui também é interdisciplinar, para elaborá-lo será necessário, além do Departamento de Teologia, o envolvimento de outros departamentos da PUC-Rio (e seus organismos internos) no caso, os departamentos de design, de arquitetura e de comunicação.

5.7.3
Docentes e formação continuada

Um ponto muito sensível ao setor é a demanda dos docentes, que são variáveis, múltiplas e heterogêneas. Neste sentido, a reestruturação pode assumir uma perspectiva ameaçadora para alguns docentes mais rígidos às mudanças; estes/as podem se sentir inseguros/as frente às novas coordenadas. Por outro lado, outros/as poderão considerar a transição como uma oportunidade de adequar o setor às novas realidades, de introduzir a antropologia bio-histórica à educação e contribuir para uma maior humanização da sociedade e para o fortalecimento do Pacto Educativo Global. O aspecto da insegurança pode ser minimizado de dois modos que são conjugados. Um modo é a comunicação simples e eficiente que explicitamos no tópico anterior, e a outra maneira para minorar a insegurança é a realização de um programa de formação continuada que possa preparar os docentes para o trabalho transdisciplinar.

Num primeiro momento, é necessário pensar e elaborar uma estratégia de trabalho e uma agenda para a formação continuada. A formação continuada pode ser oferecida em diferentes formatos. Pode ser realizada em workshops, em encontros presenciais e/ou virtuais com especialistas e/ou autoridades em determinadas áreas, pode ser efetivada através de vídeos específicos sobre temas

pertinentes aos estudos do grupo, pode ser feita com indicações e sugestões de livros e textos e posterior debate. E pode ser concretizada com todas as opções citadas.

Nesse momento de transição, é oportuno que a CRE tenha orientação da área pedagógica, pois ela é fundamental para promover o desenvolvimento profissional, melhorar a prática docente e, consequentemente, favorecer o aprendizado dos alunos. Antes de iniciar, é essencial conhecer os professores para entender suas experiências, desafios, pontos fortes e áreas que precisam de desenvolvimento. Neste processo de formação continuada, também é significativo que haja a colaboração entre os professores, que se promova a troca de ideias e experiências. Isso pode ocorrer por meio de reuniões colaborativas, grupos de estudo ou fóruns online, por exemplo.

O processo de formação continuada não se limita apenas ao aspecto pedagógico-profissional, ele contribui para o desenvolvimento pessoal, aumentando a autoconfiança, a satisfação no trabalho e a qualidade de vida do docente. Se bem planejado e elaborado, também incentiva a busca por soluções inovadoras e novas abordagens para problemas. Nesse sentido, os docentes bem treinados são mais propensos a contribuir para a inovação em suas respectivas áreas de atuação.

Uma questão mais complexa que se coloca em relação à formação continuada é referente ao tempo disponível dos docentes para esta formação, já que todos são horistas e muitos trabalham em outras instituições. Não há uma solução imediata para isso, mas talvez o uso de ferramentas de inteligência artificial como *Slack*, *Trello* ou *Asana*[544] poderia facilitar a comunicação assíncrona e a colaboração, reduzindo a dependência de reuniões síncronas. Evidente que os docentes devem passar por um treinamento para utilizar estas ferramentas, mas o bom é que há muitos tutoriais no Youtube e informação não será problema para o aprendizado e aplicação dessas plataformas.

---

[544] *Slack*, o *Trello* e o *Asana* são ferramentas de colaboração e gestão de projetos, cada uma com suas próprias funcionalidades e propósitos específicos. O *Slack* é uma plataforma de comunicação que facilita a comunicação/interação em equipe. Ele fornece canais de comunicação em tempo real, mensagens diretas, compartilhamento de arquivos e integração com diversas outras ferramentas. O *Trello* é uma ferramenta de gerenciamento de projetos baseada em quadros visuais. Ele utiliza o conceito de quadros, listas e cartões para ajudar equipes a organizar e priorizar tarefas. O *Asana* é uma plataforma de gestão de projetos que permite que as equipes planejem, monitorem e coordenem suas atividades. Ele é projetado para ajudar as equipes a colaborar de forma eficiente e manterem-se organizadas.

5.7.4
As disciplinas, os 12 créditos

Se o tópico anterior consideramos como um ponto sensível, este tópico pode ser apreciado como uma questão delicada – ou seja, algo bem parecido com o item anterior na sua complexidade. As 4 disciplinas são, efetivamente, bem elaboradas e aplicadas pela equipe de professores. As mudanças que ocorreram neste processo ou agregaram valor, como no caso da extensão, ou possibilitaram uma adequação à contemporaneidade, no caso dos EADs, ou ainda proporcionaram uma conformidade ao magistério de Francisco, no caso da Ética Socioambiental e Direitos Humanos. O modelo de 4 disciplinas com 12 créditos está atuante e eficiente desde a década de 1980. Mudar requer coragem e ousadia.

Consideramos que este seria o último passo nesse processo de transição e, evidentemente, requer que as etapas anteriores estejam bem definidas e assimiladas tanto interna quanto externamente ao setor de Cultura Religiosa. Posto isso, é necessário que se estabeleça uma comissão transdisciplinar para pensar, planejar e acompanhar este processo.

A implementação de uma abordagem transdisciplinar no currículo da Cultura Religiosa requer que todos os envolvidos compreendam o que significa transdisciplinaridade, daí a importância de oferecer uma formação aos participantes e do estímulo a uma cultura que valorize a colaboração e a troca de ideias entre diferentes disciplinas. Todo esse decurso precisa de tempo para ser completado, a efetivação da abordagem transdisciplinar não será alcançada a curto prazo e, ainda assim, sempre deve ser revista.

Posto isto, avaliamos não ser proveitoso realizar, no momento, especulações de como poderiam ser as novas disciplinas a serem lecionadas – já que a transdisciplinaridade não elimina as disciplinas – e/ou como a abordagem transdisciplinar pode ser implementada. A máxima “o caminho se faz caminhando” teve seu princípio aqui aplicado; e nesse sentido, o processo de implantação do projeto piloto da curricularização da extensão teve sua última etapa no ano de 2024: Ética Cristã no primeiro semestre e Ética Socioambiental e Direitos Humanos no segundo semestre. Será necessário realizar uma avaliação e provavelmente haverá

ajustes, adequações e melhorias no processo de extensão – como dissemos, é um projeto-piloto experimental.

A extensão universitária, de certa forma, colocou as disciplinas da CRE sob os holofotes acadêmicos. Das 4 modalidades de extensão oferecidas pela PUC-Rio, a CRE é a base de 3 delas[545]: i) a categoria extensionista 1 (modalidade A) é composta por disciplinas de Cultura Religiosa e por disciplinas obrigatórias do curso de origem do estudante; ii) a categoria extensionista 2 (modalidade B) é composta por disciplinas de Cultura Religiosa e por disciplinas do grupo de optativas em extensão que engloba disciplinas do departamento de origem do estudante e tópicos especiais em extensão oriundos de diversos departamentos; iii) a categoria extensionista 3 (modalidade C) é composta por disciplinas de Cultura Religiosa, por disciplinas obrigatórias do curso de origem do estudante e por disciplinas do grupo de optativas em extensão que engloba disciplinas do departamento de origem do estudante e tópicos especiais em extensão oriundos de diversos departamentos; iv) a categoria extensionista 4 (modalidade D) atende exclusivamente ao Departamento de Teologia. Ela é composta por disciplinas obrigatórias do curso de origem do estudante e por disciplinas do grupo de optativas em extensão que engloba disciplinas do departamento de origem do estudante e tópicos especiais em extensão oriundos de diversos departamentos.

As disciplinas da Cultura Religiosa são fundamentais para compor o processo de curricularização da extensão na universidade, e isso deve ser avaliado e mensurado no processo de "renovação na continuidade". Cabe uma observação. É singular e um tanto limitante que as disciplinas da CRE não possam oferecer as horas de extensão aos estudantes do curso de teologia. Perde-se uma oportunidade de construir uma integração entre os estudantes de teologia e os estudantes de outros cursos.

5.7.5 Atualização das disciplinas EAD

Ainda dentro da rota de transição, será necessário mais uma atualização no sistema/plataforma de educação a distância das 4 disciplinas. Este upgrade não atingirá tanto o conteúdo das disciplinas – que provavelmente irá sofrer uma revisão

[545] Informações obtidas na página da vice-reitoria de extensão e estratégia pedagógica. Disponível em: https://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vreep/disciplinas.html. Acesso em: 30 dez 2023.

devido a alguma mudança no panorama, como por exemplo, os números atualizados do censo religioso brasileiro de 2022 –, mas principalmente sobre a forma e a estética dos cursos on-line.

O CCEAD – Coordenação Central de Educação a Distância – realiza semestralmente uma pesquisa com alunos sobre a disciplina oferecida em EAD e, posteriormente, envia os resultados ao setor, disponibilizando-os também para os professores que atuaram nas turmas do referido período. Com base nas respostas, a principal sugestão é que se disponibilize o conteúdo com mais vídeos. De fato, os cursos EAD têm uma média de 10 páginas para cada aula e ainda que seja bem dinamizado com cores, imagens e com vídeos, a maior parte do conteúdo ainda se encontra escrito, ou melhor, duplamente escrito, pois além de disponibilizar o texto no sistema *moodle*, também é possível baixar o PDF da aula e ler o conteúdo off-line.

Para o conteúdo ser colocado em vídeos, será necessário montar um projeto de atualização, disponibilizar uma equipe – se possível, interdisciplinar, juntamente com o CCEAD – para desenvolver esta tarefa. Além de vídeos, é inclusivo colocar as aulas no formato de podcast, pois estudantes que possuem algum problema de visão se sentirão mais confortáveis no acesso. A aula-podcast também é útil para os estudantes que estão em locomoção, em alguma condução, pois poderão acompanhar as aulas com seus celulares e fones de ouvido, ou mesmo quando estiverem fazendo uma caminhada na beira da praia.

Estas são algumas sugestões para as pequenas atualizações levando em conta as revisões que podem ser realizadas em EAD; posteriormente, haverá necessidade de repensar o EAD com a abordagem transdisciplinar. No ensino a distância também está sendo implementada a extensão, portanto, consideramos que a mudança para uma abordagem transdisciplinar deve começar a ser pensada/construída em seguida à concretização do projeto-piloto da curricularização da extensão das 4 disciplinas.

5.8
A antropologia bio-histórica e a transdisciplinaridade

A proposta de desenvolver uma antropologia bio-histórica, de caráter interdisciplinar, visa alinhar o passo, a coreografia, o movimento em direção à transdisciplinaridade. Elaborar uma disciplina que em sua gênese nasce híbrida,

combinando e inserindo elementos de diferentes disciplinas, é uma tentativa de responder à complexidade do mundo e ao contexto que se apresenta nas salas de aula da Cultura Religiosa.

É possível ampliar a antropologia bio-histórica trazendo aproximações de outras disciplinas, além das que foram interseccionadas à antropologia teológica nesta pesquisa. Privilegiamos congregar antropologia e arte, pois consideramos a arte uma expressão intrínseca à condição humana, uma linguagem universal que transcende fronteiras e conecta indivíduos através das emoções, da estética e da criatividade. Ao longo da história, a arte desempenhou um papel fundamental na humanização da sociedade, moldando identidades culturais, promovendo a reflexão e proporcionando uma profunda compreensão da experiência humana. O mundo seria menos interessante e belo sem as pinturas de Kandinsky e de Beatriz Milhazes, sem as obras de Shakespeare, sem as letras de Chico Buarque, sem os versos de Adélia Prado, sem a música de Mozart.

A arte é um veículo para a compreensão e a conexão emocional entre indivíduos e pode promover a solidariedade e a coesão social, pois oferece um espaço para a expressão livre de ideias e perspectivas diversas, incentivando o diálogo e a tolerância. Através da criatividade artística, é possível questionar normas estabelecidas, explorar novas possibilidades e enxergar o mundo sob diferentes prismas. A arte, assim, contribui para a formação de uma sociedade mais aberta, inclusiva e receptiva à diversidade.

A dimensão estética da arte também exerce um papel fundamental na humanização, posto que a beleza eleva a experiência humana para além do utilitarismo cotidiano, nutrindo a alma e alimentando a imaginação. Essa busca pela beleza e significado na arte é um impulso demasiadamente humano, afinal só os humanos fazem arte. A experiência artística também desempenha um papel significativo no desenvolvimento pessoal e na saúde mental, vide o trabalho pioneiro realizado na psiquiatria pela médica Nise da Silveira: “O impacto primeiro [do trabalho de Nise] é de ordem filosófica: a psiquiatria não é apenas um ramo da medicina, mas um saber plural, poético e intenso”[546].

Agregamos também à antropologia bio-histórica o olhar do médico Jacob Levy Moreno, que desenvolveu a técnica-terapia denominada

[546] LUCCHESI, M., Conheça Nise da Silveira, pioneira no uso da arte como terapia psiquiátrica..

psicodrama/sociodrama que tem suas origens no teatro, também uma arte. De certa forma, Moreno entendia que a teatralização da vida ilumina as sombras, destaca as contradições e oferece um espaço onde as narrativas humanas podem ser contadas, questionadas e reconstruídas. Para Moreno, "o princípio fundamental que subjaz a todas as formas de psicoterapia é o encontro [...] O encontro é a base real do processo terapêutico"[547], e a universidade é o lugar privilegiado para uma cultura do encontro[548].

Também Victor Turner introduziu o termo performance devido aos estudos que realizou dos rituais das sociedades tradicionais e da teatralização das experiências da vida que os rituais evidenciavam. Paul Zumthor explora de maneira profunda a relação entre a oralidade e a literatura, destacando como a voz e a performance desempenham papéis fundamentais na experiência poética. A voz é mais do que um mero meio de expressão; ela é intrinsecamente ligada ao significado e à criação poética. Zumthor aborda questões de performance, memória e transmissão oral, oferecendo uma perspectiva única sobre a dinâmica entre o texto e o contexto social em que é apresentado.

Por isso, dizemos que ao elaborar a antropologia bio-histórica privilegiamos o enfoque da arte e da cultura. Arte é um dos elementos que distinguem o ser humano de outras espécies animais e desempenha um papel crucial na expressão, comunicação e compreensão da experiência humana. Além de todas as peculiaridades que já foram apresentadas sobre a arte, também é válido ressaltar que ela pode servir como uma forma de preservar a história e a memória. Pinturas, esculturas, literatura e outras formas artísticas muitas vezes documentam eventos históricos e culturais, proporcionando uma visão única do passado. Desempenham um papel vital na construção e na expressão da identidade cultural, na medida que refletem os valores, tradições e mitologias de diferentes sociedades ao longo do tempo.

Contudo, a antropologia bio-histórica pode ainda incorporar reflexões de outras disciplinas e autores, desde que não fuja do perfil integrador das dimensões de performance e hermenêutica, presença e sentido. Isto porque, a abordagem transdisciplinar – que é onde queremos chegar – vai além das fronteiras das disciplinas acadêmicas tradicionais, buscando integrar diferentes áreas de

[547] MORENO, J.; MORENO, Z.T., Fundamentos do psicodrama, p. 234.
[548] FRANCISCO, Encontro com o mundo da cultura..

conhecimento para abordar questões complexas, caracterizando-se pela cooperação e interação entre diversas disciplinas, ultrapassando as limitações das abordagens disciplinares isoladas. Neste sentido, a construção de uma antropologia bio-histórica pretende ser mais um passo na direção de uma abordagem transdisciplinar (ou um transbordamento disciplinar) para ampliar as aproximações e integrar novos conhecimentos à antropologia.

Nascemos humanos e devemos nos tornar co-humanos pelo processo social e educativo. A ideia de uma co-humanidade refere-se à concepção de um humano colaborativo, interdependente e solidário. Na perspectiva de uma co-humanidade, a identidade individual está intrinsecamente ligada à comunidade. Cada pessoa é vista como parte de uma teia interdependente de relações, e a realização pessoal está vinculada ao bem-estar coletivo. Pertença e engajamento comunitário podem levar a uma sensação de propósito e contribuição para o bem-estar geral da sociedade.

5.9
A caminho com Inácio

O título deste tópico faz referência ao livro do Superior Geral da Companhia de Jesus, Arturo Sosa, com a colaboração do jornalista Darío Menor[549]. A obra é um caleidoscópio de perguntas, uma conversa em que estabelece profunda reflexão sobre os caminhos do mundo, a espiritualidade inaciana e o carisma da Companhia de Jesus. Um dado curioso entrelaça a trajetória de Inácio com a de Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima: todos são convertidos. No caso de Jackson, a semelhança é ainda maior, pois ambos se converteram a partir de um problema de saúde – Jackson sobreviveu à gripe espanhola depois de contraí-la e Inácio curou-se de graves ferimentos.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pertence à Arquidiocese do Rio de Janeiro, tem como Grão-Chanceler o Cardeal do Rio de Janeiro e é administrada pela Companhia de Jesus desde a sua fundação. Entre as duas instituições há um natural hibridismo em sua organização estrutural. A universidade, como católica, abrange muitas espiritualidades e entre elas a espiritualidade inaciana, que de certa forma, conduz a uma determinada prática pedagógica e administrativa.

---

[549] SOSA, A., A caminho com Inácio.

Assim, optamos por trazer algumas reflexões do Superior da Companhia de Jesus sobre a universidade que se fazem pertinentes para a formação de pessoas mais lúcidas e comprometidas com valores humanísticos, em uma CRE que abrange diversas espiritualidades. Agregamos as meditações de Sosa na perspectiva de ampliar os horizontes em questões que ainda não foram tocadas por esta pesquisa e em pontos que já foram abordados, enfatizando uma sintonia na percepção.

A universidade deve desenvolver o pensamento crítico para desmascarar as ideologias e as "falsas formas de pensamento que minam a pessoa e sociedade"[550], como as que trazem tendências políticas como o nazismo, o estalinismo, o comunismo, ou o fascismo, e as de matizes ideológicas ao consumismo, ao capitalismo, ao socialismo e ao clericalismo, que ainda persiste na prática da Igreja Católica. A universidade católica deve denunciar essas ideologias e amparar a sociedade a se proteger delas[551]. Aqui percebe-se o alinhamento com o capítulo 3 – uma preocupação com as ideologias presentes na contemporaneidade.

A singularidade está na reflexão sobre os objetivos de um centro de formação católica, definido por quatro letras "c": consciência, competência, compaixão, compromisso; e Sosa acrescentou mais um termo, a coerência. Entendemos que estas 5 ideias são relevantes para a educação católica e, neste sentido, realizamos uma pequena reflexão sobre estes termos. As reflexões que se seguem não são de Sosa; os "5 Cs" nos inspiraram e pensar sobre esses elementos e as associações e relações entre eles, pois consideramos que esses cinco conceitos estão intrinsecamente ligados à missão de uma educação católica transformadora.

A interconexão entre consciência, competência, compaixão e compromisso forma uma teia complexa no existencial humano e influencia profundamente o modo como o indivíduo interage com o mundo ao seu redor. Cada um desses elementos desempenha um papel vital no desenvolvimento pessoal e na construção de uma sociedade mais harmoniosa e compassiva.

A consciência é o ponto de partida, a luz que ilumina a compreensão de si e do mundo. Ela permite perceber os pensamentos, emoções e ações, proporcionando a base para o autoconhecimento. A consciência é a chave para o despertar da competência, pois ao compreender as habilidades e limitações pode-se desenvolver as aptidões necessárias para enfrentar os desafios da vida.

---

[550] SOSA, A., A caminho com Inácio, p. 84.
[551] SOSA, A., A caminho com Inácio, p. 84.

A competência, por sua vez, é o fruto do aprendizado contínuo e da aplicação prática do conhecimento adquirido. No cultivo das habilidades e na busca da excelência nas áreas de atuação, fortalece-se a confiança e capacidade de contribuir de maneira significativa para a sociedade. A consciência e a competência juntas moldam uma base sólida para a ação consciente e eficaz.

A compaixão surge quando se estende a consciência e a competência para além de si mesmo, reconhecendo a humanidade compartilhada e a interdependência de todos os seres. É a capacidade de sentir empatia e agir com bondade em direção aos outros, mesmo diante das diferenças. A compaixão é o elo que une as pessoas, promovendo a compreensão mútua e a construção de comunidades mais solidárias.

O compromisso surge como a manifestação ativa da consciência, competência e compaixão. É o passo decisivo em direção a uma vida significativa e ao serviço aos outros. O compromisso é a expressão tangível de uma consciência expandida, de competência aprimorada e de compaixão em ação. Ao abraçar compromissos ligados a causas que ultrapassam a esfera individual, colabora-se para edificar um mundo caracterizado pela justiça e sustentabilidade.

Já a coerência, acrescentada por Sosa, desempenha um papel cabal nas relações entre consciência, competência, compaixão e compromisso, servindo como um fio condutor que conecta e fortalece esses elementos. A consistência nas atitudes, pensamentos e ações é fundamental para garantir uma abordagem integrada e harmoniosa no desenvolvimento pessoal e nas interações sociais. A falta de coerência em qualquer desses elementos pode resultar em dissonância interna e externa, enfraquecendo a integridade das relações entre consciência, competência, compaixão e compromisso. Por outro lado, uma abordagem coesa e consistente fortalece essas conexões, criando um alicerce sólido para o desenvolvimento pessoal e para contribuições positivas para a sociedade. A coerência, assim, serve como um elo unificador que potencializa o impacto positivo desses elementos inter-relacionados.

De fato, um ponto fulcral na educação e formação católicas deve ser a coerência, que representa a qualidade de consistência e integridade nas atitudes, pensamentos e ações de um indivíduo ou de uma instituição de educação. A coerência refere-se à congruência entre os valores, crenças e objetivos pessoais e, neste sentido, influencia a construção de sociedades coesas. Líderes e instituições que demonstram coerência em suas ações ganham a confiança da comunidade,

inspirando um senso de unidade e propósito compartilhado. Ao manter uma abordagem consistente em relação aos objetivos e valores, cria-se uma base sólida para o crescimento e a adaptação a desafios contínuos.

5.10
(In)Concluindo

Chegamos ao término do último capítulo desta tese, mas, ainda assim, não pretendemos finalizar a pesquisa sobre a Cultura Religiosa da PUC-Rio, nem sobre as muitas questões aqui estudadas. A investigação continua de muitas formas: na observação de sala de aula, nas conversas com os professores e professoras do setor, na troca com docentes de outros departamentos, no diálogo com estudantes, na leitura de livros e no aprofundamento dos estudos.

Através da abordagem exposta no capítulo, propusemo-nos a apontar alguns caminhos para que o setor de Cultura Religiosa possa se alinhar com a proposta do Pacto Educativo Global. Temos consciência que alguns pontos estão mais elaborados que outros, daí a necessidade de continuar a pesquisa e aprofundar alguns tópicos/temas/conteúdos, que podem contribuir para fazer conexões inovadoras, para identificar lacunas ou ainda para cooperar em direção a soluções criativas e humanizadoras.

Entendemos que o setor de Cultura Religiosa pode receber maior atenção das pesquisas de pós-graduação da teologia. A perspectiva de ser entrelugar/fronteira, coloca a CRE em evidência em um momento em que se discute curricularização da extensão, identidades fluidas, hibridização, desconstrução das hierarquias coloniais, valorização da diversidade cultural, empoderamento de grupos marginalizados, reconfiguração das relações interculturais, só para citar algumas aproximações.

Conforme as diretrizes do magistério de Francisco, a universidade deve realizar uma corajosa revolução cultural e este é um desafio urgente que provoca e convoca-nos a uma posição e ação. Se a CRE é a instância que representa a identidade e missão da PUC-Rio e tendo as particularidades que dispõe, deve ter presença atuante, *primeirear* nas ações e performar a obra de Jesus Cristo na dimensão universitária – o Evangelho da Humanização. Denominamos Evangelho da Humanização o trabalho que a Cultura Religiosa vem realizando na universidade. Não é um trabalho exclusivamente acadêmico e nem pode ser identificado como uma atividade pastoral. Entender o setor como entrelugar/região

de fronteira, faz da CRE um entrelugar diferenciado na academia e pouco pesquisado, por isso, ainda não desvendado em todas as suas potencialidades.

Podemos perguntar-nos se este entrelugar carrega uma potência liminar/liminoide como abordada por Victor Turner, ou seja, um lugar de transição, de transformação, onde os estudantes podem experimentar o conceito de *communitas* – sensação/experiência de comunidade ou camaradagem que surge entre os participantes da liminaridade. A CRE pode tornar-se um território para explorar novos conceitos, abordagens e métodos a fim de promover a experiência de co-humanidade?

Esse olhar sobre o setor de Cultura Religiosa provoca-nos a pensar como seria a docência, ou melhor, qual o perfil "ideal" do/a educador/a. Enquanto fronteira, as salas de aula são um espaço de encontro e conflito entre diferentes culturas e experiências religiosas, que são especialmente significativas, pois representam os pontos de contato entre a religiosidade cristã – algumas vezes entendida e percebida como cultura colonialista[552] – e as outras experiências e identidades religiosas, onde ocorrem processos de hibridização e resistência. Assim, entendemos que será de grande riqueza que o/a educador/a tenha o entendimento da dimensão performance que abordamos no capítulo da antropologia bio-histórica. Nas palavras de Francisco, o/a educador/a:

> É alguém que sabe manusear bem três linguagens: a da cabeça, a do coração e a das mãos, em harmonia. E daí a alegria de comunicar. E eles serão ouvidos com muito mais atenção e serão criadores de comunidade. Por quê? Porque estão semeando este testemunho.[553]

[552] Consideramos um ponto bem complexo a visão do cristianismo enquanto cultura colonialista, pois o processo de colonização – na maioria das vezes – envolveu violência, exploração e deslocamento cultural, deixando cicatrizes profundas nas sociedades colonizadas, como é o caso do Brasil. De certa forma, o Brasil colonial foi um espaço de encontro e interação entre diferentes culturas, onde as fronteiras entre o colonizador e o colonizado se tornaram fluidas. Isso pode ser observado em várias áreas, como na língua (com a formação do português brasileiro), na culinária (com a influência indígena e africana), na religião (com a sincretismo entre o catolicismo e as religiões indígenas e africanas) e na arte (com a incorporação de elementos indígenas e africanos na cultura visual e musical brasileira). Apesar da imposição cultural dos colonizadores, as culturas indígenas e africanas não foram totalmente subjugadas. Houve resistência ativa por parte desses grupos, que lutaram para preservar suas identidades culturais, muitas vezes através de práticas de resistência cultural, como o uso da língua nativa, a preservação de suas tradições religiosas e a prática de formas de arte e expressão cultural.

[553] FRANCISCO, Francisco convida a educar com fraternidade: a educação é um ato de amor.

O/A educador/a católico/a deve entender que sua performance é testemunho. Um testemunho que está no tempo presente, no aqui e no agora e não na literatura testamentária. E aqui propomos uma reflexão comparativa entre os escritos dos evangelhos com as investigações das ciências humanas e sociais. Em termos de estudos acadêmicos, depois do Holocausto, decorreram muitas pesquisas sobre o que a historiadora Annette Wieviorka[554] denominou de "a era da testemunha" – uma produção de obras marcadas por depoimentos do holocausto ou de outros massacres como os que ocorreram na Bósnia, Ruanda e Kosovo. Essa literatura surge a partir de um trauma, e escrever é uma forma de se perceber a relação entre história e memória e de como a memória coletiva desempenha um papel fundamental na compreensão do trauma e na construção da identidade cultural[555].

Em paralelo, podemos interpretar que os escritos dos evangelhos são frutos de uma experiência traumática – a morte de Jesus Cristo – reinterpretada à luz da ressurreição por pessoas que foram testemunhas[556]. A veracidade e credibilidade dos Evangelhos estavam relacionadas às pessoas que testemunharam a performance de Jesus Cristo durante os três anos de sua missão. A veracidade e credibilidade do Evangelho na contemporaneidade está, sobretudo, na performance dos cristãos, não tanto nos testemunhos encontrados nos Evangelhos.

---

[554] Annette Wieviorka é uma historiadora francesa conhecida por seus estudos sobre o Holocausto e a memória coletiva. No livro *The Era of the Witness* (A Era da Testemunha), ela examina o papel do testemunho na compreensão e na representação de eventos traumáticos, particularmente o Holocausto. O livro analisa como os testemunhos pessoais dos sobreviventes do Holocausto e de outras atrocidades têm sido fundamentais para a compreensão histórica desses eventos e para a construção da memória coletiva. A autora explora como esses testemunhos desafiam as narrativas oficiais, preenchem lacunas na história e fornecem uma perspectiva humana e emocionalmente poderosa dos acontecimentos (WIEVIORKA, Annette. Era of the Testimony).

[555] LACAPRA, D., Writing History, Writing Trauma. Dominick LaCapra é historiador e teórico da cultura; é conhecido por suas contribuições para a teoria crítica, história intelectual e estudos sobre trauma e testemunho.

[556] Embora haja muitas controvérsias e divergências entre os estudiosos do Novo Testamento, o livro Jesus e as testemunhas oculares: os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares, de Richard Bauckham, desafia a visão acadêmica predominante de que os 4 evangelhos foram escritos por autores anônimos que não testemunharam diretamente os eventos que descrevem. Em vez disso, ele argumenta que os evangelhos foram escritos por testemunhas oculares ou por pessoas que tiveram acesso direto a testemunhas oculares, e que as narrativas contidas neles refletem a tradição oral que circulava entre as comunidades cristãs primitivas. "Eles [os Evangelhos] incorporam o testemunho das testemunhas oculares, não obviamente, sem alteração e interpretação, mas de um modo que é substancialmente fiel a como as próprias testemunhas oculares o narraram, visto que os evangelistas estavam em contato mais ou menos direto com as testemunhas oculares, não distanciados delas por um longo processo de transmissão anônima das tradições" (BAUCKHAM, R., Jesus e as testemunhas oculares: os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares, p. 19.

Posto isso, consideramos que um ponto fundamental no desenvolvimento de uma nova humanidade é o autoconhecimento e o desenvolvimento de uma maior intimidade com a sua própria interioridade, com os seus desejos, suas motivações e aspirações, com sua dimensão emocional, ou seja, consigo mesmo. A educação deve fornecer ferramentas para que o estudante possa se familiarizar com o seu íntimo, fortalecendo a dimensão de autopossessão. Santa Teresa de Ávila diz que a pessoa está "esparramada", ou seja, "com os sentidos dispersos, voltados exclusivamente para o externo de si mesma"[557]. E no século XVI não existia internet nem redes sociais virtuais.

Consideramos os dois pontos citados – a co-humanidade e o autoconhecimento – como importantes experiências a serem ofertadas aos estudantes nas salas de aula da CRE. Julgamos que se trata de um desafio ainda maior quando se pretende abordar estas experiências nas disciplinas em EAD. Neste sentido, entendemos ser necessário conjugar outros saberes para implementar as mudanças e adaptações, daí a necessidade de novas abordagens e continuidade na pesquisa.

O papa Francisco, como jesuíta, tem atenção e disposição com a educação, com os jovens, com uma formação integral que promova o ser humano para a realização plena. Ao abordar o ser humano de maneira transdisciplinar, é possível compreender melhor a interconexão entre diferentes dimensões da vida humana e como essas dimensões se influenciam mutuamente. O bem-estar e saúde de uma pessoa não pode ser compreendido apenas através da lente da medicina, requer também uma compreensão dos fatores sociais, econômicos e psicológicos que impactam a vivência do indivíduo no mundo.

Na abordagem transdisciplinar, há o reconhecimento da necessidade de diálogo entre diferentes campos do conhecimento, promovendo uma colaboração mais eficaz e uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pelo ser humano. Isso implica em superar barreiras acadêmicas e integrar saberes de áreas como ciências naturais, ciências sociais, humanidades e artes. Deve-se também reconhecer a importância das experiências subjetivas, das narrativas pessoais e das dimensões emocionais na compreensão do ser humano. Destarte, encontra-se uma oportunidade de explorar a complexidade da existência humana de maneira mais

[557] CAMPOS, M. B., Experiência de oração: aventura, humanização e relação com Deus..., p. 139.

rica e contextualizada, permitindo uma compreensão mais completa e compassiva do indivíduo e da sociedade como um todo.

Entendemos que, na abordagem transdisciplinar aplicada à educação, a ênfase não está apenas nos conteúdos acadêmicos, mas também nas habilidades socioemocionais, na promoção da cidadania ativa, na sensibilidade cultural e na compreensão das complexidades do mundo contemporâneo. Isso permite que os jovens desenvolvam uma visão crítica, se tornem agentes de transformação e estejam mais preparados para lidar com os desafios do século XXI. A transdisciplinaridade também incentiva práticas pedagógicas mais participativas e colaborativas, onde os estudantes são estimulados a explorar diferentes perspectivas, integrar conhecimentos de diversas áreas e aplicar suas habilidades de forma prática. Isso contribui para uma educação mais engajada e alinhada com as demandas da sociedade contemporânea.

Nessa mesma direção caminha o projeto educacional da Companhia de Jesus, que tem mais de 2.400 escolas primárias e secundárias e aproximadamente 200 universidades e institutos de educação[558], quando propõe o desenvolvimento de um pensamento crítico que possa desmascarar as atuais ideologias. A PUC-Rio/CRE, pela sua história, identidade e missão, não pode se eximir de marcar um posicionamento em relação às questões teopolíticas que estão sendo levantadas pelos teólogos, sociólogos e/ou cientistas da religião e que foram abordadas nesta pesquisa – o desenvolvimento de um cristofascismo em solo brasileiro amparado por uma teologia fundamentalista moderna.

Da mesma forma, a universidade católica não pode ser neutra, como indica o papa Francisco

> A neutralidade é uma ilusão. Uma Universidade Católica deve fazer escolhas, escolhas que reflitam o Evangelho. Ele deve se posicionar e demonstrá-lo com suas ações, de forma clara; "sujar as mãos" evangelicamente na transformação do mundo e no serviço à pessoa humana.[559]

A relação entre antropologia bio-histórica e a abordagem transdisciplinar começa a ser elaborada a partir do diálogo da antropologia teológica com as artes, mas nada impede que a antropologia bio-histórica possa incorporar conceitos e

---

[558] SOSA, A., A caminho com Inácio, p. 225.

[559] FRANCISCO, "O medo devora a alma. Nunca cerquem a universidade com muros de medo", afirma o Papa Francisco.

experiências de outras disciplinas; e, embora a antropologia bio-histórica possa se desenvolver em outras vertentes, entendemos que ainda é necessário um maior aprofundamento na própria experiência das artes. O “estatuto artístico do humano” destaca a importância da arte como uma forma poderosa de explorar, compreender e representar a complexidade da experiência humana, e, nesse sentido, inferimos que ainda há muito a ser pesquisado nesta relação entre antropologia e arte.

A pesquisa sobre a Cultura Religiosa na PUC-Rio se encerra, mas as reflexões e investigações continuam. A importância do alinhamento do setor com o Pacto Educativo Global é fundamental para o desenvolvimento da CRE sob esta nova perspectiva, assim como a necessidade de uma abordagem transdisciplinar que promova a co-humanidade e o autoconhecimento. Também inferimos que a PUC-Rio/CRE é instada a marcar um posicionamento frente às questões teopolíticas contemporâneas e à teologia fundamentalista moderna. Ademais, ressaltamos a relação entre antropologia bio-histórica e transdisciplinaridade, pois entendemos que é possível o aprofundamento na própria experiência das artes para uma compreensão mais completa da complexidade humana.

6
Conclusão

Guardando o princípio de sempre nos mantermos abertos, a conclusão pretende estear outras reflexões sobre os temas aqui abordados. Nesta direção, resgatar a história da PUC-Rio e, sobretudo, do setor da CRE foi fundamental para entendermos as forças históricas que motivaram a performance dos atores envolvidos na construção da primeira universidade católica no Brasil. Este "fazer memória" é parte da construção de identidade na tríade memória-identidade-missão que buscamos desenvolver ao longo dessas páginas, especificamente no capítulo 2.

Em relação à formação da PUC-Rio/Faculdades Católicas, pode-se concluir que o caráter apologético estava intrínseco, na medida em que o projeto de uma universidade católica fazia parte de um programa maior: a recatolização da sociedade brasileira. Portanto, havia objetivos específicos, propósitos, desejos e uma gama de sentimentos nos atores que se envolveram nesse drama[560]. Ressaltamos a percepção aguda do grupo de intelectuais católicos que souberam "ler" os sinais do tempo e agir coerentemente. Da mesma forma, pudemos entender as bases que norteavam as questões relativas à educação e à concepção de ser humano e que estavam no fundamento das disputas pedagógicas.

Colocar foco no momento de criação da PUC-Rio (1940) e do setor de Cultura Religiosa (Deptº de Teologia – 1968) proporcionou observar momentos diferenciados que apontam para a consolidação de uma proposta educacional humanística que foi amadurecendo e se adaptando ao seu tempo. Se em 1940, a fundação das Faculdades Católicas pôde ser vista como uma reação a um ambiente desfavoravelmente católico/religioso, em 1968, na fundação do Departamento de Teologia, o ambiente era outro, de renovação e de acolhimento das novas diretrizes do Concílio Vaticano II. Chamamos a proposta teo-antropológica educacional desenvolvida pelo setor de *Evangelho da Humanização.*

Estudar a formação do Departamento de Teologia e em especial do setor de Cultura Religiosa proporcionou ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a CRE

[560] Utilizamos a palavra "drama" como na linguagem teatral: uma narrativa impulsionada por conflitos emocionais e/ou morais entre personagens. Esses conflitos podem surgir de diferenças de opinião, desejos conflitantes, segredos revelados ou situações complexas.

e propor uma visão para o setor: um entrelugar acadêmico, uma região de fronteira. Esta construção de olhar permite vislumbrar novos horizontes: teológicos, antropológicos, pedagógicos, transdisciplinares etc.

Vimos, no capítulo 5, que as salas da CRE são um território onde estudantes de diferentes origens culturais e cursos se encontram. Cada estudante traz consigo a própria bagagem cultural/espiritual/religiosa, experiências e perspectivas únicas. Isso aponta para um ambiente onde há o entrelaçamento de diferentes culturas e identidades. Contudo, não é uma simples mistura ou sincretismo; observamos que ocorre o que H. Bhabha coloca como hibridismo cultural, um processo complexo de negociação e contestação de fronteiras culturais. No território das salas da CRE experimenta-se a expressão da complexidade e da ambiguidade das identidades culturais, que são moldadas por experiências de colonização, migração, globalização e outros processos históricos e sociais.

Na introdução dessa pesquisa, capítulo 1, ao explicarmos composição desse texto, colocamos que os capítulos versavam como rimas opostas ou interpoladas (ABBA), o capítulo 2 (A) "rima" com o capítulo 5 (A), enquanto o capítulo 3 (B) "rima" com o capítulo 4 (B). A rima se expressa na aqui na conclusão. Refletimos conjuntamente sobre os capítulos 2 e 5 e depois sobre o 3 e o 4. Também acrescentamos outras observações à conclusão, porque entendemos que a complexidade proporciona muitas percepções entrelaçadas.

Pela trajetória do setor, inferimos que a década de 2020 deve ser utilizada para repensar os caminhos da Cultura Religiosa. Este modelo de disciplinas está vigorando desde a década de 1980, ou seja, século XX. Há uma frase utilizada por educadores que expressa bem o momento: o Brasil tem uma educação do século XIX, professores do século XX e estudantes do século XXI. Fazendo uma digressão sobre esta frase, o que podemos conjecturar? Que o modelo educacional brasileiro ainda está arraigado em práticas antiquadas, que remontam ao século XIX? No século XIX, o modelo educacional era muitas vezes centrado na memorização, na transmissão de conteúdos de forma unidirecional e na ênfase na repetição – características que podem, em parte, persistir no sistema educacional brasileiro atual.

Por outro lado, uma referência aos professores do século XX sugere que a formação e as práticas dos educadores brasileiros ainda refletem, em certa medida, concepções e abordagens pedagógicas desenvolvidas no século passado. Embora

muitos docentes tenham se adaptado às mudanças tecnológicas e às novas teorias educacionais, ainda há uma lacuna entre as necessidades educacionais contemporâneas e as habilidades necessárias para uma maior integração na linguagem intergeracional.

Nesta linha de pensamento, pode-se concluir que o setor da CRE deve passar por uma renovação/inovação e, assim, indicamos duas direções: a primeira é a autocompreensão do seu entrelugar acadêmico, e a segunda é o movimento no sentido à abordagem transdisciplinar. Trata-se, evidentemente, de um caminho novo, novas sendas e trilhas que trazem desafios e aventuras. Entretanto, parece-nos evidente que a formação oferecida pela CRE tem como princípio e fim a humanização – um ponto inegociável. Isto significa dizer que não se busca uma conversão religiosa, seja católica seja cristã.

> (…) não é a confessionalidade que confere identidade (às universidades católicas): é um aspecto, mas não o único; talvez seja esse humanismo claro, esse humanismo que nos faz compreender que o homem tem valores e que devem ser respeitados: isto é talvez o que há de mais belo e de maior nas vossas universidades[561].

Dada a urgência em *pro-vocar* um ser humano solidário e empático e diante da complexidade do cenário atual, repleto de inovações – incluindo avanços tecnológicos como a Inteligência Artificial, transformações políticas, desafios socioambientais e econômicos, entre outros –, a missão da formação proposta pela Cultura Religiosa, que é a humanização, quer *pro-mover* uma experiência de co-humanidade – despertar e sensibilizar as juventudes através da experiência do *Evangelho da Humanização*.

A CRE propõe o *Evangelho da Humanização*, um programa educacional que não visa a conversão religiosa, mas intenciona formar cidadãos capazes de criar relações mais humanizadas, capazes de realizar uma sociedade com justiça socioambiental e solidariedade. O local da Cultura Religiosa é diferenciado na universidade e a formação que a CRE oferece é o diferencial católico que pode fazer a *diferença* no mundo. Como entrelugar acadêmico, situada numa região de fronteira que tem como peculiaridades a negociação e o hibridismo teológico-cultural, a CRE não pode pensar em realizar uma teologia kenótica *fora* da(s)

[561] FRANCISCO, "O medo devora a alma. Nunca cerquem a universidade com muros de medo", afirma o Papa Francisco.

cultura(s) com que ela dialoga, nem se pode pensá-la como dogmática, estática e universal.

O *Evangelho da Humanização* quer promover uma cultura da paz e do encontro, do respeito e da solidariedade. Em uma sociedade partida, polarizada politicamente, em que segmentos do cristianismo se utilizam das Sagradas Escrituras para justificar violências e autoritarismos políticos, mais do que nunca, precisamos de pessoas sensíveis e sensibilizadas; temos necessidade de formar poetas e coreógrafos sociais, artífices da paz para a formação de uma sociedade mais justa e reconciliada. Os valores evangélicos de justiça social, inclusão, compaixão, perdão e reconciliação são fundamentais para a construção do bem comum. A implementação desses princípios pode resultar em uma sociedade em que a dignidade humana seja prioritária, e as políticas públicas e práticas sociais reflitam um compromisso com o bem-estar de todos.

Depois de compreendermos a identidade e missão do setor da CRE e entendermos a sua potencialidade no mundo contemporâneo, foi possível também distinguir diferenças e reconhecer limites com relação às outras instâncias universitárias. Contudo, como já explicitado nesta conclusão, há uma necessidade de renovação e, neste sentido, a antropologia bio-histórica que introduzimos no capítulo 4 visa ser um instrumento para auxiliar no processo de caminhar à transdisciplinaridade. Pode-se considerar reducionista o pensamento dos humanistas ateus do século XX, mas, hoje, a antropologia teológica também será reducionista se não abarcar a dimensão artística do ser humano – a dimensão da performance.

O desenvolvimento da potencialidade criativa humana é caminho de sensibilização, caminho que transpassa o corpo, a materialidade da existência. O sentir dá sentido; as emoções, as sensações e as experiências sensoriais desempenham um papel fundamental na forma como entendemos o mundo e atribuímos significado às nossas experiências. Uma paisagem pode não ser apenas uma visão visual, mas também pode evocar sentimentos de admiração, serenidade ou nostalgia, dando um sentido mais profundo à experiência. Emoções e sensações são uma parte intrínseca da experiência humana e da maneira de interagir com o mundo. Elas podem guiar na tomada de decisões, influenciar percepções e moldar memórias.

A ênfase antropológica na dimensão artística da performance advém da necessidade do ser humano estar presente no seu corpo, de estar em contato com sua derme e epiderme a fim de poder apreender as experiências que vive e poder atribuir significado e sentido. Presença no (tempo) presente. O dualismo antropológico promoveu uma cisão entre mente e corpo ao longo dos séculos. O corpo possui seu saber. Nesta jornada para o despertar de uma nova humanidade, mais do que nunca será necessário escutar[562] o saber do corpo e, neste sentido, a arte é um dos caminhos possíveis.

A capacidade da arte de significar a vida humana reside em sua habilidade intrínseca de comunicar emoções, pensamentos e experiências de uma forma que vai além das palavras e conceitos abstratos. A arte é capaz de transcender as barreiras do tempo e do espaço, conectando indivíduos de diferentes culturas, épocas e contextos sociais. Essa capacidade de comunicação transcultural da arte torna possível encontrar significado e conexão em experiências compartilhadas, independentemente das diferenças individuais. Assim como só os humanos entre os demais animais prestam culto a Deus, só os humanos "cometem" arte.

> Porque a arte sempre fala à alma. Ela tem o poder de promover o reconhecimento de nossa humanidade comum, de construir pontes entre culturas e povos e de criar o senso de solidariedade de que tanto precisamos em nosso mundo tristemente dividido e devastado pelas guerras. A arte regenera o espírito humano, assim como a água regenera o deserto seco e árido.[563]

A vida pode ser encarada como uma obra de arte em constante transformação, moldada pelas escolhas, experiências e relacionamentos. Assim como um artista molda uma tela em branco ou um bloco de mármore, as pessoas moldam suas próprias vidas por meio de escolhas e ações. A arte de viver envolve a criação de significado e propósito, assim como um artista cria uma obra de arte que ressoa com o público. É sobre encontrar beleza na imperfeição, criatividade na adversidade e harmonia na diversidade. Da mesma maneira que um artista se entrega ao processo criativo, as pessoas são desafiadas a se comprometer com a jornada da autoconsciência e autodescoberta.

---

[562] Papa Francisco valoriza a importância da escuta para o diálogo com o outro, contudo, a escuta também se faz necessária na dimensão da intimidade pessoal.
[563] FRANCISCO, Papa: a arte cria solidariedade num mundo dividido e devastado pelas guerras.

Dito isso, ressaltamos a dimensão espiritual da arte, tão bem delineada pelo pintor Wassily Kandinsky no seu livro *Do espiritual na arte*: "a pintura, enquanto arte pura deve servir para a comunicação de espírito para espírito"[564]. "O conteúdo da obra é a emoção puramente espiritual do artista (interior) e a forma material (obra/exterior) é a possibilidade de comunicação do conteúdo imaterial – o sentimento do artista, que é impelido por uma necessidade interior"[565].

Kandinsky foi o criador da arte abstrata, um dos principais movimentos artísticos da vanguarda do início do século XX, foi também professor convidado na Bauhaus, escola de arte vanguardista na Alemanha, que teve um grande impacto no desenvolvimento das artes e da arquitetura na Europa, Estados Unidos, Israel e Brasil entre outros países. Um ponto de destaque da visão do artista é que ele considera a criação um processo que envolve o autoconhecimento e a evolução da vida espiritual – a arte é uma força e seu objetivo é apurar a alma humana[566].

Além de incorporar a criação artística – especialidade humana – à antropologia bio-histórica, entendemos ser necessário fortalecer o aspecto do autoconhecimento, referente à dimensão da interioridade. As demandas externas, as mídias sociais, a cultura do consumo e todos os elementos já descritos aqui da modernidade líquida e da sociedade do desempenho – no capítulo 3 – acabam por alienar o sujeito do seu próprio desejo, de si mesmo. Supomos que muitos dos problemas relacionados à saúde mental, à violência – que contribui para a cultura do estupro –, à indiferença ao sofrimento, que foram descritos também no capítulo 3, podem ser minimizados através do processo de autoconhecimento, pois a jornada de se conhecer é uma caminhada que leva a pessoa a descobrir suas emoções, pensamentos, padrões de comportamento, valores, crenças e aspirações mais profundas.

Abordamos, no capítulo 3, a modernidade líquida, que é marcada pela transitoriedade, individualização e insegurança. Esses aspectos moldam profundamente a experiência humana contemporânea, criando desafios para a construção de identidades, relações e sociedades coesas. Entendemos que o autoconhecimento pode ser visto como uma ferramenta importante para a

---

[564] KANDINSKY, W., Do espiritual na arte, p.169.
[565] CAMPOS, B. M.; FERRAZ, C., Kandinsky. Da figuração ao abstracionismo. Um caminho místico. p. 162.
[566] KANDINSKY W., Do espiritual na arte, p.125,126.

humanização da sociedade. Em um mundo onde as interações superficiais e a pressão para o desempenho são predominantes, o autoconhecimento pode proporcionar mais segurança interior, permitindo que as pessoas tomem decisões baseadas em seus verdadeiros valores e necessidades, em vez de simplesmente reagirem às demandas externas.

As relações interpessoais na modernidade líquida são frequentemente caracterizadas por sua fragilidade e superficialidade. A cultura do "descartável" se estende às conexões humanas, onde os relacionamentos são muitas vezes efêmeros e utilitários. O advento das redes sociais exemplifica essa tendência, promovendo interações rápidas e superficiais em detrimento de vínculos profundos e duradouros. Instituições que antes eram vistas como pilares da sociedade, como a família, a escola e o trabalho, agora são percebidas como instáveis e mutáveis. Os valores que outrora forneciam um sentido de coesão e continuidade são frequentemente questionados ou descartados à medida que novas tendências emergem. Essa fluidez afeta profundamente a maneira como os indivíduos experimentam suas vidas e suas relações com os outros.

Para as juventudes que ingressam no mercado de trabalho, a insegurança se manifesta através da precarização do emprego, com contratos temporários, trabalho *freelance* substituindo o emprego estável e de longo prazo. Isso não apenas afeta a segurança financeira, mas também contribui para a ansiedade e o estresse psicológico, por exemplo. A constante mudança e a necessidade de reinvenção pessoal criam um ambiente onde as identidades são fluídas e frequentemente incertas. As pessoas lutam para encontrar um senso de pertencimento em um mundo onde as comunidades tradicionais estão se fragmentando e as novas formas de associação são temporárias e voláteis.

Também abordamos o tema pela perspectiva de Byung-Chul Han – sociedade do desempenho/cansaço, que põe ênfase na produtividade e eficiência. Na sociedade do desempenho, o valor de um indivíduo é frequentemente medido por sua capacidade de produzir resultados mensuráveis e de se adaptar rapidamente às demandas do mercado de trabalho e da vida cotidiana. Há uma pressão constante para alcançar sucesso e evitar o fracasso a todo custo. As pessoas são incentivadas a competir umas com as outras em busca de reconhecimento e recompensas, criando um ambiente de alta competição e ansiedade.

A sociedade do desempenho pode ampliar as desigualdades sociais, já que nem todos têm acesso igual às oportunidades de sucesso e os que não conseguem acompanhar as demandas do sistema são abandonados à própria sorte. A pressão constante pode levar ao esgotamento físico, emocional e mental, resultando em altos níveis de burnout e problemas de saúde mental. A obsessão pelo desempenho pode levar à perda de conexão com os outros e com um senso de propósito mais amplo na vida, levando a uma sensação de vazio e alienação.

As interpretações de Zigmund Bauman e Byung-Chul Han oferecem uma crítica perspicaz e provocativa da sociedade contemporânea, destacando os desafios e as contradições de uma era caracterizada pelo excesso de informação, hiperconectividade e pressão por desempenho. Suas análises nos convidam a refletir sobre o impacto profundo que essas dinâmicas têm na vida dos indivíduos e na sociedade, e a considerar maneiras de cultivar uma existência mais autêntica, significativa e equilibrada em meio às demandas da era digital.

Igualmente distintivo no capítulo 3 da tese foi revisitar as duas pesquisas que geraram livros para o setor de Cultura Religiosa. Entendemos ser imprescindível que a CRE possa dar continuidade à pesquisa com estudantes e prosseguir com a aplicação de questionários incorporando e atualizando as demandas da juventude. Além de abordarmos a realidade na perspectiva macro – Brasil e mundo –, o capítulo 3 proporcionou também este olhar micro da realidade – para os estudantes da PUC-Rio –, e assim, foi possível captar novas nuances e mudanças no perfil das juventudes, bem como fazer algumas sugestões para as novas pesquisas que, porventura, vierem a ser realizadas.

A comparação entre as pesquisas realizadas em épocas distintas demonstrou que houve um crescimento da diversidade religiosa dentro do campus, uma diminuição substancial do número de católicos e aumento exponencial dos que se denominam “sem religião”. Isto evidencia não apenas a mudança na composição religiosa da comunidade universitária, mas também tendências mais amplas na sociedade em geral. O aumento da diversidade religiosa dentro do campus reflete este fenômeno de pluralidade religiosa, no qual as pessoas têm acesso a uma variedade cada vez maior de tradições religiosas e espirituais e, muitas vezes, as práticas religiosas individuais são compostas por um *mix* de diversas tradições. Essas tendências têm implicações significativas para a vida universitária e para o

papel das instituições de ensino superior católicas na promoção da diversidade religiosa, do diálogo inter-religioso e do respeito à liberdade de crença.

A compreensão dessas mudanças da composição religiosa na comunidade universitária pode inspirar pesquisas adicionais sobre as causas e consequências dessas tendências, bem como sobre as formas pelas quais a PUC-Rio pode responder de maneira eficaz e inclusiva a essas transformações. A análise das pesquisas pode orientar práticas acadêmicas que promovam o respeito, a tolerância e a compreensão mútua entre pessoas de diferentes tradições religiosas e culturais, enriquecendo assim a experiência universitária para todos os membros da comunidade.

Em um mundo cada vez mais complexo e interligado, a transdisciplinaridade se torna um elemento fundamental para a formação de profissionais completos e preparados para os desafios do século XXI. Ao contrário da abordagem tradicionalmente fragmentada das disciplinas acadêmicas, a transdisciplinaridade busca superar as barreiras entre os campos do conhecimento, incentivando a colaboração entre especialistas de diferentes áreas. Isso permite uma análise mais completa e multifacetada dos problemas, levando a soluções inovadoras e eficazes. Destacamos esta abordagem, no capítulo 5, na intenção de estimular a implementação via setor da Cultura Religiosa que tem perfil para *primeirear* neste campo.

Outrossim, a transdisciplinaridade estimula o desenvolvimento de habilidades essenciais para o mercado de trabalho atual, como a comunicação interdisciplinar, o trabalho em equipe e a resolução de conflitos. Os projetos e desafios que exigem a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento permitem aos estudantes desenvolverem a capacidade de dialogar com especialistas de outras áreas, negociar ideias e construir consensos. Também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com as questões sociais. Ao se debruçarem sobre problemas reais que afetam a sociedade, os estudantes são estimulados a refletir sobre seu papel como cidadãos e a buscar soluções que contribuam para a construção de um mundo com mais justiça socioambiental e sustentável. Essa perspectiva crítica e engajada é fundamental para a formação de cidadãos atuantes na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, as regras do MEC para a implantação da curricularização da extensão universitária apenas oficializaram o que o setor já realizava. As Semanas

da CRE sempre promoveram o intercâmbio entre a sociedade e a universidade trazendo para o evento dentro do campus políticos e/ou gestores públicos, artistas, organizações civis e sociais, entre outros, que proporcionaram encontros e debates interessantes, estimulando o pensamento crítico e a ação social, bem como possibilitando o enriquecimento da experiência acadêmica e pessoal dos estudantes.

Entendemos que a extensão universitária se configura como um pilar fundamental para a missão das universidades no século XXI, transcendendo os muros da academia e promovendo uma interação dialógica e transformadora entre a instituição e a sociedade. Essa troca de saberes e experiências contribui para a democratização do conhecimento, a redução das desigualdades sociais e a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Para os estudantes, a vivência prática complementa a formação acadêmica, preparando os futuros profissionais para os desafios do mercado de trabalho e para uma atuação ética e comprometida com a sociedade.

E por que a dimensão da performance se torna significativa no mundo contemporâneo? Abordando especificamente pelo viés das juventudes, o que percebemos é que há – na maioria dos jovens – um imediatismo, uma urgência e rapidez em obter informações ou mesmo na prática de estudos. Há pesquisas sobre a aceleração de vídeos e áudios e suas possíveis consequências para a educação e saúde mental[567]. A performance abarca a dimensão estética, que lida com a experiência sensorial e a percepção do belo, envolvendo uma variedade de elementos como forma, cor, som, textura e movimento. Pelo belo somos impactados e afetados instantaneamente. Apostamos que o belo/a beleza é capaz de evocar presença. “A beleza é capaz de criar comunhão, porque une Deus, o homem e a criação numa única sinfonia; porque une o passado, o presente e o futuro; porque

[567] PUJOL, L., Vídeo acelerado: os ganhos e as perdas do estudo em modo rápido. Disponível em: https://desafiosdaeducacao.com.br/video-acelerado-estudo-em-modo-rapido/. Acesso em: 29 fev 2024; GERMANO, C., Pesquisa investiga se assistir vídeos acelerados ajuda a aprender mais rápido. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2022/01/4976785-pesquisa-investiga-se-assistir-videos-acelerados-ajuda-a-aprender-mais-rapido.html Acesso em: 29 fev 2024; AGÊNCIA BRASIL, Áudio e vídeo acelerados podem afetar capacidade de reter informação. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/audio-e-video-acelerados-podem-afetar-capacidade-de-reter-informacao Acesso em: 29 fev 2024; ABREU, F., Acelerar vídeos e áudios na internet pode causar ansiedade? Neurocientista explica. Disponível em: https://www.eusemfronteiras.com.br/acelerar-videos-e-audios-na-internet-pode-causar-ansiedade-neurocientista-explica/ Acesso em: 29 fev 2024.

atrai diferentes povos e nações distantes ao mesmo lugar e os envolve no mesmo olhar"[568].

A performance é a comunicação poética/estética da vivência humana. A performance desafia as noções convencionais de tempo e espaço, convidando-nos a habitar mundos alternativos, a experimentar realidades, a explorar a dimensão simbólica do corpo e do movimento. Na poética da performance, o corpo torna-se um instrumento de expressão, um veículo de transformação, um portal para o sublime e o profundo. Cada gesto, cada movimento, cada respiração carrega consigo uma carga simbólica, uma história oculta, uma verdade íntima que se revela através da dança, do teatro, da música, da improvisação e também se revela no cotidiano da vida de cada pessoa. É a celebração do momento presente. A performance desafia as convenções estéticas e nos convida a explorar novas formas de comunicação e significado – como um lembrete, a arte se mantém em constante movimento, em constante transformação, sempre se reinventando, sempre nos desafiando a olhar para o mundo com novos olhos, a ouvir com novos ouvidos, a sentir com novo coração.

Ao nosso ver, o imediatismo da experiência contemporânea compromete a apreensão do sentido e propósito da vivência humana, bem como enfraquece os vínculos comunitários e até familiares. A performance pode ser considerada como um momento *crístico*, de impacto, presença e salvação. É a partir de um momento kairótico/crístico que a dilatação cronológica do tempo fará sentido às juventudes – cada momento vivido em presença, consciência e plenitude. É interessante observar que atualmente utilizamos a expressão "tempo real" (do inglês *real time*) para se referir "ao preciso momento" – a expressão advém da experiência com as tecnologias, a internet e as mídias sociais. Como esquecer a imagem do momento em que o segundo avião mergulhou nas Torres Gêmeas de Nova York? Um bom número de pessoas de várias partes do mundo assistiu ao atentado em tempo real. Extrapolando o sentido da expressão em inglês, tempo real é o tempo vivido em plenitude, com lucidez.

Novo céu, nova terra, nova humanidade. Na tessitura complexa das relações, encontramos o fundamento mais nobre da nossa humanidade: a capacidade de estender a mão ao próximo, de compartilhar fardos e alegrias, de nos unirmos em

[568] FRANCISCO, O Papa aos artistas: a beleza une Deus, o homem e a criação numa única sinfonia..

tempos de adversidade e de celebrarmos em tempos de prosperidade. A humanidade reside na compaixão que nutrimos uns pelos outros, na empatia que nos conecta em um nível fundamental de compreensão e na vontade de aliviar o sofrimento alheio. É a capacidade de reconhecer a humanidade em cada pessoa, independentemente de suas origens, crenças ou circunstâncias. É o reconhecimento de que, em nossa diversidade, encontramos valores que enriquecem nossa jornada comum.

A solidariedade é o elo que une comunidades – como vimos, no capítulo 4, a posição da antropóloga Margreth Mead – em torno de um propósito maior, a força que impulsiona a transcender os interesses individuais em prol do bem-estar coletivo. É a consciência de que somos mais fortes juntos, que nossas habilidades e recursos combinados têm o poder de transformar vidas e mudar destinos. É a rede de apoio que se estende para amparar os mais vulneráveis, para levantar aqueles que caíram e para inspirar a resiliência diante das adversidades. A solidariedade é o caminho para a permanência da espécie humana na casa comum.

O papa Francisco alerta para a necessidade de educar de forma a integrar a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos: "Que um educando pensa o que sente e o que faz, sinta o que pensa e o que faz, e faça o que sente e o que pensa"[569], bem como convida os jovens a fazer um "pacto global pela beleza"[570]. A mensagem de Francisco nos convida a realizar uma interconexão entre esses elementos/verbos – pensar, sentir e agir e a manter o olhar sobre a complexidade do processo educacional e o desenvolvimento humano como um todo. Quando um estudante pensa no que sente e no que faz, sente o que pensa e o que faz, e faz o que sente e o que pensa, está mergulhando em um ciclo de autoconhecimento e autenticidade que são fundamentais para seu crescimento pessoal e acadêmico.

Primeiramente, ao refletir sobre o que se pensa, o estudante está exercitando sua capacidade crítica e analítica. Está buscando compreender seus próprios pensamentos, questionando suas crenças, ideias e valores. Isso é essencial para o desenvolvimento de uma mente aberta e receptiva ao aprendizado, pois permite que o estudante avalie de forma consciente as informações que recebe e construa seu próprio entendimento do mundo.

---

[569] FRANCISCO. Francisco: pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade.
[570] FRANCISCO. Francisco: pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade.

Em seguida, ao considerar o que se sente, reconhece-se a importância das emoções em sua jornada educacional. As emoções desempenham um papel crucial no processo de aprendizagem, influenciando a motivação, o engajamento e até mesmo a capacidade de reter informações. Ao estar consciente de seus sentimentos, o jovem pode aprender a lidar de forma saudável com desafios e dificuldades, desenvolvendo sua inteligência emocional e construindo relações interpessoais mais sólidas.

Por fim, ao agir de acordo com o que pensa e sente, o estudante está praticando a coerência entre seus pensamentos, sentimentos e ações. Isso é essencial para o desenvolvimento da integridade e autenticidade pessoal. Quando a pessoa age alinhada com suas convicções e emoções, ela se torna mais confiante em suas habilidades e decisões, cultivando uma autoestima positiva e um senso de propósito. Portanto, ao promover uma cultura de reflexão e autoconhecimento na educação, estamos capacitando os jovens a se tornarem aprendizes autônomos, responsáveis e resilientes. Serão capazes não apenas de absorver conhecimento, mas também de aplicá-lo de forma significativa em suas vidas, contribuindo para uma sociedade mais consciente e empática.

O magistério de Francisco tem se proposto a ampliar perspectivas sobre diversos assuntos, por acolher novas abordagens – como a própria transdisciplinaridade – e abrir caminhos para uma maior inclusão de mulheres e pessoas LGBTs. Muitas vezes encontra resistências dentro de alguns setores da Igreja, entretanto, como já dissemos, o caminho se faz caminhando, e esta pesquisa se propõe a ser mais um passo no fortalecimento do Pacto Educativo Global e na caminhada rumo a uma humanidade plena, lúcida e solidária.

O objetivo do Pacto é formar indivíduos conscientes do valor da solidariedade, capazes de cuidar do planeta, e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna; e a universidade católica deve, mais uma vez, primeirear, formando cidadãos com sensibilidade para estes valores. Francisco enfatiza que, para alcançar esses objetivos, é necessário um esforço coletivo que transcenda fronteiras e barreiras ideológicas, unindo esforços para uma educação que contribua para a paz, a justiça, e o desenvolvimento integral das pessoas.

O setor de Cultura Religiosa é o principal motor da extensão na universidade, como explicitado no capítulo 5 e a capilaridade do setor – que era intensa dentro do campus da PUC – agora tem a possibilidade de se estender para fora dos muros.

Através da extensão universitária, o *Evangelho da Humanização* pode atingir mais comunidades fortalecendo o Pacto Educativo Global, promovendo ações transformadoras, formando e consolidando uma realidade de amizade social que possibilite o florescimento de uma nova humanidade, mais generosa e solidária – a co-humanidade.

Os elementos que a pesquisa priorizou pela análise na antropologia bio-histórica – cotidiano, epifania, encontro-improviso, espontaneidade, fluxo-movimento e intuição – dialogam com o momento presente e com a ideia de dinamismo, fluidez e transitoriedade, concepções tão atuais na modernidade líquida. Outros elementos podem ser pesquisados, e mesmo estes citados, podem e devem receber novos olhares e aportes. Não estamos condenados a viver nas condições da modernidade líquida para sempre, afinal, características como dinamismo, fluidez e transitoriedade apontam para uma situação de impermanência, para constante mudança; mas, talvez, o que necessitamos aprender é como viver, *con*-viver e se relacionar nestas condições, aceitando a natureza efêmera e temporária de todas as coisas e fenômenos no universo, e ainda assim, cuidando da casa comum e da vida de todos os seres sencientes.

Com a intenção de privilegiar a concepção/conceito *vida*, utilizamos o prefixo "bio" para a antropologia bio-histórica, porque entendemos que a partícula "bio" permite abranger uma gama variada de vida e não só a vida do ser humano. Se tudo está interligado e o ser humano é cocriador com Deus, então deve cuidar da vida, da permanência das muitas "bios", ainda que sua permanência – como indivíduo – nesta casa comum não seja perene.

Enquanto humanos, caminhamos, realizamos uma travessia, uma jornada que transcende fronteiras físicas, mentais e espirituais. Não é uma jornada solitária, é também uma experiência compartilhada, onde encontramos outros peregrinos no caminho, cada um com sua própria história, suas próprias lutas e suas próprias questões. Através da conexão com os outros, podemos encontrar apoio, compreensão e solidariedade, tornando a travessia não apenas uma busca individual, mas também um ato de comunhão e coletividade.

A vida é uma jornada multifacetada, repleta de experiências que trazem desafios, inspiração e transformação. Nessa jornada, a comunhão emerge como um fio condutor que tece os tecidos da existência, conectando-nos uns aos outros, à natureza e ao divino em um intrincado padrão de interdependência e significado.

Desde os laços familiares e as amizades profundas até os encontros casuais com estranhos, cada interação humana nos oferece uma oportunidade de compartilhar experiências, trocar histórias e cultivar empatia e compaixão. Uma nova humanidade está a caminho…

O que desejamos com esta pesquisa é que o setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio possa reconhecer sua singularidade de ser entrelugar e fronteira acadêmica, fortalecendo assim sua identidade, sua missão e sua trajetória na universidade. Cremos que a diferença católica faz diferença num mundo cada vez mais indiferente e tecnocrático e que a Cultura Religiosa da PUC-Rio pode sensibilizar as juventudes a buscar uma vida de sentido e uma existência comprometida com a transformação de situações não salvíficas – reafirmando: uma nova humanidade já está a caminho. Através da antropologia bio-histórica esperamos prosseguir na direção de uma construção sólida para a abordagem transdisciplinar na formação oferecida pela CRE e para fortalecer o Pacto Educativo Global.

7
Referências bibliográficas

II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil.** São Paulo: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf. Acesso em: 9 ago 2023.

ALEGRETTI, L. Não é só efeito da pandemia: por que 19 milhões de brasileiros passam fome. *In*: **BBC.** Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57530224, acesso em 08 ago 2023.

ALMEIDA, E. F.; LONGUINI NETO, L. (orgs.). **Teologia para quê**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência**. O dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1999.

ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta, 2011.

ANAIS INTERCOM (2015) – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXII Prêmio Expocom 2015. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/expocom/EX48-1498-1.pdf. Acesso em: 10 jan 2023.

ANDRADE, C. D. **Contos Plausíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, P. F. C. de. **O modelo PUC e as humanidades.** Entre o passado, o presente e o futuro. Dez 2020. Documento interno PUC-Rio.

ANDRADE, P. F. C. de. Os 45 anos do departamento de teologia da PUC-Rio. *In*: TEPEDINO, Ana Maria (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

ANTONIAZZI, A. A confessionalidade da universidade católica. **Revista do Cogeime**, Piracicaba, ano 1, n. 1, p. 95-103, 1992.

ANTUNES, A.; FROMER, M.; BRITTO, S. **Comida**. Música dos Titãs. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W5TI7iLvHC4. Acesso em: 13 abr. 2024.

AQUINO, T. de. **Suma contra os gentios**. v. 1. Porto Alegre: EST/Sulina; Caxias do Sul: UCS, 1990.

ARDUÍNI, G. R. **Os soldados de Roma contra Moscou**: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948). 200f. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2014.

ARDUÍNI, G. Em Busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e seu projeto de organização social (1928-1937). Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_3aaff9c86d03efe9043b108a0e70344c.pdf Acesso em: 4 fev 2023.

ATUALIDADE TEOLÓGICA. Rio de Janeiro, v. 25, n. 67, jan/jun 2021.

AYMORÉ, D. O ecofeminismo e a relação entre natureza e mulher. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais, v. 17, n. 1, p. 175-192, 2020.

AZZI, R. O Início da Restauração Católica no Brasil - 1920-1930. **Síntese**, v. 4 n. 10, 1977.

AZZI, R. O Fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). **Síntese**, v. 6, n. 17, 1979.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciências** Políticas, n. 11, p. 89-117, ago 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt# Acesso em: 9 ago 2022.

BARBON, J; VIZONE, A. Brasil vive "2ª pandemia" na saúde mental, com multidão de deprimidos e ansiosos. **Folha de São Paulo**. Jul 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/07/brasil-vive-2a-pandemia-na-saude-mental-com-multidao-de-deprimidos-e-ansiosos.shtml. Acesso em: 10 ago 2022.

BAREICHA, P. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. **Linhas críticas**, v. 4, n. 7-8, jul 98 - jun 99.

BAUCKHAM, R. **Jesus e as testemunhas oculares:** os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares. São Paulo: Paulus, 2011

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização:** as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BBC NEWS BRASIL. **10 homens mais ricos do mundo dobraram patrimônio na pandemia, diz Oxfam**. 17 jan 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60022631#:~:text=10%20homens%20mais%20ricos%20do%20mundo%20dobraram%20patrim%C3%B4nio%20na%20pandemia%2C%20diz%20Oxfam,-

17%20janeiro%202022&text=A%20pandemia%20tornou%20os%20bilion%C3%A1rios,organiza%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%2Dgovernamental%20brit%C3%A2nica%20Oxfam. Acesso em: 9 ago 2023.

BERGSON, H. **A intuição filosófica**. Lisboa: Colibri, 1994.

BERNARDO, A. Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda. **BBC.** 30 abr 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39740596. Acesso em: 12 set 2023.

BERTAZZO, I. **Espaço e corpo**. Guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.

BERTHOLD, M. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BHABHA, H., O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos. Organização de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIQUINI CAVADÃO. **Quanto tempo demora um mês**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/biquini-cavadao/119166/. Acesso em: 29 jul 2023.

BOFF, L. **Saber cuidar.** Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOGÉA, I. Um início do que virá. *In*: BERTAZZO, I. **Espaço e corpo**. Guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.

BORGES, L. G. . Performance - Victor Turner. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019. Disponível em: http://ea.fflch.usp.br/conceito/performance-victor-turner, acesso em 25 jan 2023.

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1996.

BROWN, C. Chronos. *In*: BROWN, C. (org). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

BUARQUE, C. **Cotidiano.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/82001/. Acesso em: 4 nov 2023.

CALDAS, C. Diálogos entre o corpo e o sagrado em Rubem Alves. *In*: DE MORI, G.; BUARQUE, V. (orgs.). **Escritas do crer no corpo.** Em obras de língua portuguesa. São Paulo: Loyola / Belo Horizonte: Faje, 2018.

CAMINHA, I. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2019.

CAMPOS, M. B. **A poesia me salvará**: mística e afeto para uma cristologia teopoética na obra de Adélia Prado. Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral. Faculdade de Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio, 2012.
CAMPOS, M. B; FERRAZ, C. Kandinsky: da figuração ao abstracionismo, um caminho místico. *In*: PEDROSA DE PÁDUA, L.; PEREIRA, G. L. (orgs). **Mística, Corpo e arte.** E Deus se fez sensibilidade. São Paulo: Paulus, 2022.

CAMPOS, M. B. Experiência de oração: aventura, humanização e relação com Deus em nossa cultura do consumo e do espetáculo. *In*: PEDROSA DE PÁDUA, L.; CAMPOS, M.B. **Santa Teresa.** Mística para o nosso tempo. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Ed. Reflexão, 2011.

CANNONE, H. M. P. **Missão Atcon e a Universidade em transição**: a PUC-Rio e os Estados Unidos no contexto de reforma universitária da Ditadura militar. Monografia (Graduação em História). Faculdade de História, PUC-Rio, 2015.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro diz que o Brasil "está condenado a ser cristão". 14 ago 2022. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-o-brasil-esta-condenado-a-ser-cristao/. Acesso em: 12 set 2023.

CAVALCANTI, T. M. P. Memória do departamento de teologia da PUC-Rio: alguns aspectos. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

CERNUZIO, Salvatore. Papa às universidades católicas: "Educar não apenas enchendo a cabeça de conceitos". **IHU On-line**. 4 nov 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594081-papa-as-universidades-catolicas-educar-nao-apenas-enchendo-a-cabeca-de-conceitos. Acesso em: 31 out 2023.

CHACRA, S. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral.** São Paulo: Perspectiva, 1983.

CNBB. **Texto-base** da Campanha da Fraternidade ano 2006. Disponível em: https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2006 Acesso em: 3 jan 2023.

CNBB. **A Igreja do Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global**. Disponível em: https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto-Global-Orientacoes-Gerais.pdf acesso em: 13 jan 2024.

COMBLIN, J. **Antropologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CONDE, A. P. O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios. *In*: GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R. (orgs.). **Perfil da juventude na PUC-Rio**: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

CONFEA – Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. **Para ajudar a compreender a tragédia do Rio Grande do Sul**. 20 mai 2024. Disponível em: https://www.confea.org.br/para-ajudar-compreender-tragedia-do-rio-grande-do-sul. Acesso em: 25 mai 2024.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educação hoje e amanhã**. Uma paixão que se renova. Cidade do Vaticano, 2014. Disponível em: https://www.a12.com/source/files/originals/documento_educar_hoje_e_amanha.pdf Acesso em: 16 jan 2021.

CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. Disponível em: https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Vademecum-Portuges-para-a-web-1.pdf. Acesso em: 13 jan 2024.

COOBAN, A. Fortuna de bilionários do mundo cresceu 60% durante a pandemia. **CNN Brasil**. 17 jan 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/business/fortuna-de-bilionarios-do-mundo-cresceu-60-durante-a-pandemia/ Acesso em: 4 fev 2022.

CORREIO BRASILIENSE. **Bancada evangélica já alcança 80% dos partidos**. 22 mai 2022. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5009738-bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.html Acesso em: 4 nov 2023.

CORREIO BRASILIENSE. **Alerta na saúde**: cresce o consumo de antidepressivos no Brasil. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/01/12/interna-brasil,819930/alerta-na-saude-cresce-o-consumo-de-antidepressivos-no-brasil.shtml Acesso em: 2 ago 2023.

COSTA, J. N. As questões teológicas presentes na "Compadecida", da obra de Ariano Suassuna. **Vida Pastoral**, ano 55, n. 296, 2014.

COSTA, Joaquim. **O que é uma universidade católica?** Estudo sociológico sobre o ensino de economia e gestão na universidade católica portuguesa. Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, 2014. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/36847/1/JC_universidade-catolica.pdf. Acesso em: 16 nov 2023.

COUTINHO, C. N. **Gramsci.** Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CREMA, R. **Inteligência integral**: o desafio transdisciplinar. Disponível em: https://www.unipazrj.org.br/inteligencia.html. Acesso em: 16 dez 2023.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo.** A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco; 1999.

CUNHA, C. A. M. Teologia e pensamento decolonial. Em busca de novos lugares para a enunciação da fé cristã. **Interações**, v. 16, n. 1, p. 132-148, 30 mar 2021.

CURY, C. R. J. Alceu Amoroso Lima. **Coleção Educadores**. MEC / Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2010.

D'AGOSTINI, A. C. C. Os impactos da masculinidade tóxica na saúde emocional. **Nova Escola**. Disponível em https://novaescola.org.br/conteudo/16890/os-impactos-da-masculinidade-toxica-na-saude-emocional. Acesso em: 12 set 2023.

DAWSEY, J. C. Victor Turner e a antropologia da experiência. **Cadernos de Campo** n. 13, 2005.

DAWSEY, J. C.; MÜLLER, R. P.; HIKUI, R. S. G.; MONTEIRO, M. F. M. Tranças. *In*: DAWSEY, J. C.; MÜLLER; R.P.; HIKIJI, R. S. G.; MONTEIRO, M. F. M (orgs.). **Antropologia e performance.** Ensaios na pedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

DIAS, C. H.; RODRIGUES, R. Caso Eddy Jr: aposentada que falou 'fora, macaco' afirma à polícia que estava sob efeito de medicamentos e não se lembra de ofensas racistas. **G1**. 22 nov 2022. Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/22/caso-eddy-jr-aposentada-que-falou-fora-macaco-afirma-a-policia-que-estava-sob-efeito-de-medicamentos-e-nao-se-lembra-de-ofensas-racistas.ghtml Acesso em :10 jan 2023.

DIEZ, F. M. **A nova era e a fé cristã**. São Paulo: Paulus, 1997.

DOMEZI, M. C. **Mulheres do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016.

ECO, U. **Arte e Beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EPIFANIA. Verbete. *In*: Dicionário online de português. Disponível em https://www.dicio.com.br/epifania/ Acesso em: 5 out 2023.

FARBIARZ, J. Novas fronteiras para a PUC-Rio. **Jornal da PUC**. 15 dez 2022. Disponível em http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/ start.htm? infoid=13306&sid=29 Acesso em: 13 jan 2024.

FÁVARO, E. V. **Mulheres proprietárias e gestoras de empresas**: entre a racionalidade e a intuição na tomada de decisão. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas - ESAG, Programa de Pós-Graduação Profissional em Administração, Florianópolis, 2019.

FERNANDES, C. A. de F. **Jackson de Figueiredo**: uma trajetória apaixonada. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

FERNANDES, S. R. A. Relatório analítico da pesquisa Perfil da juventude na PUC-Rio. *In*: PEDROSA DE PÁDUA, L; MELLO, Z. de (orgs.). **Juventude, religião e ética**. Reflexões teológico-pastorais sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio". Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

FERNANDES FILHO, A. Breve Histórico da Beleza Masculina. **Modapalavra** E-periódico, Ano 3, n. 6, p. 59-79, jul-dez 2010. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/download/7941/5487 Acesso em: 16 jan 2023.

FERRAZ, H. Adélia Prado garimpa poética do cotidiano. **Revista Cult.** Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/adelia-prado-garimpa-poetica-do-cotidiano/ Acesso em: 3 abr 2022.

FERREIRA, A. "Round 6": Entenda por que a série da Netflix faz tanto sucesso. **O Tempo.** 14 out 2021. Disponível em https://www.otempo.com.br/diversao/round-6-entenda-por-que-a-serie-da-netflix-faz-tanto-sucesso-1.2555162. Acesso em: 4 fev 2023.

FERREIRA, Marieta de Morais. Verbete. **LIMA, Alceu Amoroso**. Centro de Pesquisa e Documentação de História da FGV. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso. Acesso em: 3 jan 2023.

FIGUEIREDO, J. **Prefácio ao livro Cartas à gente Nova**, de Nestor Vítor. In: INSTITUTO JACKSON DE FIGUEIREDO. Disponível em: https://www.institutojacksondefigueiredo.org/nosso-patrono Acesso em 28 jan 2021.

FISCHBEIN, H. **Intuition in science and mathematics:** an educational approach. Series: Mathematics Education Library, v. 5. eBook. New York: Kluwer Academic Publishers, 2002.

FRANCA, L. Em alocução proferida na Sessão Solene de Instauração dos cursos das Faculdades Católicas. *In*: FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário das Faculdades Católicas** 1941. Rio de Janeiro, 1942.

FRANCISCO. Encontrar, escutar, discernir: três verbos do Sínodo, segundo o Papa Francisco. **IHU On-line**. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/613630-encontrar-escutar-discernir-tres-%20verbos-do-sinodo-segundo-o-papa-francisco Acesso em: 5 out 2022.

FRANCISCO. O Papa Francisco e a universidade do sentido. **ANEC**. Disponível em: https://anec.org.br/noticias/o-papa-francisco-e-a-universidade-do-sentido/ Acesso em: 3 jan 2021.

FRANCISCO. Papa às Universidades católicas: desenvolver não só a mente, mas também o coração. Simpósio da Federação Internacional das Universidades Católicas. **Vatican News**. Novembro 2019. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francisco-universidades-catolicas.html Acesso em: 6 nov 2023.

FRANCISCO. **Encontro com o mundo da cultura**. 22 set 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130922_cultura-cagliari.html Acesso em: 31 dez 2023.

FRANCISCO. **Discurso aos Participantes no Seminário sobre o tema "Education: The Global Compact"**. Promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais, 7 fev 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html Acesso em: 25 jan 2023.

FRANCISCO. **Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela "Organización de Universidades Católicas de América Latina y el Caribe"**. 4 mai 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/may/documents/20230504-universidades-catolicas.html. Acesso em: 10 jul 2023.

FRANCISCO. **Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores**, UCIIM. 14 mar 15. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html Acesso em: 6 nov 2023.

FRANCISCO. **Respostas do santo padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia**. 7 jun 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html. Acesso em: 10 jan 2024.

FRANCISCO. **Ad theologiam promovendam**. 1 nov 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html. Acesso em: 13 abr 2024.

FRANCISCO. Francisco convida a educar com fraternidade: a educação é um ato de amor. **Vatican News**. 10 jan 2023. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/ papa/news/2023-01/papa-francisco-intencao-oracao-janeiro-educadores-ato-amor.html. Acesso em: 20 abr 2024.

FRANCISCO. "O medo devora a alma. Nunca cerquem a universidade com muros de medo", afirma o Papa Francisco. **IHU On-line**. 22 jan 2024. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636134-o-medo-devora-a-alma-nunca-cerquem-a-universidade-com-muros-de-medo-afirma-o-papa-francisco#:~:text=A%20neutralidade% 20%C3%A9%20uma%20ilus%C3%A3o,no%20servi%C3%A7o%20%C3%A0%20pessoa%20humana. Acesso em: 5 mai 2024.

FRANCISCO. Papa: a arte cria solidariedade num mundo dividido e devastado pelas guerras. **Vatican News**. 9 nov 2023. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-francisco-benfeitores-artes-museus-vaticanos-40-anos.html. Acesso em: 20 abr 2024.

FRANCISCO. O Papa aos artistas: a beleza une Deus, o homem e a criação numa única sinfonia. **Vatican News**. 17 fev 2022. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-02/papa-francisco-artistas-diaconia-beleza-deus-artista-alegria.html. Acesso em: 20 abr 2024.

FRANCISCO. Francisco: pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade. **Vaticans News**. 7 fev 2020. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-educacao-pensar-geracoes-futuras-futuro-humanidade.html Acesso em: 5 mar 2024.

FRANCISCO. **Veritatis gaudium**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 12 set 2021.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 11 jun 2023.

FRANCISCO. **Laudato Si'**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 5 out 2023.

FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 1 set 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

G1. **Mãe grava reação de filha ao ganhar boneca cadeirante e vídeo viraliza**. 6 mar 2020. Disponível em https://g1.globo.com/olha-que-legal/noticia/2020/03/06/mae-grava-reacao-de-filha-ao-ganhar-boneca-cadeirante-e-video-viraliza.ghtml Acesso em: 3 jan 2023.

GÁMEZ, L. Agressão ao planeta aumentou risco de pandemias nas últimas cinco décadas. **El País.** 18 ago 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-08-18/agressao-ao-planeta-aumentou-risco-de-pandemias-nas-ultimas-cinco-decadas.html Acesso em: 1 ago 2022.

GARCÍA, D. G. **Utopía y realidad en la misión de la universidad católica**. 2010. Tese. Faculdad de Teología, Pontifícia Universidad Javeriana Teología, Bogotá.

GARCÍA RUBIO, A. **Antropologia.** Curso de Iniciação Teológica a distância. Departamento de Teologia, PUC-Rio, 2011.

GARCÍA RUBIO, A. **Unidade na Pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

GARCÍA RUBIO, A. Orientações da Teologia. *In*: TEPEDINO, Ana Maria (org.). **Memória**, **identidade** e **missão**: **Teologia** da PUC-Rio 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC–Rio, 2013.

GAUDÊNCIO, R. M. **Antropologia das tatuagens marianas**: fenômeno social, motivação e leitura de fé. Disponível em http://ta.dehoniana.com/ta/index.php/ta/article/view/14/13 Acesso em: 16 jan 2023.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (orgs.). **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIOSEFFI, M. C. da Silva. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. **Logos: comunicação e universidade**. v. 4, n. 1, 1997.

GOMES, S. S.; MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. G.; BRANDÃO, M. R. F. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 23, n. 3, p. 379-387, set 2012.

GONZAGA, P. Mártires da Amazônia: Conheça quem deu a vida pela preservação da floresta. **A12 Redação**, 16 jul 2021. Disponível em: https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/martires-da-amazonia-conheca-que-deu-a-vida-pela-preservacao-da-floresta Acesso em: 11 nov 2023.

GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R. (orgs.). **Perfil da juventude na PUC-Rio:** reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R. Anexo 3. Frequência simples dos resultados. *In*: GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R. (orgs.). **Perfil da juventude na PUC-Rio:** reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

GRAVAS, D. Entenda como os ricos ficaram mais ricos na pandemia. **Folha de São Paulo.** Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/entenda-como-os-ricos-ficaram-mais-ricos-na-pandemia.shtml. Acesso em: 10 ago 2023.

GREENPEACE BRASIL. **Com Bolsonaro, Amazônia tem maior desmatamento desde 2006.** 18 nov 2021. Disponível em: https://www.greenpeace.org/brasil/blog/com-bolsonaro-amazonia-tem-maior-desmatamento-desde-2006/?utm_term=&utm_campaign=&utm_source=google&utm_medium=cpc&hsa_acc=3659611372&hsa_cam=16555859233&hsa_grp=&hsa_ad=&hsa_src=x&hsa_tgt=&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gclid=Cj0KCQjw_7KXBhCoARIsAPdPTfjme0lJTNd6ku9cyKvRAe3zji04CfmIxhOqbYYiW8Di4rP6NEQLG5waAv2HEALw_wcB Acesso em: 16 ago 2023.

GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar 2008.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. Puc-Rio, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vertice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras** - cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HAWKING, S. Raça humana terá que sair da Terra se quiser sobreviver. Entrevista a N. Domínguez e J. Salas. **El País**. 25 set 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/24/ciencia/1443106788_324837.html Acesso em: 5 out 2023.

HORTAL, J. Seis anos de avanços e retrocessos. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

IAROZINSKI NETO, A.; LEITE, M. S., **A abordagem sistêmica na pesquisa em Engenharia.** Production, v. 20, n. 1, p. 1-14, 2010.

IBGE. **Desemprego e informalidade são maiores entre as pessoas com deficiência.** Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34977-desemprego-e-informalidade-sao-maiores-entre-as-pessoas-com-deficiencia. Acesso em: 10 jan 2023.

IBGE. **Conheça o Brasil – população**. Quantidade de homens e mulheres. 2023. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html Acesso em: 30 out 2023.

IFMA – Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice. **No caminho sinodal com os Mártires da Amazônia**. 29 out 2019. Disponível em: https://www.cgfmanet.org/pt-pt/ifma-pt-pt/no-camino-sinodal-com-os-martires-da-amazonia/ Acesso em: 9 ago 2023.

IHU ON-LINE. **O batismo e as pessoas transexuais e homoafetivas. Respostas do Dicastério para a Doutrina da Fé.** Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634049-o-batismo-e-as-pessoas-transexuais-e-homoafetivas-respostas-do-dicasterio-para-a-doutrina-da-fe. Acesso em: 18 nov 2023.

IMPROVISAR/impromptu. Verbete. *In*: Online etymology dictionary. Disponível em: https://www.etymonline.com/search?q=imprompt&ref=searchbar_searchhint Acesso em: 8 ago 2023.

INCLUSIVE. **Bonecas com Síndrome de Down**. 11 dez 2008. Disponível em: https://www.inclusive.org.br/arquivos/2570 Acesso em: 14 jan 2023.

INSTITUTO BUTANTAN**. A pandemia de Covid-19 virou endemia?** Especialistas acreditam que o vírus SARS-CoV-2 se tornará endêmico, mas ainda vai demorar. Disponível em https://butantan.gov.br/noticias/a-pandemia-de-covid-19-virou-endemia-especialistas-acreditam-que-o-virus-sars-cov-2-se-tornara-endemico-mas-ainda-vai-demorar. Acesso em: 12 set 2022.

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **A violência contra mulher em dados.** Disponível em https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/ Acesso em: 3 ago 2022.

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **Mais de 1.300 casos de feminicídio foram registrados em 2021**. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/1-341-casos-de-.feminicidio-em-2021/ Acesso em: 2 set 2023.

ISPN. **Os povos da Floresta**. Disponível em: https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/ Acesso em: 5 ago 2023.

JASMIN, M. Apresentação. Efeitos de uma presença intensa. *In*: GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença.** O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. Puc-Rio, 2010.

JOÃO XXIII. **Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Acesso em: 16 jan 2022.

JOÃO PAULO II. **Discurso na sede da UNESCO**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/june/documents/hf_jp-ii_spe_19800602_unesco.html. Acesso em: 25 jan 2021.

JOÃO PAULO II. **Discurso à academia pontifícia de ciência por ocasião do primeiro centenário de nascimento de Albert Einstein**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html. Acesso em: 25 jan 2021.

JOÃO PAULO II. **Ex Corde Ecclesiae**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 21 dez 2022.

JOÃO PAULO II. **Sapiencia Christiana.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15041979_sapientia-christiana.html. Acesso em: 21 dez 2022.

JOÃO PAULO II. **Teologia do Corpo**. Disponível em: https://teologiadocorpo.com.br/catequeses-2/ Acesso em: 5 out 2022.

JORNAL da PUC, ano X, n. 67, junho de 1996.

JORNAL da PUC, ano III, n. 22, dezembro de 1989.

JORNAL da PUC, ano II, n. 12, dezembro de 1988.

JORNAL DA PUC. Ano VIII, n. 56, outubro de 1994.

JORNAL DA PUC. Ano IV, n. 38, outubro de 1991.

JORNAL DA PUC. Ano V, n. 43, agosto de 1992.

JORNAL DA PUC, ano V, n. 44, setembro-outubro 1992.

JORNAL DA PUC. **Último Café Teológico do ano celebrou o amor e a alegria**. Disponível em: http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1324&infoid=1677&sid=29. Acesso em: 9 ago 2023.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Série obras completas de C. G. Jung. v. 6. Petrópolis: Vozes, 1991.

KALLENDORF, C. From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary**. Journal of the History of Ideas**, v. 56, n. 1, p. 41-62, 1995.

KAMEI, H. H. ***Flow*: o que é isso?** um estudo psicológico sobre experiências ótimas de fluxo na consciência, sob a perspectiva da psicologia positiva. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21102010-124017/pt-br.php. Acesso em: 18 mar 2023.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LABOISSIERE, P. No dia mundial da saúde OMS alerta sobre depressão. **Agência Brasil**. Abr 2017. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao. Acesso em: 9 ago 2022.

LACAPRA, D. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

LACERDA, M. B. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LAMOND, D.; THOMPSON, C. Intuition and analysis in decision making and choice. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 32, n. 4, p. 411-414, 2000. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11140207/. Acesso em: 6 abr 2023.

LAUAND, J. A. A linguagem mística do cotidiano. **Revista Língua**. Disponível em: https://www.jeanlauand.com/page58f.htm Acesso em: 3 abr 2022.

LEITÃO, M. Os três pastores de Bolsonaro. Presidente deu ministérios a diferentes alas evangélicas para garantir apoio ao governo e nas próximas eleições. TSE vai julgar abuso do poder religioso. **Revista Veja**. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/os-tres-pastores-de-bolsonaro/ Acesso em: 14 out 2023.

LEITE, F. H. de C. Contato improvisação (contact improvisation) um diálogo em dança. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, mai/ago 2005.

LEITE, F. L. de A. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima: a correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928**. Dissertação (Mestrado acadêmico). UFJF, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2014.

LEME, S. **Carta Pastoral de 1916**. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/214998368/Leme-A-Carta-Pastoral-de-Dom-Leme-de-1916 Acesso em: 12 nov 2023.

LIBANIO, J. B. Recordações da faculdade de teologia da PUC-Rio. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

LIMA, A. A. (Tristão de Athayde). Obedecendo. *In*: **A Ordem,** dezembro/1929. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=367729&pagfis=7 Acesso em: 4 fev 2023.

LIMA, L. C. **Teologia e os LGBT+**. Perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2021.

LIMA, R. M. de S. **Tatuagem**. História e contemporaneidade. Dissertação. Mestrado em Desenho, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2020. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/44715/2/ULFBA_TES_RodrigoMuniz.pdf Acesso em: 15 jan 2023.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. T. M. Deutsch. Barueri: Manole, 2005 / Edições 70, 2013.

LOPES, M. C. Bíblia e cultura do estupro: ontem e hoje. **CREatividade**, n. 1, 2017. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_cre.php?strSecao=fasciculo&fas=29700&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nrseqcon=29675 Acesso em: 3 ago 2023.

LOWEN, A. **Amor e Orgasmo**. Guia revolucionário para a plena realização sexual. São Paulo: Summus, 1988.

LOYOLA, I. **Exercícios espirituais**. Braga: Livraria A.I, 1999.

LUCCHESI, M. **Conheça Nise da Silveira, pioneira no uso da arte como terapia psiquiátrica**. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/coracao-liberto-perfil-da-medica-nise-da-silveira-e-seu-olhar-revolucionario-para-a-arte-como-terapia/ Acesso em: 31 dez 2023.

LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MACHADO, A. S; MONTEIRO, H. A intuição como fundamento do ensino das artes em tempos de revisão paradigmática. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 8, n. 2, p. 118-142, mai/ago 2015.

MADUREIRA, D. Cientistas investigam como espiritualidade pode ajudar a saúde do corpo. **BBC News Brasil**. 9 mai 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-56655826. Acesso em: 16 jan 2023.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, M. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**, v. 15, n. 36, 2008.

MARCONDES, D. **Introdução à filosofia**. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARCO REFERENCIAL PUC-Rio. Disponível em: https://www.puc-rio.br/sobrepuc/historia/ Acesso em: 24 jan 2023.

MARQUES, J. Campanha eleitoral em cultos evangélicos provoca reação de fiéis e até troca de igreja **Jornal Extra**. Disponível em https://extra.globo.com/noticias/brasil/eleicoes-2022/campanha-eleitoral-em-cultos-evangelicos-provoca-reacao-de-fieis-ate-troca-de-igreja-25567681.html Acesso em: 13 out 2023.

MARQUES, V. H. de O.; SIQUEIRA, L. A. G. A Leitura Crítica de Jacques Maritain da Modernidade desde a Noção de Humanismo Integral. **Revista Ágora Filosófica**, Ano 18, n. 2, jul / dez, 2018.

MARTINS, A. M. de O. O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações. *In*: BRAZ, J.; NEVES, M. (orgs.). **O corpo-Memória e Identidade.** Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2013, p. 103-116. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311923537_O_CORPO_FEMININO_NA_IDADE_MEDIA_UM_LUGAR_DE_TENTACOES. Acesso em: 21 jan 2023.

MEDICINA S/A**. Busca por ansiolíticos e antidepressivos cresce mais de 100% na pandemia.** Disponível em: https://medicinasa.com.br/busca-ansioliticos-antidepressivos/ Acesso em: 12 set 2023.

MEIRELLES, V. Áudios comprovam que pastor assumiu área sensível da Funai para converter índios isolados. **The Intercept Brasil.** Disponível em: https://theintercept.com/2020/02/13/audios-missionarios-converter-indios-amazonia/ Acesso em: 9 ago 2023.

MENDES, S. Juventudes e valores éticos. *In*: GONZAGA, W.; CHAVES, A. S.; ISMAEL, R. (orgs.). **Perfil da juventude na PUC-Rio:** reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUIDA, P. A educação na restauração lemista da Igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública: 1934-1945. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 279-295, mai/ago 2009.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, W.; PINTOS, J. R. de S. A modernidade é de fato universal?: reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas**, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul/set 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; SECRETARIA DE QUALIDADE AMBIENTAL. **Plano Nacional de resíduos sólidos**. Disponível em https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/agendaambientalurbana/lixao-zero/plano_nacional_de_residuos_solidos-1.pdf, acesso em 06 ago 2022.

MIRANDA, M. de F. Teologia na universidade. **Ephata,** v.1, p. 31-51, 2019. Disponível em: https://revistas.ucp.pt/index.php/ephata/article/view/291. Acesso em: 2 abr 2022.

MIRANDA, M. de F. **Vislumbres de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, M. de F. Depoimento. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.) **Memória, identidade, missão.** Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

MORAES, A. O. de. Entre mistério divino e humano. Cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio. **Atualidade Teológica**, v. 23, n. 61, p. 149-179, jan/abr 2019.

MOREIRA, Fernando S. Algumas memórias. Para a comemoração dos 45 anos da teologia na PUC-Rio. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.) **Memória, identidade, missão.** Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

MORENO, J. L. **As palavras do pai**. São Paulo: Psy, 1992.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORENO, J.; MORENO, Z. T. **Fundamentos do psicodrama**. São Paulo: Summus, 2014.

MORI, L. Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus. **BBC News Brasil**. 11 julho 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o#:~:text=%22Apesar%20de%20sabermos%20que%20a,que%20entre%20os%20mais%20pobres Acesso em: 28 dez 2023.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, E.; DIAZ, C. J. D. **Reinventar a educação:** abrir caminhos para a metamorfose da humanidade. São Paulo: Palas Athena, 2016.

MOTTA, P. R. Razão e intuição: recuperando o ilógico na teoria da decisão gerencial. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, 1988.

MUELLER, H. I. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 35, n. 69, 2015.

MURARO. R. Marie. **Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não entendem?** São Paulo: A Girafa, 2003.

NEME, P. O mundo é dos espertos! **Ultimato.** Disponível em: https://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/o-mundo-e-dos-espertos Acesso em: 2 ago 2022.

NERI, Rodrigo Fernandes; TARQUINI, Jorge Roberto. Todos Querem Ser David Beckham – O "Novo Homem" é fruto da mídia ou da sociedade? **Anais**... Intercom (2015) – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br /anais/sudeste2015/expocom/ex48-1498-1.pdf, Acesso em: 16 jan 2023.

NICOLESCU, Basarab. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. Como podemos entrar em diálogo? Metodologia transdisciplinar do diálogo entre pessoas, culturas e espiritualidades. **Revista Inter-Legere**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal-RN, n.16, p. 31-46, jan/jun 2015.

NICOLESCU, B. A incompatibilidade entre transdisciplinaridade e pensamento único. Entrevista a Marcia Junges. 10 ste 2012. **IHU On-line**. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4639-basarab-nicolescu. Acesso em: 10 dez 2023.

NICOLESCU, B. **Autoconhecimento e transdisciplinaridade**: diálogos com Basarab Nicolescu sobre ambiente, educação e novas tecnologias. Entrevista a S. L. Pinheiro. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/14562/10275 Acesso em: 20 dez 2023.

NÚCLEO MEMÓRIA PUC-RIO. **Cronologia por Décadas**. Disponível em: http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/instrumetos-de-pesquisa/cronologia-por-decadas Acesso em: 10 jan 2023.

NUNES, R. C. dos S.; ARANTES, V. J. A trajetória do psicodrama pedagógico em Campinas-SP. **Revista da Faculdade de Educação** (Univ. do Estado de Mato Grosso), ano 11, v. 19, n.1, jan/jun 2013.

O ECO. **Sob a pata do boi**. Documentário. 2018. Disponível em: https://oeco.org.br/ Acesso em: 6 ago 2022.

OLIVEIRA. G. L. C. C. de. Queridos irmãos em Cristo. *In*: TEPEDINO, A. M. (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio - 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

OLIVEIRA, N. C. de. **A trajetória intelectual do jesuíta Leonel Franca**: educação e catolicismo (1923-1948), 242f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. 2018.

OLIVEIRA, N. C. de; CAMPOS, N. de; SKALINSKI JUNIOR, O. O Modelo Católico de Ensino Superior no Brasil: Padre Leonel Franca e a Criação da Pontifícia Universidade Católica – PUC. **Revista Nacional de Educação Superior**. Campinas, v.5, 2019.

OLIVEIRA, M. R. de; JUNGES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016. Acesso em: 4 fev 2024.

OXAM. **Rompiendo Moldes:** transformar imaginarios y normas sociales para eliminar la violencia contra las mujeres. Disponível em: https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620524/rr-breaking-the-mould-250718-summ-es.pdf Acesso em: 2 ago 2023.

PACTO EDUCATIVO GLOBAL. **Instrumentum Laboris**. Disponível em: https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf. Acesso em: 3 jan 2023.

PEDROSA DE PÁDUA, L. O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. *In*: AMADO, J.; FERNANDES, L. A. (orgs.). **Evangelii gaudium em questão**.

Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.

PEDROSA DE PÁDUA, L.; MELLO, Z. (orgs.). **Juventude, Religião e Ética**: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio". Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

PEDROSA DE PÁDUA, L. **Cultura Religiosa.** Relatório do Biênio 2007-2008. Documento interno – PUC-Rio, março 2009.

PEDROSA DE PÁDUA, L. A cultura religiosa (CRE) na atualidade. Construindo caminhos de transformação**. Jornal da PUC**. Edição 13 de outubro de 2009.

PEDROSA DE PÁDUA, L. **O humano e o fenômeno religioso**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

PEDROSO, A. A. **Discurso de Posse**. 26 dez 2022. Disponível em: https://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/reitoria/discurso.html#1. Acesso em: 4 nov 2023.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação. **Educação em revista,** v. 28, n. 1, p. 289-312, março 2012. Disponível em https://www.scielo.br/j/edur/a/G63zF4vRYgGxySJnxDmwYrk/?lang=pt# Acesso em: 25 jan 2023.

PESQUISAS EM TEOLOGIA. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, jun 2021.

PIO XI. **Carta Encíclica Divini illius magistri.** 1929. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html Acesso em: 27 jan 2023.

PODER 360. **Enchentes no RS deixam 163 mortos**; 645 mil estão fora de casa. 23 mai 2024. Disponível em: https://www.poder360.com.br/brasil/enchentes-no-rs-deixam-163-mortos-647-mil-estao-fora-de-casa/. Acesso em: 25 mai 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO DE CULTURA. **Jesus Cristo, portador da água da vida.** Uma reflexão cristã sobre a "Nova Era". Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20030203_new-age_sp.html, n. 2.3.4.1 Acesso em: 16 ago 2023.

PUTTINI, E. F.; LIMA, L. M. S. **Ações educativas.** Vivências com psicodrama na prática pedagógica. São Paulo: Ágora, 1997.

PY, F. Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sociorreligioso. Entrevista especial com Fábio Py. **IHU On-line**. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/600150-cristofascismo-uma-teologia-do-poder-autoritario-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py Acesso em: 6 nov 2023.

QUEZADA, M.; BASCONES, L.M. El cuidado de los vulnerables a lo largo de la história. **Revista Sobreruedas**, n. 104, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. Colección Sur Sur.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramon (Coords.). **El giro decolonial:** reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central – Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.

RADIO/SITE PUC. **Encarceramento feminino dobrou nos 15 primeiros anos do século no Brasil.** Disponível em: http://www.radiopuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=6940&post%5Fdata=user%3Dnil%26query%3Dsimple%26search%5Fby%5Ffield%3Dtax%26search%5Fby%5Fsection%3Dall%26UserActiveTemplate%3Dnil%26sitesearch%3Dwww%2Eradiopuc%2Evrc%2Epuc%2Drio%2Ebr%252F%26text%3Dcultura%2Breligiosa&query=simple&search%5Fby%5Fauthorname=all&search%5Fby%5Ffield=tax&search%5Fby%5Fkeywords=any&search%5Fby%5Fpriority=all&search%5Fby%5Fsection=all&search%5Fby%5Fstate=all&search%5Ftext%5Foptions=all&sid=9&sitesearch=www%2Eradiopuc%2Evrc%2Epuc%2Drio%2Ebr%2F&text=cultura+religiosa Acesso em: 29 jun 2022.

RAMOS, V. da S.; OLIVEIRA, A. L. de. Por Cristo luto; por Cristo vos conclamo. Plínio Salgado e o catolicismo no Brasil: um casamento perfeito? **Oficina do Historiador**, v. 9, n. 1, p. 7-32, 29 jun 2016.

REVISTA ECLESIÁSTICA BRASILEIRA. Petrópolis, v. 82 n. 323, set/dez 2022.

RECICLA SAMPA. **Brasil gera 82 milhões de toneladas de lixo e recicla apenas 2%**. 24 mai 2022. Disponível em: https://www.reciclasampa.com.br/artigo/brasil-gera-82-milhoes-de-toneladas-de-lixo-e-recicla-apenas-2 Acesso em: 12 set 2023.

REICH, W. **A função do orgasmo**. Problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REVISTA CREatividade. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_cre.php. Acesso em: 12 jun 2023.

ROCHAMONTE, C. Henri Bergson: entre intuição filosófica e experiência mística. **Estado da Arte.** 23 out 2018. Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/henri-bergson-entre-intuicao-filosofica-e-experiencia-mistica/ Acesso em: 6 abr 2023.

RODRIGUES, C. M. **Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica** - 1928-1946. 2006. 318 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras

de Assis, 2006. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/93434 Acesso em: 27 fev 2023.

RODRIGUES L. Covid-19 e poluição: como a pandemia afetou o ar que respiramos. **Revista Galileu**. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/08/covid-19-e-poluicao-como-pandemia-afetou-o-ar-que-respiramos.html Acesso em: 10 ago de 2022.

RODRÍGUEZ, M. V. A modernização das universidades na década de 60: O papel da transformação social das instituições universitárias. **Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLA**, Salvador: 2000. Disponível em: http://anphlac.org/upload/anais/encontro4/margarita.pdf. Acesso em: 31 jan 2023.

RODRÍGUEZ, M. V. **Pensamento pedagógico de Alceu:** o papel da educação nacional e o desenvolvimento da nação. Disponível em http://www.ndh.ufms.br/wp-anais/Anais2010/Aceitos%20em%20ordem%20 alfabetica/Margarita%20Victoria%20RODRIGUEZ.pdf Acesso em: 29 mar 2023.

SABATINELLI, Francesca; JAGURABA, Mariangela. Francisco: repensar a presença do ser humano no mundo. **Vatican News**. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-11/francisco-repensar-presenca-ser-humano-mundo.html. Acesso em: 9 ago 2023.

SALEM, T. Do Centro Dom Vital à Universidade Católica. *In*: SCHWARTZMAN, Simon (org.). **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm> Acesso em: 31 mar 2023.

SANCHEZ, W. L.; ARRUDA, G. A. Novas faces do cristofascismo no governo de Jair Bolsonaro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, n. 316, p. 353-372, 2020.

SANTOS, B. H. de O. **Repensando o lugar do corpo**: os exercícios espirituais revisitados**.** Dissertação. Mestrado em História Ibérica pelo Programa de Pós-Graduação em História Ibérica. Universidade Federal de Alfenas, MG. Disponível em: https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/bitstream/tede/1091/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Bruno%20Hermes%20de%20Oliveira%20Santos.pdf Acesso em: 5 out 2022.

SANTOS, B. de S. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, B. de S. **Descolonizar la universidad**: el desafío de la justicia cognitiva global. Disponível em: https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2021/09/Descolonizar-universidad.pdf. Acesso em: 3 abr 2023.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS NETO, E. dos. **Por uma educação transpessoal**: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SEGENREICH, S. C. D. **Crise e mudança na construção histórica de um projeto institucional**: o caso da PUC - Rio de Janeiro. Disponível em http://www.anped11.uerj.br/19/SEGENREI.htm Acesso em: 31 mar 2023.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). **Estudos de psicologia,** v. 37, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/# Acesso em: 16 nov 2022.

SCHÜTZENBERGER, A. **O teatro da vida.** Psicodrama. Introdução aos aspectos técnicos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

SCHWARTZMAN, Simon. Gustavo Capanema e a educação brasileira: uma interpretação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 66, n. 153, p. 165-172, maio/ago 1985. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br /simon/capanema_interpretacao.htm. Acesso em: 29 mar 2021.

SER CLÍNICA PLÁSTICA. **Arte e estética:** entenda as mudanças de padrão de beleza ao longo da história! Disponível em: https://sercirurgiaplastica.com.br/artigo /arte-e-estetica-entenda-as-mudancas-de-padrao-de-beleza-ao-longo-da-historia/. Acesso em: 10 jan 2023.

SILVA, J. V. da. Tatuagem e religião. A tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas. **Revista Lusófona de Ciências da Religião**, n. 21, 2018.

SILVA, R. A da. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul./dez. 2005

SHAKESPEARE, W. **Do jeito que você gosta** (As you like it). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SHUSTERMAN, R. **Consciência corporal**. São Paulo: Realizações, 2012.

SHUSTERMAN, R. Pensar Através do Corpo, Educar para as Humanidades: Um Apelo para a Soma-Estética. **Philia&Filia,** Porto Alegre, v. 2, n. 2, jul/dez 2011.

SHUSTERMAN, R. Espontaneidade e reflexão: o Dao da somaestética. **ArtCultura**, v. 21, n. 39, p. 125-138, jul-dez 2019.

SHUSTERMAN, R.; ESTEVEZ, A. A. M.; VELARDI, M. A somaestética e a filosofia pragmatista de Richard Shusterman. Uma entrevista. **Cognitio-Estudos**: Revista Eletrônica de Filosofia. São Paulo: CEP/PUC-SP, v. 15, n. 1, jan-jun 2018.

SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento

Final. 26 outubro 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazzonia_po.html Acesso em: 6 nov 2023.

SKALINSKI JUNIOR, O. **Alceu Amoroso Lima e a renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1945)**: uma proposta de espírito católico e corpo secular. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2014.

SOSA, A. A caminho com Inácio. São Paulo: Loyola, 2021.

SOUZA. J. A. de. **Crer promovendo o humano.** A missão evangelizadora da Universidade Católica à luz do humanismo cristão. 2020. Tese. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.

STADELMANN, L. I. J. Deficientes físicos na Bíblia. **Encontros Teológicos**, ano 21, v. 43, n. 1, 2006.

STANG, Bernardete de Lourdes S. **O saber e o credo.** Os intelectuais católicos e a doutrina da Escola Nova (1924-1940). 2008. Tese. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, PUC-Rio.

TAYLOR, D.; STEUERNAGEL, M. **O que são os estudos da performance?** Disponível em: https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/o-que-estudos-da-performance Acesso em: 26 jan 2023.

TAYLOR, D. Traduzindo performance. *In*: DAWSEY, J. C.; MÜLLER; R.P.; HIKIJI, R. S. G.; MONTEIRO, M.F.M (orgs.). **Antropologia e performance.** Ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TEIXEIRA, F. Campo religioso em transformação. *In*: CUNHA, Christina V.; MENEZES, R. C. **Religiões em conexão:** números direitos, pessoas. Rio de Janeiro: Publicações ISER, 2014.

TELES, G. M. **Do saber acadêmico à sabedoria existencial**. A transdisciplinaridade como missão-dialógica da Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica-Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

TEPEDINO, A. M. (org.). **Memória, identidade e missão**. Teologia da PUC-Rio – 45 anos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

TERESA DE ÁVILA, **Escritos de Teresa de Ávila.** Loyola: São Paulo, 2001.

TREVISAN, M. C. "O estuprador é você": brasileiras aderem a protesto viral criado no Chile. **Universa/Uol**. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/05/o-estuprador-e-voce-brasileiras-aderem-a-protesto-viral-criado-no-chile.htm?cmpid=copiaecola Acesso em: 3 ago 2023.

TORRES, L. Anestesista flagrado em estupro de mulher durante o parto vira réu. *In*: **O Globo/G1**. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-

janeiro/noticia/2022/07/15/anestesista-flagrado-em-estupro-de-mulher-durante-o-parto-vira-reu.ghtml Acesso em: 31 ago 2023.

TURNER, V. **O processo ritual.** Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, V. **The Anthropology of Performance.** Disponível em: https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=c52c632130fb3d907a17e24a2780a9319b15caf8 Acesso em: 25 jan 2023.

TURNER, V. **Do Ritual ao Teatro, a seriedade humana de brincar.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

ULTIMATO. **Desigrejismo** – "anomalia" ou opção? 13 nov 2018. Disponível em: https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2018/11/13/desigrejismo-anomalia-ou-opcao/ Acesso em: 19 set 2022.

UNIVERSAL ORG. **Sexta-Feira:** Sessão do Descarrego. Disponível em: https://www.universal.org/agenda/post/sessao-do-descarrego/ Acesso em: 31 ago 2023.

USANOS, Rafael Amo. La antropología teológica de Populorum Progressio. **Revista de Fomento Social**, v. 73, n. 2, p. 193-210, 2018.

VAGALUME. **Age of Aquarius**. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/5th-dimension/age-of-aquarius.html. Acesso em: 13 out 2022.

VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 2010.

VATICANO. **Pedro Poveda.** Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20030504_poveda-castroverde_po.html Acesso em: 12 set 2023.

VAZ, H. C. L. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Loyola, 2004.

VELHO, G. Memória, identidade e projeto. *In*: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VERGARA, S. Razão e intuição na tomada de decisão: uma abordagem exploratória. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 120-38, jul/set 1991;

VERGARA, S.; BRANCO, P. D. **Intuição e programas de treinamento e desenvolvimento.** Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/download/8343/7117/18081 Acesso em: 6 abr 2023.

VIESENTEINER, J. L. O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, Significado e recepção. **Critérios:** Revista de Filosofia, v. 54, n. 127, p. 141-155, jun 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/kr/a/bKmfZZSzhGkDGy58KN6yJLr/ Acesso em: 3 jan 2023.

VILLODRES. M.L. Sete exemplos de masculinidade tóxica que você reconhecerá no seu dia a dia. **El País**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/estilo/1548175107_753307.html Acesso em: 9 ago 2023.

WIEVIORKA, Annette. **Era of the Testimony**. Trad. Jared Star. Ithaca/NY: Cornell University Press, 2006.

XAVIER, M. G. **A centralidade da pessoa no ensino religioso**: identidade curricular a partir da mística inaciana. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16262/16262_7.PDF. Acesso em: 1 out 2022.

XAVIER, Odiva Silva. A sociometria na administração de recursos humanos. **Revista de Administração de empresas**, v. 30, n. 1, p. 45-54, mar 1990. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/hRf5jfcK5jJtqQZyHzML3ZP/?lang=pt Acesso em: 13 mar 2023.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**. Petrópolis: Vozes, 1973.

ZERO HORA. **Veja os números mais recentes das enchentes no RS nesta terça-feira**. 7 mai 2024. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/veja-os-numeros-mais-recentes-das-enchentes-no-rs-nesta-terca-feira-clvwaf3cb000a0152rvvf5m36.html. Acesso em: 25 mai 2024.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac-Naify, 2012.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia Oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.

Anexo 1

Logomarca atual da CRE.

Fonte: site da PUC-Rio.